



Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos

EDUCAÇÃO FEMININA BATISTA NO NORDESTE: A AÇÃO EDUCACIONAL  
DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON NO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS  
CRISTÃS DE RECIFE (1953-1979)

Uberlândia- MG  
2013



**Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós Graduação em Educação**

**MARIA DE LOURDES PORFÍRIO RAMOS TRINDADE DOS ANJOS**

**EDUCAÇÃO FEMININA BATISTA NO NORDESTE: A AÇÃO  
EDUCACIONAL DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON NO SEMINÁRIO DE  
EDUCADORAS CRISTÃS DE RECIFE (1953-1979)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação

Área de concentração: História e Historiografia da Educação.

Orientador: Profº Dr. Carlos Henrique de Carvalho

Uberlândia- MG  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

A599e Anjos, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos, 1956-  
2013 Educação feminina batista no nordeste: a ação educacional de Martha,  
Elizabeth Hairston no Seminário de Educadoras Cristãs de Recife (1953-  
979) / Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos. -- 2013.  
428 p. : il.

Orientador: Carlos Henrique de Carvalho.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de  
Pós-Graduação em Educação.  
Inclui bibliografia.

1. Educação - Teses. 2. Educação feminina - Teses. 3. I. Carvalho,  
Carlos Henrique de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de  
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

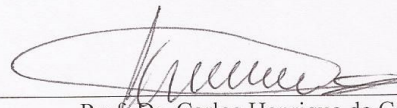
CDU: 37

---

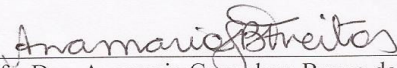
**MARIA DE LOURDES PORFÍRIO RAMOS TRINDADE DOS ANJOS**

**EDUCAÇÃO FEMININA BATISTA NO NORDESTE: A AÇÃO  
EDUCACIONAL DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON NO SEMINÁRIO DE  
EDUCADORAS CRISTÃS DE RECIFE (1953-1979)**

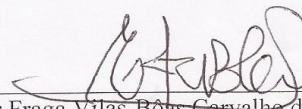
Banca examinadora:



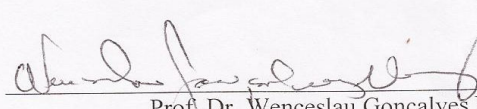
Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



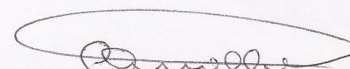
Prof. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas  
Universidade Federal de Sergipe – UFS



Prof. Dra. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento  
Universidade Tiradentes – UNIT



Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Prof. Dr. Armindo Quillici Neto  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças. O segundo é este: Ame o seu próximo como a si mesmo. Não existe mandamento maior do que este.

Bíblia Sagrada.

## DEDICATÓRIA

À Peggy Pemble, pelo incentivo, empenho e esforço incessantes em conseguir documentos na Junta de Richmond e entre os amigos, pela paciência em responder as minhas dúvidas por carta, e-mails ou por telefone. Sou grata também por seu amor dedicado à educação das moças batistas e por sua presença constante nesta caminhada.

À Léa Marques Paiva, pela força, cuidados, pelo levantamento de dados, os contatos com as ex-alunas, ex-funcionárias, ex-professores. Sou grata pela hospedagem concedida a mim e aos meus familiares em diferentes momentos, proporcionando-nos conforto e tornando mais fácil a realização da pesquisa em Recife, e por compartilhar comigo as incertezas e esperanças.

À missionária Clara Lynn Williams, pelo convite a Peggy Pemble para nos ajudar nesta pesquisa, pela força, pela pesquisa realizada nos Estados Unidos e colaboração eficaz com este estudo.

À Selma Trindade Silveira (in memoriam), pelo amor que nutria pelo SEC. Minha gratidão se estende por não esquecer o dia 23 de junho, dia de educação feminina, quando concretizava seu sonho em ajudar a Instituição enviando sua oferta para o sustento daquela casa de ensino. Na nossa memória ficou registrado seu exemplo de fé, amor e coragem. Saudades!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo inseparável.

Ao meu orientador, professor Dr. Carlos Henrique de Carvalho, pela dedicação, competência, seriedade, incentivo, e por ter contribuído de maneira crítica durante a construção do estudo, pela compreensão e generosa confiança depositada em mim, induzindo-me sempre a produzir e conquistar melhores resultados.

Ao professor Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, pela leitura eficaz, pontual e criteriosa; pela competência, pela apresentação de novas opções teóricas e sugestões precisas durante o exame de qualificação.

Ao professor Dr. Armindo Quillici Neto, pela competência, estímulo, sugestões e caminhos apontados no exame de qualificação.

À professora Dr<sup>a</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, pela força, orientações do projeto e incentivo a submeter-me à seleção do doutorado no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia.

À professora Dr<sup>a</sup> Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, pelas orientações na primeira versão do projeto, pela indicação de bibliografia e empréstimos de livros.

À professora MSc. Lúcia Marques, pela leitura pontual, eficaz, competente e pelas discussões travadas em torno da história do SEC.

À professora MSc. Isabel Ladeira, por viabilizar o processo de afastamento para curso.

À professora Ivanete dos Santos, por agilizar o processo de afastamento para curso junto à Secretaria de Estado da Educação de Sergipe.

Aos meus pais, Josias Ramos (in memoriam) e Noemia Porfírio Ramos, pelo apoio e pelas lições de sabedoria que a mim foram ensinadas. Aos meus irmãos pela compreensão e amor.

Ao meu esposo Antônio César Trindade dos Anjos, pela paciência, cuidado, companheirismo e por compartilhar comigo os mesmos sonhos.

À Larissa Ramos Trindade dos Anjos e Raíssa Ramos Trindade dos Anjos, filhas queridas, pela compreensão, amor e as palavras carinhosas que tanto me ajudaram a vencer a distância, a saudade e a solidão.

À querida professora Ábia Saldanha, diretora do SEC, por disponibilizar os documentos, arquivos e pela bondade em ajudar-me nessa caminhada em busca de um ideal.

Ao Pr. Antonio Oliveira e sua esposa Maria Nery Almeida Oliveira, Ester Rosa Ribeiro e Elba Moura de Carvalho, da Igreja Batista Central, em Uberlândia-MG, pela acolhida carinhosa.

Ao Pr. Nelson da Silva Melo e sua esposa Celeste Aida de Melo, da Igreja Batista Betel, pelo cuidado que tiveram comigo enquanto estive estudando em Uberlândia.

À Amanda Maira Steinbach, pela colaboração, confiança e por compartilhar os momentos difíceis, quando estive distante da minha família. Grata por tudo.

Aos queridos João Paulo, Sany Saraiva, Daiane Dantas, Ana Paula dos Santos, Iêda Villela, Euliene Santana e Sandra Natividade, pelo apoio e pelas longas viagens em busca de conhecimentos científicos.

Ao Dr. Orlando Rochadel, pela bondade e vontade em ajudar-me no meu afastamento para curso, junto à Procuradoria do Município de Aracaju-Sergipe.

À professora Dr<sup>a</sup> Olúsiva Santana de Oliveira Lima, pela leitura precisa e pela bondade em ajudar-me, fazendo a revisão da primeira versão deste estudo.



Aos colegas do doutorado: Maria Helena, Wender, Josemir, Odair, Geórgia, Geovana, Luciene e Sérgio Both, pela convivência, e boas lembranças de participarmos das manhãs filosóficas.

Aos missionários filiados à *Internacional Mission Board Souther Baptist Convention* que se envolveram na pesquisa enviando documentos para a escrita da história de vida de Martha Elizabeth Hairston, entre esses missionários: Betty Tennison, Bett Virgínia Spiegel, Boddy Dunn, Bruce Oliver, Cindy Johnson, Clara Lynn Williams, David Spiegel, David Parker, Dr. Donald Turner, Edie Jeter, Edith Vaughn Parker, Earnestine Camp, Grayson Tennison, Ira Louise Donaldson, John Addison Tumblin Jr. Jon Merryman, Júlia Ketner, Lou Bible, Maggie Nell, Marilois Kirksey, Marta Spiegel, Mary Lois (Summers) Sanders. Mary Witt, Mary Hines, Peggy Pemble e Rita Roberts.

Às queridas Eucirlene de Souza, Sheila Pereira Andrade e Aparecida Soares, por se envolverem nesta pesquisa e pela acolhida fraterna em Recife.

À querida Alda Gomes dos Santos, pela gentileza, disponibilidade e boa vontade em localizar e cuidar dos documentos e materiais nos arquivos do SEC em Recife-Pernambuco.

A minha gratidão vai para os queridos amigos da Igreja Batista Alvorada de Aracaju, que me presentearam com um notebook, facilitando-me as pesquisas e estudos. Entre esses: Aliete, Beth, Corina, Clara Raquel, Dayse, Pr. Edinísio, Eduardo, Eva, Gisélia, Irandy, Israelma, Jodoval, Luziana, Sileide e Terezinha.

As ex-alunas do SEC, que contribuíram com suas ideias enviadas por questionário, ou e-mails. Essas se constituíram fontes de estímulo constante: Ana Maria Monteiro, Aldemice Bezerra, Cleonice Macedo, Cleudelina Santos, Edna Moraes, Elizete Fragoso, Ycléa Cervino, Judite Martins, Leonita Pereira, Léa Paiva, Maria Ivonete Costa Lopes, Maria Berenice Andrade, Miriam Feliciano, Nadir Ribeiro, Severina Ramos e Terezinha Nery.

## RESUMO

O presente estudo propõe-se a analisar a contribuição de Martha Elizabeth Hairston para a difusão do seu ideário no Seminário de Educadoras Cristãs, no período de 1953 a 1979. A educação da mulher no Nordeste brasileiro nesse período estava relegada a segundo plano, o que contribuía para aumentar as taxas de analfabetismo no Brasil. A chegada dos missionários norte-americanos e sua política de ensinar a ler e a escrever – objetivando a participação do povo nos cultos por meio da leitura da Bíblia e dos cânticos. Essas estratégias permitiram a implantação de escolas primárias, escolas normais e ensino teológico. Martha Hairston assumiu a ETC – uma instituição voltada para a educação feminina –, tinha por finalidade preparar as moças para trabalhar nas escolas anexas às igrejas, nas escolas batistas, nas igrejas e como missionárias. Portanto, as representações culturais presentes no projeto de Hairston foram diversificadas; sendo assim, foi possível percebê-las nas práticas pedagógicas, no currículo, nas condições materiais de trabalho do corpo docente, na construção do novo prédio, na implantação de novos cursos. Assim, quais representações e quais práticas educativas foram implantadas no ETC/SEC? Que currículo foi escolhido e qual seu objetivo? Qual foi o projeto que Hairston apresentou para a Junta de Richmond e os batistas brasileiros? Em termos metodológicos utilizamos como fontes históricas documentos institucionais, como: relatórios, ofícios, portarias, pareceres e decretos. Recorremos aos jornais, anuário das senhoras, revistas (A pátria para Cristo, O campo é o mundo, Visão missionária), boletim informativo, prospectos, cartas, telegramas, livros, monografias, dissertações e teses. As categorias analíticas foram as estabelecidas por Chartier: apropriação e representação; Dominique Julia, cultura escolar; e Viñao Frago e Escolano, arquitetura. Constatamos que o SEC era mantido pela Junta de Richmond e pela União Feminina Missionária Batista do Brasil. Nossas análises evidenciaram que Martha Hairston construiu prédios, implantou cursos superiores, fundou a Casa da Amizade e deu visibilidade ao SEC, preparando as moças para desenvolver a obra missionária no Brasil e no mundo.

**Palavras – chave:** Historia da Educação, Cultura escolar, Educação Protestante. Educação Feminina Batista. Missionária norte-americana.

## ABSTRACT

This study propose to examine the contribution of Martha Elizabeth Hairston for spreading your ideas in the Seminary of Christian Educators in the period 1953 -1979. The education of women in Northeast Brazil during this period was relegated to the background, which contributed to increasing rates of illiteracy in Brazil . The arrival of American missionaries and their policy of teaching reading and writing - aiming for people's participation in worship by reading the Bible and singing. These strategies have enabled the deployment of primary schools, normal schools and theological teaching. Martha Hairston took the ETC - An institution for female education - was intended to prepare young women to work in the schools attached to churches, schools Baptists , churches and as missionary . Therefore, the cultural representations present in the project Hairston were diversified, thus, it was possible to perceive them in pedagogical practices , curriculum , material conditions of work of the faculty , the construction of the new building , the implementation of new courses. So what representations and what practices were implemented in ETC / SEC? Curriculum that was chosen and what is its purpose? What was the project that Hairston presented to the Board of Richmond and Brazilian Baptists? In methodological terms used as historical sources institutional documents, such as reports, letters , decrees , opinions and decrees . We use the newspaper , yearbook ladies magazines ( The homeland for Christ The field is the world, Vision missionary ) , newsletter , brochures , letters , telegrams , books , monographs , dissertations and theses . The analytical categories were established by Chartier : ownership and representation, Dominique Julia , school culture , and Viñao Frago and Escolano architecture . We note that the SEC was maintained by the Board of Richmond and the Woman's Missionary Union Baptist Brazil. Our analyzes showed that Martha Hairston buildings built , deployed higher education , founded the Friendship House and gave visibility to the SEC , preparing young women to develop missionary work in Brazil and worldwide.

Keywords: History of Education, School Culture, Education Protestant. Female Education Batista. U.S. missionary.

## LISTAS

### FIGURAS

Figura 1 – Martha Elizabeth Hairston - 1953.....	35
Figura 2 – Martha Hairston na biblioteca do SEC com um grupo de pastores e professores .....	37
Figura 3 – Medalhas representando os cem anos do trabalho Batista no Brasil.....	41
Figura 4 – Mapa da expansão do protestantismo no século XVI.....	53
Figura 5 – Carver School of Missões Work, instituição onde Martha Hairston trabalhou como professora.....	122
Figura 6 – Igreja Batista da Capunga.....	124
Figura 7 – Martha Hairston ministrando aula no período de 1958-1966.....	125
Figura 08 – Casa da Amizade.....	128
Figura 09 – Ruth Meneses, primeira deã do SEC, s.d.....	136
Figura 10 – Culto nos quartéis Acervo do SEC, s.d. ....	141
Figura 11 – Conjunto de Sinos do SEC .....	149
Figura 12 – Semana da Pátria, Culto nos quartéis (1953-1979). ....	151
Figura 13 -Culto nos quartéis, 1973.....	153
Figura 14 – Alunas hasteando a Bandeira Nacional-(1953-1979).....	154
Figura 15 – Convite para a solenidade da entrega do título de “Cidadã do Recife”.....	173
Figura 16 – Martha discursa na Câmara dos Vereadores de Recife.....	174
Figura 17 – Clara Lynn Williams ao lado do quadro pintado por Rubens Sacramento s/d.....	184

Figura 18 – Peggy Pemble, março de 2013.....	185
Figura 19 – Casal Pietro e d. Ana, da Igreja Batista Emanuel.....	186
Figura 20 – Apartamento onde Martha passou a morar após sua aposentadoria.....	189
Figura 21 – Parkway Village, neste edifício Hairston atuou como capelã e residiu até sua morte.....	190
Figura 22 –Igreja Batista Emanuel.....	191
Figura 23 –Igreja Batista da Amizade e Igreja Batista Raiz, 2000.....	192
Figura 24 – Túmulo de Martha Elizabeth Hairston, 13 de maio de 2003.....	193
Figura 25 – M ary Witt; Miriam Ramalho, bibliotecária, catalogando livros.....	219
Figura 26 – Ex-alunas na Festa do Jubileu de Ouro 1967.....	223
Figura 27 – Formandas de 1963 diretora Martha Hairston, e Ruth Meneses e o patrono Ilgonis Janait, 1963.....	226
Figura 28 – Docentes do SEC – formatura realizada na Igreja Batista da Capunga (1953-1979).....	227
Figura 29 – Banquete de formatura.....	228
Figura 30 – Dia da educação feminina.....	229
Figura 31 – Comemoração natalina, presentes: diretora, professoras e funcionárias do SEC, no período de (1953-1979). . . . .	231
Figura 32 – Alunas concluintes administrando a cantina Martha Hairston-1970.....	242

Figura 33 –Alunas no refeitório no período de 1953 a 1979. ....	244
Figura 34 – Prédio Administrativo Martha Hairston.....	250
Figura 35 – O Jornal Batista, 1980. Arquivo do SEC.....	266
Figura 36- Boletim Informativo do SEC- 1966.....	279
Figura 37– Prospecto, 1956.....	280
Figura 38 – Fachada do SEC.....	284
Figura 39 – Edith Vaughn, a primeira diretora da Casa da Amizade .....	285
Figura 40 – Passaporte enviado por Peggy Pemble em julho de 2011.....	388
Figura 41 – Iconografia - Marilois Kirksei.....	389

## **Quadros**

Quadro 1 – Fontes encontradas nos arquivos do SEC e usadas para a realização da pesquisa.....	33
Quadro 2 – Resultados do percentual dos questionários e e-mails enviados.....	40
Quadro 3 –Lista dos missionários que enviaram documentos para a pesquisa.....	44
Quadro 4 –Demonstrativo das características da Reforma Protestante.....	49
Quadro 5 – Princípios Batistas da Convenção Batista Brasileira (1982).....	60
Quadro 6 – Missões existentes no Brasil no ano de 1904 e seus missionários.....	73
Quadro 7 – Demonstrativo das missões com seus respectivos estados .....	74
Quadro 8 – Instituições Teológicas fundadas no Brasil pelos missionários norte-americanos .....	97
Quadro 9 – Pontos norteadores para a educação batista no início do século XX.....	100
Quadro 10 – Escolas fundadas por iniciativas dos missionários, igrejas e membros de igrejas (1888 –1898) .....	108
Quadro 11 – Demonstrativo das verbas enviadas pela Junta de Richmond para as escolas batistas no Brasil (1888 – 1960).....	110
Quadro 12 – Verbas enviadas pela Junta de Richmond (1961-1979) .....	112
Quadro 13 – Demonstrativo da suspensão gradativa de apoio financeiro à rede de escolas batistas no Brasil.....	113
Quadro 14 – Número de alunos matriculados nas instituições batistas em 1982 .....	114
Quadro 15 – Demonstrativo das verbas que foram enviadas para o Brasil no período de 1973 a 1977 .....	172
Quadro 16 – Formação das professoras e funcionários do SEC.....	202

Quadro 17 – Orçamento de educação feminina enviado para o SEC nos anos de 1966 a 1979 .....	204
Quadro 18 – Relação das tarefas executadas pelas alunas bolsistas do SEC.....	206
Quadro 19 – Fundos permanentes memoriais até dezembro de 1978.....	208
Quadro 20 – Sanções contidas no regimento interno do SEC no ano de 1976 .....	212
Quadro 21 – Artigos que tratam do currículo do SEC nos anos de 1969 a 1970 .....	215
Quadro 22 – Materiais do curso do bacharel em Educação Religiosa .....	216
Quadro 23 – Controle de materiais .....	222
Quadro 24 – Calendário das festividades do SEC no ano de 1972 .....	225
Quadro 25 – Programa Geral do dia.....	236
Quadro 26 - Programa geral.....	236
Quadro 27- Regulamento interno.....	240
Quadro 28 – Regulamento da Sociedade Jane Soren.....	241
Quadro 29 – Alimentos que constavam no cardápio do SEC usados nas três refeições .....	246
Quadro 30 – Alimentos que constavam no cardápio do SEC usados nas três refeições.....	246
Quadro 31 – Temas discutidos no “O Jornal Batista”.....	268
Quadro 32 – Demonstrativos dos docentes do SEC por ano de admissão.....	275
Quadro 33 – O Jornal Batista divulgou parte do programa do SEC .....	277
Quadro 34 – Programa do SEC.....	283



Quadro 35 – Atividades desenvolvidas no SEC.....	288
Quadro 36 – Projetos elaborados por Martha Hairston.....	289
Quadro 37 – Temas discutidos nos prospectos da Escola de Trabalhadoras Cristãs....	290
Quadro 38 –Ofertas enviadas para o SEC – dezembro de 1958 a novembro de 1959.....	291
Quadro 39 –Listagem dos assuntos inseridos nos boletins informativos da Casa Formosa por setor.....	292
Quadro 40 – Relação das ex-alunas que foram missionárias da Junta de Missões Nacionais.....	293
Quadro 41 – Assuntos discutidos nos Prospectos.....	298
Quadro 42 – Assuntos abordados no Boletim Informativo no período de (1956 a 1979).....	299
Quadro 43 – Colaboradores que escreveram as matérias no boletim informativo nos anos de 1965 a 1968; 1971 a 1974.....	300
Quadro 44 – Atividades desenvolvidas na Casa da Amizade.....	306
Quadro 45 – Demonstrativo dos grupos existentes na Casa da Amizade em 1959.....	308
Quadro 46 – Programação desenvolvida na Casa da Amizade no período de 1954 a 1979.....	308
Quadro 47 – Ex-alunas do Ano homenageadas pelo SEC.....	313
Quadro 48 – Relação da Junta Administrativa do Seminário de Educadoras Cristãs, ano 1958.....	315

Quadro 49 – Funções da Junta Administrativa do SEC/ Ano-1958.....	316
Quadro 50 – Número de alunas matriculadas no SEC no período de 1953 a 1979.....	317
Quadro 51 – Categorias contidas nas correspondências de Hairston analisadas neste estudo.....	334

**ABREVIATURAS E SIGLAS**

ALF – Assistend Living Facility

ABIBET – Associação Brasileira de Instituição Batista de Ensino Teológico

CAB – Colégio Americano Batista

CEE – Conselho Estadual de Educação

CBB – Convenção Batista Brasileira

CEGRE – Campanha de Evangelização do Grande Recife

CSE – Campanha Simultânea de Evangelização

EAB – Educandário Americano Batista

EBF- Escola Bíblica de Férias

ETC – Escola de Trabalhadoras Cristãs

FMB – Foreign Mission Board

IBER – Instituto Brasileiro de Educação Religiosa

IBM – International Mission Board

IPAE – Instituto Pan Americano de Ensino

INL – Instituto Nacional do Livro

PNB – Programa Nacional de Biblioteca

SEC – Seminário de Educadoras Cristãs

STBN – Seminário Teológico Batista do Norte

STBS – Seminário Teológico Batista do Sul

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFMB – União Feminina Missionária Batista

UFM – União Feminina Missionária

UGSBB – União Geral de Senhoras Batistas do Brasil

UMB – União de Moças Batistas



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO I – UMA INCURSÃO ÀS CONCEPÇÕES TEOLÓGICAS, FILÓSOFICAS E EDUCACIONAIS DO PROTESTANTISMO DE MARTINHO LUTERO E JOÃO CALVINO NOS SÉCULOS XVI-XVIII.....</b>	<b>46</b>
1.1- Martinho Lutero e a Educação.....	49
1.2- Princípios educacionais de Lutero.....	51
1.3- Princípios educacionais de João Calvino.....	52
1.4- Lutero e o pensamento moderno.....	53
1.5- O surgimento dos batistas no contexto da reforma.....	55
1.6- O movimento batista nasceu na Inglaterra.....	64
1.7- A presença norte-americana no Brasil.....	68
1.8- Junta de Richmond – Organização e estrutura.....	71
1.9- Questão da inserção do protestantismo no Brasil: imigração versus missões.....	75
1.10- A implantação do trabalho batista no Brasil.....	84
1.11- Embates entre católicos e protestantes.....	86
1.12- A contribuição dos batistas para a educação brasileira.....	96
1.13- Período de Iniciativas Individuais (1888-1998).....	107
1.14- O período de crescente envolvimento da Junta de Richmond (1898 a 1960).....	109
1.15- O período de decrescente envolvimento da Junta de Richmond (1961 a 1981).....	111
<b>CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON..</b>	<b>119</b>
2.1 –Rememorando seu universo infantil.....	119
2.2 – A formação acadêmica de Serviço Social e o curso do Seminário.....	121
2.3 – A Educação feminina a partir das concepções de Hairston.....	129
2.4 – Percorrendo caminhos, escrevendo história: atuação de Martha Hairston e a educação das moças batistas.....	143

2.5 – Martha Hairston e a concretização do seu ideário na Casa Formosa.....	146
2.6 – Desigualdade sociocultural: uma questão de gênero.....	158
2.7 – Surgimento das querelas endógenas exógenas no meio batista.....	161
2.8 – A Questão Radical: dissidências entre os batistas brasileiros e missionários norte-americanos.....	166
<b>CAPÍTULO III- CULTURA ESCOLAR E O COTIDIANO DO SEC.....</b>	<b>195</b>
3.1 –A organização interna da instituição.....	200
3.2 – Cotidiano do SEC.....	211
3.3 – Práticas Sociais e Acadêmicas.....	223
<b>CAPÍTULO IV – A PRESENÇA DA IMPRENSA E DOS IMPRESSOS NA GESTÃO DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON.....</b>	<b>263</b>
4.1 – A ação da imprensa na Casa Formosa .....	264
4.2 – Os batistas fazem campanhas contra o analfabetismo.....	268
4.3 – Salvar, regenerar, higienizar, civilizar: os projetos de Martha Elizabeth Hairston.....	272
4.4 – O Jornal Batista e a valorização do corpo docente do SEC.....	274
4.5 – Os impressos e a atuação de Martha Hairston na Casa Formosa.....	277
4.6 – Projetos de Martha Hairston. foram difundidos na imprensa.....	289.
4.7 – O trabalho desenvolvido na Casa da Amizade – o departamento social do SEC.....	304
4.8 – As cartas de Hairston no Seminário de Educadoras Cristãs .....	323
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>335</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>341</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS.....</b>	<b>356</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>364</b>

















## INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se a investigar a história do Seminário de Educadoras Cristãs (SEC), uma instituição de orientação protestante do ramo batista voltada para a educação das moças batistas, no Recife. O SEC foi fundado no início do século XX, precisamente no ano de 1917, e continua desenvolvendo suas atividades educacionais até os dias atuais. Neste trabalho será analisada a ação da missionária batista Martha Elizabeth Hairston, estabelecendo interfaces entre a educação e a religião.

A gestão de Martha Hairston esteve atrelada à religião que permeava a cultura daquele grupo no qual estava inserida, ditando normas e costumes, contribuindo para organizar regras e trabalhar comportamentos. Ao assumir a direção do SEC, apresentou seus planos, defendeu seus ideais, mantendo-se firme no seu discurso, revelou as mudanças que considerava importantes, conseguiu imprimir seu pensamento, independentemente da opinião da Junta Cooperativa ou Junta Administrativa do SEC, uma vez que a educação “representa um veículo pelo qual a cultura e a religião alicerçam seus valores e transmitem a ideologia de uma época<sup>1</sup>.” É importante perguntar: O que motivou Hairston a realizar tantas mudanças desconstruindo um plano que aparentemente estava cristalizado? Por que Martha Hairston não aceitou fixar moradia no SEC?

Em 1917, foi fundada a Escola Normal como departamento do Colégio Americano Batista (CAB) para atender às moças batistas. O CAB, antigo Colégio Gilreath, e o Seminário Batista do Norte do Brasil, ambos no Recife, já funcionavam, mas ministravam aulas somente para o sexo masculino. As mulheres estavam impedidas de estudar nessas instituições de ensino. Segundo Mildred Cox Mein<sup>2</sup>,

não há aulas para moças neste Colégio masculino. A irmã conhece a praxe, mais do que eu de Educandários separados para os sexos. Nem o Colégio Gilreath nem o Seminário do Norte pretendem agir de

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras:** por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007, p. 15.

<sup>2</sup> Mildred Cox Mein passou a adotar este nome após o seu enlace matrimonial com o “viúvo” João Mein (missionário norte americano e diretor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, ocorrido no dia 10 de dezembro de 1947.p.71. Cf. MEIN, Cox Mildred. **Casa Formosa:** Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editor Santa Cruz LTDA. 1967.

modo a solapar os costumes existentes; esclareceu o Dr. Harvey Harold Muirhead.<sup>3</sup>

A coeducação contribui para o crescimento dos sexos. Nesse ambiente, desenvolvem-se as atividades escolares, trabalho em grupo, a cooperação, o respeito mútuo, melhorando o relacionamento entre meninos e meninas. O missionário William Carey Taylor<sup>4</sup> desejava implantar uma escola que se dedicasse à formação das moças batistas. Almeida se refere à coeducação “como um ato educativo no qual ambos os sexos se educam em comum na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se dos mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os mesmos professores, todos sob uma direção comum.”<sup>5</sup>

No ano de 1886, os batistas chegaram ao Recife, e a amazonense Josefa da Silva Lima, ex-normalista, só chegou em 1917, com o intuito de preparar-se para trabalhar nas escolas batistas. Lima tinha a concepção de que todos deveriam ter acesso à educação. Diante da situação, as missionárias Graça Taylor, Sammie Johnson e Alyne Muirhead decidiu organizar a Escola Normal. Segundo Mein: “Em princípios de 1917, funda-se a Escola Normal com uma matrícula de oito alunas, sendo quatro internas e quatro externas”.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> MEIN, Cox Mildred. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: Gráfica Editor Santa Cruz LTDA. 1967. p.17.

<sup>4</sup> William Carey Taylor foi diretor geral das Instituições Educacionais dos Batistas no Recife. Taylor chegou ao Recife em 1915, nomeado pela Junta de Richmond, a pedido da Missão Batista do Norte do Brasil. A razão desse pedido foi o reconhecimento da Missão de que o trabalho missionário no Brasil dependia da Educação Teológica. E para tanto, de pessoas preparadas. Em 1916, Taylor é eleito o Diretor do Seminário, permanecendo até 1924. Nesse período, as Instituições Colégio/Seminário, juntando-se em 1917, à Training School, funcionavam juntas sob a direção do Dr. Taylor. [...] Taylor trouxe consigo, para trabalhar no Colégio. Pauline White, Bertha Hunt, Essie Fuller e o casal Robert Stanley Jones. Taylor foi fundador do “Correios Doutrinal”, em 1923, que deixou de circular, em 1933, após 10 anos de funcionamento. PERRUCCI, G.(coordenadora); Comissão do Centenário. **História do CAB de Recife: “Eternamente nosso bem” – Uma linda história de amor com muitas histórias**. Recife: Convenção Batista de Pernambuco, 2006. p.62.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007, p. 166.

<sup>6</sup> Josefa da Silva Lima foi a primeira aluna da Training School, vinda de Manaus, Anísia Duclerc, Rosália Munguba e Rosa Gomes estas três vindas do Rio Largo, Alagoas. Provavelmente as externas foram: Olívia Oliveira, Inez Cavalcante, Helena Silva e Abigail da Silva, todas de Recife-PE: MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966)**. Recife: 1966. p.19.

Nesse período, era oferecida também a formação religiosa. As aulas iniciaram em um prédio alugado situado na Rua Visconde de Goiana, esquina com o parque Amorim. As escolas anexas às igrejas foram organizadas para evitar o constrangimento das crianças protestantes no cotidiano das escolas públicas. Mendonça registrou a “discriminação e intolerância religiosa contra as crianças filhas de protestante nas escolas públicas”<sup>7</sup>. Acredita-se que essa estratégia missionária de fundar escolas Anexas contribuiria não só para implantar o evangelho, mas, também, para a sua propaganda e “permanência do protestantismo em qualquer lugar”.<sup>8</sup>

Para Baker, Escola Annexe “é uma instituição educativa anexa a uma igreja ou congregação, a fim de cuidar da instrução primária dos filhos dos crentes e outros que desejam aproveitar esta phase do trabalho evangélico.”<sup>9</sup> As Escolas Anexas<sup>10</sup> ofereciam aos seus alunos uma educação completa, a saber: do corpo, da mente e da alma. Para Mein, essa instituição foi fundada para atender a uma necessidade específica das moças batistas advindas de todos os estados do Brasil. Em Pernambuco, a Escola Normal foi criada em 1864; entretanto só abriu suas matrículas para o sexo feminino após a reforma de 1875, conforme Sellaró:

Sucessivas reformas atingiram a nova Instituição: em 1869, 1873, 1875 e 1879. A partir de 1869 o curso passou a ser ministrado em três anos, mas as mudanças maiores resultaram da reforma de 1875, que além de ampliar plano de estudos, abriu suas matrículas também para mulheres. Em 1865, foi implantada uma escola anexa à escola normal para a prática dos professorandos.<sup>11</sup>

<sup>7</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995. p. 99.

<sup>8</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995. p. 99.

<sup>9</sup> O Jornal Baptista. 22 de setembro de 1921, p.5

<sup>10</sup> À época em que as Escolas Anexas foram fundadas, muitos alunos pertenciam à classe pobre da sociedade, portanto, precisavam ser civilizados nos costumes. As escolas anexas deveriam oferecer uma escola limpa, ventilada, carteiras bem feitas, segundo certas regras de higiene, dentro e fora da sala de aula, bem como os materiais usados pelos alunos. Cf. O JORNAL BATISTA, 13 de out. de 1921

<sup>11</sup> SELLARÓ, Rejane Accioly. **Educação e Religião: Colégio protestante em Pernambuco na década de 20**. Recife: UFPE, 1987.p.82. (Dissertação de Mestrado).



Em Recife, foram criados, em 1872, outros cursos com a modalidade normal, pela “Sociedade Propagadora da Instrução Pública,”<sup>12</sup> pioneira na coeducação, mas não foram bem aceitos pela sociedade recifense. Conforme Sellaro [...] “daí o escândalo suscitado no meio social do tempo e lugar, nada afeitos a costumes como aqueles em que homens e mulheres freqüentavam a mesma escola, convivendo sob o mesmo teto sem serem irmãos ou mesmo conhecidos.”<sup>13</sup>

Nessa época, o curso oferecido pela Escola Normal tinha a duração de dois anos, e seu currículo compreendia as seguintes disciplinas: Evangelismo, Velho Testamento, A Vida de Cristo, Doutrina e Método da Escola Dominical, Aritmética, Português, Geografia, Inglês, Música e Costura. A implantação da Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC) se constituiu numa eficiente estratégia de ação e intervenção das missionárias norte-americanas no território brasileiro. A Escola Normal teria um papel fundamental nesse processo. Ficou registrado, nas atas da Convenção Batista Brasileira (CBB), “que a instituição não deve limitar-se ao preparo de moças para dirigir escolas anexas, mas para o trabalho inteligente nas igrejas, notadamente nas escolas dominicais, sociedades de senhoras, crianças e mocidade batista.”<sup>14</sup>

Durante sua trajetória, essa instituição foi renomeada algumas vezes. Em fevereiro de 1918, recebeu o nome de Training School,<sup>15</sup> sendo um departamento do Colégio Batista Gilreath. No ano de 1919, foi denominado de Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC). Nesse período, foi veiculada nos jornais, artigos, editoriais e entrevistas a

---

<sup>12</sup> A Escola Normal da Sociedade Propagadora da Instrução Pública foi criada só para mulheres. Pinto Júnior era advogado, professor e diretor da Faculdade de Direito de Recife, foi também o fundador de uma “associação vasta e eminentemente civilizadora que [...] auxiliasse a ação do poder público, fornecesse ao povo e difundisse por toda a parte a instrução, sobretudo a elementar. A reunião se deu em 31 de julho de 1872 e a [Sociedade Propagadora da Instrução Pública] foi oficializada em 11 de agosto do mesmo ano. Neste ano foi nomeada uma diretoria composta por um Conselho superior, Conselhos diretores e conselhos locais e elaborado os Estatutos da instituição.” Cf. PINTO JÚNIOR, João José. **Memória sobre os factos mais importantes da vida da Sociedade Propagadora da Instrução Pública em Pernambuco**. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1892. Biblioteca Pública de Pernambuco. Setor de Obras Raras e APEJE; ESTATUTOS da Sociedade Propagadora da Instrução Pública em Pernambuco. Recife: Typografia Universal, 1872. APEJE.

<sup>13</sup> SELLARO, Rejane Accioly. **Educação Religiosa: Colégio protestante em Pernambuco na década de 20**. Recife: UFPE, 1987.p.82. (Dissertação de Mestrado).

<sup>14</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966)**. Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.18.

<sup>15</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966)**. Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.18.

propaganda dessa instituição. A cada três meses o jornal “A Mensagem” apresentava anúncios como este:

A Escola de Trabalhadoras Cristãs, uma escola Batista para a preparação de moças crentes para trabalharem nas escolas anexas e nas igrejas. Aceita somente moças crentes de 15 anos em diante e recomendadas pelas Igrejas. A escola é sustentada pelas Igrejas Baptistas do Norte do Brasil. Harvey Harold Muirheard, Graça Taylor diretora interina.<sup>16</sup>

Foi notável o crescimento da escola. No ano de 1935, a União Feminina Missionária Batista do Sul dos Estados Unidos da América (UFMBSEUA) doou a quantia de dez mil dólares para a construção de um novo prédio, com dois andares. Há indícios de que o engenheiro responsável pelo desenho arquitetônico foi Arnold Edmond Hayes. A construção foi realizada em duas etapas. No ano de 1965, o projeto arquitetônico sofreu nova mudança com a construção de mais um andar, com dormitórios, uma cozinha, uma sala de devocional; no primeiro piso havia um salão com palco.<sup>17</sup>

Os missionários procuravam prestar à sociedade um ensino de qualidade para atender às orientações da Missão Batista do Norte do Brasil (MBNB), e o que determinava a lei estadual nº 1821 de outubro de 1953, que reconhecia os cursos oferecidos pelos Seminários Maiores e, assim, possibilitar às suas discentes oportunidade de prestarem vestibular nas Faculdades de Filosofia<sup>18</sup>. Com o intuito de atender “às exigências desta lei, a Junta da ETC, em 10 de dezembro de 1957”<sup>19</sup>, recorreu à União Geral de Senhoras<sup>20</sup> (UGS) solicitando autorização para mudar o

<sup>16</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.25.

<sup>17</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.109.

<sup>18</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.109.

<sup>19</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1966). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966. p.109.

<sup>20</sup> Em 1907, quando foi fundada a Convenção Batista Brasileira, havia senhoras como representantes. No ano seguinte, na segunda assembleia da Convenção, foi criada a União Missionária das Senhoras Batista do Brasil. A primeira reunião da novel União foi aberta e presidida pela missionária Ida Nelson, e, logo depois, na eleição da primeira diretoria, foi escolhida para a presidência a missionária Graça Entzminger. Nessa ocasião, havia 20 Sociedades de Senhoras e cinco Sociedades de Crianças nas igrejas batistas brasileiras. No ano seguinte, o nome da organização foi mudado para a União Geral das Sociedades de

nome da instituição de Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC) para Seminário de Educadoras Cristãs (SEC), o que se efetivou na Assembleia Anual de Senhoras (AAS), realizada em Salvador, em janeiro de 1958. Nesse período a escola tinha como diretora a missionária norte-americana Martha Elizabeth Hairston. Conforme os prospectos:

No dia 12 de fevereiro de 1960, foi aprovada a matrícula na Faculdade de Filosofia de Pernambuco da primeira ex-aluna do SEC, portadora do certificado do Curso Pedagógico e Religioso que se submeteu ao exame vestibular para ingresso naquela Faculdade<sup>21</sup>.

Houve empenho por parte da instituição junto ao Conselho Estadual de Educação (CEE) para que fosse reconhecido o diploma do SEC e as alunas formadas tivessem a oportunidade de prestar vestibular na citada faculdade.

Através da pesquisa histórica, tem-se a oportunidade de conhecer as estratégias<sup>22</sup> utilizadas e as diretrizes adotadas pelos missionários para implantar essa instituição, que foi caracterizada por diferentes motivações e fatores que atendiam às políticas educacionais e evangelizadoras estabelecidas pela Junta de Richmond.<sup>23</sup>

O recorte temporal desta pesquisa está delimitado entre os anos de 1953 a 1979. Mas, através da investigação já realizada, foi possível perceber a necessidade de se fazer uma análise das primeiras décadas de existência do SEC em consideração às ações desenvolvidas por essas missionárias para solidificação do projeto educacional protestante.

---

Senhoras, Auxiliar da Convenção Batista Brasileira. Posteriormente, esse nome foi simplificado para União Geral de Senhoras, e assim foi esta conhecida até 1963, quando procurou restaurar o primitivo nome, passando a chamar-se União Feminina Missionária Batista do Brasil. Colocando-se “feminina”, o nome ficou mais adequado, porque a União abrange senhoras, moças e meninas. Cf. PEREIRA, José Reis. História dos Batistas do Brasil (1882-2001). Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p.276. Anais da Convenção Batista Brasileira, 1947, p.13; 1948. p.18.

<sup>21</sup> Prospectos do SEC; 1966-1967. p. 12.

<sup>22</sup> Estratégias são as ações e concepções próprias de um poder, de algo instituído na “administração” e/ou “gestão de suas relações com seus outros, aqueles submetidos a princípio a este poder”. In. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002. p.100-101.

<sup>23</sup> A Junta de Richmond atualmente é denominada International Mission Board Southern Baptist Convention, localizada em Richmond, Virgínia, EUA. A Convenção Batista do Sul foi formada em 1845. A Junta de Missões Estrangeiras, em Richmond, realizou seu primeiro trabalho em 1846. Desde então mais de 20.000 missionários foram nomeados [...] 23.486 novas igrejas e 475, 072 pessoas foram batizadas no exterior. Informações enviadas por Peggy Pemble em 4 de junho de 2012.

A pesquisa faz uma breve análise dos antecedentes históricos dos batistas, refletindo sobre a atuação destes missionários, os avanços e recuos. Martha Elizabeth Hairston assumiu a reitoria da Escola de Trabalhadoras Cristãs no ano de 1953. Em sua gestão se deu a consolidação do SEC.

Convém salientar que não se pretende historicizar, escrever e analisar exaustivamente os fatos produzidos, nos diferentes momentos, por essa gestora norte-americana, que vislumbrou uma grande oportunidade de ascensão da mulher no Nordeste brasileiro e investiu numa época em que não se valorizava a educação da mulher.

Pretende-se compreender as propostas executadas por ela, fazendo uma análise dos acontecimentos em que se envolveu, e como conseguiu expandir e consolidar seu projeto evangelizador, educacional, social e civilizador, desenvolvido durante 27 anos, solidificando a educação feminina dos batistas em Recife e no Brasil.

Fez-se necessário pesquisar essa escola de educação da mulher a partir dos arquivos do SEC para investigar dados biográficos das ex-diretoras - Maye Bell Taylor e Clara Lynn Williams. Há um rico acervo sobre a educação das moças batistas, mas escassez de estudos que focassem as práticas educativas desenvolvidas e que abordassem a trajetória histórica.

Partindo das investigações desenvolvidas no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe, as quais resultaram na dissertação “A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista”, vislumbrou-se o projeto educacional realizado pelas missionárias batistas norte-americanas no Nordeste. O cenário educacional sergipano tomou novos tons com a chegada do Educandário Americano Batista (EAB), na década de 50 do século XX.

A decisão de investigar uma instituição educacional batista deve-se à própria longevidade e importância adquirida por instituições formadoras instaladas pelos missionários batistas norte-americanos. Além disso, o SEC formou gerações de moças divulgadoras do modelo educacional batista norte-americano. Um estudo aprofundado

possibilitará verificar como ele, através de suas práticas educativas, serviu de instrumento de circulação e apropriação dos padrões culturais dos batistas no período de 1953 a 1979.

Valendo-se de diversas fontes, procurou-se fazer uma reflexão acerca da trajetória da missionária Martha Elizabeth Hairston em Recife, apresentando a inserção de sua prática no SEC e também analisar sua contribuição para a História da Educação Brasileira. A partir das leituras foi possível verificar que as produções referentes à prática educativa protestante na historiografia educacional brasileira ainda são poucas, algumas vezes carregadas nas tintas do espírito teológico religioso, privilegiando mais a região Sudeste, porém com pouquíssimas pesquisas nas demais regiões, o que surpreende pelo fato de o protestantismo ter estado presente quase simultaneamente em grande parte do território brasileiro.

Adotando perspectiva da Nova História Cultural,<sup>24</sup> buscou-se uma reconstituição histórica do SEC, fundado no ano de 1917, em Recife, pelos missionários batistas norte-americanos, vinculados à Junta de Richmond. Escrever sobre a trajetória do SEC significa vislumbrar na cena educacional pernambucana como se dava a educação feminina no período estudado.

A história cultural se distanciou da história das ideias, passou a focalizar a história dos objetos – entre eles, os impressos, as revistas e os periódicos – e das práticas. Conforme Chartier, a história cultural pode ser definida pela “conjunção de três elementos não dissociáveis: uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas

---

<sup>24</sup> Em 1929, surgiu na França a Revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Seus fundadores, Marc Bloc e Lucien Febvre presenciaram vários debates sobre a historiografia contemporânea. Os pilares da história positivista foram alvos de críticas. A História foi convocada a lançar seu olhar para outros objetos, apresentar novas propostas teórico-metodológicas, abraçando outros aspectos de cunho social, cultural e econômico.

suas variações”.<sup>25</sup> “Materialidade é a síntese das múltiplas relações sociais que se depositam no texto.”<sup>26</sup>

Para Roger Chartier, existe a necessidade “de estudar os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos de produção, circulação e consumo, as práticas, os usos e as apropriações.”<sup>27</sup> Por apropriação concebe-se “uma história social dos usos e das interpretações, referida as suas determinações fundamentais e inscrita nas práticas específicas que a produzem.”<sup>28</sup>

Pensou-se também que a história cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada dada a ler”<sup>29</sup>. Sendo assim, a história social voltou-se, então, para as “dimensões da vida dos homens no tempo. Essa preocupação acabaria levando ao privilegiamento das condições da vida material, das formas de viver, de pensar e de sentir, significando a proposição de novos objetos de investigação.”<sup>30</sup> Com as incertezas do momento, os historiadores procuravam identificar novas fontes e novas interpretações.

Na compreensão de Sandra Pesavento, a história cultural, considerada campo metodológico, alcançava variadas pesquisas nos campos historiográficos como: a escrita, leitura, micro-história, a nova história política; nos campos temáticos: a educação, as cidades, literatura, imagem, memórias. As pesquisas nesses campos tornaram-se inevitáveis. Neste movimento – da História da Educação – fontes que outrora eram “consideradas pouco confiáveis e científicas também passaram a constituir

---

<sup>25</sup> CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, v. 5, nº 11, p.173-191 jan/abril.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987, p.p.16-17.

<sup>27</sup> CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990, p. 16-17.

<sup>28</sup> O conceito apropriação enfatiza duas dimensões a da interpretação e aponta para representação social adotadas pelo sujeito. CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, vol.5, n.11. jan/abril.p.180.

<sup>29</sup> CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990, p. 16-17.

<sup>30</sup> FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cyntia Greive. **História Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

indícios para a reconstrução de um passado”,<sup>31</sup> alargando as possibilidades e o campo de investigação.

### **Percurso teórico-metodológico e fontes da pesquisa**

A fundamentação teórica desta pesquisa está cimentada nas categorias analíticas de representação e apropriação utilizadas por Roger Chartier e cultura escolar conforme as concepções de Dominique Julia, por entender que estas permitem perceber os processos constituintes do real, as dimensões de conflitos e como se deram a apropriação da educação batista norte-americana. As representações, conforme ressaltou Chartier, podem ser apreendidas em um campo permeado por “concorrências” e “competições”<sup>32</sup>.

Representação para o pesquisador é “o instrumento de conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é.”<sup>33</sup>

A escolha metodológica para tratar de Martha Elizabeth Hairston, missionária educadora e o SEC, foi a abordagem de dados biográficos por possibilitar a reconstrução da trajetória “como um processo de configuração de uma experiência singular,”<sup>34</sup> analisando sua formação, percurso profissional e sua ação no SEC<sup>35</sup>.

No momento de analisar as categorias representação e apropriação procurou-se entender alguns aspectos concernentes à cultura.<sup>36</sup> A Nova História Cultural possibilitou

<sup>31</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 38.

<sup>32</sup> “Como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988, p. 17.

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987, p.p. 15-17.

<sup>34</sup> KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001, 113.

<sup>35</sup> Nessa história, existe uma imbricação entre a vida de Hairston e o SEC.

<sup>36</sup> Roger Chartier, um dos representantes do movimento da Nova História, designou a cultura como “um sistema de concepções herdadas expressas nestas formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu saber sobre a vida e suas atitudes diante dela.”CHARTIER,

a compreensão de como se dá o funcionamento da cultura no interior da escola e as “relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém a cada período da sua história.”<sup>37</sup> Com essa abertura, novos espaços e temas foram criados, permitindo que a historiografia da educação nomeasse esse novo cenário, de Cultura Escolar.<sup>38</sup> Analisando essa categoria, percebe-se que ela permite uma articulação dos elementos que compõem a prática escolar, explicitando visibilidade de como se dá a apropriação no interior do campo educacional.<sup>39</sup> Para Julia, é de muita importância adentrar no interior da instituição, compreender que a escola não se constitui apenas em lugar de transmissão de conhecimentos, mas também em um espaço de “inculcação de comportamentos e *habitus*”<sup>40</sup>.

A Cultura Escolar traz no seu bojo elementos relevantes para o desenvolvimento da instituição educacional, sem os quais várias barreiras seriam postas, dificultando o alcance de seus objetivos, seus procedimentos, o desenvolvimento acadêmico e a prática pedagógica por parte do corpo docente. Os elementos referidos são: o funcionamento da escola, a legislação, estatuto, regimento, regulamentos, reformas, projetos, currículo, registros das atas dos docentes e discentes, as práticas escolares, formação de professores (o saber) e as fontes utilizadas por estes professores no trabalho pedagógico (cadernos dos professores e alunos, cadernetas, fotografias e livros, entre outros). De posse desses dispositivos,<sup>41</sup> serão definidos os saberes e fazeres, as práticas, os

---

Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 60.

<sup>37</sup> JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto Histórico**. Revista brasileira de história da educação, nº 1. Jan/jun. 2001. p.p.8-43.

<sup>38</sup> De acordo com Dominique Julia, a Cultura Escolar estava definida como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, é um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Julia Dominique. Cultura Escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, n. 1, Janeiro/Junho, 2001.p.10.

<sup>39</sup> Cf. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p.195.

<sup>40</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 1 janeiro/junho. 2001, p.9-14.

<sup>41</sup> Para clarificar o conceito dispositivo, lancei mão do pensamento de Ane-Marie Chartie quando explica que no campo da pedagogia esse termo é designado como um “conjunto de meios organizados, definidos e estáveis, que são o quadro de ações reiteráveis, conduzidas para responder a um problema recorrente”. (**Revista brasileira de história da educação**, nº 3, jan/jun. 2002. p. 10. O uso do termo “dispositivo” é completamente compatível com a ideia técnica de que se trata de maquinarias institucionalizadas e



valores a serem trabalhados e a legislação, os quais nortearão a instituição educacional, de acordo com os propósitos que se pretendem alcançar.

Os objetivos deste estudo foram: investigar os fundamentos teológicos e filosóficos do protestantismo do ramo batista e o surgimento dos batistas no contexto da reforma; analisar o processo de implantação, expansão e consolidação do Seminário de Educadoras Cristãs e a formação acadêmica das SECistas, do ponto de vista cultural, social, religioso e acadêmico, analisar a trajetória de vida e a ação pedagógica, de Martha Elizabeth Hairston, no período de 1953 a 1979; avaliar o papel do projeto educacional proposto pela Missão Batista norte-americana e a importância do seu projeto no cenário educacional pernambucano; compreender os diferentes aspectos da cultura escolar corporificada no Seminário de Educadoras Cristãs no período investigado e analisar a cultura material presente na instituição; analisar as ações missionárias implantadas por Hairston no campo religioso, educacional e social; analisar como Martha Hairston utilizou a imprensa (O Jornal Batista – OJB), os impressos pedagógicos (os prospectos, os boletins informativos), documentos oficiais e cartas, para dar visibilidade ao seu projeto. “A análise desses materiais possibilita apreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural – na intersecção das estratégias dos impressos”.<sup>42</sup> Esses dispositivos contribuirão para a escrita da história da gestão de Martha Hairston na ETC/SEC.

---

finalizadas, concebidas por gestores que buscam a eficácia e realizadas pelos que as praticam. Como a escola pública impõe programas (conteúdos de saberes e currículo), mas nela não há método oficial, os dispositivos seriam, pois, o lugar de realizações inventivas, as que tratam do “como fazer” e que acompanham as reformas vindas de cima ou as invenções do campo. As pedagogias novas são grandes provedoras de dispositivos pedagógicos concebidos, ajustados e difundidos por praticantes (que se pense no que a tradição chama de “técnicas de Freinet” a imprensa na escola, o texto livre, o conselho de cooperativa, a correspondência escolar, o método natural de leitura etc). Geralmente, um novo dispositivo é instituído por decisão política e administrativa, mas a variedade das situações explica que os termos “dispositivos”, técnicas, “métodos” sejam frequentemente tratados como sinônimos. (**Revista brasileira de história da educação**, nº 3, jan/jun. 2002, p. 11).

<sup>42</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987, p. 9.

### **Esta pesquisa investiga algumas hipóteses**

Este estudo levanta a hipótese de que o SEC é um espaço destinado a lapidar vidas, formar/instruir mulheres que difundissem um modelo pedagógico para o Nordeste, contribuindo para a diminuição do analfabetismo no Brasil através das escolas anexas; estratégia importante para a divulgação e permanência do protestantismo no Brasil e no mundo por meio das missões estaduais, nacionais e estrangeiras. A missionária norte-americana Martha Hairston imprimiu suas marcas no SEC do ponto de vista cultural, religioso, pedagógico e de gestão escolar. O projeto implantado por Hairston deu bons resultados graças à contribuição de vários colaboradores nos diversos campos: social, religioso, acadêmico e econômico.

Esta pesquisa divide-se em quatro capítulos. No primeiro, foram investigados os fundamentos teológicos e filosóficos do protestantismo do ramo batista e o surgimento dos batistas no contexto da reforma. Foi analisado também o movimento batista e sua origem nos separatistas ingleses, a era norte-americana no Brasil, a Junta de Richmond com sua estrutura e organização, a questão da inserção do protestantismo no Brasil: imigração versus missão, e por fim a contribuição dos batistas para a educação brasileira. A análise feita foi relevante para se ter a compreensão do contexto em que os batistas chegaram ao Brasil, sua inserção e seu legado para os batistas brasileiros.

O segundo analisa a trajetória de vida e a ação da missionária batista Martha Elizabeth Hairston em Recife e o projeto educacional proposto pela Missão Batista norte-americana, bem como a importância do seu projeto no cenário educacional pernambucano e brasileiro, no período de 1953 a 1979. Os pontos analisados foram infância, formação acadêmica, suas concepções sobre educação feminina, os projetos educacional, social e religioso e a consolidação do seu ideário.

O terceiro capítulo pretende compreender os diferentes aspectos da Cultura Escolar corporificada no Seminário de Educadoras Cristãs no período investigado e analisar a cultura material presente na instituição. Os aspectos abordados foram: a expansão da formação acadêmica ou superior, o campo evangelístico e social em terras pernambucanas e os elementos da cultura escolar e material, levando em consideração a

organização interna do SEC, a formação, à disciplina, currículo, avaliação, as festas das Secistas, o convívio no internato, o cultivo da vida religiosa, costumes, Casa da Amizade e o cotidiano do SEC.

O quarto analisa como Martha Hairston utilizou a imprensa (O Jornal Batista), os impressos pedagógicos (os prospectos e os boletins informativos), documentos oficiais e cartas para dar visibilidade ao seu projeto. Esses dispositivos contribuirão para a escrita da história da gestão de Martha Hairston na ETC/SEC, no período de 1953-1979.

A metodologia em relevo está ancorada na pesquisa histórica, na perspectiva de reconstruir a trajetória de vida da missionária Martha Hairston, enquanto gestora do SEC. Será analisada a presença de Hairston no campo evangelístico, educacional, social e civilizatório.

Na década de 1970, foi feita a leitura do livro Casa Formosa, escrito por Mildred Cox, por ocasião do jubileu de ouro do SEC. Gostei da narrativa. Por meio da leitura vislumbrei o projeto inicial de Hairston. Percorreram-se caminhos e estradas, seguiram-se as pistas, os rastros, encontraram-se vestígios e fragmentos que levaram a um rico acervo, preservado na biblioteca da instituição, que já comportava mais de 10.000 livros. Constatou-se também a presença da imprensa, dos impressos, livros, dissertações e teses.

Quadro 1- Fontes<sup>43</sup> encontradas nos arquivos do SEC e usadas para a realização da pesquisa:

Livros de Atas	Da Junta Administrativa, Corpo Docente e Discente, da Sociedade de Moças Jane Soren e das Ex-alunas.
Revistas	Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, Revista de Senhoras e Moças Batistas, A Pátria para Cristo, O Campo é o Mundo
Impressos/ manuscritos	Os prospectos, boletim informativo, correspondências, folders, obtuaries, partituras do hino do SEC, entrevista, cadernetas, diplomas, autobiografias, biografias (séries Pedras Lapidadas) lançados em 1967, livro de presença do corpo docente, Report, declaração de fé do SEC, Tabela de Culter (biblioteca).

<sup>43</sup> Estes foram os documentos utilizados na investigação.

Imprensa	O Jornal Batista e Diário de Pernambuco
Documentos Administrativos/ Oficiais	Portarias, resoluções, leis, decretos, ofícios, pareceres, estatutos, regimentos, requerimentos, relatórios (enviados para a Junta de Richmond e Junta Administrativa), anais da CBB, histórias de vida <sup>44</sup> (experiência de conversão ao protestantismo), formação acadêmica e trabalhos desenvolvidos na igreja e na denominação), registros e títulos.
Documentos pedagógicos	Discurso de Martha Hairston, questionários enviados para os missionários norte-americanos nomeados e aposentados pela Junta de Richmond, ex-professores, ex-alunas, ex-diretora da Casa da Amizade, cartas em inglês, telegramas, questionários, álbuns fotográficos, regulamento para a biblioteca, programação dos dias especiais, cadernetas dos professores, ficha de matrículas, históricos e diploma dos professores.
Documentos financeiros	Livros da tesouraria.
Recursos metodológicos	E-mails e telefonemas, medalhas.

Fonte: Documentos utilizados para escrever a pesquisa. Arquivo: SEC

Na sala da diretora, estavam guardados, em armários a “sete chaves,” variados documentos administrativos, oficiais e pedagógicos. Para ter acesso aos documentos foi preciso conversar com a Prof<sup>a</sup> Ábia Saldanha Figueiredo (que tinha assumido a direção da instituição, pedindo-lhe permissão para pesquisar nas fontes que estavam guardadas no seu gabinete). Após este diálogo, o acervo foi liberado. Em outro momento, localizaram-se em uma sala vários documentos relacionados ao movimento financeiro da instituição. Alguns já umedecidos, mas valiosos para a escritura das memórias de Hairston. Após a investigação, a nova diretora foi comunicada sobre o estado em que as fontes se encontravam.

As fontes e os procedimentos metodológicos propiciaram maior compreensão do modelo educacional de que Martha Hairston lançou mão para expandir e consolidar seu trabalho no Nordeste brasileiro, as mudanças realizadas no currículo e as etapas da

<sup>44</sup> No texto “história de vida” escrita pelas alunas consta sua experiência de conversão ao protestantismo, formação acadêmica e trabalhos desenvolvidos na igreja e na denominação.

construção do prédio. Para escriturar este texto, foram utilizadas diversas fontes e diferentes recursos metodológicos.



Figura 1- Martha Elizabeth Hairston –1953  
Acervo do SEC

Martha Hairston trazia no seu semblante serenidade. Há indícios de que pensava nas dificuldades, incompreensão, mas também no avanço e conquista dos seus objetivos. Lançou seu olhar para o futuro, vislumbrando a expansão do SEC.

O recurso fotográfico tem sido muito utilizado nos estudos da História da Educação, “tornando-se um documento pleno de objetividade e informações,”<sup>45</sup> permitindo a “possibilidade de apreender o real cancelado pela tecnologia

---

<sup>45</sup> BARROS, Armando Martins. Os Álbuns fotográficos com motivos escolares: Veredas ao olhar. GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org). **História da Educação em Perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, São Paulo: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 119.

fotográfica.<sup>46</sup>” Observa-se que cada imagem fotográfica conta sua história e reflete as ações vivenciadas. Nesta tese, estão registradas as celebrações das festas, os recitais e os eventos cívicos que simbolizam testemunhos ou evocação do passado.

A fotografia nos ajuda a compreender aspectos do cotidiano do SEC, desde religioso, com os cultos na Hora de Cultura Espiritual, ao social, desenvolvido pela Casa da Amizade. Conforme Le Goff, as imagens acadêmicas podem ser consideradas monumentos, mas também “vestígios, perpetuação do passado e instrumento de democratização da memória coletiva”<sup>47</sup>. As imagens que estão expostas nas paredes ou compondo os álbuns vão, através dos anos, espalhando lembranças nas vidas das secistas.

A imagem de Hairston presente em livro, jornal, revista ou emoldurada e afixada nas paredes do SEC “preservava [...] na memória de uma geração” seu trabalho religioso e “ação social”<sup>48</sup>. Nos Boletins Informativos, apareceu a imagem das alunas “com as togas das formaturas, celebrando as datas comemorativas dos ritos de iniciação”<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> BARROS, Armando Martins. Os Álbuns fotográficos com motivos escolares: Veredas ao olhar. GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org). **História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 119.

<sup>47</sup> LE GOFF, Jacques. “Documento – monumento.” In e LE GOFF, J. (org.). *Enciclopédia Einaudi*, vol. I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 223.

<sup>48</sup> ALMEIDA, Stela Borges de. **Negativo em vidro: Coleção de Imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930**. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 192

<sup>49</sup> ALMEIDA, Stela Borges de. **Negativo em vidro: Coleção de Imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930**. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 192.



Figura:2 - Da direita para a esquerda temos: 1. Áurea Rodrigues Pinto; 2. Não identificada, 3. Ruth Almeida Meneses, 4. Não identificado, 5. Pr. Lívio Lindoso, 6. Pr. Antônio Dorta, 7. Maxie Kirk 8. Pr. Munguba, 9. Mildred Cox, 10. Não identificado, 11. Não identificado, 12. Martha Elizabeth Hairston, em reunião na biblioteca do SEC<sup>50</sup>. Arquivo do SEC

O surgimento das imagens dos prédios acadêmicos remonta a meados do século XIX. Essas imagens passaram a ocupar o estatuto de:

Cartões-postais escolares, focalizando escolas de todos os níveis. Nelas, em sua maioria, encontramos imagens das fachadas dos prédios escolares e, no verso, propagandas sobre a excelência do ensino, da disciplina, da competência moralizadora e conteudística de seus professores.<sup>51</sup>

Nesses cartões-postais estão presentes diversos tipos de arquitetura. As mais refinadas e rebuscadas são vistas como uma instituição de qualidade e que anda lado a lado com os traços da modernidade, espaço onde é levada a sério a disciplina. A fachada é o espaço predileto para ser fotografado, tornando-se alvo da propaganda escolar. No início do século XX, as práticas acadêmicas, as atividades cotidianas e extraclasse passaram a ser focadas através das lentes dos fotógrafos. Registravam-se

<sup>50</sup> Colaboraram na identificação os missionários, Peggy Pemble Pr. Bruce Oliver.

<sup>51</sup> BARROS, Armando Martins. Os Álbuns fotográficos com motivos escolares: Veredas ao olhar. GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org). **História da Educação em Perspectiva:** ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, São Paulo; Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 122.

“as refeições disciplinadas, as formações diárias para o hasteamento da bandeira e canto do Hino nacional”<sup>52</sup>.

Os relatórios enviados destinavam-se a informar como se dava o funcionamento do SEC e da Casa da Amizade; serviam também como justificativas das suas ações. Os aspectos apontados no relatório compreendiam as decisões tomadas pela Junta administrativa, juntamente com Martha Hairston em benefício da instituição, bem como as dificuldades. Os relatórios apresentados à Junta Administrativa e Junta de Richmond eram de prestação de conta e de teor avaliativo; demonstravam como se dava sua organização, as bases sobre as quais estavam cimentadas e seu desenvolvimento.

As orientações técnicas e administrativas contribuía para o controle dos serviços acadêmicos prestados pela instituição. Os relatórios davam visibilidade às querelas ocorridas, aos problemas enfrentados e como se davam as apropriações. Na ótica de Chartier, "a apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.”<sup>53</sup>

Os documentos contribuem para elucidar os fatos, dando credibilidade à investigação. No gabinete da diretora localizou-se uma gama de documentação administrativa e pedagógica.<sup>54</sup>

Os elementos da cultura escolar e material encontrado, referentes ao período de 1953 a 1979, estão presentes na biblioteca do seminário. A mobília foi preservada e permanece em uso pelas alunas e pelo público em geral, os quais utilizam os serviços da instituição, revelando aspectos do processo acadêmico e o projeto aplicado pela missionária Martha Hairston.

---

<sup>52</sup>BARROS, Armando Martins. **Os Álbuns fotográficos com motivos escolares**; Veredas ao olhar. GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org). **História da Educação em Perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, São Paulo; Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005. p. 122.

<sup>53</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 15.

<sup>54</sup> A documentação usada está inserida no quadro das fontes.



As atas de reuniões dos professores tornaram-se fontes de análises. Nesses livros foram encontrados os debates travados sobre as mudanças no currículo, o projeto de construção do prédio e da Casa da Amizade, o processo de mudança e a implantação de outros cursos, as regras para o disciplinamento, as propostas acadêmicas para melhoria do ensino e a relação das igrejas onde as alunas exerciam as práticas pedagógicas. Eles permitem também analisar as relações de poder. Entre os elementos reveladores nesses registros foi possível visualizar: a autonomia do professor, da diretora, sua atuação e da Junta Administrativa e também os direitos e deveres das ex-alunas.

Em 2008, na perspectiva de conhecer o pensamento das ex-alunas, foi elaborado um roteiro (cf. Anexo 1) e enviados cerca de 30 questionários, por uma ex-aluna que teria encontro com outras na Convenção Batista Brasileira em São Luís-MA. Desses, apenas cinco foram respondidos. Foram enviados e-mails para as ex-alunas, com o roteiro das questões a serem respondidas. As temáticas a serem analisadas são: a sociedade da época, o perfil de Martha Elizabeth Hairston, relacionamento entre diretora, professores, funcionários e alunas e os valores transmitidos.

Lançamos mão da mesma metodologia para realizar a coleta de depoimentos junto aos ex-professores e missionários norte-americanos. Enviamos e-mail com roteiro de questões abertas (cf. anexo 2). Os temas recorrentes que serão analisados são: as práticas acadêmicas, seu relacionamento com alunas, professoras, funcionários e o perfil de Martha Hairston. Responderam aos questionários ex-alunas, funcionárias e missionárias norte-americanas. Nos anos de 2011 a 2013, questionários e e-mails continuaram sendo enviados para os sujeitos anteriormente mencionados. O resultado está no quadro a seguir.

Quadro 2 - Resultados do percentual dos questionários e e-mails enviados.

Categorias	Questionários			E-mails		
	Enviados	Retorno	Porcentagem	Enviados	Retorno	Porcentagem
Ex-alunas	30	05	16,6 %	30	12	40%
Ex-funcionárias	10	03	30 %	-	-	-
Ex-professores	10	04	40 %	-	-	-
Exmissionários norte-americanos	05	05	100 %	27	27	100%

Fonte: Questionários e e-mails enviados no período de 2008 a 2013.

Em Recife, a ex-aluna Léa Marques Paiva deu grande contribuição. Abriu portas, estreitou estradas, fez levantamento de fontes, registrou dados, enviou questionários e manteve contatos com as ex-alunas por meio de e-mails, cartas e telefone.

Com a missionária Peggy Pemble, residente na Flórida nos Estados Unidos da América, a estratégia foi diferente. O questionário não foi estruturado. As dúvidas ocorridas referentes à documentação foram sanadas por ela e por seus amigos missionários. Os documentos e os impressos não encontrados no Brasil foram solicitados via e-mail ou por telefone, no total de 20 telefonemas. Até o momento foram 350 e-mails. Cerca de cem textos sobre a educação batista foram postados nos Correios, cinco DVDs, 12 livros em inglês, um em espanhol, fotografias, e a cópia do passaporte de Peggy Pemble, o qual era similar ao de Martha Hairston.

Os arquivos do SEC têm uma grande quantidade de documentos, bem acondicionados, classificados e guardados. Não foi possível quantificar os documentos existentes nos arquivos do SEC. Os registros revelam as ações implantadas por Hairston. Existem documentos de domínio público; outros, como os periódicos impressos, estão em uma sala reservada para tal, enquanto outros documentos estão arquivados na sala da diretora, com acesso restrito.

Ainda existe o arquivo de Recursos audiovisuais utilizados pelas alunas nos trabalhos pedagógico-religiosos da Casa da Amizade e nas Igrejas de Recife. Seu acervo

está composto de: gravadores, fantoches, quadros ilustrativos, cânticos ilustrados, entre outros.

Quando o trabalho batista completou cem anos no Brasil, a Junta de Richmond presenteou os missionários norte-americanos que trabalhavam no país com uma medalha, constando a seguinte frase: 1º. Centenário das Igrejas Batistas Brasileiras-15-10-1882/ Salvador-Bahia 15-10-1982 (nesta face portava a representação dos cinco missionários pioneiros do trabalho batista no Brasil que foram: William Buck Bagby e Anne Luther Bagby; Zachary Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor e Antônio Teixeira de Albuquerque, trazendo a imagem da cidade de Salvador). No verso contornando a medalha imprimiu em inglês a frase: one hundred years of Southern Baptist Foreign Missions 1881-1981 (100 anos das missões estrangeiras batistas do Sul), e ao fundo o mapa do Brasil estava dividido, constando as três missões que foram implantadas: no Norte (Amazonas) Missão Equatorial, Missão do Norte do Brasil (nordeste) e Missão do Sul, aparecendo em relevo a cidade Serra Negra. Peggy Pemble confirma que “a medalha foi dada aos missionários pela Junta de Richmond no aniversário da abertura do trabalho batista no Brasil.”<sup>55</sup>



Figura 3-Medalhas representando os cem anos do trabalho batista no Brasil. Acervo-Peggy Pemble.

Os missionários filiados à Junta de Richmond foram presenteados com a medalha comemorativa do centenário dos batistas brasileiros. Nela está gravado o retrato dos pioneiros e em alto relevo o Brasil. O broche é um distintivo da União Feminina

<sup>55</sup> Peggy Pemble, missionária norte-americana da Junta de Richmond, enviado por e-mail em 25/junho de 2012.

Missionária, que une todas as organizações femininas Missionárias no Brasil e no mundo.

Os missionários também receberam um broche<sup>56</sup> onde está escrito: Centenário do Trabalho Batista no Brasil. Abaixo no círculo, aparece em inglês: *Centenary of Baptist Work in Brazil*; no centro está a imagem do mapa do Brasil 1882-1982 /100 anos.

Ao fazer o cotejamento das fontes, algumas informações eram truncadas. Na perspectiva de encontrar mais esclarecimentos sobre os dados obtidos, recorreremos aos depoimentos dos seguintes missionários norte-americanos: Peggy Pemble, Edith Vaughn Parker, Clara Lynn Williams, Marilois Kirksey, Lou Bible, Mary Witt, Donald Turner, Bruce Oliver e Aernestina Camp (amiga de Hairston). Através de e-mails esses enviaram testemunhos sobre a vida e saúde de Martha Hairston.

Ao realizar o levantamento das fontes bibliográficas, foi possível perceber a inexistência de trabalhos que estudassem os projetos empreendidos por Hairston. Sendo assim, foi necessário pesquisarmos nos documentos existentes nos acervos da instituição, da Junta de Richmond, nos arquivos particulares dos ex-missionários. Lançamos também

mão das memórias da família e dos amigos da outra América, para a escrita da história do SEC.

Além desses, pesquisamos também nos arquivos privados e públicos, localizados em Recife: no Arquivo Público do Estado de Pernambuco, na Biblioteca Pública de Pernambuco e Diário de Pernambuco, na Fundação Joaquim Nabuco, na Biblioteca do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB), na Universidade Federal de Pernambuco e na Convenção Batista Pernambucana (CBP).

---

<sup>56</sup> No ano de 1976, Peggy Pemble recebeu um broche (na Rodésia), de uma senhora africana que era membro da União Feminina Missionária (UFM). O broche, de forma oval, portava o seguinte distintivo: “MUSANGANO WAMA DZIMAI E BAPTIST” que ladeava uma tocha, um livro aberto, e o globo com os mapas do Brasil e dos Estados Unidos. O emblema nos mostra que a organização de mulheres, ou seja, União Feminina Missionária (UFM) está presente em vários países do mundo desenvolvendo trabalhos similares ao do Brasil.

No acervo do Seminário de Educadoras Cristãs (SEC), encontramos documentos que subsidiaram a escrita deste estudo. Na biblioteca do SEC foram encontrados os seguintes documentos: jornais, prospectos, boletim informativo. Conforme Cervino, a biblioteca “possui 8.568 volumes de livros<sup>57</sup>, 175 títulos de periódicos e mais 4.101 unidades de recursos audiovisuais”<sup>58</sup>, autobiografia (livros, será feita uma análise para se estudar cotidiano do SEC), revistas, documentos diversos, Audit,<sup>59</sup> reports todos em inglês e livro de tombo.

No início da pesquisa, foram procurados documentos que repondessem às indagações, preenchessem as lacunas e quebrassem o silêncio; contudo não foram encontrados. Consultamos também algumas pessoas que trabalharam com a missionária Martha Hairston, e percebemos que elas não demonstravam interesse de se envolver com a pesquisa. E provavelmente optaram para manter a integridade da missionária, por respeito, por não terem conhecimento, ou por não sentirem-se autorizadas para responder a tais perguntas.

Sem esperança de encontrar respostas para as indagações propostas enviamos um e-mail para a missionária Clara Lynn Williams (missionária aposentada pela Junta de Richmond, residente no Tennessee-Estados Unidos), relatando as dificuldades em encontrar fontes que respondessem aos questionamentos específicos. Williams, então, manteve contato com a missionária norte-americana Peggy Pemble sobre o assunto.

No dia 11 de março de 2011, recebi uma carta de Pemble colocando-se à disposição para dirimir as dúvidas. Os contatos foram realizados diariamente por endereço eletrônico ou postal.

As minissionárias Clara Lynn Williams, Marilois Kirksey e Lou Bible contribuíram para aquisição dos dados. No Brasil, os contatos são feitos com ex-alunas residentes no Rio de Janeiro-RJ, Aracaju-Sergipe, Salvador-Bahia, Recife-Pernambuco, Teresina-

---

<sup>57</sup> Percebi que existem duas informações sobre a quantidade de livros nos arquivos do SEC que na década de 1970 a biblioteca possuía 10 mil e Cervino confirma 8.568 livros.

<sup>58</sup> Ycléa Cervino. Folder- relatório anual do SEC, ano 1979.

<sup>59</sup> Peggy Pemble explicou que “Audit committe” quer dizer um grupo para examinar a contabilidade. E-mail enviado em 8 de junho de 2012.

Piauí, São Luís - Maranhão, Uberlândia-Minas Gerais, Manaus-Amazonas e João Pessoa-Paraíba.

Nos Estados Unidos da América foi realizado um levantamento de dados pelas missionárias: Peggy Pemble, Marilois Kirksey, Rita Roberts, Edie Jeter – na *Internacional Mission Board Souther Baptist Convention* (Junta de Richmond) e nos arquivos particulares dos seguintes missionários:

Quadro 3-Lista dos missionários que enviaram documentos para a pesquisa

Missionários	
Betty Tennison	Ida Mae Hays
Betty Virgínia Spiegel	John Addison Tumblin Jr.
Boddy Dunn	Jon Merryman
Bruce Oliver	Júlia Ketner
Cindy Johnson	Lou Bible
Clara Lynn Williams.	Maggie Nell
David Spiegel	Marilois Kirksey
David Parker	Marta Spiegel
Dr. Donald Turner	Mary Lois (Summers)Sanders
Edie Jeter	Mary Witt
Edith Vaughn Parker	Mary Hines
Earnestine Camp (Amiga de Hairston)	Peggy Pemble
Grayson Tennison	Rita Roberts
Ira Louise Donaldson	-

Fonte: Nomes retirados dos e-mails enviados nos anos de 2011 e 2012.

Não foi encontrada na imprensa secular pernambucana informação sobre o SEC. Acredita-se que pelo fato de a instituição ter acesso a O Jornal Batista, ao rádio, à televisão; e como a instituição teve visibilidade, e por ser um seminário batista, a imprensa secular não demonstrou interesse em divulgar suas instalações, programa e permanência. Naquela época, continuavam os conflitos entre protestantes e católicos, desfavorecendo ainda mais a divulgação do SEC na imprensa pernambucana.

Através dos impressos e da imprensa foi possível identificar os objetivos do SEC e as práticas pedagógicas tais como: as festas, formaturas, os campos de trabalho das alunas e as ações de Hairston. Nessa instituição, Hairston imprimiu sua cultura e seus valores – moral e cívico –. Nessa perspectiva é que este estudo contribuía para elucidar

aspectos da cultura acadêmica e do projeto implantado por Martha Hairston no Seminário de Educadoras Cristãs, no início da segunda metade do século XX em Recife- Pernambuco.

## CAPÍTULO I

### UMA INCURSÃO ÀS CONCEPÇÕES TEOLÓGICAS, FILOSÓFICAS E EDUCACIONAIS DO PROTESTANTISMO DE MARTINHO LUTERO E CALVINO NOS SÉCULOS XVI – XVIII

Neste capítulo, foram analisados os fundamentos educacionais, teológicos e filosóficos do protestantismo na modernidade. Propõe-se também analisar as origens do protestantismo do ramo batista no Brasil e a trajetória do Seminário de Educadoras Cristãs, a partir do ano de 1917. Durante as pesquisas constatou-se que o pensamento europeu aponta para duas vertentes: o cristianismo e o luteranismo.

Na perspectiva de ampliar o debate sobre a Reforma Protestante, será realizada uma contextualização ao movimento reformista iniciado por Martinho Lutero<sup>60</sup>, em outro momento por Calvino. Ambos tiveram suas ideias (religiosas, teológicas, filosóficas e pedagógicas) disseminadas no continente europeu. Martinho Lutero tornou-se um personagem que suscita muita discussão. Para uns é o “monge renegado que se dedicou a destruir as bases da vida monástica”<sup>61</sup>, para outros, “ele é o grande herói que fez voltar, uma vez mais, a pregação do evangelho puro, é o paladino da fé bíblica, o reformador de uma igreja corrompida”<sup>62</sup>. Na análise de González,<sup>63</sup> Lutero é considerado rude e erudito ao mesmo tempo, possuidor de um vasto conhecimento.

---

<sup>60</sup> Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, Alemanha, onde seu pai, de origem camponesa, trabalhava nas minas. Não foi feliz na infância, seus pais eram severos com ele, mais tarde contava com amargura os castigos que lhe foram impostos. Foi vítima de depressão profunda. Na sala de aula suas experiências não foram as melhores [...] se queixava de como o golpeavam por não saber suas lições. Não restam dúvidas de que estas marcas foram permanentes no caráter de Martinho Lutero. GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.p. 30.

<sup>61</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011.p. 28.

<sup>62</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 28.

<sup>63</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011.



Expressava-se muito bem, tanto no latim como no alemão, possibilitando-lhe defender seu pensamento, quando considerava verdadeiro e importante.

A reforma religiosa se deu no século XVI, na Alemanha, causando um cisma na Igreja Católica, possibilitando o surgimento de outras igrejas cristãs. As atitudes de Lutero impactaram a sociedade, e as circunstâncias vivenciadas favoreceram inconscientemente a reversão do quadro que parecia levá-lo a um julgamento. A invenção da imprensa permitiu que todos conhecessem seu pensamento e o crescente nacionalismo Alemão, apoiou o reformador, “as circunstâncias políticas no começo da reforma foram alguns dos fatores que impediram que fosse condenado imediatamente”.<sup>64</sup>

Martinho Lutero acreditava que as transformações se davam por meio da conscientização e da observância dos ensinamentos bíblicos. Esperava o momento de lançar seu desafio e para isso “compôs 95 teses que deviam servir de base para seu debate acadêmico. Lutero atacava vários princípios fundamentais de teologia escolástica<sup>65</sup>[...]”.

Partindo desse pressuposto, revelou seu pensamento em momentos e datas diferenciadas: “A primeira contestação oficial de Lutero aconteceu quando ele publicou, em 1517, as 95 teses escolásticas e esperava uma oportunidade de “dar a conhecer sua descoberta ao restante da igreja”<sup>66</sup>. Insatisfeito com sua repercussão no círculo acadêmico, decidiu escrever outras teses, mesmo pensando que não despertaria a atenção do povo. Pelo contrário, causou uma revolução sem limite, envolvendo toda a Europa na problemática. González assevera:

---

<sup>64</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 40.

<sup>65</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011.p.40.

<sup>66</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011.p.40.

A venda de indulgências que Lutero atacou fora autorizada pelo papa Leão X, e nela estavam envolvidos os interesses econômicos e políticos da poderosíssima casa dos Hohenzollen, que aspirava à hegemonia da Alemanha. Um dos membros dessa casa, Alberto de Brandemburgo, já tinha duas sedes episcopais e desejava ocupar também o arcebispado de Mainz, que era o mais importante da Alemanha. Para isso, pôs-se em contato com Leão X, um dos piores papas daquela época de papas indolentes, avarentos e corruptos. Leão X fez saber que, em troca de dez mil ducados, estava disposto a conceder a Alberto o que ele lhe pedia. Visto que essa era uma soma considerável, o papa autorizou Alberto a proclamar uma grande venda de indulgências em seus territórios, em troca de que a metade do produto fosse enviada ao erário papal. Parte do que sucedia era que Leão X sonhava com o término da basílica de São Pedro, iniciada por seu predecessor Júlio II, cujas obras marchavam lentamente por falta de fundos. Assim, a grande basílica que hoje é o orgulho da igreja romana foi uma das causas indiretas da Reforma protestante.<sup>67</sup>

O papa autorizava a venda de indulgências desde que parte do lucro fosse revertida para atender aos seus interesses políticos. João Tetzel fazia propagandas errôneas com o intuito de vender sua mercadoria. Sua postura causava “repugnância”, pois enganava as pessoas apresentando as indulgências como milagrosas.

Além de Lutero, os nacionalistas não aceitavam a situação; viam no procedimento usado por Roma a exploração do povo alemão. Ao mesmo tempo condenavam as festas, os luxos e os gastos dos recursos que os pobres conquistaram com sacrifícios. Lutero resolveu expor as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg. Seu objetivo era causar comoção e revolta, por serem explorados pelos estrangeiros. E atacando a venda de indulgência, os projetos dos poderosos perderiam a credibilidade, vindo conseqüentemente o insucesso.

Diante da revolta que foi instalada, Lutero foi convocado. Temia pela própria vida, mas alegrou-se ao perceber o aumento de conversos as suas doutrinas. Por fim, Lutero rompeu com a igreja, com o imperador e queimou a bula juntamente com seus livros.

---

<sup>67</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 33.

No final foi convidado a “retratar-se”, mas respondeu em alemão dizendo: “Não posso e nem quero me retratar de coisa alguma, pois ir contra a consciência não é justo nem seguro. Deus me ajude. Amém”<sup>68</sup>.

Calvino iniciou seu ministério na Suíça e posteriormente alcançou outros Estados como: Escócia, França e Inglaterra. Calvino deu continuidade ao seu ministério religioso, até o ano da sua morte, em Genebra-Suíça em (1564). O quadro a seguir apresenta os princípios dos reformadores Lutero e Calvino.

Quadro 4- Demonstrativo das características da Reforma

Reformadores	Princípios	Pensamento
Martinho Lutero	A Salvação vem pela fê e não pelas ações. A bíblia é a única fonte de consulta para o estabelecimento de normas.	Liberalismo
João Amós Calvino	Predestinação Sola Scriptura-Suficiência da Escritura. Defesa da Teologia Aliancista e os Sacramentos como meio de graça, Ceia e batismo, incluindo o batismo infantil.	Humanismo e Liberalismo

Fonte: SCHMIDT Mário Furley. **Nova História crítica: moderna e contemporânea**. São Paulo: Ed. Nova Geração, 1996.p.56.

### 1.1 - Martinho Lutero e a Educação

Outro aspecto tratado por Lutero foi a educação. Enquanto discursava sobre as reformas que deveriam acontecer no interior da Igreja Católica, refletiu sobre o entrelaçamento da religião e educação. Nesse movimento revelou a:

Educação básica seria a pilastra para sustentar esse novo edifício. Não se omitiu, mas, ao contrário, reivindicou das autoridades a criação de um sistema educativo - uma escola universal para todos, em especial para os filhos e filhas dos camponeses, sujeitos às mais frágeis das mudanças ocorridas.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa**. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 40.

<sup>69</sup> JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

No novo contexto da reforma, o povo precisava ter acesso ao mundo das letras. Ser alfabetizado significava ter liberdade, compreensão da mensagem bíblica, inserção na esfera educacional e religiosa. A leitura e a escrita seriam os pilares das reformas propostas por Lutero. Os protestantes utilizaram-se dessas estratégias para expandir e consolidar o trabalho religioso.

Os dois reformadores – Martinho Lutero e João Calvino – eram portadores de um pensamento inovador, “reunindo teoria e prática;” suas orientações serviam para a vida. No campo educacional, apresentaram projetos que favoreceram o povo. Os ensinamentos de Lutero e Calvino possibilitaram “a criação de um novo sistema escolar que defendia direito universal à educação”<sup>70</sup>.

O currículo das escolas valorizava o homem na sua essência e a manutenção da fé. A educação proposta era a educação universal direcionada a todos. A nova Pedagogia de Lutero apontava para algo transcendente, ou seja, o homem mantinha uma vida religiosa, procurando cumprir os ensinamentos bíblicos atendendo ao chamado de Deus.

O protestantismo produz asceticismo, incutindo na mente o entendimento de que ele está no mundo, mas não usufrui de tudo que está posto a sua volta. Para Weber, “[...] ele adentrou-se no mercado da vida, fechou a porta do mosteiro, tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com a sua meticulosidade, e amoldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele”<sup>71</sup>.

Para não ir de encontro ao que a bíblia ensina, o cristão mantinha-se distante. Esse afastamento caracterizava obediência aos princípios que adotava, renegando a prática de tudo aquilo que não condizia com sua fé religiosa. Esta forma de agir do cristão incumbia responsabilidades social, civil e religiosa, que refletiam na educação europeia. “Essa responsabilidade funciona como vocação do crente para viver a serviço do mundo”<sup>72</sup>.

---

<sup>70</sup> JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

<sup>71</sup> WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1983. p. 109.

<sup>72</sup> JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 72.

## 1.2-Princípios educacionais de Lutero

Os princípios educacionais<sup>73</sup> de Lutero apontavam para a criação de um novo sistema de ensino, uma escola para todos, pública e obrigatória. Propunha também a criação de escolas para as mulheres e a valorização da educação infantil.

Na concepção de Lutero, o ensino deveria ser universal. Todos teriam acesso à escola, independentemente da condição social ou gênero. Não propôs a coeducação, mas sim atividades diferenciadas; para meninos, ensino de um ofício, para as meninas, o aprendizado de atividades domésticas. Para ele, a educação escolar deveria ser de responsabilidade do Estado. “Não ao macro-Estado, mas às instituições políticas locais, principalmente nas cidades”.<sup>74</sup> Manacorda coaduna com as proposituras de Lutero dizendo:

Testemunho da força também educativa da Reforma no plano político é o fato de que a própria autoridade imperial teve de assumir esta nova concepção de uma escola pública para a formação dos cidadãos ou, pelo menos, dos governantes. [...] é, porém, de grande importância histórica a tomada de consciência do valor laico, estatal da instrução, concebida não mais como algo reservado aos clérigos, mas como fundamento do próprio Estado.<sup>75</sup>

Os ideais de Lutero aos poucos foram tomando forma e repensados pelos líderes políticos. Sua doutrina era abrangente, alcançando alguns segmentos diferenciados da sociedade, e problematizava o papel do Estado, revelando que a educação do povo, da mulher, da criança, enfim, o sistema de educação deve ser gerido pelo Estado e não pela igreja. A reforma instituída por Lutero enfatizava a vinculação da escola com o trabalho e o estudo; ou seja, o aluno deveria aprender um ofício [...] <sup>76</sup>. Esse sistema foi implantado na Alemanha e estimulou outros países a organizarem seu sistema

<sup>73</sup> JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 31-69

<sup>74</sup> ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo: Sinodal, 1994, p.203.

<sup>75</sup> MANACORDA, Mário A. A Educação nos Quinhentos e Seiscentos. In: **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 199.

<sup>76</sup> Cf. ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**. São Paulo: Sinodal, 1994, p.205.

educacional público. Lopes concorda que: “Modernamente, a educação torna-se pública nos países pelo movimento da Reforma”<sup>77</sup>.

### 1.3 - Princípios educacionais de João Calvino

Os princípios adotados por Calvino para o sistema educacional estão intimamente ligados ao seu pensamento teológico. Para Calvino, educar quer dizer “tirar de dentro para fora”, ou seja, o indivíduo estimulado passa a desenvolver suas aptidões, sua criatividade e conhecimentos. Gabriele Greggerson revela que, a partir de Calvino, “o sistema de ensino passou a ser não apenas público e gratuito, mas também compulsório, em Genebra”<sup>78</sup>. A educação possibilita ao homem ter conhecimento secular e também o teológico, que favorece conhecer a Deus. Esse é o motivo pelo qual Calvino defende que todos devem ter acesso à educação, mesmo que sejam obrigados.

Na teoria de Calvino, destaca-se a disciplina “onde as crianças têm que obedecer a seus pais, a seus mestres e a todos os outros homens com autoridade sobre elas”<sup>79</sup>. Para Calvino, o tripé religião, disciplina e moral está presente em todas as esferas da vida humana, o que possibilita maior conhecimento de Deus, favorecendo a manutenção de um bom relacionamento com o próximo. O mapa a seguir nos ajuda a identificar as reformas protestantes ocorridas na Europa no século XVI.

---

<sup>77</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Origens da educação pública: a instrução na revolução burguesa do sec. XVIII**. São Paulo: Loyola, 1981, p.14.

<sup>78</sup> GREGGERSEN, Gabriel. **Perspectivas para a educação cristã em João Calvino**. Fides Reformata. São Paulo, v.7, n.2, p. 61-83, 2002.

<sup>79</sup> COETZÉE, J.Chr. Calvino y el estudio. In: HOOGSTRA, Jacob T. Juan Calvino: **profeta contemporâneo**. Barcelona. Tarrasa, 1973. p. 199-229 . (Tradução de Paulo Henrique Vieira).



Figura 5: Mapa da expansão do protestantismo no século XVI

Fonte: ARRUDA, J. J. **Nova história moderna e contemporânea** São Paulo: EDUSC-Bandeirantes. 2004.

#### 1.4 - Lutero e o pensamento moderno

A Reforma Protestante surgiu na Alemanha no século XVI como um movimento de ordem religiosa e posteriormente envolveu-se com outros campos: político, econômico, cultural e social. Na época, estava em declínio a sociedade Medieval e surgia o início do Movimento Renascentista, que começou a “tomar corpo de Modernidade com quase todas as suas características: a secularização, individualismo, o domínio da natureza, o Estado moderno (territorial e burocrático), a afirmação da burguesia e da economia capitalista no sentido próprio [...]”<sup>80</sup>.

<sup>80</sup> CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 243.

Nesse período, Martinho Lutero, mentor intelectual da Reforma Protestante, descontente com a organização da igreja, resolveu propor reestruturação. Os embates aconteciam quando se referiam à relação Igreja e Estado. Na tentativa de convencer seus pares, recorreu à Escritura Sagrada, que revelava o novo modo de pensar a igreja, afirmando que as questões política e social precisavam ser revistas. Lutero fez severas críticas aos pressupostos em que as autoridades da igreja se apoiavam, como o poder absoluto do papa, as práticas da Igreja, o domínio da igreja sobre o poder secular, o direito exclusivo sobre a interpretação da Bíblia e o privilégio de que apenas o papa poderia convocar um concílio. Diante do exposto, a Igreja demonstrou preocupação e fez uma defesa em favor das autoridades seculares.<sup>81</sup>

Num segundo momento, Lutero, por meio dos seus conhecimentos teológicos e políticos, conseguiu tratar sobre o poder secular, influenciando a monarquia absolutista e outras autoridades seculares. Segundo Skinner, “a etapa final e realmente decisiva na evolução do luteranismo como ideologia política se alcançou quando as autoridades seculares, que de início apenas roçavam a heresia, passaram a exigir dos súditos a aceitação de suas novas ordenações quanto à Igreja”<sup>82</sup>. Lutero tinha experiência e conhecimento sobre as questões teológicas. Os anos de convivência com a igreja contribuíram para sua compreensão acerca dos problemas existentes. Sentia-se capaz de discutir assuntos concernentes às questões religiosas e políticas, responsabilizando, inclusive, as autoridades seculares a cumprir bem seu papel e suas funções.

Alguns teóricos demonstravam interesse em saber o ponto de vista de Lutero em relação ao Estado e se suas reflexões estavam arraigadas à mentalidade medieval e ao papel do Estado. Skinner diz que

[...] as doutrinas políticas de Lutero, e as premissas teológicas em que elas se fundavam, estavam filiadas e bastante perto das numerosas tradições bem arraigadas ao pensamento medieval tardio. Tão logo

---

<sup>81</sup>Cf. SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.296-297.

<sup>82</sup> SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.370.



Lutero vozeou seu protesto, os expoentes dessas tradições tenderam a ser arrastados pelo movimento de reforma religiosa, reforçando-o com sua presença e concorrendo para garantir que a mensagem luterana fosse primeiro, ouvida e analisada com certa simpatia, e assim pudesse adquirir uma influência imediata e bem difundida [...]<sup>83</sup>].

Os saberes possuídos por Lutero estavam presentes nas tradições e permeados pela mentalidade medieval. No entanto, convicto da sua fé e coragem de enfrentar a Igreja, influenciou outras vidas. O discurso de Lutero e a causa que abraçou tornaram-se tão verdadeiros e reais que com sua postura as autoridades entenderam a importância de refletir sobre a prática da Igreja.

Lutero expôs suas preocupações em relação ao homem. As temáticas discutidas junto à Igreja, às autoridades seculares e ao povo se reportavam às transformações que aconteciam no seu século<sup>84</sup>. A Reforma Protestante contribuiu para a sistematização das concepções modernas do Estado, deixando uma herança cultural “com uma variedade de teorias políticas e visões: incluindo conceitos de autoridade, liberdade, consciência, vocação, cidadania, estado, sociedade, guerra justa e justiça distributiva”<sup>85</sup>. César Camargo faz menção à teologia protestante, mostrando sua relevância como um elemento que legitimou o nacionalismo europeu e assim fortaleceu o Estado secular.<sup>86</sup> Lutero, através de suas propostas, fixou um marco entre Igreja e Estado, fazendo uma distinção do seu papel e funções legais.

### 1.5- O surgimento dos batistas no contexto da reforma

Os primórdios do protestantismo remontam ao século XVI, quando Lutero protestou contra o sistema e os princípios da teologia escolástica. O monge discordava de algumas práticas romanistas. A partir desse movimento surgiram grupos protestantes no mundo com diferentes características, teológicas e filosóficas. Conforme Azevedo

<sup>83</sup> SKINNER, Quentin. **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Trás, 1996, p.303.

<sup>84</sup> Cf. CAMARGO, César. **Visão de Estado e o pensamento da Reforma Protestante**. Revista Grifos: dossiê religião, Chapecó-SC, n. 17, Nov. 2004.

<sup>85</sup> COOPER, John W. The outlines of political theology. In the Protestant Reformation. **Teaching Political Science**, Beverly Hills, v. 10, n.1, p.43-51, 1982.

<sup>86</sup> CAMARGO, César. **Visão de Estado e o pensamento da Reforma Protestante**. Revista Grifos: dossiê religião, Chapecó-SC, n. 17, Nov. 2004.

O nascimento do protestantismo no Brasil faz parte também de um movimento histórico, por independentes ligados à descoberta do(s) continente(s) latino-americano (s), como natureza a ser explorada, terra a ser cultivada, economia a ser perifericizada, cultura a ser dominada e povo a ser convertido<sup>87</sup>.

Foi com essa mentalidade que os norte-americanos investiram na evangelização (entendiam-se possuidores de uma visão salvacionista). O trabalho realizado no Brasil apresentou bons resultados. Portanto, não é possível ignorar um pensamento originário do liberalismo<sup>88</sup> europeu e evoluído no interior do voluntarismo,<sup>89</sup> do individualismo norte-americano capaz de inserir o Brasil na modernidade, até então dominado pelo pensamento do clero romano. Mesmo não sendo integrado ao liberalismo, a defesa da liberdade e a separação do estado são pontos relevantes e incontestáveis entre os batistas

Para entender a história dos batistas, é importante conhecer os princípios norteadores e as teorias<sup>90</sup> registradas na história dos batistas que explicam suas origens. As três teorias (mais aceitas) que procuram analisar a história da igreja primitiva são: a) A sucessionista ou Jerusalém, Jordão, João (JJJ), b) os anabatistas, c) os separatistas ingleses.

Foram apontadas as três correntes em que estão cimentadas as origens batistas. Nessa caminhada, pretende-se responder a alguns questionamentos, tais como: De onde vêm os batistas? Quais seus preceitos? Como se deu a instalação dos pioneiros em terras brasileiras? Qual sua trajetória, de onde vieram e como chegaram até nós? O pensamento de Oliveira instigou-nos a continuar buscando respostas para o

<sup>87</sup> AZEVEDO, Israel Belo. **A celebração do indivíduo: O pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unicamp; São Paulo: Exodus, 1996.p. 150.

<sup>88</sup>Para Azevedo, o liberalismo é um sistema de pensamento que valoriza a livre expressão da personalidade individual, a capacidade humana em tornar essa expressão em algo útil para o indivíduo e a sociedade e que defende as instituições e práticas que protegem e nutrem a livre expressão e a confiança nesta liberdade. Ou, é “uma nova filosofia, uma nova ética, uma nova teoria jurídica e uma nova política” pela qual, “explorando as profundezas de sua subjetividade”, o homem firma a partir do século XVII, “o princípio da liberdade de consciência, indispensável à sua salvação e realização plena”. Cf. SMITH, David Gueiros. Liberalismo. Em: Enciclopédia Internacional de las Ciencias Sociales. Bilbao: AR, 1975, V.5-6 P. 579-584; AZEVEDO, Israel Belo. **A celebração do indivíduo: O pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora Unicamp; São Paulo: Exodus, 1996.p. 19. BARROS, Roque Spencer Maciel de. **Introdução à filosofia liberal**. São Paulo: Grijalbo, 1971, p.27

<sup>89</sup> TAYLOR, William Carey. **Que significa ser batista**. S.n.t., 1939. pp.5-18

<sup>90</sup> O termo teoria significa etimologicamente “ação de contemplar, examinar”, mas pode também ser entendido como conhecimento especulativo, que alguns confundem com suposição ou hipótese. No caso, o termo se refere a diferentes interpretações, de acordo com diversas correntes de pensamento.

questionamento: Qual a origem dos batistas? Para alguns teóricos, os batistas herdaram alguns princípios dos anabatistas, mas “faltam comprovações históricas às duas primeiras alternativas”<sup>91</sup>, que serão analisadas durante este estudo, ancorado nas contribuições de alguns historiadores batistas, tais como: Machado (1937), Torbet (1959), Sellaró (1987), Azevedo (1996), Oliveira (1997), Pereira (2001).

#### **a. A primeira teoria é a sucessionista ou “Jerusalém, Jordão, João” (JJJ)**

Surgiu no século XVIII, por volta de 1738 ou 1740. Para Thomas Crosby, os batistas vêm da linhagem dos cristãos primitivos, simpatizantes de João Batista e seguidores de Jesus Cristo. Essa corrente “coloca o início do grupo nos dias que antecederam o período apostólico,” vindo daí sua designação – Jerusalém – Jordão – João.<sup>92</sup>

#### **b. A teoria da relação espiritual com os anabatistas**

Alguns teóricos defendem que os batistas vieram dessa linhagem. Os anabatistas surgiram na Suíça e na Alemanha no século XVI. Conforme Shaly, suas principais doutrinas caracterizam-se dessa forma:

[...] os anabatistas davam ênfase à simplicidade, santidade e às boas obras. Negavam o ensino generalizado do pecado original, ensinando que a fraqueza humana inerente ao recém-nascido não constituía pecado em si. A fé consistia em confiança na misericórdia de Deus e obediência aos seus preceitos, conforme revelados por nosso Senhor Jesus Cristo, e rejeitaram a doutrina da predestinação<sup>93</sup>.

A doutrina defendida pelos anabatistas difere do pensamento batista, uma vez que os batistas creem que a salvação se dá por meio da fé em Jesus Cristo, não por obras. No plano espiritual, todos pecaram, portanto, precisam da graça e da misericórdia de Deus.

---

<sup>91</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Liberdade e exclusivismo**. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997. p.212.

<sup>92</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Liberdade e exclusivismo**. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997. p.212.

Cf. TORBET, Roberto G. *Súmula do Livro – A History of the Baptists*. Leiria-Portugal: Edições Vida Nova, 1959. p. 33.

<sup>93</sup> SHALY, Harold. **Teses Pastorais: movimento anabatista radical do século XVI**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962. p. 64

### c. A Teoria dos separatistas ingleses

Esta tese é defendida por Henrique C. Vedder, Roberto G. Torbet e Augustus Hopkins Strong, os quais asseveram que os baptistas tiveram sua origem em “certos separatistas ingleses”, dos séculos XVI e XVII. Marcados por característica congregacional, foram convencidos de que o batismo “só era válido quando se seguia a regeneração, segundo o Novo Testamento”.<sup>94</sup> Oliveira corrobora que “os batistas vieram dos separatistas, que dissentiram da Reforma Anglicana”<sup>95</sup>. Outro historiador que saiu em defesa dessa teoria foi Kenneth Scott Latourette, em cujos estudos concluiu que existem três razões para acreditar nessa teoria:

1º. Ela não violenta os princípios da exatidão histórica, como fazem os que procuram afirmar uma continuidade definida entre as seitas primitivas e os batistas modernos. 2º. Os batistas não partilham com os anabatistas a aversão destes pelos juramentos e pelos cargos públicos e nem adotaram as doutrinas anabatistas como o pacifismo, o sono da alma e a necessidade da sucessão apostólica para a ministração do batismo<sup>96</sup>.

Existem divergências quanto à origem dos batistas. No entanto, é importante lembrar que cada uma dessas teorias traz algo que pode ser aproveitado. Esse debate contribui para maior clareza dos princípios batistas. Convém salientar que a nomenclatura “Batista,” na visão de Pereira, “é um rótulo, uma designação cômoda, um apelido adotado por inimigos do povo batista, com o objetivo de melhor caracterizá-los [...]”<sup>97</sup>. Os protestantes do ramo batista reconhecem que o mais importante para eles é ser fiel e obedecer ao seu Senhor. Os princípios que norteiam a crença desses conversos estão calcados na Bíblia Sagrada.

Os batistas, desde seus primórdios, disseminaram o evangelho, seja na prática de prestar culto a Deus, na realização de estudos na Escola Bíblica Dominical (EBD), na

<sup>94</sup> Cf. TORBET, Roberto G. *Súmula do Livro - A History of the Baptists*. Leiria-Portugal: Edições Vida Nova, 1959. p. 35.

<sup>95</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Liberdade e exclusivismo**. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997. p.212.

<sup>96</sup> Cf. PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.14.

<sup>97</sup> Cf. PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.14.

valorização da leitura da Bíblia ou no uso da música na igreja. Ainda nesse período houve sucessivas dissensões entre grupos, e num tom pejorativo cognominaram de batistas, na tentativa de provocá-los. No entanto, o objetivo não foi alcançado. Com o passar do tempo, o nome foi assimilado sem maiores problemas até a atualidade.

Os Anais da Convenção Batista Brasileira (CBB) caracterizam os batistas como:

A pessoa convertida, regenerada pela ação do Espírito Santo, salva mediante a graça de Deus e a fé em Jesus Cristo, e que se submete à soberania de Cristo; une-se a uma igreja da mesma fé e ordem; [...]. presta culto a Deus, e somente a ele; crê na autoridade da Palavra de Deus-sua única regra de fé e prática-e na competência do indivíduo perante Deus<sup>98</sup>.

Os batistas trazem na sua essência um sistema de doutrinas que norteiam sua crença. Entretanto, considera que o homem tem livre arbítrio, podendo aceitar ou rejeitar os ensinamentos bíblicos.

Os batistas consideram como inalienável a liberdade de consciência, a plena liberdade de religião de todas as pessoas. O homem é livre para aceitar ou rejeitar a religião; escolher ou mudar sua crença; propagar e ensinar a verdade como a entenda [...]; cultuar a Deus tanto a sós quanto publicamente [...]. Tal liberdade não é privilégio para ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo Estado, nem por qualquer outro grupo religioso – é um direito outorgado por Deus.<sup>99</sup>

Os batistas defendem a ideia de que nenhum grupo religioso tem o direito de impor sua crença. Outro fator que contribuiu para a divulgação do evangelho foi a participação do povo no culto e a compreensão do que estava sendo lido e ensinado por meio do uso da Bíblia e dos cânticos. O estímulo para o estudo contribuía para a conversão à nova religião. Segundo Azevedo,

[...] os batistas cingiram suas estratégias em função daquilo que chamaram de evangelização direta, confrontando as pessoas e exigindo delas uma decisão imediata, abriram escolas (a maioria de propriedade de pessoas ou igrejas locais), mas nunca chegaram a constituir uma universidade. Os batistas estavam mais preocupados em equipar seus membros para a leitura da Bíblia e em converter

<sup>98</sup> Anais da Convenção Batista Brasileira, 1994, p. 153.

<sup>99</sup> **Coletânea Em que crêem os Batistas**- Documentos Batistas. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 15 (Estudos Temáticos).JUERP-Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

diretamente do que em influenciar. [...]. Os batistas, sem esquecer as metrópoles, se embrenharam nas selvas. Por isso, a exemplo dos presbiterianos, seu crescimento foi geograficamente homogêneo, urbano onde as cidades eram fortes e rural onde o campo era forte.[...] os batistas em função mesmo do diminuto número de imigrantes norte-americanos de sua confissão, escolheram o país inteiro como seu campo de conquista. No entanto, mesmo os brasileiros mantiveram uma discreta reverência e um permanente vínculo aos seus pais na fé, no caso, na linguagem interna, os “irmãos” batistas, “da outra América”<sup>100</sup>.

Os batistas se estabeleceram no Brasil em 1882. Nessa época houve grande desenvolvimento do protestantismo norte-americano e, em particular, dos batistas. Os missionários traziam consigo o desejo de evangelizar e civilizar os brasileiros – disseminar seu jeito democrático de ser e sua visão de progresso. Para difundir seus ideais, utilizou-se de variadas estratégias, entre as quais estava o trabalho dos colportores (vendedores de bíblias), que, de volta ao seu país, testemunhavam sobre o Brasil e suas necessidades. A ideia dos batistas era mostrar as diferenças existentes entre o catolicismo e outros grupos protestantes. Dessa forma, a Convenção Batista Brasileira elencou alguns pontos considerados distintos e denominou-os de “princípios” que os batistas devem seguir.

#### Quadro 5- Princípios Batistas - Convenção Batista Brasileira (1982)

Aceitação da bíblia como única regra de fé e conduta.
Conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas.
Separação entre igreja e estado [...].
Absoluta liberdade de consciência.
Responsabilidade individual diante de Deus.
Autenticidade e apostolicidade das Igrejas.
Cooperação voluntária entre as igrejas.

Fonte: Azevedo, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996. p.227.

Em 1889, com o advento da República, o desenvolvimento urbano e o processo de industrialização, o Brasil se deparou com um novo desafio, expandir o sistema

<sup>100</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996. p.190.

escolar, e lançou mão dos moldes norte-americanos, já praticados nos Colégios Americanos nos cursos primário e normal. Conforme Azevedo:

Sob alta orientação de Horácio Lane, que assistia na qualidade de conselheiro a Cesário Mota e a Caetano de Campos os criadores do ensino popular em São Paulo - e com a colaboração de Miss Brownne de seu pequeno grupo de professores, lançaram-se no Estado as bases da educação primária, que por mais de trinta anos gravitou na órbita que lhes traçaram seus fundadores, à volta da Escola Americana e de seus ideais.<sup>101</sup>

Na Primeira República, a educação brasileira apresentava um quadro defasado em relação à educação apresentada pelos colégios americanos, que estavam sendo implantados. No Brasil, o sistema de ensino era tradicional – em relação às outras nações –, contribuindo para o atraso nacional. Diante desse cenário, o que restou foi aceitar o projeto norte-americano que estava apresentando bons resultados e representava modernização e progresso<sup>102</sup>.

Nesse espaço de tempo, houve transformações políticas, econômicas e sociais. Convém lembrar que, mesmo acontecendo a “abolição da escravidão, a sociedade caracterizava-se por desigualdades profundas e pela concentração de poder”<sup>103</sup>, e assim não podia ser considerada livre. A lei era aplicada pelos portadores do poder político, social e ideológico, os quais impunham autoritariamente seu poder.

Na República Velha, o Brasil acolheu a “política do café com leite”. Esta denominação se deu por haver um bom relacionamento entre os cafeicultores de São Paulo e os fazendeiros de Minas Gerais, entre outras mudanças ocorridas. Mesmo sem consenso entre os grupos (os históricos e os revolucionários), a República foi proclamada. O governo norte-americano aguardava esse acontecimento. Os missionários norte-americanos acreditavam que com a Proclamação da República,

<sup>101</sup> AZEVEDO, Fernando de. **Uma interpretação do Instituto Mackenzie**. São Paulo, Mackenzie, 1960, p. 4.

<sup>102</sup> O progresso é alcançado quando “é construída uma sociedade onde o autoritarismo, a ignorância e a ineficiência devem ser substituídos pela democracia, pela instrução popular e pela eficiência. Esses elementos conjugados trazem o progresso, que se consegue evolutivamente, através do aperfeiçoamento contínuo das instituições, dentro do respeito e da ordem[...]” Cf. RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.149.

<sup>103</sup> CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.25

tornar-se-ia mais fácil a disseminação do evangelho, pois o povo era livre para aceitar a nova religião

Em 1891, deu-se a promulgação da Nova Constituição. Nesse mesmo período houve uma defesa em torno do princípio da “separação entre Igreja e Estado”. Para Azevedo, este princípio – “igreja livre num estado leigo” – “gerou nos anos 20 e 30, uma luta aberta contra o ensino religioso nas escolas públicas”<sup>104</sup>. Neste movimento novo espaço se abre, para a educação laica, favorecendo a liberdade de consciência e religião. Conforme Ramalho: “O princípio da liberdade deve fundamentar toda a educação. Ele aparece expresso muito claramente em todas as formulações doutrinárias e se consubstancia em algumas práticas”<sup>105</sup>. O homem traz dentro de si o desejo de ter liberdade religiosa, política, econômica e social. Para Ramalho:

Decorrente do sentido que se dá a liberdade, a educação se centra no indivíduo. Parte-se do princípio de que os indivíduos têm escolhido livremente o curso que o conduz à sua atual situação [...]. E que a sociedade vai se aperfeiçoando a medida em que tem indivíduos livres e úteis e a educação é esse instrumento privilegiado<sup>106</sup>.

A partir do momento em que as escolas enfatizam o individualismo, elas passam a formar homens livres, independentes e preparados, para exercer sua cidadania, uma profissão, e tornam-se livres do autoritarismo. Sendo assim, a escola acredita que os vencedores são aqueles que mais se “esforçam”, que têm “força de vontade” e são possuidores de bom caráter<sup>107</sup>.

Os missionários norte-americanos – “provenientes de uma sociedade liberal” – ao chegarem ao Brasil, presenciaram uma realidade diferente da sua pátria, onde a maioria professava o protestantismo, já no Brasil, o catolicismo predominava. Esta situação

---

<sup>104</sup> “Um dos corolários desta movimentação foi a promoção de um dia nacional de protesto contra a construção, com recursos públicos, da estátua do Cristo redentor no Rio de Janeiro, um símbolo notoriamente... atóxico-romano”. AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996. p.172.

<sup>105</sup> RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.147.

<sup>106</sup> RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.147.

<sup>107</sup> Cf. RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.149.



também favoreceu a divulgação do cristianismo e da sua crença. Portanto, a educação era o instrumento mais eficaz para se alcançar um governo ideal, a democracia – “que é um resultado de indivíduos livres, independentes, fisicamente sadios, instruídos, de caráter são e de moral forte”<sup>108</sup>. A comprovação da eficiência desses princípios se dá pelos resultados. Por isso, as instituições devem aproveitar todas as oportunidades para aquisição de novos conhecimentos e o desenvolvimento completo do indivíduo nos seus aspectos físico, intelectual e moral.<sup>109</sup> As concepções que vêm sendo discutidas sobre a defesa da livre expressão, a valorização do indivíduo faz parte do liberalismo que pode ser classificado como religioso, político, econômico, entre outros. Liberalismo pode ser conceituado como “uma nova filosofia, uma nova ética, uma nova teoria jurídica e uma nova política”, pela qual, “explorando as profundezas de sua subjetividade”, o homem firma, a partir do século XVII, “o princípio da liberdade da consciência, indispensável à sua salvação e realização plena”<sup>110</sup>.

Martha Hairston demonstrava preocupação, por isso preparou as SECistas para a vida de obreiras, onde desenvolveriam atividades de maneira prática e “com uma participação mais inteligente, mais eficaz e esclarecida”<sup>111</sup>. Nesse caso, o pragmatismo tornou-se um fundamento da concepção educacional e filosófica de Dewey.

Outro aspecto importante foi a ênfase dada à ciência e à tecnologia, resultantes do pragmatismo americano. Azevedo, ao referir-se ao assunto, expressa-se dizendo:

A penetração das escolas protestantes que se constituíram o principal foco de irradiação das idéias americanas, iniciando-se lentamente no último quartel do século, continuava a

---

<sup>108</sup> Cf. RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade**: um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.148.

<sup>109</sup> Cf. RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade**: um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.148-150.

<sup>110</sup> Foi, portanto, “um movimento em defesa do indivíduo contra o arbítrio dos governos. Seus postulados básicos se cingiram em torno do naturalismo, do racionalismo, do individualismo, do progressismo e do relativismo, entre outros aspectos.” Cf. AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed. UNIMEP; São Paulo: Exodus, 1996. p.19. BARROS, Roque Spencer Maciel de. **Introdução à filosofia liberal**. São Paulo: Grijalbo, 1971, p. 27. MACEDO, Ubiratan. **Situação do liberalismo no século XX**. Rio de Janeiro, Mss, 1995, p.1.

<sup>111</sup> Cf. RAMALHO, Jether Pereira. **Prática Educativa e Sociedade**: um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1976, p.148-150.

desenvolver-se com mais intensidade na República, sem que esses elementos adventícios tivessem, porém, tempo suficiente para se incorporarem na cultura nacional ou exercerem sobre ela uma real influência sentido de reorientá-la para uma nova direção.<sup>112</sup>

A educação prática sofreu resistências decorrentes da “herança cultural e da estigmatização do trabalho alimentado pela organização social, por tanto tempo baseado no latifúndio e na escravidão. A desvinculação desses dispositivos dificultou o aprendizado mais prático e maior aquisição de experiências. No 10º Congresso Pedagógico da Associação Nacional das Escolas Batistas (ANEB), foi redigido um documento em 2000, onde foram reafirmados os princípios das escolas batistas, o que diz respeito ao “apropriamo-nos de todo o acervo de conhecimento científico e tecnológico, não ingênua ou acriticamente, mas o submetemos ao crivo dos valores<sup>113</sup> do reino de Deus.”

### 1.6-O movimento batista nasceu na Inglaterra

A Igreja Batista é uma denominação protestante que se caracteriza pelo batismo por imersão e rejeita o batismo de criança. Ela é historicamente ligada aos dissidentes ingleses. O movimento batista nasceu na Inglaterra<sup>114</sup> no século XVII<sup>115</sup>. Para Azevedo, denominação “é a forma específica e histórica que uma igreja toma. No interior do cristianismo, as denominações podem ser vistas como conjuntos de tradições seguidas por igrejas”<sup>116</sup>. Os valores, as crenças e a liberdade, fazem parte dessas tradições. O

<sup>112</sup> SELLARO, Rejane Accioly. **Educação Religião**: Colégio protestante em Pernambuco na década de 20. Recife: UFPE, 1987.p.200. (Dissertação de Mestrado).

<sup>113</sup> **Declaração de Fortaleza**, 15 de junho de 2000, in: Jornal da ANEB, Ano III, nº 6, julho a nov. de 2000, p.8.

<sup>114</sup> Os batistas, nascidos na Inglaterra elizabetana, criados nas colônias e estados norte-americanos e inseridos no Brasil imperial. Não dá para ignorar um pensamento inscrito nas próprias origens do liberalismo europeu, gestado no interior do voluntarismo, do individualismo norte-americano e autopensado como força capaz de introduzir o Brasil à modernidade barrada pelo catolicismo romano. AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed. Unimep, São Paulo: Exodus, 1996. p.13.

<sup>115</sup> Cf.TORBERT, Roberto G. **Esboço da História dos Baptistas**. Leiria-Portugal: Edições Vida Nova, 1959. p. 35. Azevedo, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Editora UNIMEP, São Paulo: Exodus, 1996.p.15.

<sup>116</sup> Azevedo, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: A formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Editora UNIMEP, São Paulo: Exodus, 1996.p.18.

pensamento liberal valoriza a livre expressão da personalidade individual,<sup>117</sup> a liberdade da consciência, da escolha da religião (fé em Deus, estudo sistemático da Bíblia), que culmina com a presença da igreja e sociedades livres.

Um grupo de refugiados ingleses foi para a Holanda, na perspectiva de conquistar a liberdade religiosa, sob a liderança de John Smith e Thomas Helwys. Smithy era pastor da igreja anglicana, mas tecia crítica ao seu sistema. Ao examinar a Bíblia, sentiu a necessidade de descer às águas batismais. Em seguida, seus liderados (cerca de quarenta<sup>118</sup>) foram batizados e fundaram a primeira Igreja Batista.

Com a morte de Smith, Thomas Helwys e seus discípulos voltaram para a Inglaterra. A Igreja na Holanda sofreu uma divisão e parte do grupo uniu-se aos menonitas. Com a perseguição em 1608<sup>119</sup>, os batistas emigraram para os Estados Unidos da América onde, em 1639, Roger Williams fundou a Primeira Igreja Batista da Providência, em Rhode Island. Os batistas se expandiram principalmente no Sul dos Estados Unidos, onde foi organizada a Convenção Batista do Sul.

Em 1791, William Carey organizou a Sociedade de Missões no Estrangeiro, na perspectiva de enviar os missionários batistas ingleses, sendo a Índia o primeiro campo missionário. Na Índia, Carey e seu grupo de pastores encontrou-se com os missionários Adoniram e Ana Judson, da Igreja Congregacional Americana, os quais foram designados para evangelizar aquele país. Neste encontro, o casal Judson aceitou a doutrina do batismo por imersão exercida pelos batistas e posteriormente foi batizado.

---

<sup>117</sup> SMITH, David G. **Liberalismo**. Em: Enciclopédia Internacional de la Ciencias Sociales. Bilbao: Aquilar, 1975, v.6, p. 579-584.

<sup>118</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.50.

<sup>119</sup> O grupo pastoreado por Smyth e que se entendia como “povo livre do Senhor”, foi perseguido e em 1608/1609 emigrou para Amsterdam. Eles queriam liberdade civil e religiosa, já que o momento britânico era de prosperidade na economia. Chegaram em 1608-1609. O ex-ministro anglicano, ex-puritano e agora separatista batista concluiu que uma congregação só pode ser formada por crentes adultos batizados segundo a consciência. Por isso que sugeriu a Helwys que batizasse a congregação. Com a recusa, o pastor desincumbiu-se da tarefa: primeiro, aspergiu-se a si mesmo e depois aos outros membros, inclusive Helwys. Lá encontraram outros grupos separatistas, mas mantiveram sua identidade. AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Editora UNIMEP, São Paulo: Exodus, 1996.p.77.

Judson permaneceu na Birmania, e Luther Rice (missionário congregacional) retornou para sua pátria e para incentivar e mobilizar os batistas para a obra missionária.

Durante o século XIX, os assuntos norte-americanos eram discutidos pelos brasileiros. Entre eles estava o debate sobre o antibritanismo<sup>120</sup> brasileiro e a questão da escravidão. Os conflitos surgiam no interior dos grupos, por haver discordância ou adesão ao escravagismo. O abolicionismo progredia entre os batistas do norte. Enquanto isso existia uma demora letal em relação ao extermínio da escravidão, no Estado do Sul. Os batistas procuravam preservar a ética e demonstravam preocupação sobre a “quebra da unidade” ou ameaça ao “princípio da não-ingerência em assuntos de Estado”. Esses temas foram disseminados no meio denominacional.

A falta de entendimento entre os dois segmentos, onde a questão principal era escravidão entre os Estados do Sul e do Norte, bem como os problemas econômicos e sociais que iam de encontro aos interesses das duas regiões, eram motivos suficientes para acirradas discussões. Sendo assim, foram apresentadas duas propostas para resolver tal situação, que atingia o corpo e a alma daqueles que eram submetidos ao regime de escravidão. Reis Pereira dizia que “o ponto de vista do Norte era a supressão drástica do sistema. Mas a economia do sul repousava nele e uma media violenta poderia levar à bancarrota. O problema era nacional”<sup>121</sup>. Os batistas tentaram reverter o quadro sem sucesso. A discórdia estava instalada. O Pastor Richard Fuller – representante dos líderes batistas sulistas –, na esperança de preservar a unidade, tentava acalmar os

---

<sup>120</sup> Essa dissidência fundamental entre as duas nações foi objeto de sérios atritos com os fornecedores dos navios usados para escapar à repressão britânica, especialmente a partir de 1842, quando a Grã-Bretanha apertou o cerco para cessar o tráfico. Os norte-americanos, ao fornecerem navios para o tráfico, não faziam com a aprovação das autoridades americanas, mas reconhecidamente elas fechavam os olhos a esse debate por estarem interessadas em outros aspectos do problema, como o crescente antibritanismo que a questão da escravidão causava no Brasil. WRIGHT, Antônia Fernanda P. **Desafio americano à preponderância britânica no Brasil (1808-1850)**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1978. p.228.

<sup>121</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 58.

ânimos dizendo: “A escravidão deveria ser abolida, mas de tal maneira que não deixasse feridas permanentes na sociedade”<sup>122</sup>.

O Movimento que sucedeu a implantação da Convenção Batista do Sul teve seu início histórico conflituoso. No seu bojo estavam presentes várias questões de ordens diferenciadas. Para resolver esta problemática foi necessário debelar questões de origens políticas, sociais, econômicas e religiosas. A reconstrução da Convenção do Sul deu-se com o término da escravidão e a guerra. A desolação e dor tornaram-se um elo entre a comunidade cristã e Deus<sup>123</sup>. Ruth Mateus revela, conforme suas lentes, alguns pontos da História dos Estados Unidos, dizendo:

A nação norte-americana sofreu nos anos de 1861 a 1865 violenta convulsão interna, ocorrência mais ou menos própria de um país em desenvolvimento. A principal razão do conflito foi a divergência entre os estados do sul e os do norte sobre problemas econômicos e sociais que afetaram os interesses das duas regiões, sendo a escravatura o cerne da questão. As demandas decorrentes desses problemas se acentuaram de tal forma que os estados do sul, cuja maior riqueza era a agricultura, considerando um direito seu a preservação de seus bens e modos de vida, uniram-se numa coligação e elegeram um presidente, adotando o nome de estados confederados. Os estados do Norte, por sua vez, viram nesse ato uma rebelião que deveria ser sufocada. Nem Abraham Lincoln, presidente do país, nem Jefferson Davis, presidente dos Estados dos Confederados, desejavam que houvesse uma guerra, mas os ânimos se exaltaram de tal maneira, que para preservar a unidade da nação, o choque armado foi inevitável. Esse movimento denominou-se Guerra entre os Estados ou Guerra da Secessão, ou ainda, Guerra Civil.<sup>124</sup>

O combate entre os dois exércitos foi porfiado. Esbanjaram coragem e determinação na tentativa de defender seus ideais. Esses fatores, que contribuíram para

---

<sup>122</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 58.

<sup>123</sup> O sofrimento aproximou muita gente de Deus. E medidas diversas concorreram para estimular as igrejas. O trabalho de missões no estrangeiro continuou, sendo a China o primeiro campo missionário. O apego à Bíblia caracterizou esses batistas sulistas e o amor à evangelização. Por outro lado um seminário fundado em Ashville e depois transferido para Louisville entregava à denominação ministros muito bem preparados. Outro seminário organizado em princípios do século 20, em Fort Worth, Texas, logo se tornou uma extraordinária fonte de ministros bem preparados e empenhados de corpo e alma na evangelização. Cf. Pereira, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 58.

<sup>124</sup> MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, p. 11. 1996.

que o conflito tivesse a durabilidade de cinco longos anos e pressionasse a cúpula das forças dos Estados Confederados a assinar um contrato de paz. Com a guerra, os estados do Sul sofreram grandes consequências na agricultura, e as famílias foram mutiladas. Para além desses sofrimentos, os bens que restavam foram perdidos. A fatídica guerra arrancou do coração dos habitantes a vontade de permanecer na sua terra natal. O que restou foi a emigração e um punhado de esperança para reconstruir uma nova vida em outra nação, de preferência que contasse com mão de obra escrava, como o Brasil.

### 1.7-A presença missionária norte-americana no Brasil

Há indícios de que desde 1850<sup>125</sup> os protestantes batistas norte-americanos demonstravam interesse de instalar missões no Brasil. No entanto, a iniciativa não surtiu resultado positivo. Uma nova tentativa realizou-se em 1859, quando “uma comissão designada para estudar o assunto apresentou o seguinte parecer: ‘[...] vossa comissão está convencida de que a Providência Divina está indicando que chegou a hora de os batistas abrirem uma missão no Brasil.’”<sup>126</sup> A convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, com apoio da junta missionária, decidiu concretizar o projeto.

A convenção fez menção a Thomas Jefferson Bowen e sua esposa, que atuavam entre os índios Ioruba na África Ocidental, haviam sido transferidos para o Brasil e “foram residir na cidade do Rio de Janeiro. Sua permanência foi de pequena duração. Dentro de poucos meses o casal se retirou para os Estados Unidos,”<sup>127</sup> por razões contrárias a sua vontade, como: a dificuldade de falar o novo idioma (português) e o estado de saúde do Sr. Bowen, que se agravava cada vez mais.

---

<sup>125</sup> Embora os missionários William Bagby e Ana Luther Bagby só tenham chegado ao Brasil em 1881, como missionários da Junta de Richmond, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos já havia 30 anos atrás, voltado os seus olhares para as Américas Central e do Sul. MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.p. 15. A Convenção do Sul em sua assembleia de 1850 havia votado para estabelecer, logo que possível, um trabalho em Cuba, México, Brasil e Panamá. Na Assembleia de 1852 a Junta de Richmond informou à Convenção achar difícil iniciar trabalho nestes países devido às leis que favoreciam e oficializavam a Igreja Católica Romana. Cinco anos mais tarde, portanto em 1857, a Convenção instruiu a sua Junta de Missões Estrangeiras a iniciar trabalho no Japão e América do Sul. Cf. MEIN, David. (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.p. 15-16.

<sup>126</sup> MUIRHEAD, H. H. Princípios do trabalho Batista no Brasil. **O Jornal Batista**, 11 de fevereiro de 1932. p. 4.

<sup>127</sup> . Cf. MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.p. 15.

Há indícios de que desde 1865, a maioria dos imigrantes que escolheram o Brasil como sua nova pátria sentiu-se atraída pelas benesses<sup>128</sup> oferecidas por Pedro II, imperador do Brasil, pelos devidos acertos e vantagens oferecidas pela monarquia, além das facilidades de reconstruir suas vidas em um país que recebia bem os estrangeiros.

Os imigrantes que escolheram refugiar-se no Brasil, para fugir da guerra de secessão<sup>129</sup>, professavam o protestantismo do ramo batista. Em São Paulo, organizaram duas igrejas. “Ao chegar a Santa Bárbara do Oeste: a de Santa Bárbara propriamente dita e uma menor, no local chamado station, a estação da nova estrada de ferro, atual americana”<sup>130</sup>. Em 1872, a Igreja de Santa Bárbara solicitou (através de cartas) à Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos que enviasse missionários para cuidar da vida espiritual daquele povo que estava tão distante do seu país de origem; e para além dessa situação, aproveitar as oportunidades para semear a mensagem do evangelho. No documento a seguir estão os motivos da petição dos obreiros.

A carta da Igreja de Santa Bárbara. Província de Santa Bárbara, Brasil, 11 de janeiro de 1873. Ao Secretário correspondente da Junta de Missões Estrangeiras: Permita-nos declarar-lhe que, desde 1865, diversos cidadãos do sul dos Estados Unidos mudaram-se para o império do Brasil e estão localizados nesta província – em São Paulo e no distrito de Santa Bárbara – a maioria dos quais se dedica à lavoura – donos de terra, etc – e está radicada aqui. Que no dia 10 de setembro de 1871<sup>131</sup>, alguns deles, com cartas de várias igrejas batistas dos Estados Unidos acima mencionados, uniram-se e organizaram uma igreja sob o nome de Primeira Igreja Batista Norte-Americana no

<sup>128</sup> Teixeira confirma a tese de que a fundação da colônia “Americana” na região de Santa Bárbara em São Paulo entre 1865/1866 resulta desse encontro de interesses. “O pequeno número de imigrantes, recebendo cobertura do Governo Imperial, dedicou-se ao trabalho agrícola, mantendo com a população local um tipo de relação semelhante à de outros núcleos estrangeiros- cautela e discrição, principalmente em torno dos assuntos estrangeiros religiosos. Grande parte das famílias ali estabelecidas era de denominações protestantes, notadamente metodistas, presbiterianos e batistas [...]”. TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925**, um estudo de história Social. Salvador: UFBA, 1975. p.33.

<sup>129</sup> A Guerra de Secessão aconteceu entre 12 de abril de 1861 e 09 de abril de 1865 nos Estados Unidos. Tratava-se de um conflito de interesse econômico entre o norte, que tinha se desenvolvido na indústria e o sul, que era primordialmente agrícola e por isso defensor da escravidão. Derrotados na guerra, os sulistas emigraram. Cf. SANTOS, Marcelo. **O Marco Inicial Batista: História e Religião na América Latina** à partir de Michel de Certeau. 1ª edição, São Paulo: Coleção Igreja Sem Fronteiras. 2003. p. 124.

<sup>130</sup> Cf. REILY, Duncan Alexander. **História Documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p.128.

<sup>131</sup> PEREIRA, José Reis, PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 68.

Brasil, que a esta altura possui vinte e três (23) membros, com um pastor e os oficiais adicionais que as igrejas batistas geralmente possuem. Que no dia 12 de outubro de 1872, a igreja, em assembleia, adotou a seguinte resolução: resolve-se que os irmãos R[obert] Meriwether, R[obert] Brodnax, e D[avid Davis] sejam nomeados para se comunicarem com a Junta de Missões Estrangeiras, da Igreja Batista, em Richmond, Virgínia, no tocante ao envio de missionários para este país. Dado em assembleia da Igreja, 12 outubro de 1872. Assinado, R[ichard] Ratcliff, Pastor. Heriwether, sec.<sup>132</sup>

Diante do exposto, é possível entender o pensamento dos batistas que se fixaram em Santa Bárbara. Esse grupo de imigrantes chegou a Santa Bárbara em 10 de setembro de 1871<sup>133</sup>. Distante da “pátria-mãe” e familiares, procurou organizar a Primeira Igreja Batista do Brasil. A investidura nesse empreendimento favorecia aquele grupo na comunhão, na resolução dos problemas e no companheirismo que fortaleciam os imigrantes e os ajudavam a permanecer no Brasil, que portava no seu bojo problemas sociais, econômicos, políticos e as doenças tropicais que ceifavam muitas vidas. O culto e outras atividades religiosas eram realizados em inglês, especificamente para o grupo de imigrantes.

Há indício de que a liturgia do culto era a mesma do seu país (com leitura da Bíblia, oração e música). No entanto, servia também como momento de comunhão entre as famílias residentes na colônia. A situação vivenciada por esses imigrantes era de adaptação e de descobertas de talentos para manter o trabalho religioso funcionando. Acredita-se que houve dificuldade em expandir a evangelização aos vizinhos brasileiros, por fatores óbvios, a falta do domínio da língua nativa, falta de uma liderança com disponibilidade (uma vez que precisavam trabalhar na agricultura para manter a sobrevivência familiar). Para além desses aspectos, outros provavelmente

---

<sup>132</sup> Cf. TUPPER, Henry Allen. **The Foreign Missions of the Southern Baptist Convention**. Philadelphia e Richmond: 1880, p. 9; REILY, Duncan Alexander. **História Documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p.128.

<sup>133</sup> Nessas condições, já bem assentados nesta segunda pátria, os imigrantes resolveram estabelecer igrejas, a fim de celebrarem o culto evangélico aos domingos. Em 1871, foi organizada primeiro uma igreja presbiteriana, depois uma metodista e em 10 de setembro de 1871, uma igreja batista. “[...] Esta teve como pastor um dos colonos, Richard Ratcliff. Viera como colono, mas, era pastor e dez anos antes se apresentara a Junta de Richmond, desejando ser missionário no Oriente. Mas veio a guerra e ele se engajou, mesmo porque a Junta não dispunha de recursos para enviá-lo”. PEREIRA, José Reis, PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 69.



tenham influenciado tais como: a ausência de materiais religiosos adequados e a falta de incentivo. Durante esse processo, o trabalho aos poucos foi decrescendo, culminando com o encerramento dos trabalhos eclesiásticos daquela colônia.

Todavia, é de grande importância salientar a presença dessa igreja para os batistas. Além de manter o grupo de imigrantes unidos, firmes na religião que professavam, convenceu a Junta de Richmond a enviar obreiros para continuar o incipiente trabalho desenvolvido na colônia e difundir em terras brasileiras a evangelização e implantar a obra missionária entre os brasileiros. “Os primeiros missionários batistas enviados ao Brasil-William Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby – chegaram ao Rio de Janeiro em 2 de março de 1881.”<sup>134</sup> Com a disseminação do evangelho, houve crescimento quantitativo de pessoas que aceitavam a nova fé.

### 1.8-Junta de Richmond-organização e estrutura

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos foi fundada em 1845<sup>135</sup>, na cidade de Augusta, Estado da Geórgia. Os batistas nutriam o desejo “[...] de continuar essa tarefa de nomear e sustentar missionários, tanto no território nacional como em países estrangeiros”<sup>136</sup>. Foi com esse objetivo que surgiu a Junta de Missões Estrangeiras Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, sediada na cidade de Richmond,<sup>137</sup> Estado da Virgínia.

<sup>134</sup> REILY, Duncan Alexander. **História Documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984, p.129.

<sup>135</sup> “Em 1814 foi fundada em Filadélfia a Convenção Geral da Denominação Batista nos Estados Unidos para Missões no Estrangeiro, como tinha resolvido reunir-se de três em três anos e esse nome era muito grande passou a ser chamada Convenção Trienal. Seu primeiro presidente foi Richard Furman [...] Em 1945, quando a Convenção Trienal deixou de existir, havia 99 missionários no estrangeiro com 82 igrejas organizadas graças a seu trabalho. A Convenção Trienal deixou de existir em virtude da separação havida entre os Estados do Sul e os do Norte. O ponto chave da discórdia foi a escravidão [...] Apesar desse começo um tanto difícil de explicar, a Convenção Batista do Sul veio mais tarde a progredir muito”. PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 58.

<sup>136</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 67.

<sup>137</sup> A Junta de Richmond atualmente tem o nome de International Mission Board tem mais de 20 mil missionários. Informação enviada por Peggy Pemble, missionária norte-americana nomeada para Piauí-Teresina, residente na Flórida, EUA. E-mail enviado em 4/06/2012.

Thomas Jefferson Bowen<sup>138</sup> foi enviado para o Brasil pela Junta de Richmond no ano de 1860. Mas diante de tantos obstáculos, como o clima, doenças tropicais e o alto custo de vida, tiveram de retornar a sua pátria. Conforme Crabtree, os relatórios prestados à Junta de Richmond foram desanimadores. “A Junta ficou plenamente convencida, pelo relatório dos missionários, de que os obstáculos eram tão grandes e tão pequena a esperança de vencê-los, que não se justificava qualquer esforço para manter o trabalho missionário na América do sul.”<sup>139</sup> Diante das dificuldades, Bowen e a Junta de Richmond entenderam que era inviável desenvolver um trabalho missionário no Brasil. Para além de tudo isso, a Guerra de Secessão dirimiou a possibilidade do envio de recursos humanos e materiais para o Brasil.

A Junta de Missões Estrangeiras (Foreign Mission Board) da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, que atualmente tem o nome de International Mission Board (IMB), ficou conhecida no Brasil como Junta de Richmond. Em 1881 foi nomeado o casal Bagby, e nesse mesmo ano, em 2 de março, chegou ao Rio de Janeiro.

No ano de 1882, juntamente com o casal Taylor e Antônio Teixeira de Albuquerque<sup>140</sup>, organizaram no dia 15 de outubro de 1882 a Igreja Batista em Salvador-Bahia. Com o intuito de atender aos seus propósitos, a IMB vem adotando estratégias inovadoras, visando alcançar outros povos e nações. No ano de 1965 foi

<sup>138</sup> Bowen foi nomeado pela Junta em 1859, e desembarcou no Rio de Janeiro em princípios de 1860.

<sup>139</sup> CRABTREE, A.R. **História dos Batistas do Brasil**. Até o ano de 1906. I vol. 2ª edição. Casa Publicadora Batista, 1962, p. 59.

<sup>140</sup> Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887) nasceu na então Província de Alagoas, e, destinado ao sacerdócio católico, matriculou-se no Seminário de Olinda, Pernambuco. “Aí achou, por acaso, uma Bíblia, em língua italiana. Lendo-a, com o maior interesse descobriu muitas coisas que não estavam em conformidade com o ensino ministrado por seus professores. Uma entrevista com um amigo protestante deixou-o ainda mais perturbado. Todavia, completou seu curso de seminário e foi ordenado ao sacerdócio, indo tomar conta de uma paróquia na sua Província. A consciência, entretanto, continuava pesada. Não encontrava paz no exercício do sacerdócio na realização de cerimônias em que já não conseguia mais crer. Então resolveu fazer um sério estudo do Novo Testamento em grego, comparando as diversas versões que pôde arranjar. A fidelidade das versões ao original grego convenceu-o de que a acusação de falsidade era mentirosa [...]. Fiquei surpreendido, pois todas as versões vinham do mesmo original (grego) e eram iguais. Não havia Bíblia falsa. Deixou a batina, casou-se [...]. O casal viajou para o Sul e aqui em Albuquerque se ligou à Igreja Metodista [...]. Mas, transferindo-se para Capivari, na Província de São Paulo, sabendo da existência de batistas na vila próxima da Santa Bárbara, foi até eles e solicitou batismo (por imersão). Em seguida foi consagrado ao ministério batista. A menos que surja algum outro dado seguro, foi o primeiro batista brasileiro”. PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 58 p.77-78.

criado um Programa Missionário com o objetivo de enviar jovens universitários para ajudar a disseminar o evangelho no Brasil e em outros países.

Para compreender a dinâmica dos trabalhos dos missionários enviados pela Junta de Richmond para o Brasil é importante conhecer como era sua estrutura e organização. Conforme David Mein, no início, os centros missionários eram chamados de Missões: Missão Pernambucana, Missão Baiana, Missão de Campo Fluminense e assim sucessivamente. As missões dirigiam-se diretamente à Junta de Richmond.

Em 1904, existiam no Brasil seis “missões” com seus respectivos missionários, a saber:

Quadro 6- Missões existentes no Brasil no ano de 1904 e seus missionários.<sup>141</sup>

Missão	Missionários responsáveis
Bahia	Zacarias Taylor e esposa; E.A. Jackson e Alyne Goolsby;
Rio de Janeiro	A.B. Deter e esposa; W.E Entzminger e esposa
São Paulo	W. B. Bagby e esposa, J.J.Taylor e esposa, Ermine Bagby .
Campos	A. L. Dunstan e esposa
Pernambuco	Salomão L. Ginsburg e esposa; W.H Canadá e esposa;
Amazonas	E. A. Nelson e esposa, Jefté Hamilton e esposa;

Fonte: MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.10-11.

No ano de 1902, “surgiu o primeiro Seminário, no Recife”<sup>142</sup> e foram fundados dois colégios, o Taylor Egídio (1898) e o Progresso <sup>143</sup>. Em 1904, a estatística confirmava a presença de 60 igrejas, 4.000 membros; duas escolas. Em junho de 1910, houve uma reestruturação; e por orientação da Junta de Richmond, o número das missões foi restrito a dois grupos: Missão do Norte e Missão do Sul. “Cada missão

<sup>141</sup> MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.10.

<sup>142</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.339.

<sup>143</sup> “O primeiro colégio importante dos batistas brasileiros foi o Taylor-Egídio, na Bahia [...] e que agora se encontra instalados em Jaguaquara, no interior do Estado. Vindo em seguida o Colégio Progresso Brasileiro, estabelecido pela Missionária Anne Bagby, São Paulo, em 1902, hoje Colégio Batista Brasileiro”. PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.348.

sendo formada por “campos”<sup>144</sup>. Segundo Mein, a nova estrutura “visava à melhor coordenação e cooperação no trabalho”<sup>145</sup>. O quadro a seguir mostra as missões e seus respectivos campos/Estados.

Quadro 7-Demonstrativos das Missões com seus respectivos Estados

Ano	Missões	Campos/Estados
1910	Norte	Estados da Bahia até Amazonas
	Sul	Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e São Paulo.
1950	Equatorial	Ceará ao Amazonas

Fonte: MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.11.

A última Missão foi a Equatorial, criada em 1950, a qual resultou de um desmembramento da área pertencente à Missão do Norte desde 1910. Mein revela que “a nova missão incluiu a área do Estado do Ceará ao Amazonas, excetuando o Sul do Piauí, que permaneceu como parte da Missão do Norte.”<sup>146</sup> Levando em consideração o espaço territorial brasileiro, se fez necessário dividir nestas três missões: Missão do Sul, com a sede no Rio de Janeiro; Missão do Norte, com a sede em Recife, e a Missão Equatorial, com a sede em Belém, conforme Peggy Pemble.

As “Missões”<sup>147</sup> do Norte, do Sul e Equatorial têm como objetivo precípua instituir uma ajuda mútua entre si, por meio de uma Comissão Inter-Missões, formada por representante de “cada uma”. Esta comissão apresenta para seus membros um cronograma, onde se estabelecia uma reunião anual. Outra finalidade é servir de elo

<sup>144</sup> O significado de “Campos” nesta estrutura é o “território onde um ou mais missionários trabalham juntos”, designa os limites territoriais da ação evangelizadora, determinados pelas indicações geográficas e capacidade de trabalho religioso. MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.10.

<sup>145</sup> MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.10.

<sup>146</sup> MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.11.

<sup>147</sup> Para Nascimento, “a Missão era uma sociedade voluntária, uma organização religiosa, vinculada a um escritório administrativo – a Junta – que funcionava como preposto em determinados Estados brasileiros e não possuía personalidade jurídica. Seus missionários e missionárias eram pastores, médicos, engenheiros, enfermeiros e professoras, geralmente com formação acadêmica enviados e subordinados àquela instituição [...]”. NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: EDUFAL, 2007.p.71.

entre as “Missões” e a Convenção Batista Brasileira. A partir do ano de 1958 ficou estabelecido um encontro anual com os membros da Comissão Inter-missões e os da Junta Executiva da Convenção Batista Brasileira para discutir assuntos comuns concernentes às duas instâncias e especificamente ao que diz respeito à “cooperação” entre a Convenção Batista Brasileira e a Junta de Richmond<sup>148</sup>.

Existem também as Assembleias anuais nas quais são prestados relatórios. Essas assembleias tomam ciência do que está sendo tratado nas entidades nacionais, e após discussão, enviam para a Junta de Richmond as necessidades apresentadas, em relação a recursos tanto humanos como financeiros – solicitação de verbas. Se nesse ínterim – das reuniões – existirem problemas a serem resolvidos, são convocadas as comissões executivas e as comissões permanentes para solucionar o empecilho, evitando que os trabalhos dos “campos” sofram solução de continuidade. Em 1910 a Junta de Richmond, pretendendo desenvolver um trabalho eficiente e atender às demandas, demarcou os “campos” missionários por áreas. Segundo Mein:

O Brasil está incluído na Área Leste da América do Sul (com Uruguai, Argentina e Paraguai). Cada área tem um Diretor, antigamente denominado “Secretário de Área” [...]. Há também na estrutura missionária um representante que serve de intermediário, quando necessário, entre as Missões e o Diretor da Área. O primeiro a ocupar esta função no Brasil foi o missionário H. Victor [...].<sup>149</sup>

A partir dessa classificação tornou-se mais viável detectar e solucionar os problemas que aconteciam no percurso nas diferentes áreas.

### **1.9. A questão da inserção do protestantismo no Brasil: imigração versus missão**

A questão da implantação do protestantismo no Brasil está presente nos debates promovidos por alguns pesquisadores batistas há mais de um século. Todavia, pelo que consta nas fontes, ainda não existe um consenso. Subsistem, sim, duas correntes, cujos líderes principais são Reis Pereira e Bethy Antunes, que defendem o protestantismo de imigração, enquanto Crabtree e Marli Teixeira defendem o protestantismo de missão.

---

<sup>149</sup> MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982, p.1.

Pereira considera que os “alicerces e os fundamentos de toda a obra batista hoje no Brasil<sup>150</sup>”, são frutos do trabalho da colônia de Santa Bárbara d’Oeste. A discussão foi tratada na Conferência dos ministros evangélicos de Santa Bárbara, que culminou com um documento que tratava do grupo dando relevo aos seguintes temas:

Transferência dos Ministros Evangélicos de Santa Bárbara; da organização sucessivamente das Igrejas Presbiteriana, Metodista e Batista da colônia; dos apelos missionários dos pastores batistas; da fundação do Cemitério e da Capela do Campo; da organização da segunda Igreja, da nomeação de Hoton Quillin, como missionário, da influência de Richard Ratcliff e Alexandre Travis Hawthorne; do batismo e consagração do ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque; da chegada de William Buck Bagby; da chegada de Zacarias Clay Taylor; a Primeira Igreja da Bahia.<sup>151</sup>

Diante dos apelos, Pereira considera que eles tiveram interesse em implantar uma igreja. Se não tiverem conseguido foi por falta de recursos humanos e financeiros, mas seu interesse era fundar uma igreja que reunisse todos os imigrantes que moravam naquela colônia. Não havia intenção de evangelizar os brasileiros, por isso não mantiveram contato com eles.

Mesmo com essa defesa de Pereira, o debate continuou revelando interesse em saber quem realmente iniciou o trabalho batista no Brasil. Foram os imigrantes ou os pioneiros enviados pela Junta de Richmond? Quem deve receber os louros sobre a edificação da Primeira Igreja Batista do Brasil?

Convém salientar que os imigrantes ou estrangeiros foram grandes desbravadores e oportunizaram a entrada de norte-americanos que desenvolveram o trabalho missionário com estratégias conversionistas. No entanto, os imigrantes que chegaram a Santa Bárbara objetivaram, a priori, reunir seus familiares para prestarem cultos a Deus em sua própria língua (inglês). A preocupação era com o crescimento espiritual dos seus filhos e não com a evangelização dos brasileiros.

---

<sup>150</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.466.

<sup>151</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 466.

Fazendo um cotejamento das fontes, foi possível perceber que existe discordância entre os pesquisadores batistas quando se refere ao “marco inicial”<sup>152</sup>. Existe outro grupo que defende a fundação da “Primeira Igreja Baptista da Bahia, reconhecida como a Primeira Igreja Baptista Nacional do Brasil, como início histórico porque foi organizada com a finalidade de pregar o evangelho ao povo brasileiro, e todos os seus cultos eram realizados no vernáculo do povo, e a literatura evangélica foi publicada no mesmo”<sup>153</sup>. Para estes, o início do trabalho devia ser caracterizado por atividades missionárias, evangelísticas e o ensino da Bíblia e da doutrina batista. Para facilitar o aprendizado da doutrina foram produzidos folhetos e realizada distribuição de Bíblia. Desde seus primórdios a música foi um elemento essencial nos cultos.

A discussão sobre a proveniência das igrejas organizadas em São Paulo – Santa Bárbara e Estação<sup>154</sup> – como precursoras do trabalho batista no Brasil vão se descaracterizando quando Marli Teixeira registra com a força do seu pensamento: “O compromisso que unia os primeiros missionários batistas norte-americanos, enviados ao Brasil que aqui chegaram a partir de 1881, à Missão Americana de Richmond, exigiu que fossem logo estabelecidas as bases do evangelismo”<sup>155</sup>. Betty Antunes<sup>156</sup> defende “[...] que a igreja pioneira, organizada em Santa Bárbara, S. Paulo, em 10 de setembro de 1871, é a que marca o início do trabalho batista”<sup>157</sup>.

<sup>152</sup> SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: História e religião na América Latina a partir de Michel de Certeau**. 1ª Edição, São Paulo: Coleção Igreja Sem Fronteiras, 2003.p. 19.

CRABTREE, A. R. **História dos Baptistas do Brasil: até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Baptista, 1937. p.54-55.

<sup>154</sup> “Enquanto as comunidades imigrantes não se integrassem no contexto cultural do Brasil – o que demandaria muito tempo – não seria possível que a religião fosse utilizada como força de pressão desses estrangeiros sobre a população. Ou melhor, aos imigrantes conviria manter atitude discreta em matéria de política religiosa por estarem entre estranhos e por perceberem a importância de cumprir as leis vigentes no país”. TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925, um estudo de História Social**. Salvador: UFBA, 1975. p.35.

<sup>155</sup> TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925, um estudo de História Social**. Salvador: UFBA, 1975. p. 35.

<sup>156</sup> Betty Antunes de Oliveira, descendente dos emigrados da colônia de Santa Bárbara, pesquisadora da história dos confederados e membros da Fraternidade Descendência Americana, fundada em 1945, teve como objetivo preservar a memória da colônia. Cf. SANTOS, Marcelo. **O Marco Inicial Batista: História e Religião na América Latina a partir de Michel de Certeau**. 1ª edição, São Paulo: Coleção Igreja Sem Fronteiras. 2003. p. 35.

<sup>157</sup> OLIVEIRA Bethy Antunes. **Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. Rio de Janeiro: edição da autora, 1985. p.359-360.

Uma personalidade que ocupou lugar de destaque na História dos Batistas foi Alexandre Travis Hawthorne (1825-1899).<sup>158</sup> Ao visitar o Brasil,<sup>159</sup> procurou manter um bom relacionamento com o imperador Pedro II<sup>160</sup>. Confessou que tinha um projeto alvissareiro de implantar mais uma colônia americana, similar à já existente (Santa Bárbara). Pedro II concordou com as ideias de Hawthorne, deixando-o livre para viajar e conhecer o Brasil, transferindo para os cofres públicos imperiais as despesas das viagens contraídas.

A terra dos seus sonhos estava localizada no Nordeste brasileiro. Ao retornar para sua terra natal, foi surpreendido com dias difíceis, que abateram seu coração. Desestimulado, resolveu permanecer em sua terra. “Abalado pelo falecimento de sua única filha de 12 anos, o General Hawthorne achou conforto no senhor, convertendo-se ao evangelho em 1880”<sup>161</sup>.

---

<sup>158</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 70.

<sup>159</sup> Nas fontes pesquisadas não foi encontrada a data precisa em que Alexandre Travis Hawthorne esteve no Brasil. Para Souza, se deu ao final da Guerra de Secessão, por volta dos anos de 1865. Para Matheus foi nos idos de 1879. Cf. SOUZA, Rafael Rodrigo Ruela. **Das trilhas de Minas para a estrada real: um panorama histórico da Convenção Batista Mineira**. Rio de Janeiro: Convicção, 2008, p.26.; CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil em até 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937. p. 41-43. MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, 1996.p. 13 As outras fontes tais como: CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.; PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicação da Convenção Batista Brasileira, 1982.; LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. 3ª edição, São Paulo: ASTE, 2002, p. 86.

<sup>160</sup> Provavelmente Alexandre Travis Hawthorne teve contato com o imperador no ano de 1880. Na documentação pesquisada não ficou registrada a data precisa, da sua estada no Brasil. No entanto, Mesquita faz menção ao general Hawthorne dizendo: “Este personagem extraordinário havia criado, com o apoio do Imperador e com todas as honras oficiais, uma segunda colônia sulista no vale do Jequitinhonha, 200 km ao sul da Bahia. De volta aos Estados Unidos e reavivado em sua piedade por um luto de família, consagrou-se à causa de evangelização do Brasil: em 1881 conseguiu que embarcasse para o Brasil uma família de missionários, os Bagby, e em 1882, outra, os Taylor; e quando morreu, em 1899, já havia feito partir para o Brasil 15 missionários e 1.500 pessoas. MESQUITA, Antonio Neves. **História dos Batistas do Brasil até o ano de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.p. 41-43.; LÉONARD, Émile. **O protestantismo brasileiro**. 3ª edição, São Paulo: ASTE, 2002. p.86.

<sup>161</sup> Sabendo a história da colônia americana em Santa Bárbara, o general Hawthorne interessou-se no estabelecimento de outra colônia semelhante no Brasil. Teve entrevista pessoal com o imperador, Dom Pedro II, que lhe deu carta branca para viajar a qualquer parte do país a expensas do governo. Na Bahia foi recebido com honras militares como hospede oficial. Escolheu um lugar para sua colônia no Vale do Jequitinhonha uma 200 kms, ao sul da cidade da Bahia, mas ao regressar aos Estados Unidos a esposa não estava em condições para fazer a viagem e durante a demora melhoraram as condições econômicas



No entanto, a desolação não conseguiu calar sua voz. Em outro momento, revelou à Convenção Batista do Sul o que havia presenciado, convencendo-a a enviar missionários para o Brasil. No ano de 1880<sup>162</sup> Hawthorne apresentou um relatório na assembleia em que concluía “recomendando que a Junta de Missões Estrangeiras fosse autorizada a enviar missionários ao Brasil”<sup>163</sup>.

Alexandre Travis Hawthorne, impulsionado por tal ideal, venceu sua inquietude depois do diálogo mantido com Anne Luther sobre a possibilidade de tornar-se a pioneira do trabalho batista no Brasil. Ao tomar conhecimento de que a jovem Luther era comprometida com William Bagby, prontificou-se a ir ao seu encontro, mostrando-lhe a urgência que o Brasil tinha de receber missionários eleitos por Deus para disseminação do evangelho.

Em 12 de Janeiro embarcaram, em Baltimore, no veleiro Yamoyden, com destino ao Rio de Janeiro, o pastor e professor norte-americano William Buck Bagby e sua esposa Anne Bagby. Após a nomeação pela Junta de Richmond o casal de missionários, após 48 dias de viagem, chegou ao Rio de Janeiro em 2 de março de 1881<sup>164</sup>. Depois seguiu para Santa Bárbara, objetivando conhecer seus compatriotas, que já estavam estabelecidos. O casal Bagby precisava organizar seu tempo para dedicar-se ao estudo da língua, o que veio a acontecer em 16 de abril, no Colégio dos presbiterianos (Colégio Internacional de Campinas-São Paulo)<sup>165</sup>.

Lá, Anne teve oportunidade de lecionar diversas matérias suprimindo a falta de professores, e ainda dirigiu o internato feminino nas férias de

---

do país e elle finalmente desistir do plano. Quando visitara o Brasil ainda não era crente e não se interessava muito pelas condições religiosas dos pais. MESQUITA, Antonio Neves. **História dos Batistas do Brasil até o anno de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937. p. 41.

<sup>162</sup> MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, 1996.p. 14.

<sup>163</sup> MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, 1996.p. 14.

<sup>164</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 76.

<sup>165</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 76.

sua diretora. Além disso, lecionou música a algumas alunas, o que lhe possibilitou enviar a Junta de Richmond cento e quarenta dólares.<sup>166</sup>

Além dessas atividades, os missionários Bagby e Taylor, acompanhados de Albuquerque, foram conhecer novas terras, na tentativa de escolherem o melhor lugar para instituir um novo ponto de pregação do evangelho, pois planejavam implantar uma igreja missionária em outra colônia, no Estado das Minas Gerais. Para os Bagby, a escolha não se deu apenas por meio de análises racionais; tinham que cumprir a missão para a qual foram enviados. Acreditavam que Deus conduzia esta história, por isso decidiram que Salvador, no Estado da Bahia, seria a cidade escolhida. Para justificar tal decisão, elaboraram algumas considerações e as enviaram à Junta de Richmond. Assim dizia o documento:

Cremos que a Bahia (Salvador) é o melhor lugar para nos localizarmos. Depois do Rio de Janeiro, é a maior cidade do Império. Nós a escolhemos devido a várias considerações: Primeiro, sua grande população. Há uma estimativa de 200.000 habitantes [...]. Segundo, [...] a região é de agricultura – rica em produtos – e sua população, é estável e não nômade como a da zona pecuária. Terceiro tem ligações pelo mar com outros pontos importantes, pela baía e rios com grandes cidades vizinhas, e duas ferrovias a muitos lugares no interior. Quanto, na Bahia teremos diante de nós um campo quase que completamente desocupado. Enquanto no Rio de Janeiro há seis ou oito missionários evangélicos [...].<sup>167</sup>

Os missionários Bagby, Taylor, Albuquerque e suas respectivas esposas deixaram São Paulo e passaram a residir na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, no dia 31 de agosto de 1882.<sup>168</sup>

Os norte-americanos exerciam também o poder através das missões religiosas, da implantação de escolas – com seus métodos inovadores para a época –, que incutiam uma nova mentalidade, na nova geração, na perspectiva de formar uma elite<sup>169</sup>

<sup>166</sup> MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, 1996.p. 31.

<sup>167</sup> HARRISON, Helen Bagby. **The Bagbys of Brasil**: Broadman Press. Nashville. Tennessee, 1954. p.55. p.22.

<sup>168</sup> MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. pp.21-22.

<sup>169</sup> “As escolas protestantes tinham como objetivo primeiro difundir a “cultura” protestante (ideia de liberalismo econômico, democracia e direitos individuais), através de métodos educacionais modernos atraindo a atenção da elite brasileira para escolas americanas. A segunda intenção era formar uma elite que se não fosse protestante pelo menos tivesse sido influenciada pelos valores e princípios da cultura

intelectualizada, portadora de um ideário liberal, buscando a modernização e o progresso. Bastos corrobora dizendo:

Necessitamos de sangue novo, desta audácia, desta indústria, desta energia e deste espírito viril de invenção e de progresso que vocês podem nos trazer [...], não somente em razão do progresso, mas sobretudo pela reforma moral de meu país que desejo, com ardor e o mais rápido possível a comunicação entre o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte [...]. Não tenhamos medo do espírito civilizador, democrático, evangélico, humanitário e fraternal dos norte-americanos.<sup>170</sup>

Pelo discurso de Bastos, o Brasil recebeu os norte-americanos com muita expectativa, pois o país necessitava de trabalhadores com determinadas habilidades e que contribuíssem para o desenvolvimento. Permeava no imaginário do povo a presença de mudanças nos valores, nos princípios e na religião. Para os estrangeiros, essa receptividade favoreceu a aplicação das suas estratégias, onde seria materializada sua cultura, sua religião e a implantação de um regime democrático.

No Brasil, como colônia lusitana, o catolicismo sempre foi considerado uma religião oficial. A intolerância do Estado Português manifestava-se nos trópicos, através da atuação da Inquisição. Vários grupos religiosos foram privados de praticar seus cultos, a exemplo dos judeus, africanos e protestantes europeus. Esta realidade começa a modificar-se a partir de 1810.

Nesse mesmo ano, o governo permitiu que os ingleses, estabelecidos no Brasil, realizassem cultos nas suas casas ou em capela em formato de residência para evitar conflito<sup>171</sup> entre católicos e acatólicos. No entanto, era proibida a realização de trabalhos

---

protestante. A tática portanto, era a de influenciar fortemente na preparação de líderes e através deles, atuar eficazmente na sociedade. Esses líderes, mesmo que pessoalmente não fossem convertidos ao protestantismo, receberiam a influência evangélica em suas vidas, e mais tarde, quando estivessem ocupando cargo de importância no país, poderiam divulgar, compreender e facilitar a expansão do protestantismo e suas idéias.” Cf . MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p.104-106. ABREU, Sandra Elaine Aires de. **A criação da faculdade de Filosofia “Bernardo Sayão” e o protestantismo em Anápolis**. Goiás: Universidade Federal de Goiás. 1997. p.78 ( Dissertação de Mestrado).

<sup>170</sup> BASTOS, A. Tavares. **Cartas dos solitários**. São Paulo: Companhia Nacional, 1938, p. 416.

<sup>171</sup> A maçonaria, ainda que sem credo religioso, zela sempre pela liberdade religiosa e governo liberal. Estava, por princípio, ao lado do movimento evangélico no Brasil. O governo, composto em boa parte de maçons e homens afeiçoados à maçonaria, entrou num conflito com a igreja católica que agitou o país

missionários entre os nativos. Ainda no governo de D. Pedro II, “promoveram os estadistas liberaes a legislação que protegia as igrejas da perseguição. O governo imperial não só protegia os lutheranos da perseguição, como garantia o salário de pastores para as colônias e fazia doação de terrenos para igrejas e escolas.”<sup>172</sup>

Por fim, o Brasil abre suas portas para o comércio internacional, saindo de três séculos de isolamento. Em relação às questões religiosas, apenas a igreja romana tinha permissão de proclamar seus dogmas e praticar a evangelização.

Para Crabtree, D. Pedro II era considerado “um homem patriota, generoso, culto e tolerante”<sup>173</sup>. O seu governo contribuiu para instalação da liberdade religiosa e desenvolvimento do progresso do Brasil, além do seu reconhecimento entre as outras nações. Demonstrava certa aceitabilidade pelos países que professavam o protestantismo e acalentava o desejo de manter um relacionamento amigável com os imigrantes, trazendo-os para desenvolver seu projeto de colonização. Este gesto não quer dizer que o imperador aceitava de bom grado a mensagem pregada pelos protestantes, mas usufruía “dos seus conhecimentos e serviços práticos que podiam prestar”<sup>174</sup>. Segundo Émile Léonard, o discurso proclamado em 3 de maio de 1855 tinha o seguinte teor: “Meu governo empenha-se com particular interesse na tarefa de promover a colonização da qual depende essencialmente o futuro do país”<sup>175</sup>.

O imperador usou suas estratégias e permitiu que os imigrantes se estabelecessem, providenciassem espaço para prestar culto a Deus e promovessem a educação da sua prole, dispositivos considerados primordiais em suas vidas. Jones expõe seu pensamento dizendo que o interesse dos imigrantes ao chegarem ao Brasil foi providenciar

---

inteiro durante os annos de 1872 a 1875.p.25. CRABTREE, A.R. **História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906**. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro: 137. p.25.

<sup>172</sup> CRABTREE, A.R. **História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906**. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro:137. p. 25.

<sup>173</sup> CRABTREE, A.R. **História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906**. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro: 137. p. 23.

<sup>174</sup> LÉONARD, Emile. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 1963. p.54.

<sup>175</sup> LÉONARD, Emile. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 1981. p.48.

alimento e abrigo, foi trabalhar para o estabelecimento de culto religioso e de escolas para seus filhos. Não podiam tolerar a idéia de que as famílias fossem privadas de todas as heranças da mãe-pátria [...]. Por mais que quisessem ajudar os compatriotas, o pouco tempo que sobrava das lides do ganha-pão era insuficiente para atender às necessidades dos confederados. Doenças eram de se esperar, em face das primitivas condições de vida em clima diferente; a morte visitou muitas famílias. O desânimo se transformou em desespero à medida que a aventura fracassava. Longe de parentes e amigos, os colonizadores necessitavam do conforto da igreja. À necessidade de instituições religiosas juntava-se o desejo de ter escolas apropriadas para seus filhos. Torturados entre a obrigatoriedade de ganhar o pão de cada dia, para si e para os seus, a urgência de ministrar consolo aos seus vizinhos, os clérigos secundaram o apelo dos colonizadores às suas igrejas nos Estados Unidos, para que mandassem homens que ministrassem os seus conhecimentos, ensinassem a religião aos brasileiros. Atendendo a apelos urgentes é que as igrejas do Sul estabeleceram seus projetos missionários permanentes no Brasil.<sup>176</sup>

Sem alternativas, os imigrantes pediram ajuda aos seus amigos que ficaram nos Estados Unidos da América. Tinham consciência de que o país vivenciava momentos difíceis e de desolação. A falta de recursos financeiros contribuiu para o problema não ser resolvido. Os imigrantes decidiram pedir ajuda à missão, que não pôde atendê-los por estar vivenciando as dificuldades deixadas pela Guerra Civil ocorrida no período de 1861 a 1865.

Na segunda metade do século XIX, as ideias liberais estavam em ascensão no Brasil, estendendo-se também à vida social e literária, onde são consagrados os grandes nomes da intelectualidade brasileira, como: Rio Branco, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, entre outros. Para Carvalho<sup>177</sup>, existem dois tipos de liberalismo no Brasil: o dos proprietários rurais e o dos profissionais urbanos. Estes últimos atuaram mais na década de 1860, quando se deu maior envolvimento das pessoas letradas e o desenvolvimento urbano. Crabtree registra que:

Apesar da oposição intransigente da Igreja Catholica, o liberalismo na política encerrava os princípios de liberalismo na religião. Abertas as portas à imigração, vieram para o Brasil muitos protestantes a fim de

<sup>176</sup> JONES, Judith M. **Soldado descansado**: uma epopeia norte-americana sob os céus do Brasil. São Paulo: Editora Jarde, 1967. p. 188-189.

<sup>177</sup> Cf. CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: A elite política imperial. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

povoarem os territórios desabitados. Quando Marquês de Barbacena convidava os europeus a emigrarem para o Brasil, a única questão que surgia era a necessidade de garantias religiosas. O aumento do número de protestantes vindos da Suécia e da Alemanha levantou para o governo brasileiro diversos problemas e exigiu nova legislação sobre as questões de tolerância religiosa, casamento, registro de nascimentos, cemitérios e propriedades. Antes da evangelização de brasileiros por missionários, a imigração de protestantes preparou o caminho para o desenvolvimento dum ambiente favorável ao Evangelho.<sup>178</sup>

A história dos batistas faz uma abordagem das origens do protestantismo brasileiro e credita aos imigrantes de Santa Bárbara a relevância da Primeira Igreja Batista no Brasil, nos primórdios do trabalho batista, sem, contudo, discutir a questão do “marco inicial”. Santos<sup>179</sup> faz menção às divergências existentes quanto ao “marco inicial”, além de revelar que a data (10 de setembro de 1871)<sup>180</sup> tem sido objeto de discussões no interior da denominação.<sup>181</sup>

### 1.10. A Implantação do trabalho batista no Brasil

Antes de iniciar uma frente missionária, os batistas realizavam estudos para sondar a necessidade da sua presença. Concluído o diagnóstico, executavam suas ações na perspectiva de alcançar os objetivos pré-estabelecidos. A partir dos resultados, iniciava-se o trabalho de evangelização. Assim aconteceu com os Bagby e os Taylor, no dia 31

<sup>178</sup> CRABTREE, A.R. **História dos Baptistas do Brasil até o ano de 1906**. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro: 137. p. 23.

<sup>179</sup> Quando Santos se refere à Bahia como marco inicial, ele diz que algo sempre destacado entre os que defendem a organização da Primeira Igreja Batista da Bahia como marco inicial dos Batistas no Brasil é o fato de as circunstâncias responsáveis pela presença dos imigrantes norte-americanos no Brasil dos anos 1960 estarem ligadas a episódios da Guerra de Secessão, às posições adotadas a respeito da escravidão por proprietários do Sul dos Estados Unidos e à política intransigente da época da reconstrução. A da Colônia Americana de Santa Bárbara em São Paulo, resulta deste encontro de interesses. Para esse grupo, fica claro que o início de um trabalho religioso deve estar ligado a uma atividade missionária e com objetivos explicitamente conversionistas. Prova disto é o destaque dado ao fato de trabalho batista nesta fase da colônia de Santa Bárbara não ter qualquer preocupação com o povo da terra. Cf. SANTOS, Marcelo. **O Marco Inicial Batista: História e Religião na América Latina a partir de Michel de Certeau**. 1ª edição, São Paulo: Coleção Igreja Sem Fronteiras. 2003. p. 19

<sup>180</sup> PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clóvis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 69.

<sup>181</sup> Ver a esse respeito o debate que é travado por Santos (2003); Mendonça (1990).

de agosto e 1882, quando chegaram à Bahia<sup>182</sup>. Conforme Mein, o trabalho missionário no Brasil foi dividido em quatro períodos:

No primeiro, período pioneiro, o missionário inicia, desenvolve o trabalho e provê todos os recursos; no segundo período, já há resultados dos esforços do primeiro período e os nacionais trabalham sob a direção do missionário; no terceiro, missionários e nacionais cooperam igualmente, lado a lado, e os recursos para o sustento provêm de ambas as partes; e o quarto período é aquele em que o missionário trabalha sob a orientação do nacional, ou se afasta do campo missionário, deixando toda a responsabilidade e sustento aos nacionais.<sup>183</sup>

O envolvimento e a dedicação dos missionários norte-americanos ajudaram no desenvolvimento do projeto pensado para o Brasil. As fontes revelam que houve crescimento tanto na parte financeira, quanto na preparação de líderes, com formação teológica, capacitados para assumir o trabalho de evangelização e missões.

(Re) vendo a documentação batista, pode-se constatar que “todas as instituições educacionais e de caráter promocional, com raras exceções, estão sob o controle da Convenção Batista Brasileira, União Feminina Missionária ou convenções estaduais.”<sup>184</sup> E se porventura ainda existem algumas que não foram incluídas, já há estudo para inseri-las nas organizações nacionais.

Quando os missionários eram nomeados pela Junta de Richmond, vinham para o Brasil conscientes da sua função, mas também tinham clareza de que poderiam atuar em funções diversificadas nas atividades da denominação batista. Ao chegar aos campos envolviam-se em várias áreas, motivo pelo qual “não se pode dividir categoricamente alguns como evangelistas, outros como educadores, outros se dedicando totalmente à comunicação”,<sup>185</sup> pois um missionário podia desenvolver todas as atividades juntas, ou em outro período para atender às necessidades.

---

<sup>182</sup> Cf. PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clóvis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. Edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 80.

<sup>183</sup> MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992 p. 10.

<sup>184</sup> MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992 p. 10

<sup>185</sup> MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992 p. 10

### 1.11. Embates entre católicos e protestantes

Para analisar os embates encetados entre católicos e acatólicos, foi necessário recorrer aos primórdios do protestantismo. Diante da situação, questionou-se: Por que existiam tantas dissensões entre esses dois grupos? Como se davam essas manifestações? Quais os meios de comunicação em que eram veiculados os fatos?

Quando o casal Bagby chegou ao Brasil, em 2 de março de 1881, portanto, no final do século XIX, já existiam as reações católicas. No entanto, procuraram divulgar o evangelho mesmo sabendo que “as autoridades eclesiais católicas já haviam advertido os seus fiéis contra a tentação das novas doutrinas.”<sup>186</sup> As ofensas mais comuns manifestadas pelos católicos davam-se por meio de apelidos, como “bodes”, apedrejamento e modinhas (músicas ofensivas), proibição de enterro no cemitério local, queima de bíblias<sup>187</sup>, entre outros. Diante dessas ações, os protestantes reagiam publicando na imprensa e nos seus impressos os erros cometidos pelos católicos. Era desgastante esta situação, mas estes embates sempre existiram. Para amenizar os conflitos, resolveram agir de forma diferente: “[...] apresentar o evangelho na sua simplicidade.”<sup>188</sup>

A perseguição não impedia a disseminação da nova doutrina. Aos poucos, as pessoas iam sendo alcançadas pela mensagem do evangelho e tornavam pública sua conversão. Os confrontos junto ao clero continuaram. O casal Bagby, ao chegar ao Brasil, enfrentou vários desafios, mas mesmo assim realizou seu projeto de evangelização, implantação de igrejas, escolas, entre outras estratégias. Pereira relata uma experiência vivenciada pelo casal Bagby:

A Igreja Batista de Juiz de Fora havia sido fundada em fevereiro de 1889, resultado da atuação do Missionário Charles Daniel. Retirando-

---

<sup>186</sup> LÉONARD, Émile Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** 2 edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.p. 105.

<sup>187</sup> LÉONARD, Émile Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** 2 edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.p. 108.

<sup>188</sup> LÉONARD, Émile Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** 2 edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981. p. 105-1909.



se este do Brasil, William Bagby procurou dar assistência à igreja e efetuou alguns batismos. Por iniciativa de Bagby, foi alugado, em 1890, um pequeno salão para a realização dos cultos. Em julho desse ano deslocou-se para lá o Missionário H.E. Soper, e novos batismos foram efetuados. Um dia Soper resolveu realizar, com os crentes, um culto ao ar livre, em frente à estação da estrada de Ferro [...]. Mas, irritado com a propaganda e os progressos da pequena igreja batista, o padre local resolveu dar uma demonstração de força. Açoulou uma pequena multidão, que acossou os crentes batistas e os apedrejou. Soper, entretanto, não desanimou: apelando para as autoridades, obteve respostas e o culto, finalmente, se realizou, com a proteção de dez soldados armados de espadas.<sup>189</sup>

Os batistas continuaram divulgando o evangelho. Quando se tornava inviável, recorriam às autoridades militares, pedindo proteção e segurança para exercer seu trabalho e cumprir seus propósitos religiosos. A história dos batistas registrou outros fatos – no Sudeste e Nordeste. Desta vez o ocorrido deu-se no Rio de Janeiro, entre o clero e os batistas. As discórdias aconteciam pela presença da nova religião e aceitação pelo povo. Mesmo diante dos conflitos, os batistas se achavam no direito de continuar proclamando o evangelho e permaneciam firmes no seu ideário. Conforme Pereira, em Campos- RJ,

era grande a atividade do missionário, e a igreja crescia, com grande pesar do vigário da matriz. Em outubro de 1896, ladrões entraram na matriz e roubaram várias jóias, deixando quebradas diversas imagens. O crime foi atribuído aos batistas. À notícia do “sacrilégio”, multidão hostil se reuniu em frente à casa em que congregava a igreja e as pedradas começaram a chover. As autoridades, entretanto, se interpuseram, e nada houve de mais grave. Aliás, a população campista sempre se mostrou muito cordial para com os batistas, o que confirma a idéia de que lá, como noutros lugares, essas manifestações agressivas partiam de desordeiros aliciados [...]. Uma prova das atenções do povo campista foi dada quando da construção do templo que serviu por várias décadas à igreja. Salomão não fez pedidos diretos, mas escreveu que a cidade seria beneficiada com a construção do templo batista e que a igreja se sentiria feliz de receber donativos. O vigário da matriz não gostou da idéia e advertiu seus paroquianos a que ninguém ajudasse, de nenhuma forma, a construção do templo protestante, ameaçando-os mesmo de excomunhão. Parece que grande número de campistas estava ansioso de receber a ex-comunhão, porque as contribuições externas para a construção foram numerosas, e assim, em 21 de abril de 1898, o templo foi solenemente inaugurado,

---

<sup>189</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 116-117..

sendo que os fundos para a construção foram levantados, na maior parte, por brasileiros, crentes e não-crentes.<sup>190</sup>

As discordâncias permaneceram. Os dois grupos visavam a seus interesses, ou seja, as ações realizadas pelo clero eram em defesa da igreja e consistiam na luta para não perder seus fiéis. Para os batistas, a difusão do seu projeto religioso e a conquista de novos adeptos eram importantes, por isso continuavam pregando, e o povo escolhia a quem devia seguir.

Outro aspecto discutido por Crabtree refere-se às dissensões. Quando geradas, revelavam que o grupo detentor do poder defendia, para além dos interesses espirituais, o poder político, econômico e social. Contudo, não pretendia perder tal posição perante a sociedade, abrindo espaço para o crescimento de uma nova religião. Partindo desse pressuposto, as polêmicas que se travavam entre as duas religiões tinham como cenário não só os países estrangeiros; o Brasil também foi incluído, especificamente o estado de Pernambuco.

Todavia, os novos conversos não se intimidavam diante das ações e manifestações reveladas por aqueles que professavam a religião católica, mesmo que houvesse derramamento de sangue, ou perdesse a própria vida, em prol de algo considerado sublime, transcendente como a pregação da mensagem da cruz, portadora de grande significado para eles.

Em 1886, Melo Lins foi consagrado ao ministério pastoral, o que lhe possibilitou iniciar o trabalho batista em Pernambuco.<sup>191</sup> Nesse período chegaram a Recife os missionários Charles D. Daniel e sua esposa, que ajudaram na divulgação do evangelho. A Primeira Igreja Batista do Recife foi organizada no dia 4 de abril de 1887, com oito membros<sup>192</sup>. O missionário Charles D. Daniel esteve à frente da Igreja por apenas três meses, vindo posteriormente ser substituído pelo pastor Melo Lins.

---

<sup>190</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª. edição ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 119.

<sup>191</sup> MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 37.

<sup>192</sup> Fazendo um cotejamento das fontes, constatou-se que existem dados diferenciados, quanto à data e número de membros fundadores da Primeira Igreja Batista de Recife. Mein revela que a organização se deu no dia 4 de abril de 1887, com oito membros. Sellaro, na sua escrita, aponta para a fundação em 4 de

Nesse mesmo ano, o casal Daniel foi nomeado pela Junta de Richmond. Ao se estabelecer no Brasil, decidiu escrever uma carta à Junta, contando suas impressões ao aportar no dia 11 de janeiro daquele ano na Bahia. Assim ficou registrado:

Um dia depois de nossa chegada à Bahia, testemunhamos o batismo de duas moças pelo pastor nacional João Batista. O ambiente era muito diferente do que em geral se encontra em tais ocasiões nos Estados Unidos. Reuniu-se um grande número de pessoas para zombar e escarnecer, e o fizeram com muito alarde, rindo, xingando e usando de muitas palavras impróprias. Pretenderam apedrejar-nos, mas, avisado, o Pastor Taylor apressou o batismo e assim evitou o ataque planejado. Foi uma introdução bastante rude do trabalho de nossa causa. E sentimo-nos como um monte gelado, estéril, sem vida, cheio de infidelidade e romanismo.<sup>193</sup>

O casal Daniel surpreendeu-se com as atitudes dos brasileiros ao demonstrarem o preconceito e o desrespeito diante das práticas protestantes. O clero era motivado a agir dessa forma para não perder seus seguidores. A Igreja católica doutrina seu povo a não aceitar os apelos dos protestantes. A luta no campo religioso ultrapassou os séculos. A perseguição se tornou mais acirrada, à medida que foi crescendo o número dos novos conversos. Compreendem-se as ações manifestadas pela Igreja Católica como uma reação em defesa dos seus interesses e em obediência ao clero. Aproveitando o ensejo, Daniel faz menção (na mesma carta) aos Taylor, dizendo:

Jamais vi pessoas tão sinceras e tão ativas como o nosso bom irmão Taylor e sua nobre esposa. Quase não param de trabalhar, a não ser o tempo suficiente para comer e dormir. Quando não estão visitando os irmãos e interessados, estão escrevendo folhetos ou traduzindo literatura religiosa em português.<sup>194</sup>

O missionário Charles Daniel ficou impressionado com a dedicação e determinação do casal Taylor, pois, mesmo diante de tanta hostilidade, continuava a postos, aproveitando todas as oportunidades para disseminar o evangelho por vias orais

---

abril de 1886, com seis membros, sendo assim discriminados: O casal de missionários, os dois recém-batizados e o Casal Mello Lins. Cf. MEIN, David. **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. SELLARO, Leda Rejane Accioly. **Educação e Religião-colégio protestantes em Pernambuco na década de 1920**. Recife: UFPE, 1987. p.147. Centro de Educação. (Dissertação de Mestrado).

<sup>193</sup> TAYLOR, Zachary Clay. **The Rise and Progress of Baptist Missions in Brazil**. Manuscrito não publicado, cap. 54. s.d.

<sup>194</sup> Cf. CRABTREE, A.R. **História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1962.

ou impressas, enquanto eles escreviam ou traduziam textos e folhetos. O tempo era veloz. Os romanistas usavam do poder e da influência para catequizar, além de executar punições aos que deixassem a religião oficial para dar credibilidade ao discurso religioso pregado pelos “*hereses*”. Taylor, com suas atitudes, transmitia a confiança que portava no seu Deus, “precisando a tempo e fora de tempo” apregoar a mensagem bíblica para o povo. Os norte-americanos também demonstravam interesse religioso ao difundir o evangelho.

Em Nazaré-PE, os batistas pediam que os missionários norte-americanos reabrissem um ponto de pregação naquela região. Entzminger concordou, e em 21 de julho de 1895 foi inaugurada a casa onde aconteceriam os cultos e onde os primeiros adeptos à nova fé seriam batizados. Pereira relata os acontecimentos vindouros e como tudo transcorreu,

A cerimônia foi uma bomba nos arraiais católicos com o vigário à frente. Estimulada pelo padre, pequena multidão investiu à noite contra a casa de cultos, arrombou as janelas, juntou os bancos, mesa, harmônio, despejou querosene em cima e ateou fogo. Sabedor do incidente, Entzminger foi procurar o presidente do estado, que era então Barbosa Lima, republicano histórico. Este ficou indignado com o ocorrido, e garantiu, com um pequeno contingente policial, a volta do missionário à cidade. No dia apazado, quando desembarcou em Nazaré, Entzminger encontrou a sua espera cerca de 500 homens armados de cacetes e facas à vista dos soldados, de armas embaladas, o grupo se dispersou e não incomodou mais. Em 16 de janeiro de 1896 foi organizada a igreja batista da cidade.<sup>195</sup>

O trabalho missionário em Nazaré da Mata avançava cada vez mais. Edwin Entzminger acumulava algumas funções: atendia às igrejas e aos pontos de congregações, realizava batismos, além de ser “forçado a estender suas atividades até o Estado de Alagoas. Vê-se a vastidão da obra para tão poucos obreiros. Apesar disto o trabalho continuava a crescer”<sup>196</sup>. Era um trabalho árduo, cansativo. Por isso resolveu convidar o pastor Melo Lins para ajudá-lo a pregar a Palavra de Deus na cidade de Nazaré da Mata, interior de Pernambuco.

<sup>195</sup> PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 118-120.

<sup>196</sup> MEIN, David. O que Deus tem feito. **Rio de Janeiro: JUERP**, 1982. p. 13.

No ano de 1897, os protestantes batistas enfrentaram acirradas lutas. Os perseguidores tornaram-se mais fortalecidos, com o apoio do governador de Pernambuco, sucessor de Barbosa Lima. Usou a imprensa católica, o jornal a Era Nova, onde transmitia uma mensagem ofensiva, condenando a Bíblia que os evangélicos usavam, insinuando que esta era falsa, e que, portanto, não merecia credibilidade por parte dos católicos. Para além dessa agressividade, Barbosa Lima orientava seu rebanho a repudiar tal livro, portador de um teor perigoso aos ensinamentos do clero. O debate tomou grandes proporções. Quando o missionário Entzminger<sup>197</sup> tomou conhecimento da mensagem, apressou-se em combater o repúdio, através do “Jornal do Recife e a polêmica prosseguiu entre este e o Cônego João Machado de Mello, despertando o interesse de muitos”.<sup>198</sup>

Nessa época, quando estavam sendo implantadas as igrejas, os colégios, as escolas anexas, os hospitais, os católicos discordavam e defendiam seus interesses e ideais, ou seja, queriam assegurar seu espaço. O fato de o clero agir desta forma é passível de compreensão. O que não deveria haver era a violência e proibir as ações religiosas dos protestantes. Em 1900, surgiram novos conflitos, que atingiram o interior pernambucano. Consoante Sellaró:

[...] Por algum tempo os protestantes não podiam descansar sem proteção, dormindo uns enquanto outros velavam. Manoel de Holanda, mencionado, teve as quatorze casas de sua propriedade derrubadas, e incendiada sua Casa de Farinha. Apesar de tudo, os batistas expandiam suas ações<sup>199</sup>.

O campo pernambucano nesse período estava permeado por cenas desnecessárias. A falta de diálogo e consenso e a imposição por parte dos detentores do poder

<sup>197</sup> Entzminger, em Pernambuco, participou da polêmica com Padre Augusto, Vigário da Matriz da Boa Vista no Recife, e depois teve longa discussão com o cônego João Machado de Melo, através **d’o Jornal de Recife**, sobre livros apócrifos. O Padre Augusto escreveu na folha clerical “A Nova Era”, de 2 de setembro de 1896, um artigo sobre as Bíblias Protestantes, acusando-as de serem mutiladas, alteradas e corrompidas. MEIN, p.38. ENTZMINGER, W. E. “Os baptistas no Brasil”. **O Jornal Batista**. 27 de outubro de 1927. p. 5.

<sup>198</sup> SELLARO, Leda Rejane Accioly. **Educação e Religião**: colégio protestantes em Pernambuco na década de 20. Recife: UFPE, p.148. Centro de Educação. (Dissertação de Mestrado)

<sup>199</sup> SELLARO, Leda Rejane Accioly. **Educação e Religião**: colégio protestantes em Pernambuco na década de 20. Recife: UFPE, p.149. Centro de Educação. (Dissertação de Mestrado)

favoreceram esses conflitos e inviabilizaram o povo de exercer seu livre arbítrio. Conforme Crabtree, a perseguição aos protestantes continuou.

Fôra aberta pelos crentes de Bom Jardim uma congregação na casa do irmão Primo Fonseca. Este acto desagradou o fazendeiro Nicolau Antonio Duarte e o chefe político local, o dr. Motta Oliveira. Cada um destes inimigos organizou um grupo de capangas para surrar os crentes na ocasião do culto na casa do sr. Primo Fonseca. Nenhum dos dois sabia coisa alguma do plano do outro. O grupo que representava o fazendeiro, sob a direcção de José Cabral, chegou primeiro em frente da casa onde se realizava o culto. Logo em seguida chegou o segundo que representava o dr. Motta Silveira, dirigido pelo inspector de policia; suppondo o inspetor de policia que os homens em frente da casa do sr. Primo fossem um grupo de crentes, mandou fulminá-los a bala. O grupo de José Cabral suppondo que estava sendo atacado por crentes, respondeu com fogo. Travou-se o tiroteio entre os dois grupos de perseguidores enquanto os crentes lograram fugir pelos fundos da casa. Só no dia seguinte verificou-se o engano que em vez de atacar os crentes, como pensavam, atiraram fogo uns contra os outros.<sup>200</sup>

Durante esse movimento outros conflitos aconteceram entre os batistas e o clero. Não era permitido ao povo conhecer uma nova crença. Qualquer ação pensada pelos batistas resultava em dissensões entre os grupos. Esses fatos contribuíram para o desânimo e desmobilização das ações missionárias. Pereira relata como os atos aconteceram. Uma igreja batista foi organizada em Cachoeiras, em 1898, na casa de Hermenegildo César, recém-convertido. Logo, ele construiu anexo à sua casa um espaço para realização dos cultos. Seu desejo de anunciar a nova do evangelho e proclamar sua fé foi interrompido com a morte da esposa e do filho. Pereira relata o acontecimento:

O Padre José Bezerra, chefe político e senador estadual contratou um bando<sup>201</sup> de jagunços para ameaçar Hermenegildo. Este não se deixou intimidar, bem como outros crentes. Numa noite, os jagunços voltaram. Principiaram por saquear e destruir propriedades de outros crentes. Chegando à casa de Hermenegildo, este fugiu, deixando no quarto sua mulher, que dera à luz uma criança de três dias antes.

<sup>200</sup> CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até o anno de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1937. pp.136-141. Sobre o assunto ver Moreira e André.

<sup>201</sup> Crabtree não revelou onde foram denunciados os atos cometidos. No entanto, fez menção ao Jornal de Recife e um semanário. Cf. CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil até o anno de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1937. p.132. Léonard refere-se ao Jornal de Recife.

LÉONARD, Émile Guillaume. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social**. 2 edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.p. 114. Pereira se reporta ao Jornal do Recife e a um “processo que levou quatro anos nos tribunais de Pernambuco” PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p.120-121.

Julgava Hermenegildo que respeitariam uma senhora naquele estado. Não imaginava a que extremos pode chegar o fanatismo. Os celerados entraram no quarto, despiram à senhora e açoitaram-na barbaramente. Depois cortaram os punhos da rede e deixaram a criança cair. A pobre senhora, apavorada, apanhou o filho e fugiu nua, indo esconder-se num açude. A criança não resistiu à queda e morreu, e a senhora, traumatizada, veio a morrer poucos anos depois. Ao amanhecer, o irmão Hermenegildo procurou voltar a casa, não encontrando ninguém, indo depois encontrar a esposa meio morta dentro do açude onde tinha passado o resto da noite. Arruinados physica e materialmente, fugiram para Nazareth, onde oito dias depois enterraram seu filhinho que não tinha resistido aos efeitos da queda.<sup>202</sup>

Outra iniciativa posta em prática em Pernambuco foi o impedimento da disseminação do evangelho pelo frade italiano Frei Celestino di Pedavoli, com a fundação da Liga antiprotestante<sup>203</sup>, que tinha como finalidade proibir o crescimento da nova religião. Os protestantes batistas vivenciaram um período de discriminação, ameaças de morte e queima de bíblia. Segundo Pereira, Frei Celestino dizia “que as

<sup>202</sup> PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 120. Sobre o assunto, conferir MESQUITA, A. N. **História dos Baptistas em Pernambuco**. Recife: Tipographia do C.A.B, 1930, p. 47.

<sup>203</sup> Segundo Pereira, “a extraordinária atividade evangelizadora de Salomão Ginsburg no Estado de Pernambuco despertou a ira da Igreja Católica. Um frade italiano, Frei Celestino di Pedavoli, chegou ao ponto de fundar, em 1902, uma Liga Protestante, destinada a combater, com todos os recursos possíveis, o avanço da Causa Evangélica. Tentou estabelecer um clima de discriminação contra os protestantes, em algumas indústrias e firmas, tendo tido várias decepções. Um ato mais sensacional foi a queima de Bíblias. Retomando a velha idéia, já refutada pelo General Abreu e Lima, em polêmica célebre, quarenta anos antes, dizia Frei Celestino que as Bíblias protestantes eram falsas, e organizou uma solene queima no adro da Igreja da Penha, quando 214 Bíblias e porções foram incineradas.

Animado com o resultado dessa primeira operação, Frei Celestino planejou uma nova queima ao se comemorar um aniversário da formação da sua Liga.

Mas os protestos eram muitos, tendo o assunto repercutido no próprio Congresso Nacional, onde o deputado gaúcho Germano Haslocher fez veemente discurso condenando a atitude do frade. Mas este não deixou de executar seu intento. Só que em lugar de organizar uma queima pública realizou a queima na horta do convento. Nada impedia, entretanto, o progresso da Causa Batista. Algo desesperado, Frei Celestino contratou, por duzentos e cinquenta mil reis, o famoso bandoleiro Antônio Silvino, o Lâmpião daqueles tempos, para tocaiar e matar Salomão. O encontro se deu, e nada houve: impressionado com a cortesia do missionário, o bandido resolveu ouvi-lo em sua pregação, ficando do lado de fora da casa, sem ser pressentido. Após o culto, foi procurar Salomão em casa, e teve com ele longa conversa. A Liga Antiprotestante desapareceu, e Frei Celestino mudou-se. Os batistas é que saíram ganhando desses incidentes, porque um grande número de pessoas procurou as igrejas”. PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 136-141. Cf. SOBRINHO, Munguba. “Fatos Históricos dos primórdios do evangelho em Pernambuco. In: **Revista Teológica**. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Ano VI, nº 11, janeiro de 1955, p. 89-99.

Bíblias protestantes eram falsas, e organizou uma solene queima no adro da igreja da Penha, quando duzentos e quatorze Bíblias [...] foram incineradas”<sup>204</sup>.

Os sucessivos embates não intimidaram os batistas. O pomo dos conflitos era a fixação de que os crentes usavam bíblias falsas. Diante de tal questão, muitos protestantes se tornaram alvo das intenções maléficas do clero. Desta vez o motivo era a escritura usada pelos protestantes. Ribeiro explica a compreensão do clero sobre esse livro:

O que se alegou foi que eram bíblias falsificadas e blasfemas porque denominava Jesus o filho primogênito de Maria, e não o unigênito. E isso apesar de serem essas Bíblias de tradução católica romana (mas sem os Apócrifos), feita da *Vulgata*; aliás, a própria *Vulgata* sempre usa o termo *Primogênitus* para referir-se a Cristo como filho de Maria. Acredito que muitos aceitavam essa inverídica argumentação do bispo e do vigário ao queimarem a Bíblia; mas a maioria estou certo, tinha era medo de ser excomungada. Um homem recebeu uma Bíblia de minha mão e disse que ia lê-la, mas afirmou também que tinha medo de que o padre descobrisse e o excomungasse.<sup>205</sup>

Muitas foram às experiências vivenciadas pelos protestantes batistas para professar sua fé. Uma forma encontrada para conseguir realizar suas práticas religiosas foi prestar queixa à polícia militar para conter as reações esboçadas pelo clero. Mesmo sem encontrar os registros, as fontes revelam que os protestantes recorriam ao semanário e ao Jornal de Recife<sup>206</sup> para denunciar as agressões existentes em Pernambuco.

O trabalho de evangelização avançava no campo pernambucano e as discórdias entre os dois grupos aumentavam. A Igreja Católica persistia na prática de deslegitimar a Bíblia. “No ano de 1896, o jornal a Era Nova publicou dois artigos afirmando que a

<sup>204</sup> PEREIRA, José dos Reis; PEREIRA, Clóvis M. **História dos Batistas do Brasil 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 139.

<sup>205</sup> RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira: Aspectos da implantação do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p.33-34.

<sup>206</sup> Não foi encontrado nos livros pesquisados nenhum registro policial que mencionasse qualquer punição às afrontas do clero para com os batistas. Pereira registrou o depoimento de Hermenegildo, que sofreu com a perda da mulher e do filho. Também não foi mencionada a data em que o fato aconteceu. PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 120.



Bíblia Protestante era mutilada e corrupta”<sup>207</sup>; portanto, “perigosa para a fé dos leitores”.<sup>208</sup> O missionário William Edwin Entzminger, em resposta à denúncia, escreveu ao Jornal do Recife, provando que a Bíblia usada pelos protestantes batistas era autêntica e que os “livros apócrifos não tinham lugar na verdadeira Bíblia”.<sup>209</sup> O Cônego escolhido para o debate no Jornal com Entzminger foi João Machado de Mello.<sup>210</sup> A Junta de Richmond recebeu um relatório de Entzminger sobre a polêmica, dizendo: “Nos últimos meses eu tenho me envolvido em uma discussão jornalística nos jornais diários com o padre sobre bíblias falsas. Isso tem tomado muito meu tempo e dinheiro, mas honestamente penso que os resultados são muito positivos”<sup>211</sup>.

O debate travado na imprensa concorreu para que os batistas pudessem ter visibilidade e que as questões importantes sobre a Bíblia fossem esclarecidas. A Bíblia, a partir daquele período, tornou-se conhecida, e Entzminger conquistou a simpatia do povo. “Tudo isso contribuiu para a formação oficial da Liga Contra o Protestantismo, em 07 de outubro de 1902, com o propósito de aniquilar os crentes”<sup>212</sup>. A criação da Liga Protestante suscitou novos debates nos jornais de Recife e entre católicos e batistas. Neste período o representante dos católicos foi Celestino Pedavoli, e dos batistas, Salomão Ginsburg, que escreveu para a revista da Junta de Richmond:

Os católicos, com medo do crescimento que estamos alcançando, organizaram uma Liga Contra os Protestantes, cujo principal objetivo é nos expulsar do Brasil. Vocês podem muito bem imaginar que o principal alvo é a minha pessoa. Os jornais diários vêm cheios de insultos e ameaças contra mim, e o motivo é que eu estou explicando o evangelho e desmascarando o romanismo. Realmente os jesuítas não podem permitir isto, e no domingo passado escapei de ser morto ou espancado. Mas tudo isso ajuda nossa causa maravilhosamente. As

<sup>207</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª ed. Recife: Kairós Editora, 2010, p. 58. Faz menção à Liga Protestante.

<sup>208</sup> CRABTREE, Asa Routh. **História dos batistas do Brasil até o ano de 1906**. V. I. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937. p. 37.

<sup>209</sup> Apud TAYLOR, William Carey. William Edwin Entzminger (1859-1930): literary missionary. **The Quarterly Review**, n. 19,n.2, p.44, April-June, 1959.

<sup>210</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª ed. Recife: Kairós Editora, 2010, p. 58.

<sup>211</sup> Cf. CRABTREE, Asa Routh. **Baptists in Brazil**. Rio de Janeiro: Baptist Publishing House, 1953.p.75; OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª ed. Recife: Kairós Editora, 2010, p. 58.

<sup>212</sup> CRABTREE, Asa Routh. **Baptists in Brazil**. Rio de Janeiro: Baptist Publishing House, 1953.p.75.

peessoas mais representativas da cidade estão sendo excitadas como nunca. Cada dia temos novos visitantes procurando bíblias, folhetos e explicações.<sup>213</sup>

Os conflitos continuaram. Os jornais locais atendiam aos apelos dos católicos e publicavam as discórdias. Por outro lado, os batistas revelavam os objetivos dos dissidentes, gerando mais discussões, ameaças e morte. Ao assumir a direção da Liga Contra o Protestantismo, o frei Celestino de Pedavoli “declarou guerra ao protestantismo, quando os chamaram protestantes de “corifeus da iniquidade” e decidiu usar as armas do boicote e da pressão”<sup>214</sup>. A perseguição continuou acontecendo durante séculos por falta de respeito ao direito do homem.

## 1. 12. A contribuição dos batistas para a educação brasileira

Em 1882, quando os missionários William Bagby e sua esposa, Anne Bagby, chegaram ao Brasil presenciaram uma intensa agitação política com o movimento abolicionista em 1883, problemas com os militares, a queda da monarquia e, finalmente, em 1889, a proclamação da República. Após uma análise, fizeram um levantamento das dificuldades que teriam de superar para implantar seu projeto.

O casal Bagby enfrentou alguns desafios, a exemplo de evangelizar (num período de repúdio aos protestantes) e organizar escolas para atender aos filhos dos novos conversos. Pensando dessa forma, elaborou um plano de ação e o enviou para sua igreja de origem. A escritura enviada estava cheia de esperança, por acreditar que a educação contribuiria para a disseminação do evangelho.

Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas. Colégios fundados nestes princípios triunfarão [...] e conquistarão a boa vontade até de nossos próprios adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos e o poder irresistível do

<sup>213</sup> GINSBURG, Salomão Louis. **Perecution in Brazil**. FMJ, Richmond,VA, v.34,n.7.p.216, January, 1903.

<sup>214</sup> Cf. PEDAVOLI, Celestino di. **Combate ao protestantismo**. Discurso não publicado. Recife: Congresso Diocesano, 1902, p.1. Datilografado. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra cresce poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª ed. Recife: Kairós Editora, 2010, p. 59.

evangelho irá avante à América do sul e a terra do cruzeiro do Sul brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo.<sup>215</sup>

Os Babgy alertavam a Junta de Richmond da necessidade e interesse de fundar escolas anexas às igrejas. Para eles, se assim não fosse, o trabalho de missionário de proselitismo não fluiria a contento. Depois de muita reflexão, revelaram suas reais intenções; e como haviam elaborado seu projeto, foram classificando os motivos da seguinte forma: Implantar educação teológica para os brasileiros, preparando-os para assumir as igrejas e futuramente a liderança da denominação. Eram conscientes do papel da educação. Jerry Stanley Key explica que: “Francisco Fulgêncio Soren veio a organizar e ministrar classe teológica [...] para pelo menos oito alunos, no Rio de Janeiro, que se preparavam para o ministério”<sup>216</sup>. Existia carência de pastores no Brasil, uma vez que o evangelho estava expandindo e precisava-se de jovens vocacionados preparados. Diante da necessidade, os batistas fundaram instituições teológicas para suprir essa demanda.

#### Quadro 8- Instituições Teológicas fundadas no Brasil pelos missionários norte-americanos

Seminário <sup>217</sup>	Localização	Ano
Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil	Recife <sup>218</sup>	1902
Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil	Rio de Janeiro	1908
Faculdade Teológica Batista do Paraná	Paraná	1940
Instituto Bíblico Batista do Nordeste do Brasil	Feira de Santana	1941
Faculdade Teológica Batista de Brasília	Piauí	1952
Seminário Teológico Batista Equatorial	Belém	1955
Faculdade Teológica Batista de São Paulo	São Paulo	1957
Faculdade Teológica Batista Mineira	Belo Horizonte	1969

MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 1982. p.118-138.

<sup>215</sup> CRABTREE, A. R. **História dos Baptistas do Brasil até o anno de 1906**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1937. pp.69-70.

<sup>216</sup> KEY, Jerry Stanley. Educação Teológica. In: MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 1982. p.117.

<sup>217</sup> MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 1982. p.118-138.

<sup>218</sup> Mesquita faz menção ao Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB), dizendo: “Em um número do Jornal Baptista, de março de 1902, lê-se, que o ‘pastor J. Hamilton é aqui esperado no dia 23 para assistir à abertura da aula theologica que será no dia 1º de Abril’: Podemos, pois, reconstituir a história do nosso Seminário: quanto a seu começo, a doação foi pedida em 1900 e os planos feitos logo, mas o seu funcionamento ou inauguração effectuou-se no dia 1 de abril de 1902. [...] A acta da organização reza assim: ‘Acta da Instalação do Seminário Baptista em Pernambuco’ p. MESQUITA, Antonio N. **História dos baptistas em Pernambuco**. Recife: Typographia do CAB, 1930, p. 68; 74.

Em 1921, já existia uma defesa em torno do ensino primário e das escolas anexas às igrejas. Na matéria escrita por Baker, intitulada: “A importância da Escola Anexa”<sup>219</sup>, dava-se ênfase a alguns aspectos destas, entre os quais estavam: os princípios cristãos, os métodos, higiene e as condições da sala de aula. Para além desses elementos, os missionários aplicavam a “técnica da evangelização indireta na qual a ação catequética vinha imbutida no bojo das obras sociais, principalmente os colégios”<sup>220</sup>. Houve reconhecimento da contribuição dada por essas escolas à igreja, no sentido de ajudar aqueles que não compreendiam o mundo das letras, ao mesmo tempo em que contribuíam para o avanço da obra missionária. Conforme Mein, o sistema educativo vigente <sup>221</sup> “resultou em tanto analfabetismo por toda a parte do Brasil, que o povo comum ficava ansioso por qualquer oportunidade de estudar”.<sup>222</sup>

Quando os missionários se fixaram no Brasil, perceberam como era difícil para os filhos daqueles novos convertidos confessarem nas escolas onde estudavam que eram protestantes batistas. Deveriam ser portadores de algumas virtudes, tais como: equilíbrio, controle emocional e a convicção da sua decisão para a partir daí defender o evangelho. Para uma criança, ter domínio desses valores e conseguir “superar os preconceitos manifestados pelo público não era fácil, além de precisar conquistar a aceitação e simpatia do povo “pela causa batista”. Crabtree corrobora dizendo que “antes de 1900, Zacarias C. Taylor escreveu sobre o interesse e apoio do público na

<sup>219</sup> BAKER, C. A. **A importância da Escola Anexa**, em o Jornal Baptista, 22.09. 1921, p. 5.

<sup>220</sup> BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. São Paulo: USP. 1986, p. 186. (Tese de Doutorado)

<sup>221</sup> A educação ministrada pelas ordens católicas que tomaram o lugar dos jesuítas após a reforma pombalina em 1759 continuou garantindo a formação de súditos cordatos e conformados à ordem estabelecida. Os esforços da coroa para ilustrar o Brasil a partir da chegada da família real portuguesa em 1808 foram localizados na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo e Pernambuco. No entanto, tais esforços eram voltados para as próprias necessidades da Coroa, isto é, a formação de mão de obra especializada destinada ao funcionalismo público que atendesse às necessidades do Estado português. Médicos, advogados, engenheiros e militares estavam na base do funcionalismo público de então e, por isso mesmo, esse modelo educacional não incluía um projeto para a massa da população que continuou analfabeta, como bem demonstra o censo de 1872, quando aponta para os altos índices de analfabetismo que beiravam os 90% apenas entre os homens livres, excluindo-se desse número os escravos, que não eram poucos. GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Religião, Educação e Progresso**: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p.200.

<sup>222</sup> MEIN, David et ali (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. pp.21-22.

fundação de escolas denominacionais, mostrando como estas instituições poderiam superar os preconceitos para com os batistas”.<sup>223</sup>

No início do trabalho batista, em 1882, as escolas anexas eram sustentadas pelos pais dos alunos e posteriormente pela Junta de Richmond, que enviava verbas para ajudar na manutenção. As escolas anexas, para além das questões pedagógicas, utilizavam no seu cotidiano práticas religiosas, tais como o ensino e leitura da Bíblia, prestação de cultos a Deus, cânticos de hinos (músicas) e orações. As escolas anexas tinham como finalidade

suprir a ineficiência do sistema pedagógico nacional, bem como, onde fosse o caso, prevenir conflitos, que poderiam resultar da imposição de práticas romanas às crianças protestantes. Ela consolidava também a solidariedade do novo grupo minoritário, e dava a seus integrantes motivação para manterem respeito próprio, a despeito das pressões do ambiente contra sua religião reformada.<sup>224</sup>

A relevância das escolas anexas se dava na medida em que ajudavam ao aluno na aquisição de saberes pedagógicos e na execução dos seus deveres. Pais e alunos se envolviam no processo, internalizavam novos valores e ofereciam oportunidade para seus filhos permanecerem em contato com o mundo da leitura e da escrita<sup>225</sup>.

No ano de 1882, os missionários enviados pela Junta de Richmond, o casal Bagby, juntamente com Antônio Teixeira de Albuquerque, demonstraram interesse não só com as questões religiosas do povo brasileiro, mas também com as educacionais. O que mais preocupava os missionários era o analfabetismo encontrado nas igrejas.

Nesse período, faltava estrutura para desenvolver a proposta construída pelos pioneiros batistas. Na perspectiva de iniciar um novo tempo, no ano de 1922, no Rio de Janeiro, foi elaborada a proposta de educação batista enfatizando os seguintes pontos:

<sup>223</sup> MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. pp.21-22.

<sup>224</sup> RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**: Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1981, p.191.

<sup>225</sup> MACHADO, José Nemésio. **A contribuição Batista para a Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p.52.

Quadro 9 – Pontos norteadores para a educação batista no início do século XX.

1. Fidelidade ao evangelho e à apresentação da pessoa de Jesus Cristo como Mestre por Excelência.
2. Preocupação com o analfabetismo porque ele é o responsável e causador do atraso. Os analfabetos não podem exercer a liberdade e a democracia, nem seus direitos de cidadãos.
3. A coeducação
4. Ênfase nas atividades extraclasse;
5. Exemplo de vida, com ilustração concreta dos seus princípios, organização e métodos.
6. Respeito à liberdade religiosa.
7. Preocupação com a qualidade do corpo docente
8. Participação no atendimento aos alunos carentes e aos órfãos
9. Seriedade no cumprimento das obrigações do Estado, sem subserviência.
10. Currículo dinâmico. Nesse aspecto há de se registrar as propostas de ensino e sua ênfase à necessidade de adaptar a criança ao seu meio físico, intelectual e espiritual.
11. Preocupação com as condições de trabalho dos professores, servidores e alunos.
12. Metodologia influenciada pelos norte-americanos, dentro do espírito da Escola Nova.
13. Empenho na democratização do relacionamento professor – aluno <sup>226</sup> .

Anais da Convenção Batista Brasileira, 1922, p.p. 85-116.

No decurso de 1898 a 1960, a Junta de Richmond percebeu que as instituições educativas apresentavam bons resultados. Diante do exposto passaram a investir na construção de prédios e organização de escolas. Segundo William L. C. Richardson<sup>227</sup>, o sistema educacional batista dividiu-se em três períodos históricos: período de iniciativas individuais (1888-1898), período de crescente envolvimento da Junta de Richmond (1898 a 1960), e período de decrescente envolvimento da Junta de Richmond (1961 a 1981).

Os missionários norte-americanos tinham conhecimento das dificuldades que enfrentariam para disseminar o evangelho, levando em conta a ação católica no Brasil e o problema do analfabetismo. Para atender a estas necessidades foram estabelecidas escolas de primeiras letras, destinadas às crianças que precisavam ser alfabetizadas. No segundo momento, investiu-se nos cursos ginásial, secundários e nos liceus.<sup>228</sup>

<sup>226</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.81-114.

<sup>227</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.81-114.

<sup>228</sup> Cf. Relatório sobre Educação, apresentado à 10ª Reunião Anual da CBB realizada no período de 22 a 26 de junho de 1916. p. 4.

Posteriormente o plano de educação dos batistas abordou outros estágios da educação: “instituição literária superior, educação do sexo feminino, ministerial, comercial, agrícola, industrial e educação religiosa”.<sup>229</sup>

No ano de 1916, na Décima requêência da CBB, foi elaborado um plano requêência de educação, com objetivos a serem atingidos até 1920.

Neste plano os batistas previam a abertura de novas instituições, recomendando a adoção de métodos modernos de instrução, equipamentos, e ideais elevados de moral a serem passados para os alunos, a co-educação, a necessidade de disciplina, e a seleção de professores de alto nível, assim como sua formação pela própria denominação.<sup>230</sup>

Recomendava-se que as escolas batistas investissem num ensino dinâmico, valorizando o trabalho em grupo, utilizando atividades extraclasse, visando à aquisição de novas experiências. Tais práticas tornavam-se relevantes para o processo de ensino-aprendizagem. Jamil Cury coaduna com a ideia de que

não se aprende pela absorção. Aprende-se o que se pratica numa ‘situação real de experiência’ – onde a escola, em vez de classe de exercícios intelectuais, se transforma pela atividade e participação de todos, num centro onde se vive e não em um centro onde se prepara para viver.<sup>231</sup>

Outro aspecto relevante era o incentivo ao bom “relacionamento entre direção, professores e funcionários”<sup>232</sup>. Essa é uma das metas que se busca alcançar. No entanto, se tem consciência de que numa relação (“de mando e obediência”), onde estão envolvidas questões trabalhistas, os desentendimentos acontecem naturalmente; nesse caso é importante a prática do diálogo.

---

<sup>229</sup> Cf. Relatório sobre Educação, apresentado à 10ª Reunião Anual da CBB realizada no período de 22 a 26 de junho de 1916. pp. 7-14. <sup>229</sup> MACHADO, José Nemésio. **Educação batista no Brasil: uma análise complexa**. São Paulo: Clégio Batista Brasileiro, 1999. p. 128. JUERP, 1994, p.52.

<sup>230</sup> SILVA, Cleni da. **Educação Batista: análise histórica de sua implantação no Brasil e de seus desafios no contexto atual**. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p. 77.

<sup>231</sup> CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados. 1988, p. 88-89.

<sup>232</sup> ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista**. São Cristóvão-SE: UFS, 2006. p. 73. (Dissertação de Mestrado).

As atividades voltadas para o corpo – envolvendo a higiene e a saúde – são relevantes para a educação batista. A prática dos exercícios físicos promovida pelas instituições ajudam no desenvolvimento corporal do aluno. Existia uma concepção de que “os jogos athleticos contribuem para o adestramento das forças e da saúde do corpo”<sup>233</sup>.

### **A presença da mulher na criação das escolas batistas**

O movimento da escola nova trouxe no seu bojo a valorização do trabalho da mulher. A prática da coeducação surgiu como algo inovador. Quando as escolas batistas e de outros ramos protestantes adotaram esse método, foram criticadas veementemente, mas continuaram ocupando espaços diferenciados na sociedade, desempenhando outras funções que outrora não lhe eram permitidas.<sup>234</sup> Entre elas estavam a profissão de professora, enfermeira, missionária, política, entre outras.

As missionárias norte-americanas, ainda no século XIX, fundaram e administraram escolas batistas. Essas mulheres, ao chegarem ao Brasil, se envolviam com a obra missionária ou educacional. As casadas tinham papéis bem definidos, tais como: acompanhar o esposo no trabalho de evangelização, no cuidado do lar e dos filhos. Além de tudo isso, podia desenvolver outras atividades na igreja, na área de música ou do ensino, caso houvesse necessidade.

Acredita-se que as missionárias solteiras dividiam suas tarefas de forma diferenciada. Elas, ao serem nomeadas, tomavam conhecimento da função que exerceria – de acordo com sua formação –, podendo trabalhar em instituições escolares como diretora, no ensino teológico ou como professora. Durante muitas décadas no Brasil as escolas fundadas por americanos eram dirigidas por missionárias ou missionários.

---

<sup>233</sup> O JORNAL BATISTA, 03 de fevereiro de 1927, p. 8.

<sup>234</sup> Cf. MACHADO, José Nemésio. **Educação batista no Brasil: uma análise complexa**. São Paulo: Clégio Batista Brasileiro, 1999. p. 128.



Percebe-se que as mulheres conquistaram espaços que até então eram destinados aos homens. A mulher superou várias barreiras, passando a ser vista com outro olhar pela sociedade. Segundo O Jornal Batista, a mulher

não é mais a escrava antiga, sem direitos, sem valor, sempre espisinhada em todos os instantes da vida, (...) mas como um ser que tem vontade e que é capaz de pensar e de agir livremente, trazendo à luz das contribuições dos homens os fulgores e as belezas de sua inteligência<sup>235</sup>.

Os batistas também se envolveram com as questões sociais do seu tempo. E procuravam atender aos necessitados, denunciando as injustiças cometidas contra os pobres. No Brasil, a CBB em 1907 deu início a um projeto que atendia aos órfãos, aos indígenas e aos pobres. Suas ações foram ampliadas e fundaram hospitais batistas, lares para as crianças, lares para idosos, cursos de alfabetização, cursos profissionalizantes, creches e serviços de recuperação de viciados.<sup>236</sup>

Em Pernambuco, no ano de 1936, um grupo de crentes (batistas e presbiterianos) fundou o Hospital Evangélico como Associação Evangélica de Pernambuco. Em 1940, o Abrigo de Velho Salomão Guinsburg; em 1954, foi fundada a Casa Batista da Amizade.<sup>237</sup>

Os batistas desenvolveram um trabalho na área de assistência social desde o início do século XX. Nos seus planos, educação e serviço social andariam conjuntamente. Neste caso as temáticas discutidas na sala de aula deveriam estabelecer relações com o cotidiano, na perspectiva de serem aplicados os conhecimentos adquiridos na sociedade.

No plano de educação dos batistas discutiam-se temas como: liberdade, democracia, separação entre Igreja e Estado e o analfabetismo. Na época existiam acirrados debates contra “as discriminações e em favor das minorias; avançavam sobre

<sup>235</sup> O Jornal Batista 03 de dezembro de 2005 p. 11.

<sup>236</sup> Cf. CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**: “vai e faz da mesma maneira”. Recife: SEC 2005. p. 55-56.

<sup>237</sup> Cf. CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**: “vai e faz da mesma maneira”. Recife: SEC 2005. p. 59-62.

outros assuntos, como a questão do voto, de governo, da criança, do negro, do lucro advindo de um capitalismo selvagem, da anistia, da reforma agrária, entre outros”<sup>238</sup>.

O voto foi considerado um elemento importante não só para a escolha dos governantes, mas também para legitimação do processo democrático. O voto deveria ser dado de forma consciente e não para satisfazer a chefes políticos e coronéis. Exigiam-se “eleições limpas e respeito aos direitos individuais. Falava-se de reforma social, mas a maior esperança era depositada na educação do povo, no voto secreto, na criação de uma justiça eleitoral”.<sup>239</sup>

No ano de 1927, a educação era deficitária. Como escolher os líderes políticos se “falta ao povo a educação, o maior problema nacional, por onde defluirá a solução de todos os outros”<sup>240</sup>. A criação de novos impostos reacendia o desprezo por alguns governantes “que tornam a vida cada vez mais cara e insuportável”<sup>241</sup>.

Eram notórios os problemas pelos quais o Brasil passava. A sociedade também vivia uma crise política. Alguns brasileiros foram perseguidos e exilados. Os batistas brasileiros confirmavam que eram a favor da anistia; declaravam que a “campanha pela concessão da anistia continua acessa no parlamento e na imprensa, como reverbero da aspiração nacional”<sup>242</sup>. As dificuldades continuaram. É possível enumerar a ditadura Vargas no período de 1937 a 1945: “a campanha contra a posse de Juscelino Kubitschek, em 1955”<sup>243</sup>, e o movimento de 31 de março de 1964.<sup>244</sup>

Este movimento objetivava livrar o país da corrupção e do comunismo bem como recuperar a democracia, mas o decreto – Atos Institucionais (AI) – trouxe tamanhas mudanças que culminaram em “perseguições aos adversários do regime, envolvendo

---

<sup>238</sup> MACHADO, José Nemésio. **A contribuição Batista para a Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p.47.

<sup>239</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p.261.

<sup>240</sup> O Jornal Batista, 7 de abril de 1927, p. 2.

<sup>241</sup> O Jornal Batista, 28 de abril de 1927, p. 2.

<sup>242</sup> O Jornal Batista, 16 de junho de 1927, p. 2.

<sup>243</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p.359.

<sup>244</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p.397.

prisões e torturas [...]”<sup>245</sup>. E também o Brasil experimentou um período de retrocesso político na sua história. Diante dos acontecimentos, os batistas se manifestaram a favor da implantação do Golpe Militar; encontraram em OJB “um eficiente aliado na justificação das ações do regime militar”.<sup>246</sup> Em outro momento OJB assim se expressou:

Os acontecimentos políticos militares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do presidente da República vieram, inevitavelmente, desafogar a nação. Porque estávamos vivendo num clima pesado de provocações, de ameaças, de agitações, que nos roubavam o mínimo de tranquilidade necessária para poder trabalhar e progredir.<sup>247</sup>

Percebe-se que uma das alas dos batistas aderiu ao movimento, inclusive demonstrou seu descontentamento com as manifestações populares. Questiona-se essa postura porque no discurso proferido pelos batistas estava presente a defesa da liberdade, da democracia, da modernidade e progresso. Segundo Lain:

O protestantismo se considera arauto da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. Mas de uma liberdade baseada no espírito individualista e utilitarista, de uma democracia dos eleitos, prósperos (e não dos condenados ou excluídos), de uma modernidade erigida sob a batuta do capitalismo e de um progresso que não leva em consideração o bem – estar de todos e, sim, de uma minoria<sup>248</sup>.

O ideal de democracia e liberdade defendida pelos protestantes diz respeito a uma atitude individual, e a mudança da sociedade deve acontecer de maneira pessoal, sem necessitar o envolvimento com grupos ou com outras pessoas<sup>249</sup>.

<sup>245</sup> Cf. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p.398.

<sup>246</sup> LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso: faces do sagrado**. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 109.

<sup>247</sup> O Jornal Batista, 12 de abril de 1964, p. 3. Cf. MACHADO, José Nemésio. **Educação Batista no Brasil: uma análise complexa**. São Paulo: Cortez, 1999, p.49. JUERP, 1994, p.47.

<sup>248</sup> LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso: faces do sagrado**. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 109.

<sup>249</sup> Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso: faces do sagrado**. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 109.

Nas décadas de 1950 e 1960, apareceram alguns conflitos entre o grupo protestante que permitiram a existência de duas alas prejudicando as bases da Igreja protestante. Segundo Lain:

De um lado estavam os defensores de um evangelismo social, exigindo uma transformação radical das estruturas da sociedade para uma ordem justa fraterna, e do outro lado estavam os defensores de um protestantismo tradicional, vendo a realidade como uma estrutura fixa que não podia ser transformada. Mas se, por outro lado, tiverem optado pela postura de compactuar com os poderosos, seriam considerados verdadeiros cristãos.<sup>250</sup>

Os dois grupos marcaram presença nesse movimento. Cada ala buscava atender sua ideologia. A primeira lutava por mudança social, sem esquecer os princípios cristãos. Também era a favor de uma transformação política na sociedade. Por defenderem essas ideias foram rotulados como “deturpadores da missão espiritual e evangelizadora da igreja e comunistas”<sup>251</sup>. Já o segundo grupo era composto pelos tradicionais, que não desejavam mudanças, mas apoiavam os detentores do poder, por isso eram tidos como cristãos, legítimos<sup>252</sup>.

Fazendo uma releitura das matérias publicadas em OJB, constata-se o apoio dado e a aproximação dos protestantes com o golpe militar. Conforme Reily:

Houve um alto grau de aceitação da intervenção militar pelos protestantes, a princípio pelo medo que João Goulart estivesse conduzindo o país para um caos socialista e possivelmente à guerra civil. Nesse caso o novo regime representou a salvação política da

---

<sup>250</sup> Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 109.

<sup>250</sup>“Entre os maiores representantes, no Brasil, da corrente teológica voltada para o processo de transformação política e social estavam Rubem Alves e o missionário norte-americano Richard Shaull. Osiveram preocupação com essas duas dimensões da vida. Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p.112.

<sup>251</sup> Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 112.

<sup>252</sup> Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p. 109.

<sup>252</sup> Cf. LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON, 2012, p.112.

pátria. Medo da esquerda e simpatia pela direita parece refletir fielmente a mentalidade protestante majoritária<sup>253</sup>.

Percebe-se que os protestantes resistiram às mudanças, sentiam-se seguros e se identificaram com a “permanência da estrutura social” e seu “espírito anticomunista”.

O Pr. José dos Reis Pereira, redator de OJB, asseverou “o seu gosto pela revolução triunfante, salvando o país das mãos dos comunistas, pois a revolução venceu para que a democracia fosse plenamente restaurada e libertada dos inimigos que a ameaçavam”<sup>254</sup>. Em outro momento Reis Pereira, explicou que “uma das razões para não poder apoiar nenhum regime totalitário, seja comunismo seja o franquismo em qualquer das nuances por que aparecem, é que esses regimes querem impor a consciência dos cidadãos, proibindo ou limitando suas atividades religiosas”<sup>255</sup>. Denunciou que esses regimes são perigosos e por isso apoiava o golpe militar. Percebe-se que essa mentalidade não era só de Pereira, mas também da CBB.

A discussão travada por Vanderlei Lain, Rubens Alves, Reis Pereira, Dunkan Reily, e Ebenezer Cavalcante, ajudou-nos a entender por que Martha Hairston conseguiu desenvolver um trabalho nos quartéis de Recife. Os protestantes colaboravam para a não permanência do comunismo no Brasil.

Não foi encontrado na documentação pesquisada nenhum posicionamento de Hairston sobre as questões políticas enquanto ela esteve no Brasil. Mas sua postura e os programas de cunho religioso desenvolvidos nos quartéis e o bom relacionamento existente entre o SEC e os militares explicam sua rejeição pelo o regime comunista.

### 1.13. Período de Iniciativas Individuais (1888-1898)

No início do trabalho da missão, a Junta de Richmond não demonstrou interesse em fundar escolas. A preocupação do órgão era com a evangelização dos brasileiros. O

<sup>253</sup> REILLY, Alexandre Durkan. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1985. p. 235.

<sup>254</sup> PEREIRA, José dos Reis. Novo governo. **O Jornal Batista**. O Rio de Janeiro, 26 de abril. 1964. p.3.

<sup>255</sup> PEREIRA, José dos Reis. Novo governo. **O Jornal Batista**. O Rio de Janeiro, 26 de abril. 1964. p.4.

sentimento e as ações dos missionários norte-americanos demonstravam muito interesse pela alfabetização do povo brasileiro. O sucesso do trabalho de evangelização dependia da situação escolar em que a sociedade se encontrava. Para Ribeiro: “[...] Os pais deveriam ensinar ou mandar ensinar a ler, para que venha a ler por si mesmo a Santa Escritura”.<sup>256</sup> A organização de uma escola requer investimento, prédios, mobília, recursos humanos e didáticos. Nos primórdios da educação batista, os missionários apresentavam suas propostas e dedicavam-se ao magistério, assumindo todas as despesas.

No início do trabalho batista, para manter a obra, os pioneiros enfrentaram várias dificuldades, venceram desafios, mas mantiveram-se firmes nos seus propósitos. As primeiras iniciativas de implantação de escolas, mantidas pelos próprios missionários, não lograram muito êxito, mas constatou-se que seria uma estratégia importante para a expansão do evangelho. No período de 1888 a 1898 foram organizadas as seguintes escolas:

Quadro 10- Escolas fundadas por iniciativa individual dos missionários, igrejas ou membros de igreja (1888-1898).

Data de fundação	Nome da escola	Local	Organizadoras
1888	1ª Escola Batista	Rio de Janeiro	Maggie Rice
1894	Escola Industrial	Salvador- BA <sup>257</sup>	Maggie Rice
1895	Escola Batista	Campos-RJ	Emma Ginsburg
1898 <sup>258</sup>	Colégio em BH	Belo Horizonte	Bertha Stanger e Mary Wilcox
1898	Colégio Taylor Egídio	Jaguaquara-BA	Laura Taylor e Egídio de Almeida

Fontes: PEREIRA<sup>259</sup>, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 347-351.

<sup>256</sup> RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**: Aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1981, p.184.

<sup>257</sup> A Escola Industrial foi fundada no ano de 1894.

<sup>258</sup> “A Escola na Bahia foi organizada no dia 9 de maio de 1898 pela senhora Laura Taylor, esposa do missionário Zacarias Clay Taylor, tendo a ajuda financeira do Capitão Egídio Pereira de Almeida. Com a fundação dessa escola, começou a raiar uma nova era na história da educação batista brasileira. Era nova por três motivos: primeiro, porque esta foi a primeira escola batista brasileira a permanecer de pé e não fechar, sua existência continuando até o presente momento; segundo, porque serviu como exemplo de interesse mútuo, tanto dos brasileiros como também dos missionários americanos, para a educação do povo por meio de escolas denominacionais; terceiro, porque despertou o interesse da Junta de Richmond no investimento neste tipo de ministério, lançando o período de crescente envolvimento dela na educação batista brasileira. Percebe-se que a Junta de Richmond no ano de 1898 ‘enviou bastantes recursos para a fundação e construção de vários colégios batistas por toda parte do Brasil’. RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.84.

Por acreditar nessa possibilidade, os missionários solicitaram à Junta de Richmond que investisse nesse empreendimento educacional, enviando verbas para a implantação de escolas, colégios e mandando missionários para atuarem como diretores e professores.

#### **1.14-O Período de crescente envolvimento da Junta de Richmond (1898 a 1960)**

Após a fundação do Colégio Taylor Egídio, na Bahia, Zacarias Clay Taylor enviou uma carta à Junta de Richmond comunicando que os brasileiros estavam interessados em fundar outras “escolas denominacionais”<sup>260</sup> para atender à população. A partir dessa data (1898) a Junta passou a enviar recursos financeiros e humanos para atuarem como diretores e professores nas escolas e colégios batistas espalhados pelo Brasil. Segundo Richardson, “por causa dos investimentos prudentes e de compras excelentes no passado, da parte de missionários da Junta de Richmond, muitos colégios batistas no Brasil hoje gozam de localidades privilegiadas e de patrimônios fabulosos”<sup>261</sup>.

No entanto, com o advento da República, ainda sob a égide dos estados federados, que a escola pública, entendida em sentido próprio, fez-se presente na história da educação brasileira. Com efeito, é a partir daí que o poder público assume a tarefa de organizar e manter integralmente escolas, tendo como objetivo a difusão do ensino a toda a população. Esta tarefa materializou-se na instituição da escola graduada a partir de 1890<sup>262</sup> no estado de São Paulo, de onde se irradiou para todo o país.<sup>263</sup>

<sup>259</sup> PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 347-351.

<sup>260</sup> CRABTREE, A. R. **Baptists in Brazil**. Rio de Janeiro: The Baptist Publishing House of Brazil, 1953, p.63.

<sup>261</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982, p. 84.

<sup>262</sup> Saviani propõe uma periodização da escola pública no Brasil e apresenta duas etapas. “A primeira etapa compreenderia três períodos: o primeiro (1549-1759) corresponderia à pedagogia jesuítica, isto é, a escola pública religiosa entendida em sentido amplo; o segundo (1759-1827) estaria representada pelas “Aulas Régias” instituídas pela reforma pombalina; e o terceiro período (1827-1890) consistiria nas primeiras tentativas, descontinuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias. A segunda etapa se iniciaria em 1890, com a implantação dos grupos escolares, e corresponderia à história da escola pública propriamente dita. Esse período foi dividido em: primeiro (1890-1931) – implantação progressiva e em ritmos diferenciados, nos estados, das escolas graduadas primárias sob o impulso do Iluminismo republicano com o respaldo das escolas normais que começaram a ser consolidada, também sob a forma de graduada. Esse período abrange de (1890-1931); segundo – regulamentação, em âmbito nacional, das

O período de envolvimento da Missão coincidiu com as questões levantadas por Saviani ao escrever sobre a história da escola pública no Brasil. Constatou-se que nos anos de 1898 a 1960 houve um grande desenvolvimento no trabalho, e a Junta de Richmond tomou conhecimento dos projetos implantados pelos missionários. O quadro a seguir demonstra a contribuição enviada para a educação no Brasil.

Quadro 11- Demonstrativo das verbas enviadas pela Junta de Richmond para custeio do sistema educacional no período de 1898 a 1960.

Ano	Instituição educacional	Verba/mês	Total/ano
1898	Duas Escolas Batistas Colégio Taylor Egídio	-	-
1908	Colégio Batista Shepard	-	US\$ 12.000.00
1908	Colégio Batista Alagoano	US\$ 400.00	US\$ 3.500.00
1915	Colégio Taylor Egídio	US\$ 100.00	US\$ 450.00
	Colégio Batista Fluminense	US\$ 21.000.00	-
1916	Colégio Batista Shepard	US\$ 100.000.00	-
1916	Colégio Progresso Brasileiro	US\$ 18.000.00	-
1917	Colégio Progresso Brasileiro	US\$ 10.750.00	-
1920	Colégio Progresso Brasileiro	US\$ 25.000.00	-
1920	Colégio Batista Mineiro	US\$ 25.000.00	-
1926	Colégio Batista Americano em Porto Alegre	US\$ 5.000.00	-
1917-1929	Colégio Batista Brasileiro	US\$ 75.000.000.00	-
1936-1960	Colégio Batista Americano em Porto Alegre	-	US\$ 4.000.00 US\$ 5.000.00
1942	Taylor-Egídio	US\$ 5.000.00	-
1950	Colégio Batista Brasileiro	-	US\$ 500.00
1956	Colégio Batista Santos Dumont	-	US\$ 3.000.00 US\$ 4.000.00

escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador. Esse período abrange (1931-1961); terceiro – unificação da regulamentação da educação nacional, abrangente as redes pública e privada sob o influxo direto ou indireto de uma concepção produtivista de escola. Esse período estende-se de (1961-1996). Saviani distingue em três períodos: As escolas graduadas e o ideário do Iluminismo republicano (1890-1931); Regulamentação nacional do ensino e o ideário pedagógico renovador (1931-1961); Unificação normativa da educação nacional e a concepção produtivista de escola (1961-1996).” SAVIANI, Dermeval [et al.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.17.; SOUZA, Rosa Fátima de. *Templo de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p.20-21.

<sup>263</sup> Cf.SAVIANI, Dermeval [et al.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.17.; SOUZA, Rosa Fátima de. *Templo de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p.20-21.



1958	Escola Batista Horticultura e Granjas B.H.Foreman, Ceres, Goiás	-	US\$ 22.000.00 US\$ 71.000.00 US\$ 75.000.00
1959	Taylor-Egídio	US\$ 5.000.00	US\$ 450.00
1959	Colégio Americano Batista – Recife	US\$ 11.161.52	-
1959	Colégio Batista Americano – Volta Redonda	US\$ 8.000.00 US\$ 3.000.00	-
1950-1960	Colégio Batista Fluminense	-	US\$ 1.000.00 US\$ 1.500.00
1959-1971	Escola Anexa de Mato Grosso	-	US\$25.929.45
1960	Col. Americano Batista	US\$ 9.661.74\$ US\$ 5.000,00	-
1960	Taylor-Egídio	US \$ 533.00	US\$ 6.400.00
1960	Taylor-Egídio	-	US\$ 2.500,00
1960	Colégio Batista Shepard	US\$ 3.000.00	-
1960	Colégio Batista Alagoano	-	US\$ 3.500.00
	Colégio Batista Fluminense	-	
1960	Colégio Batista Mineiro	-	US\$ 4.000.00 a US\$ 5.000.00
1960	Escola Doméstica Kate White	-	US\$1.500.00
Total	-	US\$128.257.32	US\$16.493.294.

Fontes: RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 81-114.

O projeto educacional implantado pela iniciativa individual, igrejas e Junta de Richmond<sup>264</sup> expandiu-se, contribuindo para a disseminação do evangelho, atendendo às carências e iluminando mentes e corações por meio da educação.

### **1.15. O Período de decrescente envolvimento da Junta de Richmond (1961 a 1981)<sup>265</sup>**

Nesse período, a Junta de Richmond manteve alguns colégios, e à medida que os missionários foram se aposentando ou sendo transferidos para outros estados ou países, essas instituições, passaram a ser dirigidas por brasileiros.

<sup>264</sup> A Junta de Richmond recebe verbas designadas por fontes diferentes (plano cooperativo, ofertas designadas por indivíduos ou igrejas e/ou campanhas especiais). E-mail enviado por Peggy Pemble em 11 de junho de 2012.

<sup>265</sup> A Junta de Richmond enviou verbas para estas instituições até o ano de 1981. No entanto, as análises serão feitas apenas até o ano de 1979, período em que Martha Hairston atuou como diretora do SEC.

Quadro 12-Verbas enviadas pela Junta de Richmond para custeio do sistema educacional dos batistas.

1961	Escola de Primeiro Grau Batista Sergipana	-	US\$ 2.102.00
1972	Escola de Primeiro Grau Batista Sergipana	-	US\$ 482.00
1974	Colégio Batista em Santarém	-	US\$ 3.000.00 US\$ 4.000.00
1979	Colégio Batista Santarém	-	US \$ 807.00
1979	Colégio Batista em Natal	US\$ 544.00	-
			US\$ 10.391.00

Fontes: RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 81-114.

Houve crescimento quantitativo e qualitativo dos colégios e das escolas batistas fundados pelos missionários da Junta de Richmond, o que leva a acreditar que “os colégios batistas brasileiros tinham recursos suficientes para ter seus próprios diretores e desenvolver seus programas por conta própria.”<sup>266</sup> Partindo desta suposição, concluíram que essas instituições já podiam manter-se sem a contribuição financeira com que outrora contavam.

Outro aspecto relevante foi a diminuição do número de missionários norte-americanos na administração dos colégios. Richardson explica como o processo aconteceu: “Ano após ano neste período se viam mais e mais colégios nas mãos dos administradores brasileiros, até o ponto de não ter colégio nenhum em 1980 sob a direção de missionários estadunidenses”<sup>267</sup>. Observou-se que quando os missionários eram transferidos para outra função ou aposentavam-se não eram substituídos, e as direções passavam para as mãos de brasileiros.

A Junta de Richmond fixou um cronograma que demonstrava a redução das verbas financiadas anualmente para o sustento das instituições educacionais, até completar o prazo pré-fixado para sua extinção.

<sup>266</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.111.

<sup>267</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.111.

Quadro 13-Demonstrativo da suspensão gradativa de apoio financeiro à rede de escolas.

Instituições de ensino	Cronograma das instituições de ensino que foram desvinculadas do programa de auxílio da Missão.
As Escolas Anexas de Goiás	1960
O Colégio Batista Brasileiro em S. Paulo.	1963
O Colégio Batista Mineiro e o Colégio Batista Brasileiro no Rio.	1964
O Colégio Americano em Vitória	1965
Colégio Batista Fluminense (em Campos), o Colégio Batista Shepard no RJ e o Colégio Batista em Fortaleza.	1967
O Colégio Batista em Porto Alegre	1969
O Colégio Batista em Teresina	1970
As escolas anexas de Mato Grosso	1971
O Colégio Batista Ida Nelson	1972

Fonte: RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.111-112.

A Junta de Richmond não retirou imediatamente as verbas enviadas para a rede dos colégios batistas. Os auxílios foram sendo reduzidos gradativamente. O quadro mostra os colégios/escolas que foram desligados do programa até o ano de 1972. Outras instituições continuaram recebendo recursos financeiros até o prazo estipulado. Entre elas estão: “Colégio Batista Daniel de La Touche, em São Luís-MA; Colégio Batista Santarém; Escola Batista em Aracaju; Colégio Batista Alagoano; Colégio Americano Batista em Recife; Escola Kate White e o Instituto Batista Industrial em Piauí.”<sup>268</sup>

Na data pré-estabelecida os recursos financeiros foram suspensos; mas mesmo assim continuaram a crescer numericamente, favorecendo um equilíbrio financeiro nos anos seguintes. É possível constatar o resultado por meio dos dados a seguir:

<sup>268</sup> RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.112.

Quadro 14- Número de alunos matriculados nas instituições batistas em 1980.

Colégios	Número de alunos
Colégio Taylor – Egídio em Jaguaquara	500
Colégio Batista Shepard	1.000
Colégio Batista Brasileiro, Rio de Janeiro	1.000
Colégio Batista Brasileiro, São Paulo	2.300
Colégio Batista Mineiro	6.000
Colégio Americano em Vitória	3.000
Colégio Batista Fluminense em Campos	2.000
Colégio Batista em Porto Alegre	985
Colégio Batista Santos Dumont, Fortaleza	1.500
Colégio Batista Daniel de La Touche, São Luís	2.000
Colégio Batista Ida Nelson, Manaus	3.000
Colégio Americano Batista, Recife	1.250
Colégio Batista Alagoano	950
Colégio Batista em Natal	-
Colégio Batista em Aracaju <sup>269</sup>	-
Instituto Batista Industrial em Corrente	-
Colégio Americano em Volta Redonda	2.500
Escola Doméstica Kate White	-
Escola de Horticultura em Ceres	-

Fonte: RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.113.

O surgimento desses colégios deu-se para atender a uma parcela da sociedade, motivo pelo qual os missionários recorreram à Junta de Richmond. A fundação dessas instituições contribuiu para a implantação do ideário missionário, que era evangelizar e ensinar. Até o final do século XIX, os fundamentos da Pedagogia estavam alicerçados na Filosofia. Foi no início do século XX que a Pedagogia passou a receber influência

<sup>269</sup> Durante a trajetória, o Instituto Pan – Americano de Ensino (PAE) foi renomeado diversas vezes por conta de determinação da legislação ou das reformas promovidas nos âmbitos estadual e federal. Em 1953, tendo como diretora a missionária batista norte-americana Linnie Winona Treadwell, recebeu o nome de Educandário Americano Batista (EAB). No dia 21 de outubro de 1961, foi inaugurado o novo edifício da escola, com a presença do governador do Estado, dentre outras autoridades. O prédio, com dois pavilhões, tinha seis salas de aula, biblioteca, auditório, dois escritórios, quatro banheiros, cozinha, terraço e sala de vigia. Fazendo o cotejamento das fontes, percebe-se que a citada instituição não foi registrada em nenhum momento com esta nomenclatura: Colégio Batista em Aracaju. Dados retirados da minha dissertação de Mestrado. ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista**. Aracaju: UFS, 2006, p. 2. (Dissertação de Mestrado).

das outras ciências, como “A Psicologia, a Sociologia e a Biologia<sup>270</sup>”, as quais procuravam compreender como se dava o desenvolvimento do homem nos aspectos físicos, sociais e emocionais<sup>271</sup>.

O movimento de renovação tinha como finalidades discutir e efetuar mudanças no sistema educacional. Para Lourenço Filho, uma forma de resolver os entraves da educação seria implantar um “conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino [...]. Esses princípios derivaram de uma nova compreensão de necessidades da infância, inspirada em conclusões de estudos da Biologia e da Psicologia”<sup>272</sup>

O movimento escolanovista originou-se na Europa, chegou aos Estados Unidos, repercutiu no Brasil, espalhou-se nos países do continente americano e posteriormente alcançou o status de movimento de renovação educacional.

Esse movimento surgiu num período de transformações na economia, na política e na indústria. Foi grande a demanda pelo serviço público da educação. O ensino tornou-se um instrumento político e social que apontava para uma reforma na ação educativa, revelando a necessidade da implantação de princípios adotados pela pedagogia moderna e reestruturação na organização escolar e nos procedimentos de ensino.

Na década de 1920, os educadores entendiam que para remodelar o sistema educacional era preciso erradicar o analfabetismo<sup>273</sup> por meio da intervenção e instrução pública. No ano de 1924, foi fundada pelos profissionais da educação a Associação Brasileira de Educação (ABE), que se tornou um instrumento de difusão desse

---

<sup>270</sup> SAVIANI, Dermeval. **Histórias das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas - São Paulo: Autores Associados. 2008, p. 200.

<sup>271</sup> Cf. TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressiva ou a transformação da escola**. Rio de Janeiro: DPe A, 2000.

<sup>272</sup> LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1969. p. 17

<sup>273</sup> Cf. CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã**. Rio de Janeiro: Edições UFC, 1980.

pensamento moderno, por meio, principalmente, de Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, que aderiram ao pensamento de Dewey<sup>274</sup>.

A discussão travada no movimento da escola nova era voltada para uma educação completa. A educação recebida preparava o aluno para tornar-se um cidadão. O professor não deveria preocupar-se apenas em repassar conteúdo, mas também estimular e desenvolver um raciocínio lógico, ensinando o aluno a pensar, facilitando a compreensão das noções básicas da psicologia, sociologia, higienismo, o trabalho manual e as expressões artísticas e língua materna, permitindo-lhe uma boa comunicação com seus pares. Os trabalhos deveriam ser realizados em grupo, mas o aluno devia ter autonomia.

O professor deveria conhecer o potencial do discente, respeitar seu ritmo próprio<sup>275</sup> e estimulá-lo a progredir no processo de ensino-aprendizagem. O professor encarou as novas mudanças, baseando-se nas ciências anteriormente citadas, que contribuíram com a formação de um pensamento crítico e um trabalho criativo e prazeroso. Conforme Ghiraldelli, “a proposta pedagógica da escola nova adotou um novo método e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas. Além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar a criança no centro do processo educacional”<sup>276</sup>.

Vale salientar que os missionários norte-americanos eram portadores de ideias liberais. Apresentaram no seu projeto elementos que configuravam um ensino avançado

---

<sup>274</sup> John Dewey nasceu aos 20 de outubro de 1859, em Burlington, e faleceu a 1º de junho de 1925, em Nova York. Era doutor em Filosofia pela Universidade John Hopkins, em Baltimore. Em 1884 começou a carreira de professor universitário no Michigan e em 1894, na Universidade em Chicago, onde fundou uma escola experimental. Em filosofia, Dewey, a princípio, adotou o hegelianismo do seu mestre, George Sylvestre Morris, mas as influências do evolucionismo e de Charles Darwin e da psicologia biológica de William James levaram-no a elaborar uma filosofia pragmatista, que fez escola na América do Norte – a chamada “Escola de Chigaco” – além de ganhar no Brasil um fervoroso discípulo na pessoa de Anísio Teixeira, aluno de Dewey no ano letivo de 1928-1929 e um dos grandes pioneiros da reforma pedagógica nacional no espírito do pragmatismo experimental e democrático-socialista. Esse filósofo defendia uma escola democrática e igualdade de oportunidades educacionais para todos. DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p.XIII.

<sup>275</sup> Cf. LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstron. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

<sup>276</sup> GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990. p.25.

para a época. Das três vertentes apresentadas, a pedagogia nova é a que se assemelha ao projeto educacional adotado pelos protestantes norte-americanos, porque tinham um [...] “pensamento educacional mais completo à medida que compreendiam uma política educacional, uma teoria da educação e de organização escolar e metodologia próprias”<sup>277</sup>.

O modelo educacional desenvolvido no Brasil estava baseado no pragmatismo, em voga nos Estados Unidos, no período em que os missionários implantaram seu projeto de educação no Brasil. Segundo Gomes, “esse modelo não se afastava muito de suas raízes, calcadas no sistema de idéias que resultou do movimento renovador, iniciado nos Estados Unidos por William James, e teve em John Dewey sua figura dominante”<sup>278</sup>.

A expansão da rede escolar mantida pelos batistas brasileiros durante o século XX foi resultado do esforço de indivíduos, grupos, igrejas e da Junta de Richmond. O projeto educacional dos batistas estava fundamentado em dois pilares: educação e evangelização. E a Escola é tida “como poderosa agente na evangelização”.<sup>279</sup> As verbas enviadas pela Junta de Richmond eram utilizadas para aquisição de terrenos, construção de prédio, sustento dos missionários e manutenção dos colégios. Depois da fundação do Colégio Americano Batista em Porto Alegre, no ano de 1926, o Brasil vivenciou um longo período, “mais de uma década”, sem a organização de novas escolas financiadas e mantidas pela Missão Batista. David Mein levanta duas hipóteses, expressando-se da seguinte forma:

[...] Primeiro, por falta de recursos financeiros durante os anos da depressão mundial; e segundo, por causa das novas bases de cooperação estabelecidas em 1936, que limitavam as iniciativas dos missionários. No princípio dos anos 1940, mais colégios começaram a nascer pela iniciativa missionária, e assim a segunda arrancada deste período foi lançada.<sup>280</sup>

<sup>277</sup> GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990. p.26.

<sup>278</sup> GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Religião, Educação e Progresso**: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p.203.

<sup>279</sup> Ata da 4ª Reunião da Convenção Batista Brasileira na Primeira Igreja Batista de São Paulo, de 22 a 26 de junho de 1910, p. 21.

<sup>280</sup> MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.117.

Conforme David Mein, a Junta de Richmond “contribuiu para o grande enriquecimento da denominação batista brasileira e através dos grandes patrimônios entregues em suas mãos, que devem totalizar mais de trinta milhões de dólares”<sup>281</sup>. Temos clareza que se as instituições educacionais não concretizassem os objetivos e ideais da missão elas não teriam permanecido no Brasil.

Nos anos 1960, já se contabilizavam cerca de trinta escolas/colégios. Nessa época, a Junta de Richmond implantou uma nova política. Houve mudanças no projeto de implantação de escolas. Mas para atender aos pedidos dos missionários, continuou enviando verbas para a construção de prédios e sustento financeiro das instituições escolares. Na concepção da Junta de Richmond, o Brasil alcançou sua “independência,” e a ajuda financeira enviada para o Brasil seria destinada para outro país que demonstrasse mais necessidade. Desta forma, o auxílio financeiro foi sendo retirado aos poucos. A administração dos colégios passou para as mãos dos brasileiros, que deram continuidade ao projeto norte-americano.

A escrita do presente texto contribuiu para uma compreensão dos princípios teológicos, filosóficos e religiosos, bem como dos valores que fundamentam a proposta educacional protestante. Favoreceu o entendimento da presença norte-americana e seu projeto dedicado à educação dos brasileiros, com a organização de uma rede de escolas. Comprovou-se também que os missionários investiram primeiramente na divulgação do evangelho. As lacunas deixadas na educação secular estimularam os missionários a fundar escolas para educar e civilizar<sup>282</sup> as moças batistas. Este assunto será analisado no próximo capítulo.

---

<sup>281</sup> RICHARDSON, William.L. C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.114.

MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.114..

<sup>282</sup> Elias compreende civilizar como: “uma variedade de fatos: ao nível de tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos [...] ou a forma como são preparados os alimentos”. ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 15.



## CAPÍTULO II

### A TRAJETÓRIA DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON NO BRASIL

O presente capítulo se propõe a analisar a trajetória e a gestão de Martha Hairston e a cultura escolar materializada no SEC no período de 1953 a 1979. O ponto de partida para escrever sobre a missão, atuação e seu legado para a educação feminina foi elaborar algumas questões. Quem era Martha Elizabeth Hairston? Quais as estratégias utilizadas para expandir a instituição? Como ela venceu as dificuldades? Que aspecto importante favoreceu a expansão da obra educacional e evangelizadora no Nordeste brasileiro? Como Martha resolveu os embates endógenos e exógenos no campo religioso? Quais os dispositivos utilizados para materializar sua cultura no SEC? Estes questionamentos elucidaram quem foi Martha Hairston, suas metas e o caminho percorrido até a consolidação do campo educacional. E assim foi possível tecer sua história.

#### 2.1- Rememorando seu universo infantil

Para construção deste texto, foi necessário o uso das fontes, mas também a valorização e busca de fragmentos, réstias, reminiscências, rememoradas por amigos que, invocando o passado, possibilitaram a escrita dessa história, fazendo uma representação do vivenciado. Desta forma, foi possível escrever sobre o universo infantil de Hairston, mesmo sabendo que as lembranças são tênues, e pouco se escreveu sobre esse período da vida dessa missionária.

Martha Hairston nasceu em um lar cristão. Seus genitores eram protestantes do ramo batista e dedicavam-se às atividades da Igreja. O pai, Rufus Earl Hairston, exercia o diaconato na igreja, dividindo seu tempo com a ministração do evangelho na Escola Bíblica Dominical (EBD) como professor. Sua mãe<sup>283</sup>, Jeffie Hughes Hairston, era atuante no trabalho da igreja, ao lado do seu cônjuge, aceitando ministrar aulas bíblicas, disseminando o evangelho dominicalmente.

---

<sup>283</sup> RODRIGUES, Celmi Lêdo. **Uma grande mulher**. Recife, SEC, p. 1. (Monografia-conclusão de disciplina).

Martha Elizabeth Hairston nasceu na cidade de Warren, Arkansas, nos Estados Unidos da América, em 18 de agosto de 1920. Martha Hairston pertencia a uma família de quatro filhos. Seus pais procuravam transmitir os ensinamentos bíblicos, favorecendo oportunidade de vê-los dedicados à obra do evangelho e incentivando-os a desenvolverem seus talentos na igreja da qual eram membros. Foi nessa atmosfera de espiritualidade e dedicação que Martha, Genebra, Clóvis e Hugh Hairston cresceram.

Martha, quando menina, era cercada com os mimos dos pais. Ainda na sua infância começou a participar das atividades na igreja. Um momento difícil para ela, quando criança, que demonstrava certo grau de timidez, foi enfrentar uma requên e participar recitando um poema por ocasião do culto infantil promovido pela EBD. Hairston memorizou o texto, mas na hora da apresentação, correu para os braços maternos, sussurrou ao ouvido da mãe, confessando-lhe sua falta de coragem para executar tal tarefa.

Sua mãe, dona Jeffie Hughes Hairston<sup>284</sup>, acolheu a filha, compreendeu aquele momento difícil. Não fez pressão; deixou que Martha decidisse o que fazer. No entanto, procurou explicar-lhe o que poderia acontecer caso não aceitasse participar da programação. Passou a exortar-lhe dizendo: “Se você recusar agora, na próxima vez a líder convidará outra criança com coragem de cumprir a responsabilidade [...], e terá de se conformar com o papel de ouvinte sem condições de falar, enquanto seus colegas participariam nos programas futuros”.<sup>285</sup> Os conselhos foram eficazes. Martha Hairston fortaleceu-se com as orientações e incentivo de sua genitora e se revestiu de determinação. Apresentou sua parte e enfrentou um público, abrindo caminhos para futuras aparições que a aguardavam na sua caminhada.

À medida que crescia, descobria seus talentos e procurava aperfeiçoá-los, exercendo atividades na igreja local. Ainda na tenra<sup>286</sup> idade, ficava atenta aos ensinamentos do

---

<sup>284</sup> Retirado **Obituaries**, de 15 de maio de 2003. Arquivo particular da missionária Peggy Pemble enviado em 07 de 06 de 2011.

<sup>285</sup> RODRIGUES, Celmi Lêdo. **Uma grande mulher**. Recife, SEC, 1985, p. 1. (Monografia).

<sup>286</sup> Cf. CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Lorencini. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP 1999.

evangelho e já se preocupava em fazer missões<sup>287</sup> e anunciava o evangelho para os outros.

## 2.2. A Formação acadêmica de Serviço Social e o curso do Seminário

Ao concluir o 2º grau, Martha Hairston ingressou na Universidade de Ouachita, Estado de Arkansas, onde cursou o bacharelado em Arte, no ano de 1943. Entretanto, não estava satisfeita com os saberes e conhecimentos adquiridos, pois tinha um projeto missionário e foi impelida a exercê-lo. Reconhecendo a necessidade de colocar em prática sua proposta, decidiu ampliar seu capital cultural. Posteriormente ingressou na Faculdade de Serviço Social da Universidade de Tulane (New Orleans, Louisiana), e estudou na Escola Carver (atualmente pertencente ao Seminário Batista Teológico do Sul em Louisville, Kentucky)<sup>288</sup>, depois se tornou aluna da Escola de Serviço Cristão.

Martha trazia consigo uma bagagem cultural que lhe possibilitou ocupar o cargo de diretora da ETC, uma vez que a Junta Administrativa reconheceu seu potencial. Os cursos realizados deram-lhe credibilidade, revelando que os conhecimentos acadêmicos eram relevantes. Conforme Bourdieu, “um sistema de ensino propõe um tipo de informação e de formação acessíveis exclusivamente àqueles sujeitos dotados do sistema de disposições que constitui a condição do êxito da transmissão e da inculcação da cultura.”<sup>289</sup> Sendo assim, era importante que o agente fosse portador previamente desse capital cultural e que o processo educativo contribuísse para sua transmissão.

Martha Hairston exerceu a docência em Heber Springs – Arkansas, nos anos de 1940 e 1941. Recorrendo aos arquivos do SEC, atas e prospectos, foi possível constatar o valor que era dado à leitura, à pesquisa e aos novos saberes. Martha, ao chegar à instituição de educação feminina, investiu na aquisição de livros e valorizou ações que

<sup>287</sup> Cf. Discurso proferido na Câmara dos Vereadores quando foi contemplada com o título de Cidadã do Recife em 1º de junho de 1976.p.

<sup>288</sup> MCCULLOUGH, Louise B. **Missionary Album**. Foreign Mission Board southern Baptist Convention. Richmond- Virgínia: Published by Departamento of Missionary Education Foreign Mission Board, SBC. 1975. (Arquivo particular da Missionária Clara Lynn Williams, enviado em 17/02/2011).

<sup>289</sup> BOURDIEU, Pierre. “Reprodução Cultural e Reprodução Social.” In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p. 306. Coleção Estudos.

havia desenvolvido na sua prática quando desempenhava a função de professora assistente na Biblioteca da Universidade Ouachita, no período de 1943-1944.

O trabalho desenvolvido por Martha Hairston valorizava o conhecimento científico e a pesquisa. Por isso mantinha uma biblioteca com variedades de títulos<sup>290</sup> e autores. O currículo trabalhado na instituição contribuiu para que a SECista adquirisse novos conhecimentos e saberes. Seu objetivo era envolvê-las em diferentes modalidades (tais como religiosa, teológica, política e social) que possibilitassem maior aquisição de conhecimento científico. Hairston cumpriu suas responsabilidades, investiu no desenvolvimento do SEC e manteve seu compromisso com a missão norte-americana e suas propostas.

Antes de ser nomeada para o campo missionário, assumiu posições que lhe conferiram prestígio e poder junto ao governo norte-americano, no Estado de Arkansas, ao assumir o cargo de consultora de assistência aos menores, no período de 1945 a 1950. No exercício da sua função, ministrava aulas e dirigia os trabalhos do Serviço Social nos campos da Escola Carver, em Louisville, Kentucky, nos anos de 1948 a 1951.<sup>291</sup> Martha Hairston demonstrava ter convicção de sua vocação. Antes de deixar sua terra natal, investiu na sua formação, concluindo em 1950 o Mestrado em Educação Religiosa pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary*, em *Fort Worth, Texas*. Conseguiu acumular muitas experiências enquanto desenvolvia suas funções nas entidades em que trabalhava.

---

<sup>290</sup> A biblioteca é composta de livros com temas variados, entre os quais estão: Compêndio sobre higiene, métodos de inglês, francês, espanhol, literatura clássica brasileira, princípios e método da educação, estudos dos livros da Bíblia, manuais da igreja, história da igreja batista e católica, livros didáticos para os cursos de Música Sacra, Educação Religiosa Assistências Social, livros didáticos das disciplinas do 2º grau, incluindo sociologia, filosofia, inglês, espanhol, livro de jornalismo, relatórios, literatura evangélica, literatura da cultura brasileira, livros sobre família, casamento e a moral, receitas culinárias, recreação, livros sobre como criar filhos, livros de boas maneiras, manuais da EBD, da igreja e das organizações missionárias, peças de músicas para piano, harmônio, manual de organização de empresas, teoria de prática de Serviço Social, de Educação Religiosa, entre outras obras que não foram relacionadas. Informações retiradas do Livro de Tombo da biblioteca do SEC, datado de 10 de abril de 1958 a 09 de fevereiro de 1979.

<sup>291</sup> MCCULLOUGH, Louise B. **Missionary Album**. Foreign Mission Board southern Baptist Convention. Richmond- Virgínia: Published by Departamento of Missionary Education Foreign Mission Board, SBC. 1975. (Arquivo particular da Missionária Clara Lynn Williams, enviado em 17/02/2011).

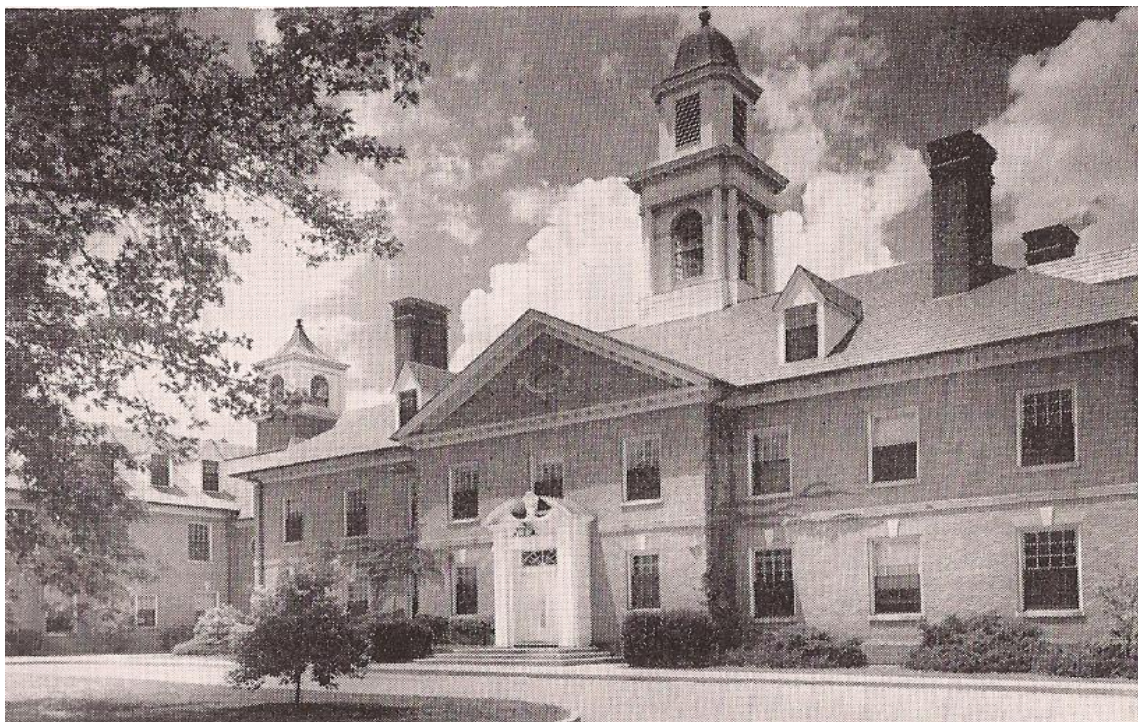


Figura 5- Carver School of Missões Work, instituição onde Martha Hairston trabalhou como professora.<sup>292</sup>

Impelida pela ideologia protestante batista, ou cultura religiosa, Hairston resolveu comunicar à Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos a sua decisão: revelou o desejo de preparar as moças batistas no Brasil, oferecendo-lhes uma formação de qualidade, possibilitando-lhes desempenhar o trabalho na obra missionária no Brasil e no mundo.

Martha Hairston “era uma pessoa reservada ou privada”<sup>293</sup>; tinha compreensão de que enfrentaria vários desafios e teria que superar os obstáculos que lhe aguardavam para executar o seu projeto (pedagógico, evangelístico e social). Procurava obedecer ao seu Deus, e por meio da fé decidiu trabalhar com missões além-mares, mesmo sendo em um país tropical, com suas especificidades e desigualdades nos setores social, político e religioso. Williams, analisando a personalidade de Hairston, diz o seguinte: “Martha tinha uma personalidade forte; sabia o que queria e convencia o outro a aceitar seu

<sup>292</sup> LITTLEJOHN, Carrier U. **História of Carver School of Missões and social work**. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1958, p.118

<sup>293</sup> “Privada, quer dizer não ficava explicando o que estava planejando ou a razão por que tomou certas providências relacionadas ao SEC”. E-mail enviado por Peggy Pemble, em 14 de março de 2012.

pensamento, ao mesmo tempo usava de humildade e inteligência; dedicava tempo planejando o trabalho do SEC e as atividades da sua Igreja, a Capunga, onde ensinava uma classe de jovens na EBD. Seus pensamentos sempre estavam voltados para a obra”<sup>294</sup>.



Figura 6-Igreja Batista da Capunga. Acervo da autora.

Conforme Williams, Martha procurava conviver bem com as pessoas. Em Recife, dividiu a casa em que morava com duas outras missionárias: Edith Vaughn e Penkert (atendendo, inclusive, à orientação da própria Missão): “Era uma casa de dois andares e ficava perto do SEC. Elas tiveram ajuda de uma pessoa para fazer as refeições e manter a casa limpa; no entanto, no interior ela morava sozinha numa casa”<sup>295</sup>.

Segundo Mattie Lou Bible, Martha Hairston tinha “o dom de administração e administrou muito bem o SEC por muitos anos. Conheço poucas pessoas com o dom que Deus deu a ela em termos de administrar. Ela fez por excelência”<sup>296</sup>. Hairston usou seus conhecimentos e experiência em administração para consolidação do ensino de

<sup>294</sup>Cf. E-mail enviado por Clara Lynn Williams, em 27 de agosto de 2012.

<sup>295</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams, em 27 de agosto de 2012.

<sup>296</sup> E-mail enviado por Lou Bible em 11 de junho de 2012.



educação feminina em Pernambuco. Pelo exposto, pretendia dividir com as moças batistas algo que recebera do Senhor Jesus: sua vocação. Sobre o assunto, deu a seguinte explicação: “Soube que aqui no Recife, a Escola de Trabalhadoras Cristãs, hoje SEC, precisava de uma professora com experiência administrativa. Apresentei-me”.<sup>297</sup>

Ao ser nomeada pela Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, Martha Hairston confirmou sua decisão e seguiu para o campo missionário. Passou a dialogar com o povo, expressando, com tom de saudade, como a sua família era unida. Na memória estava gravada a imagem de todos. Ao atuar como a assistente social, ou mesmo exercendo a docência, Hairston<sup>298</sup> convivia com os desafios do cotidiano.



Figura 7 – Martha Hairston ministrando aula no período de 1958-1966. Acervo: SEC

Considerava-se uma privilegiada, mas em determinado momento, diz ela, “surgiu em minha alma, a convicção de que havia sido tão ricamente abençoada, não

<sup>297</sup> RODRIGUES, Celmi Lêdo. **Uma grande mulher**. Recife, SEC, 1985, p. 3. (Monografia).

<sup>298</sup> Martha ministrou no SEC no período de 1953 a 1979 as disciplinas: Ética Cristã, Doutrina, Teologia e Arte de Aconselhar.

simplesmente para minha própria felicidade”<sup>299</sup>. Segundo Hairston, aquilo que recebeu iria investir nas vidas de outras jovens, por considerar que esta era sua vocação”<sup>300</sup>. Martha ministrou no SEC no período de 1953 a 1979 as disciplinas: Ética Cristã, Doutrina, Teologia e Arte de Aconselhar.

Antes de partir da América do Norte, na sua agenda estava confirmado que alguém a aguardava no porto, de onde seria conduzida até Campinas-São Paulo. Mas isso não aconteceu. A partir desse momento, a missionária considerou que aquele foi seu primeiro desafio. Conforme Hairston, passou “pela primeira imigração e alfândega, não entendia nada!”<sup>301</sup>. Foi então que “comecei a compreender a bondade do coração brasileiro, mesmo quando se tratava de um fiscal de alfândega”<sup>302</sup>.

Hairston entendia que Deus a tinha convocado para trabalhar com a educação feminina dos batistas no Brasil. Ao chegar a Recife, Martha Hairston fixou moradia no residencial mantido pela Junta de Richmond. Aos poucos foi se adaptando à nova situação.

As suas palavras confirmavam sua determinação, mas não escondeu o vazio que existia em sua vida por ter deixado seus familiares. Aportou em Santos, São Paulo, no dia 21 de setembro de 1951. Momento difícil, distante do lar paterno, suportou uma longa viagem, tempo suficiente para fazer uma retrospectiva da sua vida.

Martha Hairston, aos poucos, foi conhecendo a Casa Formosa. O encontro com Edith Vaughn, Peggy Pemble e Ann Wollerman lhe trouxe felicidade. Edith Vaughn lembra Hairston “como uma pessoa reservada, delicada com as pessoas e que pensava antes de se expressar”<sup>303</sup>. A vivência da ETC era acolhedora. Nesse período, Hairston diagnosticou as necessidades apresentadas pela instituição. Lançou seu olhar para o

---

<sup>299</sup> HAIRSTON, Martha Elizabeth. **Trecho do discurso proferido** na Câmara dos Vereadores ao receber o título de Cidadã do Recife. 1º/06/1976. p.1.

<sup>300</sup> Cf. HAIRSTON, Martha Elizabeth. **Trecho do discurso proferido** na Câmara dos Vereadores ao receber o título de Cidadã do Recife. 1º/06/1976. p.1.

<sup>301</sup> HAIRSTON, Martha Elizabeth. **Trecho do discurso proferido** na Câmara dos Vereadores ao receber o título de Cidadã do Recife. 1º/06/1976. p.2.

<sup>302</sup> HAIRSTON, Martha Elizabeth. **Trecho do discurso proferido** na Câmara dos Vereadores ao receber o título de Cidadã do Recife. 1º/06/1976. p.2.

<sup>303</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble, em 24.08.2012.



entorno da ETC e construiu um projeto que unia educação, evangelização e serviço social. Percebeu que a instituição precisava construir novo prédio, aumentar a matrícula, implantar novos cursos.

Recife, a cidade que Hairston adotou para viver (quase três décadas), era provinciana, mas facilmente se encontravam estrangeiros trabalhando com os “caboclos da terra”. A Veneza Brasileira recebia italianos, espanhóis, alemães, sírios e até chineses e japoneses. Estes se dedicaram a variados serviços: educação, indústria, comércio e artes. Na época em que Hairston chegou ao Recife podia contemplar o Jardim Zoológico, fruto do trabalho do governo holandês, e suas grandes árvores. Consoante com Antonio Paulo Rezende, nas décadas de 1950 e 1960 Recife apresentava um cenário que despertou atenção de Gilberto Freyre:

A pobreza e a mendicância despertavam o interesse de Gilberto Freire [...]. O Recife, como a maioria das capitais, atrai muitas pessoas em busca de melhores oportunidades de trabalho e de moradia; um contingente que termina sendo empurrado para os morros e subúrbios, onde se concentram elevados graus de pobreza. Mas é também nessas áreas, que abrigam pessoas que lutam diariamente pela sobrevivência [...].<sup>304</sup>

Martha Hairston, ao tomar conhecimento do grande número de pobres que viviam nos morros e nos subúrbios, experimentando uma série de dificuldades, resolveu fundar a Casa da Amizade, uma instituição que procurava ajudar o homem nas suas necessidades: física, espiritual e social.

---

<sup>304</sup> FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª edição, São Paulo: 2007, p. 65.



Figura 8 – Primeira Casa da Amizade do SEC  
Acervo do SEC

A casa da Amizade serviu como campo de estágio para as secistas. No programa educacional da instituição estava presente o cuidado com o corpo (amenizando a dor) e com a alma (ensinando o evangelho). Mesmo não sendo obrigada, a comunidade participava dos cultos. Os matriculados usufruíam dos serviços prestados pela instituição nas áreas da saúde, educação e assistência social.

Quando Martha Hairston apresentou o projeto da organização dessa instituição, a Junta Administrativa do SEC explicou quais seriam seus objetivos, os benefícios e as atividades que foram executadas nesse departamento, trazendo crescimento para a instituição. O movimento exercido pela Casa da Amizade estava cimentada no tripé: trabalho grupal, programa de visitação e prática acadêmica.

Para além dessas vantagens, perpassavam outras estratégias que favoreciam não apenas as alunas, mas também a instituição como um todo. A princípio, atendia a uma prática pedagógica, a um crescimento espiritual, mas também dava visibilidade política, abrindo portas largas para novas conquistas em diversos campos da sociedade.

As estratégias de Hairston ultrapassaram os muros da ETC, divulgando seu ideário, sua cultura e disseminando seu projeto acadêmico, tornando-a reconhecida nas esferas sociais, possibilitando, inclusive, que o SEC se tornasse uma entidade de utilidade pública pelo Governo Federal, Decreto-Lei nº 15.927/94-19, de 21 de maio de 1997<sup>305</sup>. Portanto, ela tinha certeza das vantagens que galgaria com a implantação dessa instituição no Brasil e perante a Junta de Richmond. Hairston tinha clareza dessa possibilidade, já que a instituição prestava vários serviços à comunidade.

### **2.3. A Educação feminina a partir das concepções de Hairston**

Antes de ser nomeada pela Junta de Richmond, Hairston já desenvolvia atividades profissionais em áreas diferenciadas. Ministrava aulas e exercia a profissão como assistente social. Esse movimento gerava constantes desafios. Os cargos exercidos garantiam-lhe poder, prestígio e visibilidade, uma vez que trabalhava para o governo dos Estados Unidos da América. Nesse período vivenciou o cotidiano do campo educacional e assimilou as ideias<sup>306</sup> que estavam sendo discutidas pela sociedade, como a escola nova.

A preocupação da missionária tornou-se maior quando percebeu que o antigo prédio que servia de moradia para as alunas recebia visitas indesejáveis e constantes “dos ratos, baratas e gambás”.<sup>307</sup>

O projeto higienista não apenas se preocupava com as questões das epidemias, mas despertava para um trabalho de prevenção e combate aos focos epidêmicos, conscientizando e educando a população sobre os sintomas, causas e como combatê-los. Para Martha Carvalho, um trabalho dessa natureza deveria ser amplamente disseminado por meio das noções de higiene, na perspectiva de atingir um grande número de pessoas,

---

<sup>305</sup> Martha Hairston trocou correspondências com Betty Antunes de Oliveira, esposa e secretária do parlamentar – Deputado Federal Antunes de Oliveira. Carta enviada para Betty Antunes Oliveira, em 25 de fevereiro de 1977.

<sup>306</sup> Ao chegar ao Brasil, tomou ciência de como funcionava a educação brasileira, quais os debates que a sociedade estava promovendo. Atenta a todo movimento, procurou executar seu projeto, na perspectiva de alcançar seu ideário.

<sup>307</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs**. Recife, Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p. 55

tornando-se uma ação regeneradora de amplitude nacional por meio de um canal eficiente, a educação<sup>308</sup>.

Marta Hairston veio para o Brasil para assumir, interinamente, a função de vice-diretora de uma escola de educação feminina substituindo a missionária Maye Bell Taylor, “que por mais de um ano insistiu com a Junta para ser substituída na direção da Escola, desejando seguir para sua terra natal a fim de cuidar do idoso genitor”.<sup>309</sup>

Na década de 1950, o Brasil atravessava um período difícil, que marcou a história da educação brasileira. Um país subdesenvolvido, cheio de mazelas que atingiam a sociedade como um todo, apresentando um alto índice de analfabetismo.<sup>310</sup> Em 29 de novembro de 1952, em reunião da Junta Cooperativa<sup>311</sup>, a presidente Lídia Ramalho apresentou

---

<sup>308</sup> CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: **História Social da infância no Brasil** (org). FREITAS, Marcos César de. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, Universidade São Francisco, 1997. p.305.

<sup>309</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs. Recife, Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p. 80.

<sup>310</sup> O Censo Demográfico de 1950 revela os seguintes dados: No ano de 1950, a população total de 5 anos ou mais era de 43.573.517, não alfabetizados 24.907.696, equivalente a 57,2. A população de 10 anos ou mais, perfazia um total de 36.557.990 e não alfabetizados: 18.812.419 e 51,5 %. Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1950.

<sup>311</sup> Conforme a Ata do dia 17 de dezembro de 1948 a Junta da ETC foi denominada de Junta Cooperativa até 27 de outubro de 1958. A partir do dia 5 de dezembro de 1958, passou a ser chamada de Junta Administrativa do Seminário de Educadoras Cristãs. Estava posto no estatuto da instituição que a “organização será administrada pela União Geral de Senhoras Batistas do Brasil através de uma Junta que se denomina Junta Administrativa do SEC. A Junta compor-se-á de doze membros eleitos pela Assembleia anual da União Geral de Senhoras Batistas do Brasil (UGSBB) de acordo com o regime de renovação anual, que obedecerá ao critério adotado pela referida União. O preenchimento de vagas ocorridas na Junta no intervalo das assembleias convencionais ordinárias será feito por meio de quatro suplentes eleitas anualmente pela assembleia, as quais serão convocadas na ordem de nomeação e exercerão o mandato até a próxima renovação da Junta. Os membros da Junta serão membros de Sociedades de Senhoras ou moças em Igrejas Batistas do Norte do Brasil [...]. Cabem à Junta as seguintes responsabilidades: Eleger uma diretoria a ela imediatamente responsável, para a administração do SEC, a qual não poderá ser afastada do seu cargo enquanto bem servir. Fixar os vencimentos dos funcionários do SEC. Em caso de impedimentos da Diretora, a Junta indicará a sua substituta eventual. Eleger um corpo docente idôneo, constituído de acordo com os preceitos do seu Regimento Interno. Aprovar e adotar os cursos oferecidos pelo SEC, aprovando os respectivos currículos, duração e títulos a serem conferidos. Prestar à União Geral de Senhoras Batistas do Brasil, em sua Assembleia geral, relatório criterioso do movimento espiritual, educativo e financeiro do Seminário. Aprovar anualmente uma previsão orçamentária e deliberar sobre toda transação de vulto envolvendo as finanças do SEC. Autorizados planos financeiros para a conservação e ampliação das instalações, do patrimônio, e para o sustento do pessoal e o custeio da manutenção do SEC. A Junta Administrativa aprovará um Regimento Interno para o Seminário, no qual serão regulados sua maneira de agir e os direitos e deveres das pessoas

Martha Hairston e miss Onis Vineyard<sup>312</sup> como diretora e vice-diretora, respectivamente, sendo dirigido a d. Martha o nosso fraternal bem-vindo; a nova diretora em ligeiras palavras, diz do seu prazer em servir o Senhor através da nossa querida Escola de Trabalhadoras Cristãs<sup>313</sup>.

Em fevereiro de 1953, houve uma reunião extraordinária da Junta Cooperativa da ETC onde Martha Hairston “foi eleita diretora interina, e no fim do primeiro semestre, diretora efetiva”<sup>314</sup>. No dia 11 de agosto, Hairston foi empossada como diretora da ETC, passando a ocupar a cadeira de gestora. Onis Vineyard, sua fiel escudeira, dividiu com ela o poder, continuando como vice-diretora. Tudo estava em festa. O ambiente evocava e transpirava harmonia. Na posse formal apenas um discurso inaugural ficou registrado. A voz de Martha Hairston ecoou naquele espaço, e os ouvintes acompanhavam a sequência cadenciada do seu pensamento, expressando suas ideias:

Como vejo a nossa Escola este ano, ela tem chegado a um cruzamento e é mister que olhemos e escolhamos a estrada certa antes de continuar a nossa viagem no futuro... Mas de vez em quando o nosso Mestre dá o sinal de “pare”, porque estamos chegando a um cruzamento e devemos olhar bem em todas as direções antes de avançar de novo. Durante os seis últimos meses temos chegado a mais um destes cruzamentos, olhando para as várias estradas e esperando o sinal “siga” dado por nosso Mestre. Mas agora temos que avançar; não podemos ficar estacionadas. Deus nos ajude que não fiquemos perdidas na mediocridade que vem de ficar tão envolvidas nas coisas de cada dia até que não possamos ver a verdadeira razão de existir como uma escola de Obreiras. Qualquer môça chamada por Deus que não se aplica o melhor possível está violando uma confiança e uma necessidade, isto é, a confiança de Deus, da sua própria igreja e da Escola que a aceitou para estudar aqui; e a necessidade do povo perdido que está esperando alguém para chegar com as boas novas de salvação... Nós não estamos aqui para realizar um sonho, mas para cumprir uma chamada “segue-me”.<sup>315</sup>

---

ao seu serviço. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS. 1958, p.3.

<sup>312</sup> Onis Vineyard serviu como missionária independente no Colégio Americano Batista em Recife, no período de 1935-1939. Em 1940 foi nomeada pela Junta de Richmond, passou pelo menos um ano estudando para aprender mais português em Recife. Foi designada para servir em Maceió-Alagoas nos anos de 1941-1952, sendo transferida para Recife, onde foi eleita vice-diretora da Escola de Trabalhadora Cristãs no período de 1952-1968, aposentou-se em 1969.

<sup>313</sup> ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 19.

<sup>314</sup> ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 19.

<sup>315</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1966, p. 80.

O discurso verbalizado pela nova diretora revelava um sentimento de urgência. Era preciso avançar. Ao seu olhar, a instituição tinha como se tornar um grande seminário investindo na educação das moças para atender nas diversas áreas do “Reino de Deus”. Ao mesmo tempo, alertava que para ser cumprido o propósito da missão e a concretização dos seus planos era necessário o apoio de todos.

A ETC procurava oferecer uma educação completa, envolvendo os campos espiritual, intelectual e social, tripé que sustentou as “colunas deste palácio”. Se não fossem os anseios, os lamentos e a sede de conhecer o mundo das letras não seriam atendidos. Com esse apelo, apontou para o chamado do seu Mestre Jesus e se colocou à disposição dele. Áurea Paz revelou a postura de Martha Hairston em relação à vida dizendo: “Os que têm o privilégio de conhecer Miss. Martha Hairston testemunha da sua competência, dedicação, espírito de serviço e alta compreensão da responsabilidade que cabe executar.”<sup>316</sup> A missionária Peggy Pemble<sup>317</sup>, no seu depoimento, confirma que

Martha veio de uma família maravilhosa [...] Quando cheguei no Brasil, Martha já estava falando bem o português. Mas queria falar perfeitamente. Foi assim que ela fez tudo “perfeito”[...]. Ela era tão inteligente! Quando estava trabalhando com Serviço Social no SEC estava escrevendo um livro sobre esse assunto. Foi um livro grande, mas por alguma razão a Broadman Imprensa não aceitou para publicação.<sup>318</sup>

Essa era a visão que Áurea Paz e Pemble tinham da missionária, ao mesmo tempo revelam que Martha se esforçava para desempenhar a contento seu ideário na Escola de Trabalhadoras Cristãs. Percebe-se que além do seu desejo de cumprir suas funções, para sua satisfação pessoal, ela também prestava conta à Junta de Richmond. Quando Hairston chegou ao Brasil a imprensa batista deu visibilidade a sua presença, ocupando

---

<sup>316</sup> PAZ, Áurea Ferreira. **Martha Hairston despede-se do Brasil**. Recife: SEC, 1980. p. 01. (Texto digitado).

<sup>317</sup> Peggy Pemble nasceu no dia 25 de outubro de 1923, na cidade de *Leesburg*, na Flórida (EUA). Margaret Joyce Pemble, nomeada pela *Foreign Mission Board* para servir no Brasil, desembarcou no Porto de Santos, em abril de 1952. Após estudar português por um ano em Campinas-São Paulo, Peggy Pemble (como ficou conhecida) foi designada para desenvolver um trabalho missionário no Piauí no período de 1952 a 1987. Honorífico de diretor-presidente vitalício da Clínica Batista Peggy Pemble. CAMPELO, Marília. Informativo. Ano I, Edição Especial. Maio de 2008. p.7. Informativo enviado por Peggy Pemble, em maio de 2011.

<sup>318</sup> Texto enviado em inglês por Peggy Pemble em 07/07/ 2011.

grande espaço em números diferenciados de OJB. Azevedo faz alusão a sua pessoa colocando-a em lugar de honra, juntamente com as pioneiras dessa Casa de ensino. “Na galeria das ilustres diretoras da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife apareceu hoje a Miss Martha Hairston, que foi especialmente convidada pela junta Administrativa da ETC; chegou desde o princípio deste ano, a fim de assumir interinamente a direção da nossa Escola de obreiras”<sup>319</sup>.

Martha Hairston veio para o Brasil com a finalidade de substituir a missionária Maye Bell Taylor, “que pediu exoneração do cargo de diretora”<sup>320</sup> para dar assistência ao seu pai, que estava doente e precisava dos seus cuidados. Taylor “recebeu todo o reconhecimento, gratidão e saudades da Junta da ETC.”<sup>321</sup>

O nome de Hairston transmitia confiabilidade, pois, no momento da permuta, a Junta da ETC usou palavras significativas, utilizando expressões de grande profundidade para alguém que estava sendo recebido, ao fazer a leitura do *script* do acolhimento dizendo que “num gesto de justiça à capacidade administrativa, dedicação à tarefa e o amor à causa foi eleita Miss Martha Hairston como diretora”<sup>322</sup> [...]. Percebe-se que as palavras parecem transmitir uma dívida de gratidão. Anunciaram também que chegaram “as manifestações de alegria, através das felicitações pela sábia escolha da Junta”<sup>323</sup>.

A maneira como Hairston foi recebida pela Junta Administrativa me impulsionou a questionar: Por que Hairston conquistou tanta credibilidade perante a Junta Administrativa? Teria sido seu projeto? Como aplicaria a pedagogia norte-americana? De onde vieram os recursos para construção dos prédios e a compra de mobília? Como

---

<sup>319</sup> AZEVEDO, Celina. A Nova diretora da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife, Miss. Martha Hairston. **O Jornal Batista**, 3 de setembro de 1953. p. 3.

<sup>320</sup> AZEVEDO, Celina. A Nova diretora da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife, Miss. Martha Hairston. **O Jornal Batista**, 3 de setembro de 1953. p. 3.

<sup>321</sup> AZEVEDO, Celina. A Nova diretora da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife, Miss. Martha Hairston. **O Jornal Batista**, 3 de setembro de 1953. p. 3.

<sup>322</sup> AZEVEDO, Celina. A Nova diretora da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife, Miss. Martha Hairston. **O Jornal Batista**, 3 de setembro de 1953. p. 3.

<sup>323</sup> AZEVEDO, Celina. A Nova diretora da Escola de Trabalhadoras Cristãs do Recife, Miss Martha Hairston. **O Jornal Batista**, 3 de setembro de 1953. p. 3.

selecionou e instituiu as equipes para ajudá-la a desenvolver seu projeto? Como organizou o currículo? A aquisição de material didático? E a biblioteca?

Martha, ao assumir a direção do SEC, não apresentou um projeto por escrito à Junta de Richmond ou à Missão Batista do Norte do Brasil, mesmo porque naquela época não existia esta prática. Peggy Pemble assevera que “as ações realizadas pelos missionários no Campo se davam pelas necessidades que surgiam”<sup>324</sup>. Portanto, foi dessa maneira que Hairston foi construindo seu projeto durante os 27 anos que esteve à frente do SEC.

Sendo assim, no ano de 1953, quando Hairston chegou à ETC, pontuou o que precisava realizar e comunicou à Junta Administrativa da Escola de Trabalhadoras Cristãs que iria apoiar a sociedade de moças denominada de Jane Soren<sup>325</sup>, que objetivava orar por missões e estimular as moças a permanecerem firmes na sua vocação. Nesse mesmo ano, Martha Hairston revelou à Junta Administrativa o interesse em desenvolver um trabalho de assistência social. Assim, em 4 de julho de 1953, Hairston indicou o nome da missionária Edith Vaughn. Houve aceitação por parte da Junta Cooperativa e, juntas, formularam o convite.

Os aspectos determinantes do projeto de Martha Elizabeth Hairston estavam escritos nos prospectos, boletim informativo, nos estatutos e regimentos e atas<sup>326</sup> (elaborados em conjunto com a diretora sob seu olhar rigoroso e crítico). Todos os projetos de Hairston foram apreciados pela Junta Administrativa da ETC/SEC. Os problemas e as insatisfações foram resolvidos nas reuniões administrativas. A partir desse momento o projeto foi sendo ampliado e materializou-se na instituição.<sup>327</sup>

---

<sup>324</sup> Informação enviada por Peggy Pemble via telefone em 30 de março de 2013.

<sup>325</sup> A Sociedade de Moças Jane Soren, do SEC, é uma organização onde as alunas realizam atividades missionárias e recreativas. Jane Corine Filson Soren nasceu em Roanoke, Virgínia, Estados Unidos, em 12 de junho de 1877. Casou-se em 1905 com Francisco Fulgêncio Soren, em Louisville, vindo posteriormente para o Brasil. Foi diretora do Departamento Feminino do Colégio Batista Shepard no ano de 1916. Era membro da Primeira Igreja Batista do Rio. Morreu em 31 de dezembro de 1969, no Rio de Janeiro. Cf. **O Jornal Batista**, 18 de janeiro de 1970. p.5. BERRY, Lois Robert; BERRY, Edward Grady. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão**. Rio de Janeiro: Publicação do Instituto Batista de Educação Religiosa. 1986, p.11-17.

<sup>326</sup> Cf. anexo II.

<sup>327</sup> A partir do ano de 1953, estaremos nomeando os planos (atividades) executados por Martha Hairston durante sua administração na ETC/SEC de projeto.



No ano de 1954 novas propostas incorporaram o projeto de Hairston. “Em 11 de maio de 1954 foi fundada a Casa Batista da Amizade do SEC, situada na Rua Othon Paraíso, 132, Torreão, Recife-PE.”<sup>328</sup> E no “dia 17 de maio de 1954, iniciaram-se as atividades da Casa da Amizade como departamento da ETC.”<sup>329</sup>

Nesse mesmo ano, foi organizado o primeiro boletim informativo (com quatorze páginas, redação da professora Edehy Guerra), a “idealização de um programa de atualização e expansão do preparo oferecido às alunas”<sup>330</sup>, quando “sete alunas concludentes voltaram para fazer o curso completo, recebendo o grau de bacharel em educação religiosa”<sup>331</sup>.

As mudanças beneficiaram o internato, o refeitório e salão nobre.<sup>332</sup> Foi escolhida a ex-aluna Edehy Guerra, para direção do internato, e a ex-aluna Berenice Lopes para o refeitório.<sup>333</sup> Áurea Ferreira da Paz “foi convidada para ser secretária da escola e professora de datilografia, acumulando também os cargos de chefe de escritório e professora de metodologia secretarial”<sup>334</sup>.

Nesse período, o número de alunas que procuravam a instituição crescia. Para atender a essa demanda, Hairston “pleiteou uma verba da Missão do Norte [...] para construir um prédio de dois andares”<sup>335</sup> contíguos ao existente, ligados os dois por um

<sup>328</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 88.

<sup>329</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 88.

<sup>330</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. pp. 54-55.

<sup>331</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 83.

<sup>332</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 82.

<sup>333</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 83.

<sup>334</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 83.

<sup>335</sup> Este prédio foi idealizado por Maye Bell Taylor, ex-diretora da instituição. O engenheiro construtor do prédio foi Dr. Diniz Prado de Azambuja Neto. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 86.

passeio coberto. Para desocupar o terreno, tornou-se necessária a demolição da antiga residência da Rua Padre Inglês, 107 ”<sup>336</sup>.

No ano de 1955, foi inaugurado o novo prédio. A nova construção já anunciava que a ETC conquistaria para seu quadro novas alunas, oportunizando novas experiências, implantação de novos cursos e especialização para a educação feminina dos batistas. Em 1956 foi extinto o cargo de vice-diretora e criado o de deã. Ruth Meneses foi eleita a primeira deã da ETC.



Figura 09 –Ruth Meneses, primeira deã do SEC, s.d.  
Arquivo da ETC /SEC

A ETC continuou se desenvolvendo. Em 1957 aconteceu a inauguração do prédio da Casa da Amizade. Enquanto isso, na Rua Padre Inglês iniciava-se a construção de mais um edifício, “incluindo salas à prova de som para o estudo da música, lavanderia e

---

<sup>336</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 85.

apartamentos para as empregadas”.<sup>337</sup> Foram cumpridas as exigências da lei nº1821, de outubro de 1953, que reconhece os cursos oferecidos pelos Seminários Maiores e permitem às alunas a prestarem exames vestibulares nas Faculdades de Filosofia”<sup>338</sup>. Para atender à legislação, a Junta Administrativa pediu à União Geral de Senhoras (UGS) que autorizasse a mudança de nome da instituição, antes denominada Escola de Trabalhadoras Cristãs, para Seminário de Educadoras Cristãs, o que veio a acontecer no dia 5 de dezembro de 1958.<sup>339</sup> Diante desta decisão, o SEC pôde celebrar no dia 12 de fevereiro de 1960 a sua mais nova conquista: a aprovação da primeira ex-aluna na Faculdade de Filosofia de Pernambuco.<sup>340</sup>

Em 1966, Martha Hairston estava nos Estados Unidos. Na reunião da Junta Administrativa foi eleita uma comissão para pensar a programação do Jubileu de Ouro do SEC. Na reunião de 15 de dezembro do corrente ano, a relatora profª Ruth Meneses apresentou o programa das comemorações do Jubileu. Martha Hairston agradeceu a sua equipe pelo trabalho que desenvolveu em sua ausência e anunciou os planos elaborados pela comissão para aquelas festividades:<sup>341</sup>

1. A comemoração do Jubileu de Ouro do SEC teve seu início em 26 de janeiro de 1967, em Belo Horizonte, com a apresentação da apoteose histórica da instituição e o lançamento do livro *Casa Formosa*, escrito por Mildred Cox Mein.

2. Estiveram presentes às comemorações todas as diretoras efetivas em janeiro e na reunião inaugural em março, inclusive Paulina White e Essie Fuller Baptista, que vieram assumindo todas as suas próprias expensas.

3. Foi sugerida uma bolsa de estudos em memória a Jaíza Torres Cavalcante, no ano do Jubileu.

<sup>337</sup> Neste ano a diretora entrou em entendimento com o diretor do Colégio Americano Batista, Pr. José Florêncio Rodrigues, no sentido o CAB assumir a responsabilidade pelas pré-eticistas, a partir de 1958. Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 80-89.

<sup>338</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 92.

<sup>339</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Ed. 1966. p. 92.

<sup>340</sup> PROSPECTO DO SEC, 1966-1967, pp. 11-12.

<sup>341</sup> As atividades elencadas foram retiradas dos livros de atas da Junta Administrativa do SEC, dos anos de 1958-1980, e atas das reuniões da Congregação de Professores da ETC dos anos de 1950-1967.

4. As ex-alunas retornaram ao internato nos dias 28, 29 e 30 de maio. Na programação constou: Dia 29, desfile de talentos e 30, descerramento da placa do Edifício Memorial. À noite, programa do Dia de Educação Feminina. Realizou-se também: Torneio de voleibol entre alunas e ex-alunas, piquenique, estudos e apresentação de slides e serenatas, até meia-noite.<sup>342</sup>

5. Gravação do disco “Abençoa esta Casa”.

6. Foi colocada uma placa na extensão do internato, em homenagem às ex-alunas que fielmente serviram a Cristo até a morte, e no salão de festa o nome de Marcolina Magalhães.<sup>343</sup>

Essas foram as atividades desenvolvidas no Jubileu de Ouro do SEC encontradas nas atas e folders. Se tiverem existido outras, não foram encontradas nos arquivos pesquisados.

Em 1968, foram realizadas algumas mudanças na administração da Casa da Amizade: Edith Vaughn era a coordenadora do programa de Assistência Social, e Dóris Penkert, diretora da Casa da Amizade-matriz<sup>344</sup>. A instituição contava nesse período com os serviços de Terezinha de Jesus Brito, na Casa da Amizade-Filial,<sup>345</sup> e Adoniram Loureiro, auxiliar. Para atender à demanda foi adquirido um terreno para construir um galpão para a Casa da Amizade.

No período de 1969 a 1972, Martha Hairston voltou seu olhar para variadas atividades como: a pintura do Edifício Memorial e Cox Taylor, a reforma da cozinha e conservação da Casa da Amizade-Filial. Nesse período, convidou a Junta administrativa para fazer a reforma dos estatutos do SEC. Existia uma preocupação por parte da diretora no sentido de fomentar o gosto pela produção de textos. Sendo assim, implantou um curso para formação de escritores e publicações no SEC. Outro ponto abordado foi sobre escrever com criatividade e originalidade, cujo resultado deveria ser utilizado nos trabalhos das igrejas.

---

<sup>342</sup> Cf. HAMPTON, Roberta E. **Alumnae Flock o Recife Homecoming**. Foreign Mission Board, Southern Baptist Convention. 14 de jul. de 1967.

<sup>343</sup> Junta Administrativa do SEC, 1958, p. 36.

<sup>344</sup> Esta Casa da Amizade fica localizada no bairro Torreão.

<sup>345</sup> Localizada no bairro Santo Amaro. Cf. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC. 1969. p. 49.

No ano de 1973, o SEC firmou convênio com os estados de Pernambuco, Piauí e Ceará para que as alunas do curso de Assistência Social realizassem estágios. Nesse mesmo ano, novas perspectivas surgiram para o SEC. Houve aumento da carga horária de algumas disciplinas, favorecendo as alunas que pretendiam entrar com o processo de “revalidação de seus cursos na área de Filosofia, conforme a Lei de nº 1051, de 21 de outubro de 1969”<sup>346</sup>. No programa de evangelização, Martha Hairston tornou-se responsável pelos cultos nos quartéis de Recife. Foi criada também uma sala de recursos audiovisuais.

Em 1975, começou o planejamento para as festividades do sexagésimo aniversário. Os planos para as Bodas de Diamante do SEC contavam com a escritura das biografias das 20 ex-alunas homenageadas. O lançamento do livro aconteceu em janeiro de 1977.

Em 1976, Martha Hairston informou que “a conquista do título de Entidade de Fins Filantrópicos já teve seu pedido deferido e deverá sair, a partir de dezembro”<sup>347</sup>. A ata de 14 de junho de 1976 “informou sobre o diploma de Filantropia, o processo de isenção, como também sobre o assunto Utilidade Pública, dizendo que está tudo encaminhado”<sup>348</sup>. Como pôde ser visto dois meses depois, o Projeto de Lei nº 2.707, de 1976, de autoria do senhor Antunes de Oliveira, que “declara de utilidade pública o Seminário de Educadoras Cristãs”, com sede em Recife, estado de Pernambuco, foi publicado no Diário da Câmara dos Deputados. No ano de 1977, constava nos planos de Martha o lançamento de um novo disco.

Em 1979, Hairston faz uma síntese do seu projeto destacando pontos importantes como: matrícula, cursos implantados, mudanças no currículo do SEC, a presença de alunas provenientes do exterior, construção dos prédios, a presença das alunas nas Juntas de Missões Estaduais, Nacionais e Mundiais, os sistemas de bolsas, lançamento

---

<sup>346</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC de 13 de dezembro de 1973. p. 63.

<sup>347</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC de 14 de dezembro de 1976. p. 75.

<sup>348</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC de 14 de dezembro de 1976. p. 78.

das séries Pedras Lapidadas, Casa Formosa, LPs, cultos nos quartéis, mobiliário, entre outros<sup>349</sup>.

Martha Hairston era assistente social, e por exigência da sua profissão, procurava promover a ética e o bem-estar das pessoas. Para além desses aspectos alimentava a esperança de difundir o evangelho, a “aceitação da Palavra de Deus,” que se dava por meio da fé. Sua missão foi cumprir os objetivos estabelecidos pela Junta de Richmond. O SEC foi a instituição onde Hairston desenvolveu atividades nos campos educacional, evangelístico e social. Edith Vaughn, rememorando o trabalho desenvolvido por Martha Hairston no SEC, assim se expressou:

Eu a conhecia bem [...]. Dirigiu o Seminário das moças. Ela foi uma grande diretora. Construiu a parte superior do prédio, o corpo discente se tornou grande, bem disciplinado. O campus floresceu com lindas flores e árvores. O currículo melhorou a cada dia. O departamento de Música tornou-se notável. Ela planejava programas, cultos maravilhosos, e as alunas se apresentavam nos quartéis. Na Igreja da Capunga<sup>350</sup> ensinava na classe de novos decididos. Foi escolhida pela Câmara dos Vereadores da cidade de Recife como “Cidadã Honorário” onde teve uma grande celebração. Estávamos todos muito orgulhosos. [...].<sup>351</sup>

---

<sup>349</sup> Síntese dos projetos desenvolvidos no SEC. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, no período de 1953-1979.

<sup>350</sup> “Em 19 de abril de 1923, um grupo de irmãos batistas (13 pessoas), liderado pelo missionário W. C. Taylor, sentindo a necessidade de um trabalho mais eficiente, organizou-se em igreja, cujos trabalhos eram realizados no casarão n.º 1461 da Rua Visconde de Goiana, hoje Rua Dom Bosco, em frente ao Colégio Americano Batista. A primeira diretoria daquela igreja ficou assim constituída: Pastor e morador, Reverendo J. L. Dawning; secretária, Adalgisa Wanderley; tesoureiro, Reverendo R. S. Jones; superintendente da EBD auxiliar do pastor, seminarista Acácio Vieira Cardoso[...]. Em 1930 era eleito o Pastor interino José Munguba Sobrinho, vindo de Manaus. Em 6 de julho tornou-se pastor efetivo da Igreja, em substituição ao Pr. R. S. Jones, que se retirava do Brasil [...]. A “Mocidade” se dinamiza sob a liderança de jovens como Edésio Guerra, Fernando Wanderley, Roberto Jardine entre outros. A velha casa de cultos sofreu adaptações e ampliações, a fim de atender ao crescimento do trabalho. A Igreja se projeta no cenário evangélico batista nacional. Coincidentemente o progresso da cidade exige o sacrifício do seu velho templo. Aquele velho casarão adaptado avaliado em 50 contos de réis, quando da sua aquisição é, agora, indenizado pela Prefeitura do Recife pela substancial importância de Cr\$ 2.000.000,00. [...] Na administração do Pr. Munguba é construído um novo templo que viesse a atender não somente às necessidades internas da comunidade, mas, também, ao trabalho da denominação em geral [...] Em 1967 Pr. Munguba deixa o pastorado, assumindo o Pr. Livio Lindoso interinamente. Pr. Manfred Grellert assumiu o pastorado da Capunga em 1970, e o magistério teológico no Seminário do Norte [...]. Pastoreou a igreja até o primeiro semestre de 1980. Em 26 de dezembro de 1980 assume a direção da Igreja o Pr. José Almeida Guimarães. O Pr. Ney Ladeia foi empossado como pastor efetivo em outubro de 2006”. Texto enviado por Peggy Pemble em 6/7/2011.

<sup>351</sup> Texto enviado em inglês por Peggy Pemble em 07/07/ 2011.

O trabalho desenvolvido por Martha Hairston no campo da evangelização com os militares recebeu o apoio do pastor José Guimarães, das SECistas, de outras missionárias e pastores do campo pernambucano.



Figura 10—Culto nos quartéis. Acervo do SEC, s.d. Arquivo do SEC.

Após analisar o discurso de Martha Hairston, e examinando outros relatos, encontra-se menção ao seu caráter missionário e pessoal. Durante sua trajetória, Hairston foi construindo e deixando pelo caminho fragmentos do seu legado de como vivia e o que defendia. Peggy Pemble e Williams fizeram menção ao hobby da missionária dizendo:

Além das suas responsabilidades, Martha Hairston tinha como passatempo, [...] criar peixes. O apartamento tinha muitos aquários de tamanhos variados. Sempre quando eu visitei Martha e Edith, ela me levava para lojas que vendiam os peixes tão coloridos, voltávamos para casa com os saquinhos com habitantes novos.<sup>352</sup> Tornou-se uma prática compartilhar esses peixinhos com os filhos dos missionários e outras crianças. Plantar rosas era outro passatempo para ela. Criava um papagaio que foi ensinado a cantar e falar um pouco. Quando foi para o interior levou-o. Teve uma árvore da espécie figo de cujo fruto ela gostava de compartilhar com os outros. Também era amiga dos filhos dos missionários que a chamavam tia Martha<sup>353</sup>.

<sup>352</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 07/05/2011.

<sup>353</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Willams em 27 de agosto de 2012.

Martha Hairston gostava da natureza. Nos momentos de folga cuidava das plantas, das aves e dos seus aquários. Com essa atitude, Martha ensinava as crianças a valorizarem a natureza. Durante a investigação perceberam-se os desafios e as dificuldades enfrentadas no período em que ela atuou como diretora do SEC. Mesmo assim Martha se envolveu nas questões do seu tempo. Colocou em prática ações que possibilitaram o crescimento e permanência da ETC. Seu entusiasmo pela Educação Cristã Feminina contribuiu para dar visibilidade ao SEC no Brasil e no exterior.

No exercício de suas funções, procurou cumprir seu papel, resolvendo as questões e os problemas que surgiam na instituição. Para prevenir doenças na instituição, manteve funcionando a enfermaria, utilizando meios preventivos (higiênicos), contratou médico e uma enfermeira e exigiu a realização de exames laboratoriais (fezes, urina) e abreugrafia<sup>354</sup>, anualmente.

A leitura dos livros de atas<sup>355</sup> permitiu-nos concluir que – pela participação constante nas diversas reuniões, apresentando estratégias para as diferentes áreas da instituição, seja na parte administrativa, pedagógica, comunitária, social, espiritual ou do internato, qualificação de professor e aluno, entre outros – Martha Hairston veio para o Brasil enviada pela Junta de Richmond a fim de cumprir um trabalho que lhe foi confiado, portanto, precisou se adequar ao projeto ideológico da Missão.

Paralelo a essa proposta, Martha investiu nos aspectos que consolidavam seu ideário, os quais foram: construção dos prédios, implantação de novos cursos, elevando o nível educacional e investimento na formação e na qualificação, visando a uma educação completa. Realizou mudança no currículo, vislumbrando um atendimento às necessidades da igreja, preparando as alunas para desempenhar bem seu papel e sua função na sociedade e nas diversas organizações religiosas: missionárias (nos campos de missões), educativas (como professoras nas escolas batistas e anexas), assistência

---

<sup>354</sup> Esse assunto será trabalhado mais detalhadamente no tópico o Cotidiano do SEC.

<sup>355</sup> Para cada segmento existia um livro de atas. Vejamos: Ata das reuniões da Junta Administrativa da ETC/SEC, do corpo docente; da sociedade de moças, além dos outros impressos, prospectos, boletim informativo, entre outros fragmentos.



social (na Casa da Amizade, com os marginalizados, necessitados, doentes), e na evangelização (hospitais, escolas, quartéis), na igreja local como educadora religiosa, ou como musicista). Imprimiu sua cultura, seja nos costumes (alimentação modo de vestir, alimentação, agir e se comportar), nos hábitos, nas normas, nas disciplinas, ou nos valores. Dispositivos como esses revelavam um novo modo de gerir, um novo tempo para a educação das moças batistas e para a concretização da educação norte-americana no Nordeste brasileiro.

#### **2.4. Percorrendo caminhos e escrevendo história: atuação de Martha Hairston na educação das moças batistas**

Martha Hairston chegou ao Brasil e procurou cumprir a missão que lhe foi designada pela Junta de Richmond. Já conhecia os pontos de estrangulamentos que o Brasil vivenciava na educação. O índice de analfabetismo continuava alto. Considerava prioritárias a evangelização e a educação. Como estratégia conversionista e social fundou a Casa da Amizade. Diante das circunstâncias, Martha Hairston apresentou à Junta Administrativa seu projeto de ação, com o intuito de reestruturar a organização da instituição. Para que seu objetivo fosse alcançado, formou uma equipe que, ao seu olhar, era capaz de exercer suas atividades. Estabeleceu metas e realizou uma distribuição de funções de maneira que atendesse às especificidades da escola, modificando seu cotidiano. Mildred Cox relata como ficou constituída:

A escolha para a direção do internato caiu sobre a ex-aluna Edehy Guerra, e para o refeitório sobre a ex-aluna Berenice Lopes. Ruth Meneses foi a conselheira das Secistas; Ana Lang aceitou a direção do refeitório, Zulmira Gonzalez substituiu Antônio Caetano, que desde 1954 estava na Casa como auxiliar no internato [...]. A Prof<sup>a</sup> Áurea Ferreira Paz aceitou o convite para ser secretária da escola e professora de Dactilografia [...], e dona Ruth Menezes foi eleita a primeira dea<sup>356</sup> da Escola<sup>357</sup>.

Hairston, ao chegar ao Brasil, conquistou os brasileiros e formou um círculo de amizade. Entendia que para alcançar seus objetivos precisava da aprovação dos seus

---

<sup>356</sup> Era a vice-diretora do SEC.

<sup>357</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1967)**. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 83.

pares. Seu discurso tinha que ser coerente com sua prática, e seus planos precisavam ser concretizados. Assim foi conquistando, aos poucos, a Junta Administração da ETC e suas foram sendo aprovadas. Na sua primeira reunião datada de 4 de julho de 1953, sobre a necessidade de adquirir um carro, comunicou que a instituição não teria despesas, e que essa verba seria uma doação feita pela Igreja da qual a missionária Maye Bell Taylor fazia parte nos EUA. Após esse informe, a Junta decidiu enviar uma carta de gratidão à igreja pela tão valiosa oferta.

Após fazer um diagnóstico da situação da ETC, apresentou à Junta um relatório com “todas as atividades realizadas no movimento econômico, espiritual e educacional da instituição.”<sup>358</sup> Listou algumas decisões que precisava tomar internamente, priorizando as seguintes questões:

Indenizações dos empregados, novo programa de estudos para o ano de 1954, com os respectivos professores e ordenados, ainda [...] informa dos favores prestados pelo sr. Pontes e Dr. Everardo Guerra, para obter isenções de pagamento de impostos da escola[...] e resolver<sup>359</sup>.

Solucionadas essas questões, retornou aos seus planos e deu continuidade aos trabalhos do SEC e da Casa da Amizade. Ycléa Cervino define a Casa da Amizade como: [...] “Um centro social religioso, departamento de treinamento para estudantes da ETC e de serviço ao povo da comunidade. Uma agência religiosa, social, recreativa e educacional atingindo pessoas de todas as faixas etárias, condições, raças e religiões”<sup>360</sup>.

Martha Hairston trouxe consigo uma larga experiência de trabalho na área de assistência social. Chegando ao Brasil, ao assumir a direção da ETC, voltou seu olhar para o entorno da instituição, acreditando que seu projeto beneficiaria uma parcela da

<sup>358</sup> ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 21.

<sup>359</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917 a 1967). Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 83.

<sup>359</sup> ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 21.

<sup>360</sup> Seus alvos desde o início têm sido: “1. Treinar as alunas do Seminário que em contato com o povo necessitado aprendem a usar as melhores técnicas de ajudar o indivíduo, o grupo e a comunidade<sup>360</sup>. Treinar e capacitar lideranças dentro e fora da comunidade para atuar na mudança e desenvolvimento da sociedade como um todo. É uma entidade sem fins lucrativos que tenta se identificar com os problemas da comunidade e indicar os meios para resolvê-los. Cooperar com o Estado, a família, a igreja, a escola, hospitais, postos de saúde e demais agências para o desenvolvimento da comunidade”. CERVINO. A. **História do Ministério Social Cristão**. Recife. Ed. do Autor, 2005. p. 61-62.

população pobre com suas ações de cunho educacional, social e religioso. Sendo assim, no seu primeiro encontro administrativo com a Junta Cooperativa da ETC, apresentou a proposta de um “Centro de Boa Vontade”<sup>361</sup>, e durante sua fala mostrou a necessidade “de convidar a missionária Edith Vaughn”<sup>362</sup> para fundar aqui um trabalho desta natureza, em cooperação com a ETC”<sup>363</sup>.

Para concretizar sua ideia, Martha Hairston recorreu à Junta de Richmond por meio da Missão Batista do Norte do Brasil, que, após ter analisado o projeto, demonstrou interesse, e diante da urgência de implantar essa instituição de cunho social e religioso intercedeu que a Junta providenciasse uma “verba para a compra de dois lotes no espaçoso campo e, em 1956, enviou a importância necessária para que fosse construída a atraente e bem planejada Casa”.<sup>364</sup>

<sup>361</sup> Essa denominação dada à nova instituição foi provisória. Os documentos comprovam que foi registrada como Casa da Amizade. ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 20.

<sup>362</sup> Martha Hairston conheceu Mary Edith Vaughn em Louisville, quando desenvolvia um trabalho eficiente e demonstrava muita dedicação, diante da sua postura e compromisso, quando cooperava com a Escola de Carver como diretora da Casa Batista da Amizade da citada instituição. Mary Edith Vaughn Parker, filha de um pastor batista, nasceu em 24 de setembro de 1921, em Pulaski, Virginia. Passou sua infância em Goshen, Virginia, voltou para Pulaski para se graduar no ensino médio em 1938. Recebeu o título de bacharel em Arte pelo College Randolph-Macon em Lynchburg, em 1942, Pulaski. Edith Vaughn veio para Louisville, Kentucky, onde cursou o mestrado em Educação Religiosa, na Escola de Treinamento da União Missionária de Mulheres, como parte do Seminário Teológico Batista do Sudoeste. Em Virginia foi chamada de volta, agora para Norton, para o seu primeiro campo o missionário, onde desenvolveu trabalho na área de evangelização e no desenvolvimento de igrejas. Em 1950, voltou para Louisville onde trabalhou no ministério social. Em 1952, fez uma longa viagem para o Brasil, onde realizou atividades diversificadas. Ministrou aulas na ETC/SEC, trabalhou com o Ministério Social, ajudou na consolidação de igrejas. Em 1987, deu-se sua aposentadoria, voltou para sua pátria, Virginia, onde continuou sua vida missionária. Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p. 80; Em 1997 casou-se com John A. Parker – um missionário norte-americano aposentado no Chile –. Eles voltaram para visitar o Chile no início de 1999 e em janeiro de 2000 conduziram um grupo de voluntários para o Norte do Brasil. Edith Vaughn Parker escreveu as seguintes obras: *Jesus With Me*. Commonwealth Press, Inc., Radford, VA, 1999; *Abundant Living With Jesus*. Commonwealth Press, Radford, VA. 2011. *Goshen Past*, Commonwealth Press, Radford, VA. 2001. *Soaring on EaglesWings*. Compton Design and Printing, Lexington, VA. 2007. *Neart to the Heart of God*. Compton De. Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p.80; PARKER, EdithVaughn. **Jesus With Me**. Acervo particular de Peggy Pemble, enviado em 23 de Março, 2011.

<sup>363</sup> ATA DA JUNTA COOPERATIVA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1953. p. 20.

<sup>364</sup> Nos documentos (Atas de 1953 a 1979, relatórios e no livro Casa Formosa) não consta a verba enviada para a compra dos lotes e da construção da Casa da Amizade. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA.1966. p. 82.

Ao assumir a direção, Martha Hairston fez um levantamento das necessidades existentes nas diferentes áreas da instituição para resolver os problemas pendentes (de cunho econômico) e elaborar um novo orçamento para o ano trabalhista de 1955, sem onerar os cofres da ETC.<sup>365</sup> A Casa da Amizade era sustentada por verbas advindas da União Feminina Missionária do Sul dos Estados Unidos, da Junta de Richmond, e desenvolvia um trabalho de cunho social e religioso, ou seja, holístico (atender o homem nas suas diferentes necessidades).

Para alcançar seus objetivos, foram realizadas várias estratégias, entre elas o recebimento de auxílio material e financeiro para ser aplicado na educação e saúde. Esses benefícios eram destinados aos alunos da comunidade (de Santo Amaro e Torreão), matriculados na Casa da Amizade em Recife. Essa comunidade contava com o apoio da direção da instituição para realização de internamento, cirurgias, funeral, compra de remédios, reforço escolar, entre outros. Os cultos realizados constituíam-se em uma forma de disseminação do evangelho e adesão ao protestantismo.

No dia a dia, Hairston demonstrava segurança no que realizava; era algo inerente ao seu caráter, além de utilizar suas habilidades e experiências. Compreendia que a expansão da instituição era inevitável, mas para isso precisava desenvolver ações estratégicas em diversas áreas do SEC.

## **2.5. Martha Hairston e a concretização do seu ideário na Casa Formosa**

Analisar a atuação e gestão de Hairston minuciosamente requer um trabalho intenso para identificar como se deu a legitimação, saberes e fazeres e como abordou temas que já estavam sendo discutidos e trabalhados por suas antecessoras; como conseguiu colocar em prática seus ideais, diante de um vasto campo de necessidade para

---

<sup>365</sup> Não ficou registrada nas atas a quantia usada para quitar as contas da ETC.

que a ETC conquistasse credibilidade, para e que o programa educacional apresentasse visibilidade, alcançasse difusão por seus próprios méritos e continuasse a crescer.

Martha Hairston parece ter selecionado os pontos críticos, elegendo prioridades, e seguiu seu projeto de trabalho, na perspectiva de a instituição permanecer em crescente ascensão até alcançar seus ideais. Através dos documentos percebe-se que ela não abriu mão dos seus princípios, sejam batistas, cívicos, sociais ou pedagógicos.

Martha Hairston continuava firme, declarando sua fé. Divulgou o evangelho e viveu missões. Dedicou parte da sua vida à educação das moças batistas. Comungava com a ideia de haver liberdade religiosa e separação entre Igreja e Estado, o que não exclui cooperação em vários setores. O Estado tem o dever de proteger e preservar a liberdade. O Estado é responsável para garantir uma igreja livre e promover a liberdade de expressão. Martha Hairston vivia uma vida pautada por esses princípios, e os corpos docente, discente e de funcionários tinham ciência de que esses eram os parâmetros norteadores da instituição.

Martha Hairston demonstrava interesse pela música e gostava de cantar. Peggy Pemble confirmou que “quando ela era estudante em Ouachita College participava de variadas atividades. Não foi surpresa notar certos avanços neste setor no SEC”<sup>366</sup>. Ao assumir a direção da instituição, investiu no departamento de música, estimulou os professores a se qualificarem, investiu na formação de grupos vocais e instrumentais, como também na construção de “salas à prova de som para o estudo de música”<sup>367</sup>.

Ainda no ano de 1953, a ETC passou a apresentar uma programação incluindo músicas: vocal e instrumental. Mein explicou como acontecia:

A Escola vem apresentando anualmente, pelo menos um recital, os primeiros sendo músicas executadas ao piano pela professora Carmem Câmara Janson. O programa de arte musical de 1959 foi um brilhante recital de música clássica e sacra apresentado por três das professoras de música de então: a pianista Cleide Dorta Benjamim e o contralto Bennie May Oliver acompanhada ao piano pela profesora Onis

<sup>366</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 30 de janeiro de 2012.

<sup>367</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p.89.

Vineyard. O primeiro ano em que o SEC apresentou dois recitais um de músicas instrumentais e outro de músicas corais – foi em 1961. Em setembro de 1963, o recital incluiu músicas instrumentais e corais, as instrumentais (harmônio e piano) executadas por dez SECistas orientadas pelos professores Paulo Moura e Cleide Dorta Benjamim, respectivamente. A professora Zélia Feitosa regeu a interpretação do Conjunto Coral de duas áreas do oratório “Elias” de Mendelssohn, na língua original. O recital do Conjunto Coral em 1965 sob a regência da professora Cleide Dorta Benjamim teve a interessante colaboração do câro falado, grupo que havia dois anos, a professora Onely Mabel regia. No mesmo ano, o recital instrumental foi abrilhantado com músicas ao órgão eletrônico sob a orientação do professor Paulo Moura. No ano anterior, músicas ao acordeão, executadas pela professora Lucile Menezes, tinham sido muito aplaudidas pelos espectadores que superlotaram o salão nobre como sempre acontece nas ocasiões de recitais do SEC.<sup>368</sup>

O nível de música executada na instituição revelava a boa qualidade vocal e instrumental. O coral apresentou músicas de compositores clássicos, como Elias e Mendelssohn. Percebeu-se o envolvimento dos corpos discente e docente, seja no canto coral ou na execução instrumental. No ano de 1965, a família de Martha Hairston fez doação de um órgão eletrônico ao departamento de Música. No mesmo ano foram gravados dois LPs: Alegria no Labor (com o conjunto coral da turma 1965), e A Deus Demos Glória LP-33, com o conjunto oficial do SEC, que tinha como regente Claudete Pereira Lima.

Em 1967, foi gravado outro disco intitulado Abençoa esta Casa, cantado pelo Coral do SEC, tendo como regente Cleide Dorta Benjamim; pianista, Claudete Pereira Lima; organista, a SECista Darcy Silva Costa; conjunto de Sinos-regente, Claudete Pereira Lima; conjunto de Formandas, – regente Milzede de Moura Barros<sup>369</sup>. O terceiro LP foi gravado pelo coral do SEC, com o título de A Deus Demos Glória,<sup>370</sup> que também teve a contribuição da família Hairston<sup>371</sup>. William explica que um “furacão destruiu uma floresta de pinheiros em Arkansas”. Todos “estavam lamentando, mas Martha escreveu para seu lar pedindo que vendessem a madeira e enviassem o dinheiro

<sup>368</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA, 1966. p.101-102.

<sup>369</sup> E-mail e informações enviados por Marilois Kirksey e Marta Maria em 2 e fevereiro de 2012.

<sup>370</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

<sup>371</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

para ela”<sup>372</sup>. Martha Hairston investiu essa verba na gravação do LP “A Deus Demos Glória”<sup>373</sup> pelo Coral do SEC.

Em dezembro de 1968, foi gravado um novo disco pelo SEC e, simultaneamente, pela Fábrica de Discos Mocambo. O compacto foi composto de seis músicas natalinas: Noite de Paz, Pequena Vila de Belém, Natal, Três Reis Magos, Reis Excelso e, a pedido da Fábrica, Jingle Bells. Essas músicas foram executadas pelo Conjunto de Sinos, órgãos eletrônicos, um coral de nove vozes.<sup>374</sup> A regente do Conjunto de Sinos e Coral foi a professora Claudete Lima, e ao órgão eletrônicos, a professora Cleide Dorta Benjamim<sup>375</sup>. Em 1973, “Clóvis Hairston ofertou ao SEC um conjunto de sinos”<sup>376</sup>.



Figura 11- Conjunto de Sinos do SEC / Acervo do SEC, s.d.

<sup>372</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

<sup>373</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

<sup>374</sup> Boletim informativo, 1969, p. 11.

<sup>375</sup> Boletim informativo, 1969, p. 11.

<sup>376</sup> Com o falecimento de Clóvis, Marta recebeu \$2.000.00 (dois mil dólares). Com esta herança, ela comprou um conjunto de sinos em honra dele. Foram usados pelas SECistas no Departamento de Música. Carta enviada por Peggy Pemble, em 20 de fevereiro de 2012.

Os sinos são instrumentos musicais. Todas as alunas do curso de música participavam desse conjunto nas festividades do SEC, nas programações da semana da pátria, bem como nas excursões realizadas pelo SEC.

Clara Williams lembrou que em 1977, Martha demonstrava compaixão às pessoas. “Clara Williams disse que quando em Recife teve uma grande enchentes ela comprou material de limpeza e foi de casa em casa ajudando a limpar as residências dos professores<sup>377</sup>”. Nessa mesma época Martha, preocupada com as SECistas, “andava num ‘barco’ dentro da área do SEC, verificando se todas as alunas estavam afastadas dos perigos das águas”<sup>378</sup>.

No mês de setembro a denominação batista desenvolveu uma programação discutindo os problemas que envolviam o Brasil, seja de cunho social, político, econômico ou espiritual. Também participava da campanha de Missões Nacionais<sup>379</sup>. A organização das atividades que foram desenvolvidas durante a Semana da Pátria ficou a critério de cada Igreja Batista, seja por meio de campanha de evangelização ou culto cívico. Em Pernambuco, na década de 1950, foi realizada a “Campanha simultânea de Evangelização,” uma estratégia que objetivava a disseminação do evangelho entre os pernambucanos. Paiva relembra que se envolveu na programação da Semana da Pátria,

na década de 1970, já como aluna do então SEC participando da equipe que desenvolvia atividade evangelística nos quartéis da região metropolitana do Recife. A equipe era composta de professores, alunas e da reitora Martha Hairston [...] Acompanhava o grupo um pastor batista, que levava aos militares a mensagem evangelística. O culto nos quartéis foi um meio que o SEC usou para mostrar ao ser humano ali presente, que enquanto comemorava a Independência da Pátria podia adquirir a sua independência espiritual através da fé em Jesus Cristo.<sup>380</sup>

---

<sup>377</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

<sup>378</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 02 de junho de 2012.

<sup>379</sup> Trata-se de uma organização batista que trabalha com a evangelização do Brasil. A Junta de Missões Nacionais mantém projetos de cunho social, saúde, educacional e religioso, espalhado por todo o país. Os missionários enviados para os campos são sustentados pelos batistas brasileiros por meio de ofertas advindas das igrejas batistas ou ofertas individuais dos membros das igrejas que decidiram voluntariamente ser mantenedores da obra de missões.

<sup>380</sup> E-mail enviado por Léa Marques Paiva, ex-aluna do SEC, em 16 de novembro de 2012.



O compromisso mantido por Martha Hairston junto ao comando da Polícia Militar pernambucana transformou-se num elo; e todos os anos no mês de setembro a equipe batista comparecia aos quartéis. Esta atividade mobilizava não só as alunas, mas também o corpo docente. As alunas que participavam dos grupos musicais acumulavam seus afazeres, mas cumpriam seus compromissos, seja tocando algum instrumento ou cantando. Percebe-se que os militares estavam atentos ao que o pastor comunicava. O sentimento que cada um portava era algo subjetivo. Ali estavam para aceitar ou criticar o que estava sendo oferecido na sua base militar.



Figura 12- Semana da Pátria, Culto nos quartéis (1953-1979). Acervo do SEC

No ano de 1971, Martha Hairston contou com a participação das alunas nas atividades da Semana da Pátria; em seguida prestou relatório ao corpo docente informando que “houve a realização dos cultos em 25 quartéis durante a semana que precedeu a II Campanha de Evangelização do Grande Recife (CEGRE)”<sup>381</sup>.

---

<sup>381</sup> LIVRO DE ATA DO CORPO DOCENTE DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1971, p. 46.

No ano de 1972, o Boletim Informativo publicou o seguinte:

Responsável pelos programas de Cultos nos Quartéis, d. Martha Hairston não poupou esforços visitando, de 20 a 31 de agosto, 27 unidades militares, realizando 25 cultos. Mais de 3.400 militares participaram desses cultos e receberam, todos eles, um exemplar do Evangelho de São João. Os Conjuntos Madrigal e □requênci abrilhantaram as reuniões com seus belos hinos, deixando as melhores impressões.<sup>382</sup>

A cada ano o SEC alcançava outras bases militares. Hairston objetivava evangelizar o maior número possível de soldados e oficiais. Esta foi uma estratégia utilizada para a realização do evangelismo pessoal e de grandes grupos. Em 1973, Miriam Feliciano expressou-se dizendo:

[...] É nossa oração que o mesmo Deus que tornou possível esta programação já por três anos, guie mais uma vez os grupos que integrarão a Equipe Batista do Recife (é assim que somos apresentadas pelos oficiais aos soldados) nas comemorações pátrias de agosto a setembro, no ano de 1973”<sup>383</sup>.

A gratidão pela permanência da atividade no quartel vem da professora Miriam Feliciano, que considerava importante a realização desse projeto de cunho evangelístico, patriótico e político. No ano de 1973, o civismo ultrapassou os muros do SEC com os “cultos cívicos” nos quartéis.

---

<sup>382</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS. Ano 19, Recife, abril de 1972, nº. 19, p. 1.

<sup>383</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS. Ano 20, Recife, abril de 1973, nº. 20, p. 1.



Figura 13 –Culto nos quartéis, 1973. Acervo do SEC

No mesmo ano, esse dispositivo alcançou um lugar mais sólido no currículo da instituição; tornou-se uma atividade permanente, com a criação do Centro Superior de Civismo, “que terá a responsabilidade do hasteamento do pavilhão nacional às segundas-feiras, às oito horas da manhã”[...].<sup>384</sup> O hasteamento da Bandeira Nacional dava-se com a presença das alunas reunidas no jardim, cantando o Hino Nacional Brasileiro. Na época a coordenadora pedagógica era a prof<sup>a</sup> Lídice Maria Gramacho Feitosa de Lima.

---

<sup>384</sup> ATA DA REUNIÃO DO CORPO DOCENTE do Seminário de Educadoras Cristãs. 09/03/1973. p. 66

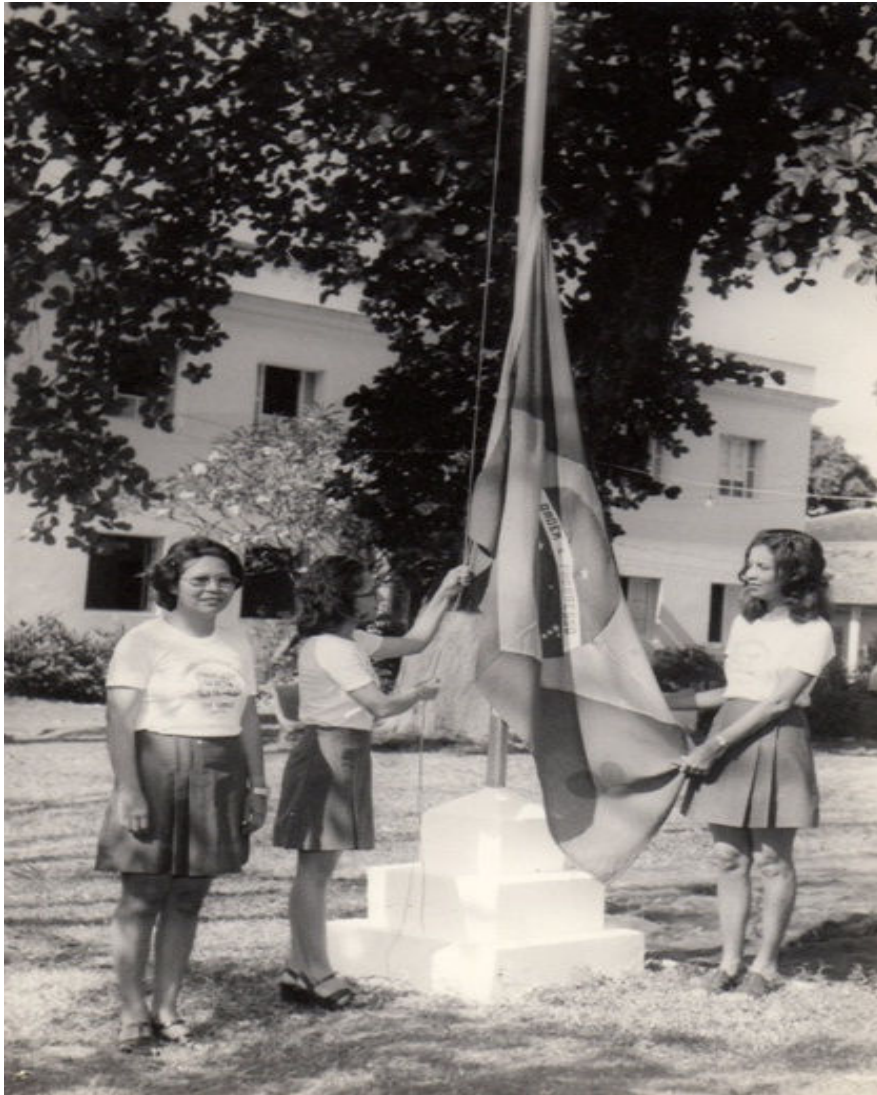


Figura 14 – Alunas hasteando a Bandeira Nacional/(1953-1979)  
Arquivo do SEC

A valorização do civismo, as discussões na sala de aula, na matéria Estudos de Problemas Brasileiros – (EPB) e a prática constante do hasteamento do pavilhão nacional estavam tão presentes na instituição, que no início de cada mês as alunas observavam o quadro para conferir se seus nomes constavam como encarregadas de hastear a bandeira. Uniformizadas, logo cedo estavam perfiladas para saudar o dia com o Hino Nacional Brasileiro.

A preocupação de Martha Hairston não se estabeleceu apenas no interior da instituição com as festas, excursões e banquetes com os pastores. A questão social

ultrapassou os limites do SEC ao ser implantada a Casa da Amizade, com uma configuração diferente, atendendo às necessidades da comunidade pobre de Recife. Quanto ao campo acadêmico, investiu no currículo, na implantação de novos cursos e na equiparação dos cursos do SEC, possibilitando às alunas ingressarem no curso de Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco.

Para dar sustentabilidade à fala das fontes, recorreu-se aos arquivos onde cada documento conta sua própria história. São falas ocultas e silenciosas dos relatórios enviados para a União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB)<sup>385</sup> no Rio de Janeiro, ou nos Estados Unidos, e para a Junta de Richmond, falando das mudanças que ela precisava realizar para cumprir seus objetivos. Mencionavam nos relatórios as dificuldades e os desafios que deviam ser superados. No ano de 1966, Martha Hairston comunicou à comissão de finanças que em julho foi necessário

reduzir de sessenta para quarenta por cento o aumento na verba a ser pedida à Junta de Richmond por meio da Missão. Devido à escassez de dinheiro disponível, a Junta de Richmond concedeu um aumento de aproximadamente dez por cento sobre o que o SEC recebeu dessa fonte durante o ano de 1966<sup>386</sup>.

O SEC era mantido por ofertas provenientes da Junta de Richmond, da União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB) e das Igrejas Batistas do Brasil. O planejamento orçamentário era feito antecipadamente. A verba doada servia para pagamento da indenização de funcionário, manutenção do prédio e da instituição e outros investimentos. Com a diminuição da verba, a direção deixou de atender a algumas necessidades. O alvo a ser alcançado seria de Cr\$ 8.500.000,00 (oito milhões e quinhentos mil cruzeiros), tendo o SEC recebido apenas a oferta de Cr\$ 7.570.262,00 (sete milhões, quinhentos e setenta mil, duzentos e sessenta e dois cruzeiros)<sup>387</sup>.

---

<sup>385</sup> A UFMBB é um órgão executivo da Convenção Batista Brasileira (CBB). É constituída das organizações de mulheres (Mulheres Cristãs em Ação-MCA), Jovens (Jovens Cristãs em Ação JCA), Meninas e adolescentes (Mensageiras do Rei-MR) e crianças (Amigos de Missões-AM), das igrejas batistas do Brasil filiadas à CBB e tem como objetivo geral valorizar a educação cristã missionária na igreja local, a fim de que seus membros reconheçam a sabedoria do Deus Triuno e cumpram a grande comissão. Informações retiradas do site: [www.ufmbb.org.br](http://www.ufmbb.org.br)

<sup>386</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA do Seminário de Educadoras Cristãs. 1966. p. 32

<sup>387</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA do Seminário de Educadoras Cristãs. 1966. p. 33.

A missionária Mary Witt prestou relatório à Junta Administrativa informando que “o alvo do Dia de Educação Feminina, no ano de 1966, não foi atingido devido às cheias que atingiram o Recife na época das ofertas.”<sup>388</sup> Esta foi mais uma dificuldade enfrentada pelo SEC. No entanto, como sua vida financeira estava controlada, não veio a sofrer maiores consequências, os desafios foram sanados e Martha deu continuidade ao seu trabalho.

Hairston tinha consciência de que o SEC deveria continuar crescendo. Era uma exigência das instituições mantenedoras, como por exemplo a Junta de Richmond e a UFMBB, que acompanhavam suas ações por meio dos relatórios enviados. Caso sua gestão demonstrasse fragilidade e não alcançasse os objetivos propostos, a missão se encarregava de realizar sua substituição. Isso foram motivos suficientes para Martha Hairston criar estratégias que atendessem não só a seus interesses, mas à necessidade da denominação. Dentre as ações implantadas estavam: atualização das alunas, construção de prédios e formação de equipes que auxiliassem na sua administração.

Quando essa missionária assumiu a direção do SEC, implantou várias medidas. Nesse período, “existia escassez de funcionários e 47 alunas matriculadas, sendo 20 etecistas e 27 pré-etcistas”<sup>389</sup>. A diretora Martha Hairston idealizou:

Um programa de atualização e expansão do preparo oferecido às alunas. Reconheceu a urgência de umas construções se esses planos fossem concretizados. Reconheceu também a impossibilidade de continuar com os pormenores do internato e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento idealizado para o futuro da Instituição. Apresentou o plano para a escolha de uma diretora para o internato e outra para o refeitório. A diretora e vice-diretora morariam fora do sítio da Escola. Apresentou o nome de Ruth Menezes para o cargo de conselheira das etecistas na base de dar o tempo integral à Escola.<sup>390</sup>

<sup>388</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA do Seminário de Educadoras Cristãs. 1966. p. 33.

<sup>389</sup> Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Ltda. 1966. p.82, 82.

<sup>390</sup> Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora Ltda. 1966. p. 83.

Hairston defendia suas opiniões e convicções. Inclusive conseguiu impor sua vontade quando fez as mudanças no internato. Apresentou seus planos, e seus argumentos convenceram a Junta Administrativa e de Richmond. No ano de 1956, apoiou os professores quando resolveram implantar na instituição cursos de nível superior, e a Junta Administrativa concordou com a iniciativa. O início do curso de bacharel se deu no ano de 1958. Para cursar o bacharelado, a aluna deveria ter “concluído o segundo ciclo, de preferência o curso Normal”<sup>391</sup> por um período de três anos. As alunas que completaram o curso ginásial oferecido pelo Colégio Americano Batista voltaram para “completar as matérias necessárias para receber o diploma do Curso Pedagógico-Religioso, quatorze voltaram.”<sup>392</sup> Neste mesmo ano houve revalidação dos diplomas. O curso facultativo continuou sendo oferecido com duração de dois anos. O curso pedagógico e religioso visa ao preparo de professoras para as escolas batistas, especialmente professoras missionárias <sup>393</sup>. Neste mesmo ano os cursos e os currículos foram reorganizados.

Em 1959, os cursos Pedagógico e Religioso e o curso de Bacharel passaram a ter a duração de quatro anos. No ano de 1976, o curso de bacharel oferecia três áreas de habilitação: Educação Religiosa, Música Sacra e Assistência Social Religiosa e missões<sup>394</sup>. No mesmo ano foi implantado e estruturado o mestrado em Educação Religiosa <sup>395</sup>.

Ycléa Cervino assevera que em 1979 o curso de Bacharel em Educação Religiosa com suas habilitações foi reconhecido pela Associação Brasileira de Instituições de Ensino Teológico (ABIBETE).<sup>396</sup> Os cursos que foram implantados contribuíram para a

---

<sup>391</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA.1966. p. 93.

<sup>392</sup> Martha Hairston assim se pronunciou: “Tem chegado uma nova época na vida desta Escola dêste Escola de obreiras e na sua contribuição ao trabalho batista no Norte dêste grande País. Que Deus sempre seja o orientador daqueles responsáveis pela direção e desenvolvimento dêste educandário”. Cf.MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA.1966. p. 94.; **BOLETIM INFORMATIVO DA ETC**, 1957,p.15.

<sup>393</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA.1966. p. 93.

<sup>394</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC. 5/DEZ.1958. P. 73.

<sup>395</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC. 5/DEZ.1958. P. 73.

<sup>396</sup> Informações retiradas de um folder produzido por Ycléa Cervino no ano de 2002.



evolução do SEC. As alunas egressas voltaram para atualização e aperfeiçoamento. O nível acadêmico foi elevado com essas iniciativas.

## 2.6. Desigualdade sociocultural: uma questão de gênero

Com o advento da República, a sociedade vivenciou mudanças importantes, requênci a valorização da mulher e da família. A mulher teve acesso à educação conquistando novos saberes. Conforme Freitas:

O início da República aponta para a necessidade da educação da mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família e à formação dos futuros cidadãos. Novas exigências são colocadas para as mulheres, que desde jovens devem ser preparadas para assumir o papel de educadora no lar. Os discursos liberais insistiam na escolarização primária da mulher e valorizavam como campo de atuação feminina o espaço doméstico <sup>397</sup>.

A mulher aproveitou as oportunidades, venceu os desafios e adquiriu novos conhecimentos. No início do século XX, a sociedade demonstrou interesse em debater a condição da mulher, que era impedida de exercer sua cidadania. As discussões feministas conseguiram chamar atenção da sociedade – que foi privada de analisar a situação da mulher, como esta vivia e as proibições impostas. A mulher resistiu, vindo posteriormente conquistar o direito ao voto e às mesmas oportunidades educacionais tidas pelos homens.

Num segundo momento, outras questões passaram a fazer parte das pautas das reivindicações em que eram enfatizadas as questões

da submissão e a dependência do ponto de vista econômico [...] o direito de escolha: do parceiro, da profissão, de ter ou não filhos, de casar-se ou não, de ter filhos sem ser casadas, enfim, o reconhecimento das mulheres como atores sociais dotados de autonomia e passíveis de viverem sua vida separadamente, sem proteção masculina. A possibilidade de exercer a sexualidade sem

---

<sup>397</sup> FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, Trabalho e Ação Política**: Sergipanas no início do século XX. Campinas: UNICAMPI, 2003, p. 35. (Tese de Doutorado). Cf. FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério. (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da educação/ NPGED, 2003. (Coleção Educação é História, 3).



ônus da gravidez indesejada que a pílula anticoncepcional assegurou [...].<sup>398</sup>

A mulher obteve algumas conquistas; no entanto, “aguardava serem abolidas as divisões existentes entre homem e mulher e os atributos de forte e fraco, domínio e submissão, mando e obediência”<sup>399</sup>. Nos anos de 1960 e 1970, o Movimento Feminista conseguiu eliminar, em parte, as questões das desigualdades existentes na educação e cultura. Contudo, a sociedade persistia em manter “papéis sexuais diferenciados para homens e mulheres”<sup>400</sup>.

Na segunda metade do século XX, houve um posicionamento por parte da mulher quando “rejeitou [...] permanecer confinada ao âmbito da atividade doméstica, frequentemente somado à vida dura e anônima da mulher trabalhadora, sem contrapartida da participação política, da participação na esfera pública da sociedade”<sup>401</sup>.

De forma consciente, decidiu lutar para conquistar seu espaço no mundo do trabalho; resolveu sair do ambiente doméstico, na tentativa de produzir mudanças levando à sociedade a uma reflexão do papel da mulher no século XX. Mignot alerta que “o trabalho feminino era condição de emancipação, cabendo às mulheres se organizarem por seus direitos”<sup>402</sup>.

No final do século XX, a sociedade continuou discutindo sobre as necessidades de transformações. Na época, já existia uma nova mentalidade e discordância sobre a

---

<sup>398</sup> ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino?** In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.95.

<sup>399</sup> ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino?** In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.95.

<sup>400</sup> ALMEIDA, Jane Soares. **Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino?** In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.95.

<sup>401</sup> CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação Feminina: Memória e trajetória de alunas no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão. Editora UFS, 2011, p. 47.

<sup>402</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, p. 202.

forma de como a mulher<sup>403</sup> era tratada. O debate sobre a temática tomou proporções internacional e nacional. Gradativamente, as reivindicações das mulheres foram atendidas. Alguns pontos contribuíram para o alcance dessas conquistas, como a resistência de algumas e os desafios lançados para a sociedade. No entanto, ainda existem questões relevantes a serem resolvidas, “dado que as mulheres continuam a receber menores salários no mundo do trabalho e a violência, principalmente no âmbito familiar, representando uma realidade nem sempre denunciada, com estatísticas alarmantes”<sup>404</sup>.

Na sociedade atual algumas mulheres contribuem para a manutenção da sua família – principalmente se for pertencente às classes pobres ou médias da sociedade – com seu trabalho. No dia a dia a mulher desenvolve dupla jornada, dividindo seu tempo com os afazeres domésticos e a profissão, atuando como cabeleireira, cozinheira, telefonista, lavadeiras e desenvolvem trabalhos na indústria e no comércio. Outras superaram os obstáculos e conseguem adquirir uma formação, incluindo o curso médio ao superior, tornando-se professoras, enfermeiras, médicas e advogadas<sup>405</sup>.

As conquistas precisam ser efetivadas. A mulher alcançou algumas vitórias. No entanto, ainda existe a disputa por vagas no mercado de trabalho. A mulher é capaz de desenvolver qualquer profissão, atuando no campo das inovações tecnológicas, da política, da justiça, entre outras.

Enfim, para a mulher adentrar a escola e instruir-se, foi necessário romper com os laços domésticos a fim de desenvolver suas habilidades no mundo do trabalho. No

---

<sup>403</sup> Maria Helena Cruz chama atenção para os conceitos de sexo e gênero. Na sua concepção, a palavra sexo vem do latim, *sexus* e refere-se à condição orgânica que distingue o macho da fêmea. Sua principal característica reside na estabilidade através do tempo. A categoria de gênero provém do latim, *genus*, e refere-se ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres [...] Sexo se refere à dimensão biológica e gênero à dimensão cultural. CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação Feminina: Memória e trajetória de alunas no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011, p. 41.

<sup>404</sup> ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.95.

<sup>405</sup> ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.95.

terreno educacional, no século XX, novas oportunidades foram abertas, a exemplo do “magistério como ocupação essencialmente feminina”<sup>406</sup>.

No século XXI formou-se uma nova geração de mulheres que protestam contra os modelos geradores de desigualdades, contra a violência, “enquanto praticam seu ato cotidiano de educar”<sup>407</sup>. Nos vários níveis de escolaridade foi ampliado o número de vagas, beneficiando a educação da mulher. Contudo, é importante lembrar que a contribuição do homem é indispensável – desde que ele seja portador de bom caráter e respeito – sendo disseminador desses valores, pois também servirá como modelo para as novas gerações.

## 2.7. Surgimento das querelas endógenas e exógenas no meio Batista

Em 1956, em São Paulo, surgiu um movimento que anunciava a junção da ETC com o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB) em Recife. Não ficou registrado nos documentos quem foi o mentor da ideia. Conforme Mein, “não teve origem na ETC”<sup>408</sup>. No ano de 1961, foi apresentado um plano na Convenção Batista Brasileira que propunha unir o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil ao Seminário de Educadoras Cristãs, e o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil ao Instituto de Treinamento Cristão. Nesse ano “a diretora do SEC estava de férias nos Estados Unidos, mas o SEC foi habilmente representado na comissão pela deã Ruth Meneses”<sup>409</sup>.

As instituições citadas vivenciaram naquela convenção momentos de turbulência quando foi anunciada uma possível união. Aparentemente não havia motivo para essa junção. Martha Hairston havia assumido a direção. Sua proposta objetivava expandir a

---

<sup>406</sup> ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.104.

<sup>407</sup> ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? In: SAVIANI, Dermeval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004, p.105.

<sup>408</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA.1966. p. 93.

<sup>409</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967) p. 97. Recife: Ed.1966.p.98.

instituição, que já apresentava outra fisionomia com as mudanças realizadas, favorecendo seu crescimento. Por que unir essas instituições? Que interesses moviam essa ação? Não deveria existir escola para educação da mulher?

Para pôr fim aos embates, em 1961 a CBB nomeou uma comissão para estudar a possibilidade de unir as escolas teológicas e posteriormente remeteria um relatório apresentando as vantagens e desvantagens. A comissão que representava a missão Batista do Norte do Brasil era composta pelo Pr. Boyd O' Neal, Pr. James Kirk e Nelle Lingerfelt.

Diante de tal situação, a Junta Administrativa da ETC ponderou os questionamentos emitidos pela frequência da CBB, elaborou um documento, expondo suas razões, analisou a proposta e enviou-a para a Comissão Teológica. O debate foi ampliado com a participação de Ruth Meneses, que apresentou vários aspectos administrativos e sugeriu que essas questões fossem avaliadas e posteriormente a Junta se pronunciasse. Martha Hairston usou da palavra dizendo que não concordava com o olhar do relator ao dizer que o melhor para a missão, para os batistas brasileiros e para o trabalho seria a fusão das instituições.<sup>410</sup>

Em seguida, lembrou que essa temática tinha sido discutida e que a Comissão Teológica da CBB, em janeiro de 1962, em Curitiba, considerou inviável a unificação, e a decisão foi apoiada pela maioria que se manifestou pelo voto. O parecer apresentado tratava da viabilidade ou inviabilidade da união das instituições de ensino:

A Comissão se pronuncia pela inviabilidade<sup>411</sup> de unir as duas instituições pelas seguintes razões: a) As finalidades diferentes das duas instituições: O Seminário visa ao preparo de futuros pastores, enquanto o ITC e o SEC visam ao preparo de moças para o trabalho das Igrejas como professoras, itinerantes, missionárias, esposa de pastor, diretoras de educação religiosa e diretora de música e no serviço social. c) As vantagens econômicas da fusão são diminutas; c)

<sup>410</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC. 20 de Setembro de 1967, p.38

<sup>411</sup> As fontes citadas fazem menção à proposta do SEC; Mildred Cox Mein faz uma síntese sobre a fusão das duas instituições teológicas. ATAS, RELATÓRIOS, PARECERES da Quadragésima Quarta Assembleia Anual da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro: CBB, 1962, pp. 164-165. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora Ltda.1966, p. 98.

Problemas administrativos existentes se agravariam, e outros problemas surgiriam; d) Certas atividades que a mulher exerce exigem treinamento em separado; e) Desde que as duas instituições femininas vão bem, não é conveniente tentar modificar a situação existente com a ideia hipotética de que possam melhorar ainda mais.<sup>412</sup>

O SEC discordava da proposta da comissão que propunha a união, ressaltando três aspectos causadores das divergências entre as instituições:

1. Finalidade – a proposta acadêmica do STBN era diferente do projeto implantado pelas missionárias, que era atender às necessidades da igreja e as suas organizações missionárias. A propositura do STBS não atendia, na sua essência, às alunas que preferiam estudar em uma instituição organizada, administrada e mantida por mulheres. As atividades de aperfeiçoamento, que contavam como experiência, como as Escolas Bíblicas de Férias (EBF), eram realizadas separadamente. Quando a comissão se posicionou diante da inviabilidade da junção das instituições levaram em consideração os pontos anteriormente discutidos.
2. A unificação do prédio – a proposta feita pelo STBNB apontava para a contenção de gastos, que, segundo a comissão, não faria tanta diferença, uma vez que as tarefas transferidas teriam necessidades de recursos humanos, econômicos e administrativos para atender as suas especificidades.
3. Administração – o poder de decisão deixaria de estar centralizado nas mãos do administrador. Os problemas continuariam, sendo necessário tomar providências de recursos humanos e material. Neste caso, haveria descontinuidade do trabalho feminino que estava sendo desenvolvido pelas mulheres. Se os avanços e /ou dificuldades seriam as mesmas, por que unificar as instituições? Retirar o SEC da administração feminina e centralizar o poder nas mãos de homem?

---

<sup>412</sup> Atas, Relatórios, Pareceres da Quadragésima Quarta Assembléia Anual da CBB, 1962, pp. 164-165.

Os pontos discutidos que serviram para esclarecimentos foram a finalidade do SEC e os elementos do currículo. O debate iluminou as mentes, mostrando que as vantagens econômicas seriam mínimas. As dúvidas foram sanadas, e as instituições seguiram desenvolvendo seu trabalho separadamente. Observa-se a presença de dois campos lutando por espaço e poder: O STBN e o SEC. Ambos defenderam seus pontos de vista. O SEC argumentou e mostrou que tinha condições de permanecer educando as moças batistas; sem precisar unir as duas escolas teológicas. Enquanto isso, o representante do STBN tentava convencer seus pares a aceitar seu projeto. No entanto, a direção do SEC rejeitou sua proposta definitivamente, e por meio da sua defesa perante a CBB manteve o SEC sob a direção das mulheres.

Diante do resultado, o STBN solicitou à Missão Batista do Norte o “usufruto da propriedade localizada na Rua Padre Inglês, nº 185, Conde da Boa Vista, para a construção de uma capela para o Seminário”.<sup>413</sup> A fala do representante deixava transparecer algo vantajoso para as instituições, uma vez que passariam a “usar uma capela, biblioteca e escola de música sacra”<sup>414</sup>, evitando mais despesas para a instituição.

Na mesma assembléia o assunto foi discutido, e Amazonila Munguba<sup>415</sup> levantou algumas questões: a plenária pareceu satisfeita com as respostas do representante do STBNB. O relator da comissão, missionário Boyd O’Neal, demonstrou interesse na junção das duas instituições. Martha Hairston se pronunciou contra a união e baseou-se no parecer da Comissão Teológica que foi contra a fusão das instituições teológicas, tanto as de Recife quanto as do Rio de Janeiro, ou seja, a união do Seminário de Educadoras Cristãs com o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e do Instituto Brasileiro de Educação Religiosa com o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Logo após, Martha Hairston passou a esclarecer os pontos que foram levantados:

---

<sup>413</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967, p. 38.

<sup>414</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967, p. 38.

<sup>415</sup> Foi a ex-aluna homenageada pelos serviços prestados à instituição e à denominação batista.

1. Sobre a duplicidade das bibliotecas; Hairston chamou atenção para “as áreas de destaques de uma biblioteca, que visavam ao preparo de obreiras serem diferentes das que visavam o preparo de pastores”<sup>416</sup>.
2. Sobre unir o seu esforço ao do Seminário Teológico a fim de construir uma grande e bonita capela, a diretora perguntou se seria justificável tão grande despesa em face da conveniência que as instituições têm em usar o santuário da Igreja Batista da Capunga [...] <sup>417</sup>. Acrescentou também que o salão nobre é suficiente para os corpos docente e discente. O salão Marcolina Magalhães acomoda reuniões maiores, e o santuário da Igreja Batista da Capunga é sempre disponível e adequado para as reuniões ainda maiores<sup>418</sup>.

Depois dos esclarecimentos, os questionamentos foram sanados. Hairston deixou claro para a comissão que era contra e ao mesmo tempo não via necessidade dessa mudança. Sem consenso, a Junta propôs uma análise mais profunda sobre o assunto e escolheu uma comissão para redigir um documento composto por:

Amazonila Munguba –relatora –, Shirley Smith, Ona Bell Cox e Ruth Meneses. A carta foi redigida; no entanto, a comissão não tinha direito para deliberar nenhum assunto. Hairston “revelou que sua consciência está no sentido de tentar fazer todo esforço humanamente possível para impedir uma situação desagradável entre as duas instituições aqui situadas”<sup>419</sup>.

As discussões sobre a união das instituições na Assembleia da CBB aconteceram no Rio de Janeiro, no período de setembro de 1969 a janeiro de 1970. A comissão que representava a Missão Batista do Norte do Brasil (MBNB) era composta pelo Pr. Boyd O’ Neal, relator James Kirk e Nelle Lingerfelt. No dia 2 de setembro de 1967, o Pr. O’Neal relator explicou à Junta Administrativa como surgiu o assunto sobre a fusão das instituições. Dizia ele:

---

<sup>416</sup> Cf. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967, p.39.

<sup>417</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967, p.39.

<sup>418</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967, p.39.

<sup>419</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967, p.45.

O assunto a ser apresentado surgiu perante a Missão durante a sua reunião em julho de mil novecentos e sessenta e seis, quando o Seminário Teológico pediu da Missão Batista do Norte o usufruto da propriedade localizada na Rua Padre Inglês, 185, para a construção de uma capela para o Seminário. Disse mais o Pastor Boyd O'Neal que a Missão votou que olharia com simpatia um pedido para ceder o usufruto da referida propriedade se houvesse um plano apresentado pelas duas instituições – o Seminário Teológico e o SEC – qual esta propriedade seria usada por elas para uma capela, biblioteca e Escola de Música Sacra. A Missão escolheu esta comissão, autorizando-a a entrar em contacto com as Juntas das duas instituições a fim de verificar as possibilidades de iniciar planos e estudos para o uso em comum desta propriedade<sup>420</sup>.

A Junta Administrativa ouviu a propositura da comissão, por meio de O' Neal, em seguida Amazonila Munguba fez alguns questionamentos. O relator respondeu às questões e falou sobre seu “desejo de ver uma maior fusão das atividades das duas instituições”<sup>421</sup>.

Após análise percebe-se que os objetivos das instituições diferenciavam-se, começando pelas atividades práticas exercidas pelas alunas, como a Escola Bíblica de Férias (EBF), que não fazia parte do programa do STBN. Sobre a unificação do prédio, a contenção de gastos pensada seria mínima, uma vez que para execução das tarefas eram necessários recursos humanos, econômicos e administrativos. Após a desmistificação do discurso por parte da direção da ETC, os participantes da Convenção Batista Brasileira aceitaram os argumentos impedindo a fusão das duas entidades: SEC e STBN.

## **2.8. A Questão Radical: dissidências entre os Batistas brasileiros e missionários norte-americanos**

Os primeiros conflitos entre pastores brasileiros e missionários norte-americanos surgiram em 1878, em Recife. Em Pernambuco, Wandrejasil de Melo Lins foi o

---

<sup>420</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967. p. 39

<sup>421</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 20 de setembro de 1967, p.38



primeiro pastor batista brasileiro a entrar em choque com esses missionários<sup>422</sup>. Alguns fatores contribuíram para essas querelas. Entre estes estavam:

1. O plano<sup>423</sup> de trabalho usado pela Missão<sup>424</sup> causava insatisfação entre os batistas;
2. No ano de 1900 surgiu uma “onda de anti-americanismo que assolou o país, atingindo até mesmo os evangélicos [...]”<sup>425</sup>

O Brasil, nessa época, não via com bons olhos o governo norte-americano. Os problemas políticos entre os Estados Unidos e Cuba e a decisão tomada pelos governantes do nosso país refletiram na vida dos brasileiros, e o sentimento de pertencimento levou os protestantes a manifestarem adesão a esse movimento<sup>426</sup>.

A Questão Radical teve início no ano de 1918 quando um grupo de pastores, na assembleia da CBB, na Vila Natan<sup>427</sup>, “acusou os missionários de deixarem de lado a evangelização para realizarem somente atividades educacionais”<sup>428</sup>. Não havia consenso, e as discórdias continuaram. O projeto defendido pelos brasileiros era sobre o investimento de mais verbas para a evangelização. O problema tomou novas proporções quando D. L. Hamilton deixou a direção do colégio.

---

<sup>422</sup> Melo Lins era alagoano. Entrou em choque com os missionários ainda no século XIX, indo para o Estado de Alagoas, onde formou um grupo antimissionário. Cf. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.87. MARTINS, Mário Ribeiro. **Histórias das idéias dos radicais no Brasil: entre os batistas**. Recife. Acácia Publicações, 1974, p.4-5.

<sup>423</sup> Mesquita assim explicou que: “não nos resta a menor opção sobre este plano. É o mesmo que já segue por setenta e cinco anos, em dezoito países na evangelização dos seus noventa milhões de habitantes.” MESQUITA, Antônio Neves. **História dos Baptistas do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940, p. 164.

<sup>424</sup> Missão se refere ao trabalho desenvolvido pela Junta de Richmond.

<sup>425</sup> Cf. MARTINS, Mário Ribeiro. **Histórias das idéias dos radicais no Brasil: entre os batistas**. Recife: Acácia Publicações, 1974, p.4.

<sup>426</sup> LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social**. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981, p.169.

<sup>427</sup> Vila Natan era o nome da cidade de Moreno, em Pernambuco. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.89.

<sup>428</sup> OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.89.

A reação manifestada contra o movimento missionário norte-americano pelos batistas em Pernambuco desenvolveu-se com mais intensidade na década de 1920, gerando divisão, não só em Pernambuco, mas em todo o Nordeste, chegando até o Sudeste do Brasil.

Em outubro de 1922, J.F.Love – secretário da Junta de Richmond –, na tentativa de reunir os líderes dos dois grupos para pôr fim às contendas, presenciou uma situação ainda mais complicada. Antes de começar a Convenção Batista Regional em Gravatá-PE, quinze missionários daquele campo escreveram um memorial com as seguintes proposituras:<sup>429</sup>

Considerando as grandes oportunidades que o campo oferece para a evangelização, notadamente no vasto interior dos Estados; considerando que tais oportunidades estão sendo negligenciadas especialmente as do interior, por falta de uma orientação adequada e pela deficiência de planos; considerando a urgência de uma cooperação mais ampla, cordial, inteligente e imparcial, de que resulte o aproveitamento de todos os recursos e esforços; considerando, finalmente, a contraprodução de centralizar a direção desta fase primária do trabalho batista nos missionários, como tem sido a tendência iniludível até aqui com prejuízo de uma divisão eqüitativa das responsabilidades [...]<sup>430</sup>.

As propostas apresentadas à Missão foram diretas; não utilizaram de subterfúgios; enfatizaram os aspectos que consideravam prejudicados e criticaram como estavam sendo conduzidos os trabalhos de evangelização e educação. E por fim apresentaram as lacunas existentes. Léonard faz uma síntese do que solicitavam:

Que a direção da obra de evangelização propriamente dita ficasse exclusivamente nas mãos da Comissão Executiva da Convenção Regional (CECR); 2. Que a ela se endereçassem todos os recursos destinados à obra espiritual, os ordenados pastorais, etc, provindos de Richmond ou das próprias Igrejas locais; 3. que a causa da

---

<sup>429</sup> LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981, p.179.

<sup>430</sup> LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social.** Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981, p.179.

evangelização do Brasil fosse colocada em proporção justa com relação à educação<sup>431</sup>.

Os pastores brasileiros não concordavam com a forma que os missionários americanos aplicavam as verbas vindas da Junta de Richmond e destinadas para o sustento dos pastores brasileiros e para manutenção das igrejas. Outra reclamação era sobre os recursos que não estavam sendo repassados igualitariamente para a evangelização e educação e a centralização de recursos nas mãos americanas.

Os missionários (o grupo era composto por 13, com exceção de Hamilton) responderam sem delongas. Na missiva enviada lembraram aos brasileiros as dificuldades enfrentadas por ocasião da implantação da obra missionária em Portugal e a autonomia imposta. A diferença é que na época a missão batista portuguesa (filiada ao movimento batista brasileiro) não aceitou o pedido. Agora, estavam propondo exigências similares aos representantes da Junta de Richmond. Diante do exposto, os americanos disseram:

Nossas reações para com o de Richmond são semelhantes às que existem entre vosso missionário (em Portugal) e vosso comitê de Recife'; e somente o de Richmond poderia decidir a respeito das exigências dos pastores do Norte, pois o trabalho missionário organizado no Brasil é semelhante ao de 19 outros países onde há 75 anos, os acompanha para o próprio benefício de seus 900 milhões de habitantes<sup>432</sup>.

Ao concluir a carta, os missionários demonstraram interesse e prometeram trabalhar em conjunto com os pastores brasileiros.

O movimento radical atingiu as instituições que formavam jovens. Diante do que estava acontecendo, decidiram apoiar os radicais (nacionais). Os estudantes estavam agitados. No dia 20 de fevereiro de 1923, 30 estudantes deixaram o Seminário (permanecendo apenas dois colegas). Cerca de 30 alunas da ETC deixaram a instituição e se hospedaram nas casas das famílias das igrejas. Com o propósito de solucionar

<sup>431</sup>LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e de história social. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981, p.179.

<sup>432</sup>LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**: estudo de eclesiologia e de história social. Tradução de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ ASTE, 1981, p.179.

aquele problema e esperançosos de que o Comité de Richmond anulasse as ações dos missionários, os pastores brasileiros enviaram aos Estados Unidos o professor Antônio Neves de Mesquita, que levaria as “Bases de Cooperação” baseadas no memorial de 1922.

Em 1925, as querelas persistiam entre as Igrejas. Enquanto isso, a Missão aos poucos reconquistava a comunidade. “Subsistiam, entretanto, as acusações contra o autoritarismo dos dirigentes da Southern Baptist Convention” de Richmond. O missionário J. F. Love e os nacionalistas enviaram Mesquita aos Estados Unidos para, juntamente com a Junta de Richmond, pensar numa base de cooperação. Esse assunto anteriormente foi discutido com os representantes do grupo radical e da Junta, não tendo sucesso.

Os radicais não cederam facilmente; pelo contrário, apresentaram novo documento com outras exigências. Por fim, a CBB aceitou por unanimidade as “Bases de Cooperação” e os princípios aceitos foram:

Autonomia das igrejas batistas, tanto no Brasil como nos Estados Unidos; 2. Autonomia das juntas e instituições batistas brasileiras condicionadas apenas à responsabilidade das igrejas que as criaram e as mantêm; 3. Cooperação fraterna baseada somente nessas considerações; 4. Estabelecimento de um esquema que assegurasse a presença de missionários e nacionais como representantes nas juntas.<sup>433</sup>

Aceitas as bases de cooperação, a problemática chegou ao fim. O missionário M.G. White, após decisão da CBB na Bahia, expôs seu desejo e esperança de ver radicais (nacionais) e os construtivos (os missionários da América do Norte) unidos.

Todos se humilharam perante Deus em oração e em cântico de hinos. Todos pediram com sinceridade a Deus que ele fizesse prevalecer a sua santa vontade na solução do grande problema da divergência na denominação. A Convenção, com a voz unânime dos “construtivos” e dos “radicais”, dos irmãos do Norte e do Sul, [...] enfim, de todos, resolveu enviar, a todas as igrejas batistas do Brasil, um apelo sincero para que fizessem desaparecer as divergências que existiam; para que

---

<sup>433</sup> Cf. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.89.; BELL, Lester Carl. **Whih way in Brazil?** Nashville, TENN: Convention Press, 1965, p.103-104.

se unissem num grande esforço para a evangelização do Brasil, para que cooperassem em amor e confiança com a Junta de Richmond, no desenvolvimento das nossas instituições e na evangelização do Brasil<sup>434</sup>.

No mesmo ano, O Jornal Baptista publicou a “decisão” da Junta de Richmond:

Que cordial aprovação seja dada aos documentos que foram adotados pela Convenção Nacional Brasileira, em sessão no Rio de Janeiro, realizada nos dias 16 a 20 de janeiro, a saber, Bases de Cooperação desta Convenção com a Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul, e Parecer da Comissão sobre as Bases de Cooperação; seja assegurado a todos os nossos irmãos batistas brasileiros nas missões do Norte e do Sul do Brasil e a todos os missionários nestas missões, que a Junta grandemente deseja paz e fraternidade entre eles; que estamos satisfeitos, porque uma Base e planos de cooperação aceitáveis a todos foram combinados (assentados); e que oraremos por todo o nosso povo batista no Brasil, a fim de que por cordial cooperação, multidões sejam trazidos a Cristo e a vida e serviço no Brasil sejam trazidas a Cristo e vida e serviço no Brasil sejam imensamente enriquecidos no valor espiritual.<sup>435</sup>

As dissensões desgastantes chegaram ao fim. Houve morosidade por parte da CBB para posicionar-se frente a um problema aparentemente simples, se cada grupo abdicasse do seu ego e autoritarismo. Mas, com a união entre os grupos, foi dada continuidade ao trabalho missionário até a sua consolidação. No entanto, ficaram registradas na história dos batistas brasileiros e norte-americanos as desconfianças, descredibilidade, decepções sequelas daqueles que não controlavam suas vaidades.

Ao fazer uma leitura atenta, pontuando o pensamento da Junta de Richmond, percebe-se que a citada Junta queria que as instituições de obreiros, mantidas por ela, conquistassem sua autonomia. Durante a reunião da Junta Administrativa, no dia 15 de dezembro de 1966, Hairston fez uma alerta dizendo:

Que as verbas vindas da outra América para as campanhas como a de evangelização, bem como para o trabalho em outros campos, determinaram uma baixa na porcentagem vinda para o trabalho aqui,

---

<sup>434</sup> Cf. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente**: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.89.; WHITE, Maxey Greco. **A pacificação Baptista**. Jornal Batista, Rio de Janeiro, ano 25, n.8. p. 4,19 fev.1925.

<sup>435</sup> Cf. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra crescia poderosamente**: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco. 1ª edição. Recife: Kairós Editora, 2010, p.97. Decisão da Junta de Missões Estrangeira. JB, Rio de Janeiro; ano 25, n,11, p.5,12. Mar. de 1925.

inclusive o do SEC, e isso nos deve levar a cada vez mais assumirmos o sustento dos nossos trabalhos, razão por que ela sugere que em 1967 a nossa participação na manutenção do SEC seja de 50% e a Junta de Richmond, 50%.<sup>436</sup>

Diante da proposta da Junta de Richmond, Martha Hairston analisou o orçamento para o ano de 1967 e informou à Junta Administrativa como andavam as finanças da instituição, enfatizando que estava tudo em ordem e que, inclusive, havia saldo em caixa. Apresentou um projeto como precaução e para evitar problemas financeiros para o SEC. A proposta foi:

Que o SEC volte a dividir as anuidades do próximo ano letivo em oito prestações mensais em vez de nove. Isto evita alguns problemas (como o de bolsas de trabalho) e representa maior economia para a instituição (o refeitório estará fechado quatro ao invés de três meses, ao ano).<sup>437</sup>

Martha Hairston criou estratégias para manter as finanças do SEC em ordem. Aproveitou a oportunidade e comunicou que a Junta de Richmond confirmou seu propósito de tornar as instituições independentes sob a tutela dos brasileiros e que haveria uma diminuição das verbas enviadas. Em 1967, a Junta de Richmond enviou 50% das verbas. Em 1973 a percentagem estabelecida era de 45%, vindos da Junta de Richmond e 55% vindos de outras fontes. Conforme Anita Calland, “os alvos nesse particular para o período de 1973-1977 são:

**Quadro-15 Demonstrativo das verbas que foram enviadas para o Brasil no período de 1973 a 1977.**

Anos	Fontes	
	Junta de Richmond	Outras fontes
1967	50%	50%
1973	45%	55%
1974	41%	59%
1975	37%	63%
1976	33%	67%
1977	30%	70%

Fonte: Ata da Junta Administrativa do SEC 1972, p.60. Arquivo do SEC.

<sup>436</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967. p.33

<sup>437</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967. p.p.56-57

Desde sua fundação, o SEC recebia uma verba da Junta de Richmond para seu sustento. Mas a partir do ano de 1967, a ajuda foi sendo retirada gradativamente até o ano de 1977.

### **Martha Elizabeth Hairston recebe homenagens dos batistas brasileiros**

Martha Hairston dedicou parte da sua vida à educação das moças batistas. Por meio das ações implantadas nessa instituição tornou-se conhecida no Brasil e no exterior. Na capital pernambucana, seus serviços extrapolaram os espaços do SEC e da Igreja da Capunga, chamando atenção do poder público. No dia 1º de junho de 1976, a Câmara de Vereadores decidiram homenageá-la, concedendo-lhe o título de “Cidadã do Recife”.



Figura 15 – Convite para entrega do título de “Cidadã do Recife”.  
Arquivo do SEC

O convite foi lançado aos batistas pernambucanos, que apoiaram participando da cerimônia. Nessa solenidade, Hairston expressou sua gratidão e em seu discurso revelou aspectos importantes da sua trajetória e administração à frente da Casa Formosa, as quais contribuíram para a consolidação do SEC.



Figura 16- Martha discursa na Câmara dos Vereadores de Recife Recife em 1º de junho de 1976. Acervo do SEC

Na sua fala, Hairston destacou pontos considerados relevantes, entre os quais estavam: família, pátria, Junta de Richmond, confiança e segurança em Deus, desafios, educação das jovens cristãs, a Junta de Missões Mundiais, os países onde as ex-alunas atuavam como missionárias e a evangelização nos quartéis. Martha Hairston iniciou seu discurso chamando os vereadores de seus amigos<sup>438</sup>.

Martha Hairston em seu discurso fez referência a sua vinda para o Brasil, dizendo que tinha como finalidade servir. “Não fugir da minha família, igreja, amigos, muito

---

<sup>438</sup> Conforme as fontes Martha Hairston ao chegar ao Brasil formou um grupo de amigos pertencentes à classe social diferente. Entre elas estavam: pastores, missionários, militares, políticos, professores e médicos. Nesse grupo havia a presença protestante e católica. Há indícios de que suas ideias favoreciam esse relacionamento entre os grupos da sociedade.



menos do meu país <sup>439</sup>” Segundo ela, tinha uma posição boa, mas isso não era suficiente; queria ajudar as jovens que tinham vontade de servir a Deus utilizando suas experiências e seus conhecimentos. Assim o fez. Ao chegar ao SEC, encetou algumas mudanças no currículo (com novas disciplinas na perspectiva de oferecer uma boa formação e que refletissem na vida da SECista e no campo missionário) e construiu prédios.

Ao chegar ao Brasil, integrou-se à Igreja Batista da Capunga, e no SEC investiu nas vidas jovens, preparando-as para servir à sociedade. Houve uma apropriação por parte de Hairston do Salmo 144:12, que diz: “Sejam os nossos filhos, na sua mocidade como plantas bem desenvolvidas, e as nossas filhas como pedras angulares, como as de um palácio”. Martha entendia que

a pedra angular é a pedra fundamental, aquela que faz ângulo de um edifício. É o sustentáculo que não se importa em ser vista ou não. Mesmo escondida e despercebida continua sustentando o peso ano após ano [...] são como pedras de fino acabamento, lavradas, como se fossem destinadas às majestosas colunas de um palácio. A mulher cristã é, por privilégio e dever, um sustentáculo na sociedade<sup>440</sup>.

Martha Hairston desenvolvia um programa de orientação com as SECistas baseada na fé e na moral. Essas moças se tornariam pilares da sociedade, pois foram lapidadas para cumprir as escrituras, conservando uma mente sadia e pronta para ajudar a sociedade.

Em outro momento, Hairston se expressou dizendo que o “Brasil era um modelo para nós [...] ele carrega consigo as esperanças de numerosas nações – singularmente das nações africanas”<sup>441</sup>. Na época de Martha, a Junta de Missões Mundiais enviou para a África ex-alunas para atuarem como missionárias em Moçambique, Rodésia, na América do Sul na Bolívia, Paraguai e Uruguai. Essas moças trabalhavam disseminando

---

<sup>439</sup> Trecho do discurso de Martha Hairston, em 1º/6/1976.

<sup>440</sup> Trecho do discurso de Martha Hairston, em 1/6/1976.

<sup>441</sup> Trecho do discurso de Martha Hairston, em 1/6/1976.

o evangelho. Hairston apontava como “jovens cultas sustentáculos de integridade e fé”<sup>442</sup>, e que seriam elos entre o Brasil e essas nações.

Em 13 maio de 1978, em sessão da Junta Administrativa, Martha Hairston anunciou que viajaria para os Estados Unidos da América do Norte, a fim de realizar tratamento de saúde e receber o título de “Doutora em Letras Honoris Causa pela Universidade de Ouachita, Arkadelphia, Arkansas. Ariete Martins confirma a homenagem dizendo: “D. Martha Hairston recebeu o grau de doutora em Letras, Honoris Causa, em maio deste ano.”<sup>443</sup>

Para conquistar seu ideário, contou com a ajuda das Igrejas Batistas de Pernambuco, colaborando com o crescimento espiritual e intelectual das SECistas. Por todas essas coisas, só lhe restou uma palavra: gratidão. Quando Martha Hairston sentiu que deveria passar a direção do SEC para as mãos brasileiras, não relutou. Em 31 de janeiro de 1980 deixou o cargo, expressando-se assim:

É missão sagrada o cargo que em janeiro passo à minha sucessora. Quando a Junta Executiva da então Escola de Trabalhadoras Cristãs elegeu-me ‘diretora’ em 29 de novembro de 1952, reconheci que o Senhor entregara-me cinco talentos. Apliquei-os. Agora presto contas: ‘Senhor, entregaste-me cinco talentos, eis aqui outros cinco que ganhei’. Reconheço a fonte da multiplicação, basta a recompensa de saber que à minha sucessora o Senhor entregará dez talentos que hoje apresento-lhe e que seu desafio será o de produzir mais dez. Não andei só. Fui cercada por uma equipe íntegra e fiel. Tive a direção da voz de Deus que dizia: ‘Este é o caminho; andai nele’. Gozei a bênção de um confortável relacionamento com os corpos administrativo, docente e discente. Não deixou-me a segura colaboração da Junta Administrativa quer nas horas mais problemáticas, quer nas vitórias da União Feminina Missionária Batista do Brasil, da Convenção Batista Brasileira e da Missão Batista do Norte do Brasil, recebi o apoio o que possibilitou o melhor do qual sou capaz. À estrutura acadêmica e à expressão física-material do Seminário de Educadoras Cristãs dediquei a inteligência que de Deus recebi. À formação da vida da jovem obreira dediquei a própria vida. À nova reitora e vice-reitora e à sua eficiente equipe de colaboradores, o nosso carinhoso apoio. É sagrada a missão a ser herdada. Ao Deus que nos habilitou para a realização da obra, toda a glória pelos frutos sendo colhidos. À Junta,

<sup>442</sup> Trecho do discurso de Martha Hairston, em 1/6/1976.

<sup>443</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1978. P. 85.

minha gratidão. E quanto a mim, longe de mim esteja o pecar contra o Senhor, deixando de orar por vós.<sup>444</sup>

Com esse discurso Martha Hairston faz um resumo dos seus 27 anos na administração da instituição. A gratidão maior foi a Deus, mas não esqueceu que sem a ajuda dos seus colaboradores a sua caminhada não seria tão exitosa. Reconheceu que vários organismos a apoiaram, tais como a Junta de Richmond, a UFMBB e a Missão Batista do Norte do Brasil.

A nova diretora, professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima, usou da palavra e agradeceu a confiança nela depositada dizendo: “que se acha pequena, mas que confia na orientação de Deus”.<sup>445</sup> A professora Mary Witt expressa sua gratidão e pede que “continue a interceder a Deus por ela”<sup>446</sup>. O ambiente era permeado por uma atmosfera “de tristeza e alegria, que é quebrado por um cântico de louvor”<sup>447</sup>. Martha Hairston ouviu a palavra de gratidão da Junta Administrativa, através de Daisy Santos Correia de Oliveira, que “ressalta os vinte e sete anos de serviço a esta Casa de ensino as bênçãos advindas de sua direção e o exemplo que tem sido”<sup>448</sup>.

Em seguida foi entoado o hino “Grandioso és Tu”. A regente foi a professora Cleide Dorta Benjamim. As homenagens continuaram. Martha Hairston foi convidada para receber um troféu como reconhecimento e gratidão pelos 27 anos de dedicação à Casa Formosa. Momento histórico e marcante foi quando Hairston passou às mãos da missionária Mary Magdalena Witt o segredo do cofre do SEC, rogando a Deus que ela

---

<sup>444</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967. P.96

<sup>445</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1979. P. 97.

<sup>446</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1979. P. 97.

<sup>447</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1979. P. 97.

<sup>448</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967. P.97.

multiplicasse seu conteúdo. Lídice Gramacho recebeu a chave simbólica do SEC, com votos de que ela pudesse abrir a Casa Formosa para a preparação de obreiras.<sup>449</sup>

Martha Hairston deixou a instituição, passou a responsabilidade para duas professoras experientes, conhecedoras da vida do SEC, manifestou o desejo de ver a escola continuar crescendo e não ser interrompida a educação das moças batistas. Gramacho usa da palavra fazendo, perante Deus e a congregação, um juramento de serviço a Deus. David Mein, presidente da ABIBET<sup>450</sup>, fez a oração de posse.

A Junta Administrativa presenteou Martha Hairston com uma corrente de ouro acompanhada de um pingente de ônix. Martha Hairston expressou seus agradecimentos e ao mesmo tempo fez uma convocação para a Junta Administrativa e à equipe dessa casa para continuar colaborando com o desenvolvimento do trabalho do SEC. Foram instantes de emoção vivenciados pela Junta Administrativa e pelas missionárias Martha Elizabeth Hairston, Mary Witt, e pela professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima.<sup>451</sup> Esses foram momentos relevantes para Martha Hairston. A sua forma de gerenciar estava presente em todos os lugares. As atas da Junta Administrativa revelam que foi na sua administração que o SEC conquistou espaço no meio acadêmico, e para além dessa conquista venceu os dilemas e construiu prédios.

Revendo as atas da Junta Administrativa percebe-se que os batistas brasileiros reconheceram seu trabalho. A ansiedade em dizer-lhe como foi importante sua vinda ao Brasil ultrapassou o interior da instituição. Parecia que todos queriam dizer-lhe: Obrigado! As manifestações chegavam das instituições batistas de Pernambuco e de outras regiões do Brasil<sup>452</sup>.

---

<sup>449</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1958-1980.

<sup>450</sup> Associação Brasileira de Instituição Batista de Ensino Teológico.

<sup>451</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS, 1967. p.98.

<sup>452</sup> Os líderes batistas que estiveram presentes e representaram suas instituições foram: David Mein, reitor do STBNB e secretário executivo da ABIBET; Cleide Dortas Benjamim, representando a UFMBB e o IBER; Dayse Correia de Oliveira, UFMBPE e o Colégio Americano Batista do Recife; Pr. Ilgonis Janait, Pr. Norberto e família, Junta de Missões Nacionais e JUERP.

Hairston recebeu homenagem de várias organizações batistas do Brasil. O Jornal Batista fez menção a um depoimento proferido naquela data que falava da mudança que o SEC vivenciaria no ano de 1980. Assim diz o texto:

[...] será o da reitoria do SEC. Durante 27 anos Hairston tem dirigido o SEC de maneira tão sábia e eficiente que o transformou em “Casa Formosa.” E que ela tem dado um toque de beleza material aos edifícios e um exemplo de formosura espiritual aos que com ela convivem. Assim, na solenidade de formatura foi-lhe prestada uma justa homenagem. Várias instituições denominacionais do campo pernambucano se pronunciaram na ocasião.<sup>453</sup>

Os brasileiros reconheceram o trabalho desenvolvido por Hairston em prol da Educação Feminina Batista. O SEC deu sua contribuição através das atividades realizadas pela Casa da Amizade, valorizando a educação feminina e preparando as moças para desenvolver um programa de cunho religioso e educacional. Acredita-se que esses dispositivos motivaram as homenagens em diferentes organizações e até no meio político quando Hairston foi considerada cidadã recifense. Como um preito de gratidão, no dia 29 de Janeiro de 1980, a UFMBB, em sua 59ª Assembleia, registrou esse momento de duas maneiras: forma poética e representação material. Vejamos:

Uma homenagem muito significativa foi prestada à missionária Martha Hairston, que durante 27 anos foi reitora do SEC, no Recife. Transferiu o bastão à professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima, ex-aluna do SEC, que será auxiliada pela missionária Mary Witt. A UFMBB ofereceu a d. Martha uma medalha de ouro com o formato do mapa do Brasil, com quatro pedras semipreciosas incrustadas.<sup>454</sup>

O reconhecimento veio de segmentos diferenciados como a Câmara dos Vereadores de Recife, que prestou louvor ao projeto da missionária Martha Hairston. As organizações representavam esse momento enviando mensagens, materializando com lembranças da sua segunda pátria – o Brasil. O Jornal Batista, o principal jornal dos batistas brasileiros, veiculou e registrou nas suas páginas com tintas carregadas de amor, reconhecimento e saudades, em forma de texto ou de poesia. Fragmentos como esses

<sup>453</sup> Ata da 59ª Assembleia da UFMBB. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro: 24/02/1980.

<sup>454</sup> ATA DA 59ª ASSEMBLEIA DA UFMBB. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro: 24/02/1980.

fazem parte dessa data memorável da sua despedida. Olinda Silveira Lopes se expressou desta forma:

À mui querida irmã D. Martha Hairston:

Poderia parecer incoerência dizer que o que faço agora é fácil e difícil ao mesmo tempo. Mas é.  
 Dizer que sua vida é impressionantemente linda é fácil.  
 Dizer que sua vida apresenta-se com marcas de Cristo é fácil.  
 Dizer que lhe devemos gratidão profunda e eterna é fácil.  
 Que seu serviço na direção do SEC pode apresentar uma rica folha de serviço é fácil.  
 Dizer que essa folha foi escrita com sacrifício e renúncia é fácil.  
 Dizer que sua vida extravasa-se em humildade é fácil.  
 Dizer que a imagem que a irmã criou é de confiança é fácil.  
 Dizer que lhe somos credora de sincero e amplo amor é fácil.  
 Mas dizer que a senhora não é mais a reitora do SEC é difícil.  
 Dizer que não ouviremos relatar vitórias e sucessos da “Casa Formosa”, é difícil.  
 Dizer que não teremos a guiar e a influenciar na direção às dezenas de jovens a cada ano é difícil.

Após a leitura da poesia, num misto de facilidade e dificuldade, a UFMBB ofereceu-lhe, no mapa do Brasil, a lembrança que traduzirá para sempre o amor e a gratidão das brasileiras.

No SEC, atos semelhantes aconteceram. Há indício de que Martha Hairston conquistou o respeito dos membros das igrejas e dos seus pares pela sua forma de administrar. As fotografias expostas nas paredes da sala dos professores do SEC, em seu gabinete, testemunham suas ações. Ao remexer os impressos pedagógicos e o “O Jornal Batista” são visíveis suas marcas. Lendo as atas, as cartas enviadas e recebidas e os

textos publicados, lá estão suas ideias apontando para outras pistas. Alguns testemunhos ficaram registrados na memória dos amigos. Cada um rememora as experiências vividas juntos no campo missionário, na Casa Formosa, ou desenvolvendo os trabalhos nas igrejas em que Hairston atuou. Em resposta a um questionário enviado aos ex-missionários da Junta de Richmond, Clara Lynn Williams revelou algumas qualidades da missionária, entre as quais estavam: “Encorajadora, demonstrava compaixão pelo próximo, sábia, mente criativa, trabalhadora, precavida, larga visão, valorizou as pessoas, estimulou as alunas no seu processo de construção e formação para atuar no serviço religioso<sup>455</sup>”.

Em entrevista a Erich Bridges, Martha confirmou que fazer uma leitura de passatempo em Belo Jardim<sup>456</sup> “se tornou difícil, por não ter horário de expediente, todos sabem onde você mora e passam em sua porta a qualquer hora, impossibilitando a leitura de lazer. Além disso, a agenda tornou-se intensa por haver muito trabalho<sup>457</sup>”.

Conforme Pemble, Hairston “tratava bem os filhos dos colegas missionários, especialmente os meninos, e brincava com eles. Isso lhe trazia à memória a infância alegre e divertida com seus irmãos Hugh e Clovis”.<sup>458</sup> Martha Hairston mantinha um bom relacionamento com seus familiares. Segundo Pemble, Hairston teve um namorado e pensava em casar-se. No entanto, “quando tomou a decisão segura em pedir uma nomeação à Junta de Richmond (FMB), nunca mais falou com Edith Vaughn sobre ele. Para Hairston, creio que a vocação era mais forte do que entrar em núpcias”<sup>459</sup>.

Enquanto estudante, Martha Hairston envolvia-se com variadas atividades no Colégio em que estudava. Peggy Pemble relembra que ela “fazia parte da equipe de debate. Era conhecida como uma excelente debatedora. Isso poderia ter sido um fator

---

<sup>455</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 6 de fevereiro de 2011.

<sup>456</sup> Belo Jardim é uma cidade do interior pernambucano em que Martha Hairston foi trabalhar após deixar o SEC.

<sup>457</sup> Entrevista concedida por Martha Hairston a Erich Bridges, em 1983. Correspondência enviada por Peggy Pemble em 10/05/2012.

<sup>458</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 07/05/2011.

<sup>459</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 23/01/2013.

importante na capacidade que ela tinha de se expressar com clareza e exatidão. Publicou o jornal dos estudantes, cantou no coral, tocou na banda e tirava notas altas”<sup>460</sup>.

Pemble confessa que quando “estava visitando, andávamos comprando coisas brasileiras para enfeitar nossas casas [...]. Gostava de comprar os quadros do pintor nordestino Rubens Sacramento. Ela até achou um pra mim; levou-me para ver e terminei comprando.”<sup>461</sup> Fatos como estes significavam muito na vida da missionária. Eram práticas que a transportavam até seu lar, rememorando a presença dos irmãos<sup>462</sup> e o ambiente familiar. Antes da sua aposentadoria, Hairston pediu que Rubens Sacramento pintasse um quadro com o prédio do SEC.

Martha Hairston procurava manter-se atualizada e preocupava-se com sua qualificação. Lou Bible “lembra que Martha quis muito fazer o PhD, mas bem sabia que não seria possível. O problema principal era a ‘artrite reumatóide’. Para Pemble, ela não era capaz de segurar um lápis, muito menos usar uma máquina de escrever”<sup>463</sup>. Conforme Williams, “o remédio de que Hairston fazia uso era muito forte. Ela sofreu muitos anos com essa doença, no entanto nunca reclamou.”<sup>464</sup>

Martha Hairston passou por algumas dificuldades com relação a sua saúde, seja com doenças tropicais, chegando inclusive a fazer tratamento de verminose no seu país, ou com outra doença. Pemble relata que Martha ficou seis semanas hospitalizada em Memphis – Tennessee. Provavelmente, no período em que gozava suas férias aproveitava para fazer tratamento cardíaco ou resolver outro problema que não foi comunicado.<sup>465</sup>

Em outro momento, a missionária vivenciou uma situação que interferiu nos seus costumes e práticas pedagógicas. Foi planejado um piquenique com as SECistas. Martha não conhecia bem o mar. Mesmo assim “levou o grupo de moças para nadar na praia. Houve uma tragédia. Martha conseguiu salvar a vida de Aurinha, mas não foi

---

<sup>460</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 24/08/2012.

<sup>461</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 24/08/2012.

<sup>462</sup> Martha Hairston não se casou, dedicou sua vida à obra missionária no Brasil.

<sup>463</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 1º de janeiro de 2012.

<sup>464</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 1º de janeiro de 2012.

<sup>465</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 25 de janeiro de 2012.



possível salvar a filha de Pr. Munguba, a qual faleceu afogada<sup>466</sup>. Depois desse acontecimento Williams confirmou “que nunca mais ela foi à praia”<sup>467</sup>.

Para Ira Louise Donaldson, Martha Hairston era reservada. Sua postura impunha respeito. Ela

sempre deu a impressão de ‘mulher perfeita’, no sentido antiquado. Ela estava sempre impecavelmente arrumada. Seu discurso foi o de uma pessoa bem educada [...]. Martha era muito respeitada pelos líderes batistas brasileiros, homens e mulheres. Os pastores valorizavam sua opinião. Ela foi extremamente educada e nunca quis ‘colocar ninguém de fora,’ pedindo-lhe para fazer coisa para ela. Por questão de fato, Martha não me pediu para levá-la nessas viagens para o interior. Eu nunca ouvi da sua parte uma piada ou uma grande gargalhada”<sup>468</sup>

A forma como Hairston conduziu a instituição revelava sua personalidade. Seu trabalho foi realizado em equipe. Cada coordenadora tinha poder de decisão, mas prestava conta dos atos postos em prática. Nas reuniões, a diretora tomava conhecimento do que acontecia em cada setor. Os problemas mais complexos ela era impelida a resolver. Impôs sua cultura religiosa (implantando ações vistas na Casa Formosa da outra América), social (aplicando seus costumes) e pedagógica. Com sua vida e ações ensinou questões importantes a serem colocadas em prática, como a ética, boas maneiras (na forma de sentar, caminhar, vestir-se, comer, conversar, comportar-se) e atender a voz do seu Senhor. Ao mesmo tempo, ouvia as alunas e compreendia seus problemas, até comprovar que merecia respeito e confiança. Se os limites fossem ultrapassados, a aluna era convidada a rever seus conceitos ou deixar a Casa Formosa.

Pemble considera o temperamento de Martha “estável e agradável; estava sempre disposta. Sentia certa paz em ser ‘dona de casa’. O lar, então, era um lugar onde ela podia estar à vontade (escutar música, cuidar dos peixinhos, das roseiras ou ler livros)”<sup>469</sup>. Outros sentimentos estavam presentes em sua vida: sorriu, sofreu, chorou e sentiu raiva, confessou Pemble,

<sup>466</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 14 de janeiro de 2012.

<sup>467</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 16 de fevereiro de 2011.

<sup>468</sup> E-mail enviado por Louise em 26 de agosto de 2012.

<sup>469</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 27 de julho de 2011.

Vi uma vez Martha vivendo um momento de raiva, sim, uma vez só. Nós três estávamos visitando Ann Wollerman em Amambaí, Minas Gerais. Um acontecimento simples, mas Edith chorou, eu sorri e Martha zangou. Para mim, foi uma prova apenas como Deus usa pessoas criadas por Ele de maneiras individuais.<sup>470</sup>

No momento vivido pela missionária, ela demonstrou que o ser humano traz consigo diferentes sentimentos, que podem ser controlados ou manifestados de diferentes formas de acordo com a situação e o temperamento de cada pessoa. Mesmo percebendo o erro, o trio feminino concluiu sua participação musical.



Figura 17- Clara Lynn Williams ao lado do quadro pintado por Rubens Sacramento s/d.  
Acervo de Clara Lynn Williams

Para Williams, Martha Hairston gostava da arte de Sacramento. Pediu-lhe que pintasse o edifício principal do SEC. Quando adoeceu e se internou, levou consigo o quadro predileto e “[...] pendurou em seu quarto no hospital do Parkway Village, em Little Rock. No dia do seu sepultamento Hugh tirou e me deu de presente”<sup>471</sup>. Hairston gostava tanto das obras desse pintor que chegava a influenciar seus amigos a adquirirem o trabalho dele. Peggy Pemble se expressou assim: “Martha Hairston me levou para

<sup>470</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 27 de julho de 2011.

<sup>471</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 27 de julho de 2011.

uma loja onde as pinturas de Rubens Sacramento estavam à venda. Ela achava que eu gostaria. Sim, eu comprei um. Ela tinha vários”<sup>472</sup>.



Figura 18- Peggy Pemble<sup>473</sup>, março de 2013.  
Arquivo particular da missionária Pemble

---

<sup>472</sup> E-mail enviado por Peggy Pemble em 27 de julho de 2011.

<sup>473</sup> Peggy Pemble, missionária enviada pela Junta de Richmond, atuou no Brasil por 35 anos, na cidade de Teresina-Piauí. Durante três anos realizou várias pesquisas no seu país, por meio da internet ou telefone, as ferramentas utilizadas para conseguir documentos, informações, boletins, fotos, sanar dúvidas, manter contato com conhecidos de Martha na tentativa de descobrir algo pessoal da missionária. Foi desta forma que descobriu um quadro especial para ela com a imagem do SEC pintado por Rubens Sacramento.

Pemble fez parte da Junta Administrativa do SEC por vários anos. Em 1967, Ida de Freitas escreveu três livros que receberam o nome de Pedras Lapidadas. Peggy Pemble foi a missionária que fotografou as ex-alunas homenageadas pelo SEC.

Em janeiro de 1980, Martha passou a direção para mãos brasileiras. Viajou para sua pátria a fim de usufruir das suas férias. Ao regressar, pretendia atuar na instituição como professora, “seu sonho de muitos anos”<sup>474</sup>.

Martha Hairston dedicou-se ao trabalho missionário. Após deixar o SEC, foi trabalhar com implantação de igrejas. Tornou-se amiga do casal senhor Pedro e dona Ana, que oraram por 30 anos pedindo a Deus que enviasse obreiro para estabelecer uma Igreja Batista em Petrolândia – PE, Brasil. Ela desafiou sua Igreja Batista Immanuel, no Little Rock, “para aceitar o convite da *Foreign Baptist of the Southem Baptist Convention*, para implantação dessa nova igreja”<sup>475</sup>.



Figura 19-Casal Pietro e d. Ana, da Igreja Batista Emanoel  
Acervo: Clara Lynn Williams

---

<sup>474</sup> Texto escrito por Áurea Ferreira da Paz, secretária do SEC por 25 anos. p 1980.

<sup>475</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

Martha Hairston desenvolveu também um trabalho em Belo Jardim, Pernambuco. Iniciou um novo ministério; dessa vez com os jovens, tornando-se líder e conselheira, com o objetivo de estimulá-los a soerguer a obra. Conforme Áurea Paz:

Logo os frutos começaram a surgir sazonados e prontos para a colheita. A pequenina casa de cultos logo ficou sem condições de abrigar a igreja que crescia. Com a ajuda de irmãos da outra América e esforços dos batistas pernambucanos, foi construído, em local adequado, o edifício de educação religiosa, num terreno amplo e com possibilidade para a construção de um templo no futuro. A Primeira Igreja Batista de Belo Jardim usa atualmente esse edifício para a realização de seus cultos e uma escola primária.<sup>476</sup>

Com o crescimento, os jovens interessavam-se pelas atividades realizadas na igreja. Martha estimulava-os a enfrentarem os desafios. Sendo assim, juntamente com ela, foram impulsionados a

iniciar um ponto de pregação na Vila da Brejé, em casa de uma das jovens do grupo, cujos pais consentiram em ceder sua casa para os cultos. Logo a Igreja Batista da Amizade se desenvolveu, e no dia 28 de julho de 1986, foi organizada a Igreja Batista Amizade, com 28 membros, a maioria dos quais é fruto do trabalho evangelístico dos jovens, e já em seu templo<sup>477</sup>.

Martha mantinha um bom relacionamento com os jovens e percebeu que eles queriam compartilhar a mensagem do evangelho e sua experiência de conversão com outras pessoas. Nesse ínterim, um membro da Congregação Batista da Amizade compartilhou com Hairston que

existia um povoado, a uns 8 quilômetros da cidade, onde não havia qualquer tipo de trabalho religioso a não ser um templo católico, onde o pároco ia uma vez por mês realizar missa e tratar de seus negócios. Disse também, que no passado, outros grupos evangélicos haviam sido apedrejados ao tentarem iniciar um trabalho no local. Mesmo assim, a missionária aceitou o desafio e rumou para o povoado de Raiz-PE, onde procurou ajuda com o povo do lugar a fim de encontrar um local onde pudesse iniciar o trabalho. Conseguiu com o

<sup>476</sup> Texto enviado por Léa Marques Paiva; depoimento de Áurea Ferreira da Paz –datilografado –, junho de 2011.

<sup>477</sup> Texto enviado por Léa Marques Paiva; depoimento de Áurea Ferreira da Paz –datilografado –, junho de 2011.

representante do Prefeito, o uso de um grupo escolar desativado e aí começaram as reuniões de estudo bíblico para crianças, jovens e adultos. A cessão desse local, porém era por prazo determinado – apenas seis meses, antes porém do término desse prazo, a Congregação já se reunia numa pequenina casa própria, ao lado da qual um belo templo já está erigido para a glória de Deus<sup>478</sup>.

Martha continuou desenvolvendo suas atividades tanto na área religiosa como social. Na perspectiva de preparar os jovens para o mercado de trabalho implantou alguns programas de formação profissional, oferecendo aos jovens cursos para trabalhar em escritórios e nas indústrias. Para as mulheres, desenvolveu um projeto objetivando evitar a mortalidade infantil e oferecer assistência aos carentes, o qual atendeu a 75 mulheres grávidas durante os últimos meses de gestação e o primeiro ano de vida do bebê. Sua preocupação procedia, visto que as estatísticas acusavam altas taxas de mortalidade.

Hairston criou condições e levava as mulheres gestantes ao médico para fazer o pré-natal. Discutiram a questão da higiene, as práticas básicas de saúde; incentivou a prática da amamentação, providenciou leite para as crianças menores de seis anos de idade, medicamentos prescritos forçando a mãe a manter contato com o médico, ensinou como ferver e filtrar água e orientou as mães a maneira correta de amamentar os filhos, inclusive incentivando as mulheres a utilizarem o material adquirido no hospital infantil do Recife.

Esse projeto recebeu a colaboração da comunidade e da cooperativa dos agricultores. Eles ofereciam leite, cereais e filtros. Uma médica pediatra ajudou gratuitamente. “Quando era impossível para nós, a farmácia nos fornecia os medicamentos com desconto”<sup>479</sup>. Hairston confirma que “a participação da comunidade foi maravilhosa. Na verdade, este foi um projeto que realmente modificou a imagem dos batistas na cidade de Belo Jardim”<sup>480</sup>.

---

<sup>478</sup> Texto enviado por Léa Marques Paiva; depoimento de Áurea Ferreira da Paz – datilografado –, junho de 2011.

<sup>479</sup> BRIDGES, Erich, entrevista Martha Hairston. Ridgecrest, 1983.

<sup>480</sup> BRIDGES, Erich, entrevista Martha Hairston. Ridgecrest, 1983.



Em 1987, Martha “deixou o Brasil que tanto amava”<sup>481</sup> e voltou para sua pátria. Conforme Hugh Hairston (irmão de Martha Hairston) e Clara Lynn William, depois da sua aposentadoria, “ela passou a residir neste apartamento no Parkway Village”<sup>482</sup>.



Figura 20- Apartamento onde Martha passou a morar após sua aposentadoria. Acervo particular de Earnestine Camp

Martha Hairston usava o período de férias para compartilhar suas experiências nas igrejas do estado. Williams diz ainda: “[...] e por seis anos, serviu como requerente no Parkway Centro de Saúde Village”<sup>483</sup>. Quando adoeceu foi colocada no Centro de Saúde no mesmo Parkway Village. Martha escolheu viver nesse complexo por oferecer facilidades nas suas instalações, segurança e cuidado médico, motivo pelo qual se tornou conhecido como Assistend Living Facility<sup>484</sup> (ALF). Por dois anos ela ficou nesse centro”<sup>485</sup>.

<sup>481</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

<sup>482</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 12 de abril de 2011. Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011.

<sup>483</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

<sup>484</sup> As pessoas que escolhem esse tipo de moradia entram como Independent Living ou têm condições de cuidar de si mesmas. Quando não podia fazer tudo sozinha mudava para onde tivesse mais ajuda (nesse



Figura 21 – Parkway Village, neste edifício Hairston atuou como ☐reqüê e residiu até sua morte. Arquivo particular de Earnestine Camp.

Em 1993, os membros da Igreja Batista Emanuel enviaram \$10.000,00. Uma equipe de 15 pessoas, liderada por Martha Hairston, decidiu “comprar um lote próximo à igreja, para construção da casa pastoral”<sup>485</sup>. Essas pessoas desenvolveram uma série de atividades: construíram uma igreja, fizeram trabalho evangelístico e Escola Bíblica de

---

caso são mais caros). De lá podia passar para (skilled nursing facility) onde as enfermeiras e ajudantes cuidavam de todas as suas necessidades. E-mail enviado por Peggy Pemble em 25/03/2013.

<sup>485</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams em 12 de abril de 2011. Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011.

<sup>486</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011



Férias (EBF) com as crianças. O carpinteiro (um brasileiro) e sua filha professaram a sua fé. O ano de 1993 foi difícil para Hairston, pois ela precisou submeter-se a um tratamento médico.

Em 1995, Hairston estava bem de saúde. Aproveitou a oportunidade e veio para Petrolândia – Pernambuco, Brasil, liderando uma equipe de “dez membros” para construir a Igreja Emanuel nessa cidade. “Alguns membros enviaram doações no valor de \$ 27.000,00 para a construção, compra de Bíblias e organização de uma pequena biblioteca”<sup>487</sup>.

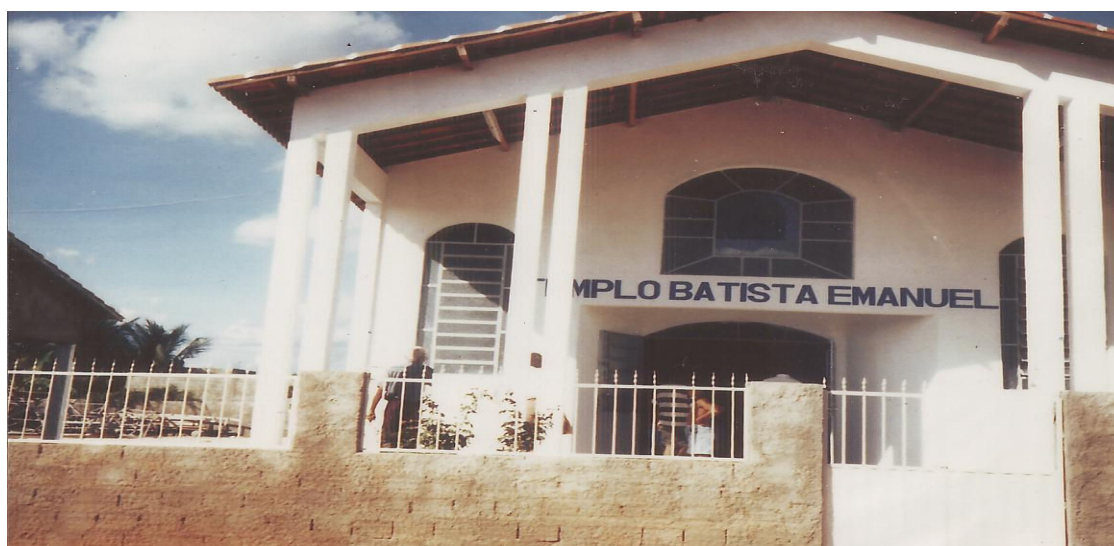


Figura – 22 Igreja Batista Emanuel.  
Arquivo da Clara Lynn Williams

Em 1996 fez sua última viagem ao Brasil para visitar seus amigos e irmãos da Igreja Emanuel. Gostava da ambiência do Parkway Village. Neste espaço, visitava amigos do tempo de Universidade em Ouachita. Aproveitava as oportunidades para falar sobre o evangelho, “fazendo estudos bíblicos para senhoras de negócios, ajudava a classe bíblica através do telefone para as pessoas que não podiam mais assistir a cultos na Igreja”<sup>488</sup>. Segundo Earnestine, a saúde de Hairston piorou:

---

<sup>487</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

<sup>488</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

[...] no dia 11 de setembro de 2001 [...] estávamos no consultório do médico olhando os aviões destruírem o Centro de Comércio de Nova York quando o médico enviou-lhe para o hospital. E posteriormente foi levada para o Parkway Village, onde ficou por dois anos. Em maio de 2003 foi enviada para Emergência do Hospital Batista em Little Rock no estado de Arkansas e no dia 13 de maio de 2003, o Senhor a chamou para o céu. Seu sepultamento se deu no cemitério de Oakland na cidade onde ela nasceu, Warren, no estado de Arkansas.<sup>489</sup>

Após sua aposentadoria, Martha voltou para sua pátria. Contudo, nunca foi esquecida ano após ano. No seu aniversário era lembrada de forma laudatória pela Igreja de Belo Jardim, Raiz e Amizade no estado de Pernambuco. Os membros da igreja prestavam homenagem com um culto de gratidão a Deus pela sua vida.



Figura 23– Igreja Batista da Amizade e Igreja Batista Raiz, 2000. Acervo da missionária Clara Lynn Williams.

Nessa celebração as duas igrejas comemoram os 80 anos de vida da missionária Hairston. O pr. Quirino e esposa, em nome das duas igrejas, expõem seu pensamento dizendo:

Eterna Gratidão!

Missionária Martha Hairston, enquanto existir um arco-íris no céu e dois ou três orando nesta Igreja, nunca esqueceremos de você. Missionária, você foi escolhida por Deus para nós como apóstula do vigésimo século. Uma homenagem dos seus filhos: Igreja Batista de Amizade e Igreja Batista Raiz.<sup>490</sup>

<sup>489</sup> Retirado do texto escrito por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011

<sup>490</sup> O pensamento é assinado pelo pr. Quirino dos Santos e esposa. Belo Jardim, 6 de dezembro de 1996.

Martha silenciou. Segundo Earnestine Camp, ela deixou-nos “lições importantes de vida, abnegação, dedicação ao trabalho de Deus, ao ensino e à evangelização”<sup>491</sup>.



Figura 24- Túmulo de Martha Elizabeth Hairston, 13 de maio de 2003.  
Foto enviada por Peggy Pemble em 27 de junho de 2011.

O legado deixado por Martha Hairston contribuiu para a formação das moças batistas. O SEC foi consolidado. Em Pernambuco, Martha construiu quatro templos: dois na cidade de Belo Jardim, um em Raiz e outro em Poção. Algumas das marcas

---

<sup>491</sup> Retirado do texto enviado por Earnestine Camp. Parkway Village. Enviado em 2/4/2011.

deixadas por Hairston nessa caminhada foram evidenciadas nos elementos da cultura escolar, os quais foram analisados no terceiro capítulo.



### CAPÍTULO III

#### CULTURA ESCOLAR E O COTIDIANO DO SEC

Nas últimas décadas, os historiadores da Educação têm se despertado para realizar pesquisas sobre as instituições escolares e vários debates. Acredita-se que neste espaço existe uma diversidade de estratégias desenvolvidas pelo homem, causando transformações. Esta tendência historiográfica sob a égide da nova História Cultural,<sup>492</sup> defendida também por Chartier, tem a finalidade de “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”<sup>493</sup> Sendo assim, representantes de determinado grupo social são impelidos a trabalhar em benefício do seu projeto, construindo assim sua identidade. A nova História tem valorizado novos objetos de pesquisas, provocando mudanças na seleção e na forma de tratá-los.

Neste estudo, a discussão acontecerá em torno da cultura norte-americana implantada no SEC. Serão alvos de análises as práticas acadêmicas e religiosas, as reformas curriculares, a avaliação e a formação da SECista, a disciplina (normas e valores), a organização da instituição, o funcionamento interno do SEC, incluindo o convívio no internato, a arquitetura, a construção do prédio e o trabalho social da Casa da Amizade.

Os saberes (frutos da doutrina religiosa) e os fazeres (uma ritualização de hábitos) aprendidos são repassados, processados e aplicados no cotidiano; ou seja, os ensinamentos específicos adquiridos no SEC são exteriorizados e interiorizados na vida de outros sujeitos. Essa articulação favorece a disseminação de uma crença que retorna em forma de conversão à ideologia protestante salvacionista.

---

<sup>492</sup> A nova História Cultural, que tem suas origens no legado de Febvre e Bloch e seus seguidores (entre os quais se destaca Fernand Braudel, que dominou o panorama historiográfico até meados da década de 1960), tem chamado a atenção, principalmente através dos estudos realizados por Roger Chartier, para a necessidade de se estudarem os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos implicados em sua produção, circulação, consumo, práticas, usos e apropriações.

<sup>492</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 40.

<sup>493</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1988, p.16-17.

Esse movimento que teve seu início na França, liderado por Febvre e Bloch, suscitou debates e causou transformações nos pilares históricos cristalizados, permitindo uma reflexão em torno da historiografia estabelecida, criando um novo campo de pesquisa, que abrange determinados segmentos da sociedade que outrora estavam no ostracismo. Houve uma época em que no imaginário social existia a presença dos heróis da história, homenageados com honrarias e lauréis, enquanto outros sujeitos eram “esquecidos da História,”<sup>494</sup> tais como “as crianças, as mulheres, as camadas populares,”<sup>495</sup> o negro, o índio, a história oral, entre outros. Estes, no entanto, não tinham vez nem voz. Com sua inserção, surgiram novas contribuições, que suscitaram reflexões sobre os aclamados “salvadores da pátria”.

A História Cultural facilitou um alargamento das investigações no campo da cultura material e imaterial. Os estudos desses objetos apontam também para a diversificação do campo metodológico, contemplando rastros, vestígios e fragmentos, tais como um bilhete, um telegrama, um caderno de receita (culinária), uma música, filme, medalha, objetos de uso pessoal, livros de cabeceira, telefonemas, e-mails, móveis da época, quadro, fotografias ou qualquer outro artefato. Nesses registros, é possível vislumbrar que as apropriações vão se dar de forma diferenciada de acordo com o olhar do pesquisador e com aquilo que se propõe a investigação.

Abordar a cultura escolar do Seminário de Educadoras Cristãs em Recife implica conhecer o processo pelo qual passou a instituição para se expandir e se consolidar e analisar os pilares sobre os quais está fundamentado, o projeto implantado e o que se propunha a realizar. Para que isso aconteça com legitimidade é preciso revisitar seus primórdios, procurando entender o plano acadêmico/religioso/social/civilizatório, concebido pelas pioneiras e missionárias batistas norte-americanas que, aos poucos, foram imprimindo o seu ideário em terras brasileiras.

---

<sup>494</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 38.

<sup>495</sup> LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 38.

A cultura acadêmica implantada no SEC foi analisada tendo como alvo o projeto de Hairston. Algumas questões foram levantadas, entre elas: Como se deu o funcionamento interno da instituição, as normas (prescritas no estatuto e regimento) e as práticas (os saberes teóricos, práticos, organizacionais e religiosos).<sup>496</sup> Estes dispositivos contribuirão para a maior compreensão da finalidade do SEC, qual o significado da arquitetura, do currículo (reformas). Incursionando no interior da instituição foi possível compreender melhor seu cotidiano e como funcionava. Julia define cultura escolar como:

Um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem à transmissão desses conhecimentos à incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar, segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional, os agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar a sua aplicação, a saber, os professores<sup>497</sup>.

O conceito de cultura escolar aponta para uma vistória no interior da escola observando como se dá o seu funcionamento, as normas, as práticas, as relações entre os profissionais, e se as normas estabelecidas são aceitas ou se existem resistências. Conforme Gonçalves e Faria Filho, para entender cultura Escolar como objeto histórico, é muito importante que se analisem “as normas e as finalidades que regem a escola; a profissionalização dos professores, os conteúdos ensinados e as práticas escolares.”<sup>498</sup> Recorrer às normas é de fundamental importância para discutir as divergências e as contradições existentes. Para tomar conhecimento dos conteúdos ensinados e das práticas escolares aplicadas será preciso recorrer às disciplinas escolares, que norteiam esses dispositivos.

---

<sup>496</sup> MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo Nexos: História das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. p.112.

<sup>497</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, n. 1, Janeiro/Junho, 2001. p.10.

<sup>498</sup> GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Histórias das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos**. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs). **A Cultura Escolar em debate: questões conceituais metodológicos e desafios para a pesquisa**. C ampinas, São Paulo: Autores Associados. 2005.p.43.

Ao ler os estatutos e regimentos do SEC foi possível visualizar a valorização da disciplina, o compromisso com saberes (quando as alunas precisavam manter seus estudos em dia, ler bons livros e ter uma boa oratória), preceitos que podiam ser vistos pelas premiações destinadas às alunas que conquistavam as melhores médias, os distintivos. Aquelas que não se adaptavam ao modelo acadêmico aplicado no SEC voltavam para seu lar.

Os conteúdos aprendidos eram colocados em prática nas atividades pedagógicas e religiosas da igreja. Para que os “fazeres” contemplassem os objetivos, a discente preparava seu plano e utilizava as ferramentas adequadas. Havendo incompatibilidade de adaptação, ou quando o seu nível acadêmico não era condizente com o exigido, a aluna recorria a sua orientadora. Portanto, o conjunto dessas práticas, a convicção da sua vocação, a cultura corporificada na instituição e o fator econômico, entre outros, foram os pilares do sucesso do SEC.

Ao investigar esses elementos da Cultura Escolar foi possível perceber como se davam as representações da educação batista norte-americana e apreender como aconteceu a história na sua dimensão material, intelectual, social e religiosa. Sabe-se que não existe neutralidade nas percepções do social nem nos discursos. Pelo contrário, criam-se “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por eles menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”<sup>499</sup>. São as representações que compõem o real. E nesse processo vão surgindo os conflitos<sup>500</sup>. As representações, segundo Chartier, podem ser traduzidas como práticas culturais e permitem:

Articular três modalidades da relação com o mundo social: 1.O trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações

---

<sup>499</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL Brasil, 1991. p. 17.

<sup>500</sup> “Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de denominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo oficial, os valores que são seus, e o seu domínio. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**.” Lisboa: DIFEL Brasil, 1991, p. 17.



intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; 2. As práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, 3. As formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’(instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, classe ou da comunidade.<sup>501</sup>

Durante a investigação, observou-se que a missionária Martha Hairston, ao traçar seu projeto, estipulou metas, perseguindo cada objetivo. Nas estratégias estabelecidas de acordo com sua visão de mundo<sup>502</sup>, apontou áreas em que investiu maior quantidade de recursos, dispendeu esforços, lançando mão de vários artifícios para alcançá-los. Percebe-se que utilizou politicamente seu prestígio em todos os atos para dar credibilidade ao SEC e conquistar o apoio de diferentes instâncias a fim de concretizar seu ideário de educar as moças batistas.

A missão de Martha no Brasil tinha “uma dimensão religiosa (de salvar – no sentido clássico da palavra entre os protestantes – as pessoas) e uma dimensão civilizatória (difundir seu estilo de democracia e espalhar sua visão de progresso econômico).<sup>503</sup> Portanto, Hairston tinha como finalidade salvar, ensinar, civilizar, isto é, trabalhar o homem integral por meio da educação. Para isso convidou profissionais capazes de desenvolver um trabalho que atendesse aos propósitos da Junta de Richmond e contribuísse para o crescimento do SEC.

A equipe de trabalho formada por Martha Hairston contou com o apoio das ex-alunas, missionários americanos, pastores que atuavam também como docentes e outras profissionais que desenvolviam suas atividades secularmente em diferentes campos do

---

<sup>501</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1991. p. 15.

<sup>502</sup> Na mentalidade de Lucien Goldmann “uma visão do mundo corresponde ao máximo de consciência possível duma classe ” <sup>502</sup>. Visão de mundo é a compreensão de cada indivíduo no momento de fazer suas escolhas, entre o relevante e o supérfluo e ao mesmo tempo amplia seu olhar em busca da concretização dos seus ideais. Este sentimento é extensivo a todos os indivíduos da sociedade que manifestam seu pensamento. GOLDMANN, Lucien. Ciências humanas e filosofia. São Paulo: **Difusão Européia do Livro**. 1967. p. 48.

<sup>503</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro** Piracicaba: Editora UNIMEP, São Paulo: Exodus, 1996.p.191.

conhecimento, mas envolvidas nas organizações missionárias da União Feminina Missionária Batista Pernambucana (UFMBP), UFMBB, enfim, no trabalho da denominação batista, mas apoiavam e defendiam a permanência da instituição.

Outro fator preponderante foi a participação e o papel que a esposa do pastor desempenhava na igreja, principalmente quando foi ex-aluna da instituição ou acreditava na educação feminina. A contribuição dessa mulher fortaleceu a gestão de Martha, que procurava valorizar todos os segmentos que, de maneira direta ou indireta, estavam ligados ao SEC.

### **3.1 -A organização interna da instituição**

Para compreender o funcionamento de uma instituição, é preciso recorrer às fontes e lançar um olhar investigativo com a intenção de obter respostas para as indagações propostas. Estes procedimentos foram tomados de forma a poder desvendar o cotidiano do SEC levantando alguns questionamentos: Quais os critérios estabelecidos para se efetuar a matrícula? Que idade a candidata deveria ter? Como se dava a vivência no internato, o trabalho nas igrejas e a disciplina no interior da instituição? Qual o currículo implantado na instituição?

Para a candidata efetivar sua matrícula deveria preencher alguns requisitos. No ano de 1955, existiam três especializações. Para atender a esses critérios e às especificidades de cada curso, a aluna deveria obedecer às exigências conforme o curso escolhido:

**1. Curso de Bacharel em Educação Religiosa:** a aluna apresentava o certificado de conclusão do primeiro ciclo do curso secundário, ou equivalente. Deveria ter pelo menos 18 anos, ser membro efetivo de uma Igreja Batista, no período mínimo de dois anos, e demonstrar dedicação ao serviço religioso;

**2. Curso preparatório:** apresentação do certificado do exame de admissão para o primeiro ciclo do curso secundário. Ter pelo menos 16 anos de idade, ser membro de uma igreja batista pelo menos há um ano e ter uma vida dedicada ao serviço religioso. Nesse caso, a candidata só seria aceita se no seu estado (cidade) não existisse o curso ginasial ou escola batista;

**3. Curso Facultativo:** Nessa categoria, qualquer senhora, ou moça batista com pelo menos 16 anos de idade, que soubesse ler e escrever, poderia ser aceita, desde que apresentasse uma missiva de recomendação da igreja da qual era membro.

As medidas tomadas foram de precaução para evitar a presença de alunas que não se identificassem com os cursos e objetivos da instituição. Durante os anos de 1953 a 1979, os critérios foram simplificados, enquanto outros incorporaram a “base de aceitação”. Para evitar maiores problemas, ficou instituído que a igreja à qual a aluna pertencia deveria manifestar-se (respondendo a um questionário<sup>504</sup> enviado pelo SEC para o pastor e membro), dando um parecer do comportamento e comprometimento da moça com o serviço religioso.

Outra exigência (implantada nos primórdios da ETC e retomada na gestão de Hairston) foi a escritura de um texto (do tipo autobiografia), contando sua história de vida e experiência de conversão,<sup>505</sup> favorecendo uma análise mais conscienciosa, visualizando sinais e rastros que desfavorecessem sua aceitação. Os resultados acadêmicos, o convívio no internato, suas ações e atitudes também revelavam e apontavam para a permanência ou não da aluna no SEC.

Para a moça ser aceita pela ETC/SEC deveria atender às exigências propostas responder aos questionários enviados ao pastor da igreja e à aluna de onde era membro. Na década de 1970, entre os critérios estavam: ter o segundo grau, boa conduta, estar envolvida na causa da evangelização, ser portadora de boa saúde mental, física e emocional, ser cooperadora e ter convicção da decisão que tomou para estudar e trabalhar no serviço religioso. Nas atas da Convenção Batista de Pernambuco de 1923, o parecer sobre educação, rezava: “Recomenda às igrejas se esforcem para levantar o

---

<sup>504</sup> Ver em anexo nº9

<sup>505</sup> A questão da conversão à nova fé e chamada para a obra missionária é algo subjetivo, só a pessoa pode confirmar sua vontade de dedicar-se ao evangelho (chamada), trabalhando em missões no Brasil ou em outro país. A dedicação às atividades da igreja, da denominação, o zelo pelo trabalho religioso, uma vida de oração e estudo da bíblia são indícios que revelam que a jovem deseja dedicar-se ao trabalho religioso, sem levar em conta as dificuldades, salário, mas quer servir ao próximo, certa de que está cumprindo a vontade de Deus.

espírito do magistério entre suas jovens a fim de enviá-las à ETC para que deste modo recebam logo professoras habilitadas a preencher as cadeiras das escolas anexas.”<sup>506</sup>

Com relação à questão disciplinar foram encontradas algumas ações que impossibilitavam a permanência da aluna na instituição, entre as quais estavam: infração ao regulamento da instituição, divergências doutrinárias, e reprovação em três disciplinas, por questões ideológicas, morais e pessoais como, por exemplo, uma gravidez.<sup>507</sup>

Os casos eram solucionados de formas diferenciadas. De acordo com o problema, a coordenadora do internato, ou de assuntos acadêmicos, resolvia; quando o assunto era grave e extrapolava essas esferas, a diretora era comunicada, e não havendo consenso, a aluna deixaria a instituição no prazo de 24 horas.

Para formar o quadro docente, Hairston convidava professores da sua confiança, com formação, especialização e qualificação nas áreas oferecidas na instituição e portadores de experiências. Para manter a qualidade do ensino, respeito e preferência pelo SEC (por parte das alunas), Hairston procurava estimular e valorizar o (a) docente como pessoa (suas potencialidades, suas habilidades), oferecendo-lhe boas condições de trabalho. A perspectiva era formar uma equipe efetiva, comprometida, e que atendesse a seu ideário para consolidação da instituição. O quadro a seguir comprova o número de funcionários e professores que, após sua formação ou qualificação, passaram a ocupar cargos especializados no SEC.

Quadro 16-Formação dos professores e funcionários

<b>Funcionária</b>	<b>Formação</b>	<b>Cargo</b>
Ycléa Cervino	Bacharel em Serviço Social	Diretora da Casa da Amizade
Berenice Rocha	Bacharel em Biblioteconomia	Coord. Da Biblioteca
Luzinete Cunha	Licenciatura em Pedagogia	Coordenadora Acadêmica
Lídice Gramacho	Licenciatura em Pedagogia e Mestrado em Educação	Coord. E Diretora do SEC
Lenira Luna	Psicologia	Diretora do Internato

Fonte: Ata da Junta Administrativa do SEC, ano 1978

<sup>506</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristas. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.51.

<sup>507</sup> Houve confirmação por parte de três ex-alunas (não quiseram ser identificadas) de que duas colegas residentes no internato deixaram a instituição por estar gestantes.

O sustento financeiro do SEC provinha das seguintes fontes:

Do pagamento de anuidades e taxas das alunas, das ofertas do Dia de Educação Feminina, das convenções, Igrejas e Sociedades de Senhoras que têm o SEC nos seus orçamentos regulares, dos irmãos batistas da outra América através da Junta de Richmond, das bolsas de estudo e outras ofertas especiais.<sup>508</sup>

A ajuda financeira<sup>509</sup> desses segmentos se constituiu numa forma de adesão ao trabalho que vinha sendo desenvolvido. O dia de Educação Feminina era comemorado para atender aos objetivos abaixo relacionados:

1. Despertar vocação para a obra do Mestre;
2. Informar as igrejas batistas sobre o trabalho realizado no IBER no SEC;
3. Levantar a oferta que contribui para a manutenção das duas Casas de obreiras – SEC e IBER. A União Feminina Missionária Batista promove o Dia de Educação Feminina (23 de Junho), em comemoração ao aniversário de sua própria organização.

O dia 23 de Junho é comemorado com muita festa. O culto é uma forma de agradecer a Deus a existência das duas instituições dedicadas à educação da mulher. Sua programação consta de músicas e representações como: peças teatrais, jograis e homilia. O membro da igreja que doava sua oferta para o dia de Educação Feminina “participa diretamente no preparo de obreiras”<sup>510</sup>, reitera Martha Hairston. Conforme o quadro que se segue, as ofertas de educação feminina enviadas para o sustento do SEC, entre os anos de 1966-1970, foram:

<sup>508</sup> SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS (1966-1967). Martha Elizabeth Hairston e a Junta Administrativa do SEC. Prospecto, p. 13

<sup>509</sup> Sobre as finanças, a direção e a Junta Administrativa do SEC obedecem ao plano como base da anuidade cobrada às alunas: anuidade paga pelas alunas, mais as ofertas recebidas das igrejas batistas brasileiras, é igual às despesas com o internato. A instituição oferece gratuitamente o ensino. Todas as contas cuja responsabilidade é das alunas devem ser pagas antes das provas finais. SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS (1966-1967), Martha Elizabeth Hairston e Junta de Educadoras Cristãs do SEC. Prospecto, p. 13.

<sup>510</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 18, nº 18. Recife, 4/04/1971. p. 8.

Quadro 17- Orçamento de Educação Feminina enviado para o SEC nos anos de 1966 a 1979

Ano	Verba	Percentual do orçamento
1953	CR\$ 31.068,00	50%
1954	CR\$ 37.351,00	
1955	CR\$ 40.666,00	
1956	CR\$ 64.614,00	
1957	CR\$ 108.886,00	
1958	CR\$ 143.800,00	
1959	CR\$ 159.478,00	
1960	CR\$ 250.000,00	
1961	CR\$ 335.144,00 <sup>511</sup>	
1962	CR\$ 674.185,00	
1963	CR\$ 1.390.490,00	
1964	CR\$ 5.000,000	
1965	CR\$ 5.494.715	
1966	CR\$ 8.500.000 (alvo não alcançado)	
1967	CR\$ 135.000,000	
1968	CR\$ 44.165.445 <sup>512</sup>	
1969	CR\$ 31.246.15	
1970	CR\$ 38.025,12	
1971	CR\$ -	
1972	CR\$ 58.500,00	
1973	CR\$ 72.220,00	
1974	CR\$ 90.275,00	
1975	CR\$ 155.216.19	
1976	-	
1977	-	
1978	-	
1979	-	

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 18, nº 18. Recife, 4/04/1971. p.8.

A deã Ruth Meneses falou sobre a oferta de Educação Feminina, dizendo:

O IBER e o SEC são duas Escolas dos Batistas Brasileiros dirigidas pela União Feminina Missionária Batista (UFMB). Esta resolveu que o total da oferta de todo o Brasil será dividido igualmente entre as duas Escolas. □req plano beneficiou o SEC, pois o trabalho batista no sul tem maior desenvolvimento que no nordeste e norte. Mas não

<sup>511</sup> Foi sugerido pela Junta Administrativa o alvo de CR\$ 300.000,00.

<sup>512</sup> Não foram registrados nas atas os alvos sugeridos pela Junta Administrativa do SEC para os anos de 1971; 1976 a 1979.

queremos que o IBER seja prejudicado, e não será, se nós nos esforçarmos e fizermos nosso máximo. É o que queremos fazer. Vamos contribuir porque a Educação Feminina é uma realidade e uma bênção para o desenvolvimento do Reino de Deus. Vamos contribuir porque as nossas duas Casas de obreiras muito necessitam e não podem ser prejudicadas.<sup>513</sup>

As ofertas do Dia de Educação Feminina eram usadas na manutenção do “internato,<sup>514</sup> no refeitório e na sala de saúde”<sup>515</sup>. No orçamento do SEC está incluída a oferta enviada pela UFMB. Além desta, existem outros recursos, tais como: anuidade das alunas e as contribuições das igrejas batistas do Brasil e da outra América. Os alvos<sup>516</sup> pré-estabelecidos pela Junta Administrativa do SEC incluídos na base orçamentária para o ano de 1974 objetivam alcançar os seguintes valores para a manutenção da instituição: Fontes Nacionais: 53, 1%; Junta de Richmond: 41,0%, outras ofertas: 5,9% .

O sistema de oferta de bolsa de estudo favorecia as alunas que não conseguiam arcar com suas mensalidades. Existiam dois tipos de bolsas de estudos: bolsas de honra e bolsas de trabalho, as quais podiam ser integrais ou parciais. Nos prospectos de 1969, orienta-se que

as alunas que não possam pagar integralmente a anuidade requerida para a pensão, devem fazer seus pedidos para trabalhar na instituição. Este trabalho será pago de acordo com o número de horas gastas e o tipo de trabalho feito. O pagamento será transferido diretamente da conta de auxílio a estudantes para a conta da pensão da aluna. O fundo para o custeio dessas despesas vem de ofertas de várias pessoas e da Richmond designados para este fim<sup>517</sup>.

<sup>513</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 18, nº 18. Recife, 4/04/1969, p. 15.

<sup>514</sup> A organização dos internatos era um ponto de grande importância para os missionários norte-americanos, pois, segundo Nascimento, “facultaria o trabalho das outras escolas também da Missão ou das particulares, possibilitando as crianças a concluírem o curso”. NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar:** uma ilha de civilização no Brasil tropical. Macéio: EDUFAL, 2007, p. 123.

<sup>515</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 18, nº 18. Recife, 4/04/1969, p. 71.

<sup>516</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 18, nº 18. Recife, 4/04/1977, p. 71.

<sup>517</sup> PROSPECTOS do SEC, 1969-1970, p. 13.

A primeira bolsa que aparece na documentação é a que homenageia a missionária pioneira dos batistas brasileiros, Ana Bagby, criada em 1943. Essa bolsa era “oferecida, anualmente, pela União Feminina Missionária do Brasil à aluna escolhida pelo corpo docente”<sup>518</sup>. A aluna – selecionada para receber a bolsa Ana Bagby – deveria demonstrar uma vida dedicada ao serviço cristão, à instituição e às colegas.

Martha Hairston deu continuidade ao sistema de bolsa criado por suas antecessoras com finalidade de beneficiar as alunas que não tinham condições de arcar integralmente com seus estudos. Sendo assim, criou a bolsa de trabalho na qual as alunas desenvolviam atividades como bolsistas e recebiam o complemento da mensalidade. Em outro momento, Hairston desafiou amigos e familiares participarem da formação das SECistas. A proposta era criar bolsa em homenagem a um ente querido. Para a concretização dessas ideia Hairston recorreu a grupos e organizações externos. Entre os parceiros estavam a UFMBB, as igrejas, os familiares e os amigos. Entretanto, a aluna que não tinha como pagar as mensalidades recebia uma bolsa de trabalho:

Quadro 18-Relação das tarefas executadas pelas alunas bolsistas conforme folder do SEC.

Limpeza
Biblioteca: do corredor, janelas, portas das salas de aulas, grades de ferro, quadros e os apagadores das salas.
Salão nobre
Secretaria, estafeta da secretaria
Gabinete da diretora, banheiro e pias.
Os gabinetes dos professores
As salas de aula do prédio de Administração – janelas e portas
Sala de espera
Sala de engomar
Salas de músicas e do alpendre.
Sala de jogos, portas e janelas, cuidar dos jogos
Varrer o refeitório após as refeições, ajudar no refeitório
Limpar a sala de costuras, as máquinas e as janelas do refeitório
Varrer o corredor do 1º andar e o 2º andar do internato.
Limpar a estafeta da secretaria

<sup>518</sup> PAZ, Onely Mabel Campêlo da. **Bôlsa Ana Bagby**. BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Ano 12, nº 13. Recife, 4/1965, p.10.



Sala de trabalhos manuais
Corredores e saleta do internato (segundo piso e térreo)
Limpar todos os banheiros (gabinete da deã, dos homens, das alunas do 1º andar
Tirar mofo e poeira dos livros da biblioteca. Passar cera nos móveis.
Livraria
Portaria e sala de visita.
Expediente na portaria
Expediente na livraria
Expediente na Casa da Amizade (CA)
Datilógrafa da CA
Ajudar na feira, lavar e cortar verduras
Expediente na biblioteca
Expediente na secretaria
Auxiliar da diretora do internato
Servir as mesas no café
Servir as mesas no almoço e no jantar. <sup>519</sup>
Abrir e fechar as salas

Fonte: Folder do SEC<sup>520</sup>

As bolsas de honra eram oferecidas pela “União Geral de Senhoras Batistas do Brasil (UGSBB) e por indivíduos, a maioria sendo bolsas memoriais. A escolha da aluna a ser contemplada [...] é feita de acordo com o critério estabelecido pelo doador em cooperação com a direção [...]”.<sup>521</sup> Conforme o Regimento Interno, as bolsas de honra são duas: “Ana Bagby e a Valdice de Queiroz, doada pelas ex-alunas do SEC.”<sup>522</sup> As bolsas de honra eram doadas para as alunas que obtinham as maiores notas. A classificação compreendia: primeiro lugar, aluna que alcançou a média global mais alta;”<sup>523</sup> segundo, é ofertada à aluna que conquistou o segundo lugar na média global;

<sup>519</sup> De acordo com a necessidade, a aluna recebia uma bolsa integral ou parcial para pagar seu sustento no SEC. A Bolsa integral cumpria uma carga horária máxima de até 14 horas semanais e 7 horas parciais de trabalho. A aluna aprendia a administrar seu tempo, separando o período de aula, hora de estudo individual e tempo livre. Fôlder do SEC, 2º semestre, 1960.

<sup>520</sup> No ano de 1976, em entrevista a Myrtes Mathias (poetisa evangélica e missionária da Junta de Missões Nacionais), a missionária Martha Hairston explicou como a escola oferecia essas bolsas. A ETC mantém só uma bolsa; recebe várias outras. A bolsa Jaíza Tôrres Cavalcanti é oferecida pela ETC “em memória da aluna Jaíza, que faleceu em 1964, quando ainda se preparava para uma vida de missionária.”

<sup>521</sup> PROSPECTOS, do SEC, 1963, p.11.

<sup>522</sup> Regimento Interno do SEC, ano dezembro de 1976, p. 18.

<sup>523</sup> MENESES, Ruth. Bolsas de estudos. BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Ano 8, nº 10. Recife, 5/1961, p.3.

terceiro, recebia a aluna que obteve o terceiro lugar nas notas anuais; quarto; a “aluna que tinha atitudes e comportamento que se esperam da filha de pastor.”<sup>524</sup>

Ao fazer referência ao assunto, Hairston informou que enviou cartas à Junta de Missões Estrangeiras e aos seus missionários comunicando a criação de uma ou mais bolsas de estudos para moças que sentirem vontade (vocação) de se preparar para o serviço da causa, ficando o campo (estado de origem da aluna) responsável apenas pela passagem delas.

No quadro adiante vê-se a classificação de bolsas de estudos para sustento das SECistas e suas modalidades, na totalidade de 58 bolsas. Convém lembrar que existem bolsas de trabalho que não exigem critérios preestabelecidos. Portanto, de acordo com a necessidade, qualquer aluna poderia ser contemplada com recurso financeiro.

Quadro 19- Fundos permanentes<sup>525</sup> memoriais-até dezembro de 1978

Ano	Nome	Mantenedor
1955	Ana Bagby	UFMBB
	Levering	UGSEUA verba do testamento de Harriet S.Levering
1963	Bolsas de Honra	UGSBB ou por indivíduos
	Odília Costa	Ofertada por Odenísia Costa Barbosa
	Memorial Stapp	Pérola Stapp
	Bolsa Pastoral	Oferecida por um pastor
1965	Valdice de Queiroz	Ex-alunas do SEC
1966-1967	Lucena e Arruda	Lucena e Arruda
	□requê Bárbara de Moraes	□requê Bárbara de Moraes
	Marques e Silva	Marques e Silva
1969	Essie Fuller Baptista	A mesma
	Bolsa Capunga	Igreja Batista da Capunga

<sup>524</sup> MENESES, Ruth. Bolsas de estudos. BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Ano 8, nº 10. Recife, 5/1961, p.3.

<sup>525</sup> “Os Fundos Permanentes visam alcançar o maior nível possível de sustento próprio e ao mesmo tempo proporcionar mais segurança financeira para o presente e o futuro da Casa Formosa. Fundos podem ser iniciados com qualquer importância [...] e enviados em qualquer data. Não há limite determinado para o valor total do capital a ser alcançado por qualquer Fundo; fica a critério do doador. O capital é investido em letras de câmbio. Uma parte da renda é aplicada à finalidade do fundo; o restante é somado ao capital visando compensar a desvalorização da moeda. Conforme o propósito do doador, a renda destina-se a bolsas de estudo, ajuda a estudantes, biblioteca, equipamentos e outros fins. Fundos estabelecidos em homenagem a alguém cuja vida sirva de uma viva inspiração para a nova geração de obreiras. Fundos memoriais homenageiam servos de Deus, cujos exemplos continuam abençoando a Causa através de perpetuação de sua memória”. Informações retiradas do pôster da Associação das ex-alunas. Recife, 1983, p.6.

	Caçula Lima	Vasty F. da Silva
	M <sup>a</sup> Clementina Lima	Pensão
1972	Laura Sampson	Laura Sampson
	Heráclito Rocha	Jeruza R. Arandas
1973	Clovis Hairston	Família Hairston
1974	Bolsa Love	Casal Burley Cader
	Mariazinha-W.Nogueira	Mariazinha-Waldeck Nogueira
	Peggy Pemble	UFMB do Piauí
	Francisca Tumblin	UFMB do RGN
1975	Sara Davis	UFMB do Ceará
	Elze Falcão	UFMB da Paraíba
	Ministério Social Cristão	Edith Vaughn
	Biblioteca	Anônimo
	PIB de Amarillo	A mesma
	UFMB de Pernambuco	A mesma
	Irma O' Neal	UFMB de Alagoas
	UFMB de São Paulo	A mesma
	Minnie Landrum	UFMB de Mississippi
	De Vaun	Charles De Vaun
	Lilian Wilson	Marvin Wilson
1976	Amazonila Munguba	Seus Filhos
	Igreja Batista da Concórdia	A mesma
	Harold Cred	Casal Cred
	Edna Taylor	Família Taylor
	Hazel- Robert Reynolds	Amigos
	Lesther- Mary Campbell	Casal Campbell
	Mildred Mein	UFMB da Bahia
	Ona Bell Cox	Ex- Alunas Amazonenses
	Onis Vineyard	A mesma
	Maye Bell Taylor	Igreja Batista Gladwater
1977	Biblioteca Daniel	Família Daniel
	Casal Burton Davis	Casal Waldeck Nogueira
	Igreja Batista da Capunga	A mesma
	Ignês Pinto Dias	UFMB da 1ª Igreja Batista de São Paulo
1978	Eugênio Mello	Família Mello
	Leroy- Claribel Williams	Família Williams
	Família Brito Barros	A mesma
	Firma Missionária	F. Lucena & Cia. Ltda.
	Pedras Lapidadas	Vendas dos Livros
	W. H. Penkert	Dóris Penkert
1979	Martha Hairston	Junta Administrativa do SEC

Fonte: SEC. Fundos Permanentes. Arquivos do SEC, Nov. de 1979.<sup>526</sup>

<sup>526</sup> Conforme a redação do boletim, os Fundos Permanentes visam alcançar, até o Centenário Batista Brasileiro, o maior nível possível de sustento próprio e ao mesmo tempo fortalecer os alicerces financeiros para o presente e o futuro da Casa Formosa. Fundos podem ser iniciados com qualquer importância. Ofertas acrescentando o capital dos Fundos podem ser enviadas em qualquer data. Não há limite determinado para o valor total do capital a ser alcançado por qualquer Fundo. Quanto maior for capital, maior a renda disponível para a obra. Cada ano, uma parte da renda é aplicada à finalidade do

As bolsas faziam parte do Fundo permanente. No final de cada ano a direção tomava<sup>527</sup> conhecimento se contaria com a doação. A decisão da continuidade fica na dependência do mantenedor. Há situações em que a família mantém uma bolsa em memória de um familiar e permanece enviando a verba mesmo após seu falecimento. Em outros casos isso não acontece.

### Formação

Objetivando conhecer o perfil das ex-alunas recorreremos aos arquivos da instituição; e foi possível observar que as moças que estudaram no SEC originavam-se de famílias de renda baixa. Sendo assim, antes de ser oficializada a matrícula, o sustento da candidata era um ponto bastante discutido entre a futura aluna, família e a igreja à qual pertencia. O SEC oferecia bolsas de trabalho para as moças que precisavam financiar seus estudos. De acordo com a necessidade, poderia receber bolsa integral ou parcial. As moças vinham de todos os estados do Brasil, pertenciam a uma igreja batista ou presbiteriana.<sup>528</sup> A aluna<sup>529</sup> que precisava concluir seu curso estudava o pedagógico no CAB, e o religioso no SEC.

Em 1956, os professores, reunidos com a diretora Martha Hairston no SEC, decidiram elevar mais uma vez o nível escolástico dos cursos oferecidos. Para que tudo acontecesse a contento foram elaborados alguns critérios

[...] começando em 1958 serão aceitas para o Curso de Bacharel somente as candidatas que tenham completado o segundo ciclo, com preferência ao Curso Normal. Será oferecido outro curso (também de 3 anos) para as alunas que tenham completado somente o curso ginásial. Curso Facultativo, de dois anos continuará a ser oferecido essencialmente na mesma base que agora tem. Houve uma reorganização dos cursos e currículos durante o ano de 1958, e, em 1959, ambos os cursos – Pedagógico e Religioso e o Curso de

---

Fundo; o restante é reincorporado ao capital visando compensar a desvalorização da moeda. Conforme a proposta do doador, a renda destina-se a bolsas de estudo, biblioteca com seu setor de recursos plurisensoriais, aquisições de equipamentos, e outros fins administrativos. Seminário de Educadoras Cristãs. **Fundos Permanentes**. Recife: Seminário de Educadoras Cristãs, Nov. de 1979. (Boletim).

<sup>527</sup> SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS (1966-1967). Martha Elizabeth Hairston e a Junta Administrativa do SEC. Prospecto, p. 93.

<sup>528</sup> Não foi encontrada nenhuma justificativa para ser efetivada a matrícula das moças membros da igreja presbiteriana. Nem constam nas fontes pesquisadas, a quantidade de alunas presbiterianas que estudaram no SEC.

<sup>529</sup> Conferir o anexo 3. B

Bacharel eram: Educação Religiosa, Música Sacra e Serviço Social-Religioso. O curso Pedagógico-Religioso visa ao preparo de professores para as escolas batistas, especialmente professoras missionárias.<sup>530</sup>

O SEC tem procurado atender aos ditames da denominação, com a intenção de oferecer conhecimento à aluna e prepará-la para desenvolver atividades em áreas diferenciadas. A sociedade batista revela qual o currículo que a escola devia ensinar. O SEC, na tentativa de atender a tais necessidades, organizou um currículo que favorecesse o desempenho das moças nas suas instituições.

A missionária Martha Hairston elaborou uma proposta educacional importante para o SEC. Por isso, no seu projeto, deixou claro o propósito da instituição, dizendo que “a finalidade desta escola é preparar moças vocacionadas por Deus para uma vida de serviço cristão no campo de Educação Religiosa, Música Sacra<sup>531</sup>, Assistência Social Religiosa ou Magistério nas escolas batistas”.<sup>532</sup>

Acredita-se que pensamento como esse, permeava o ideário norte-americano quando foi apresentado aos batistas um programa que atendia a tais necessidades, oportunizando às moças um ensino de qualidade. É possível perceber esse intento ao analisar as mudanças no currículo (na perspectiva de atender às metas) e apresentar à Junta de Richmond como se deu a seleção de professores e o interesse de as alunas egressas participarem dos cursos de aperfeiçoamentos na perspectiva de desenvolver melhor seu trabalho.

### 3.2. Cotidiano do SEC

A direção do SEC esforçava-se para oferecer um ambiente disciplinar favorável ao desenvolvimento do caráter de suas alunas. Tratando-se de uma instituição para moças que desejavam preparar-se para bem servir à causa e que vêm de ambientes tão diferentes, certos regulamentos são importantes e necessários para o cumprimento da

<sup>530</sup> SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS (1966-1967). Martha Elizabeth Hairston e a Junta Administrativa do SEC. Prospecto, p. 93

<sup>531</sup> As alunas que se tornavam esposas de pastores continuavam seu curso como alunas externas. Outras por motivo de mudança de estado trancavam a matrícula ou pediam transferência para outra escola de ensino teológico.

<sup>532</sup> PROSPECTO, 1969-1970, p. 11.

finalidade a que se destina a instituição. As alunas primeiranistas (calouras), ao chegarem, à instituição, aprendem sobre a história do SEC. São apresentados os regulamentos internos e dadas orientações de como melhor aproveitar os recursos didáticos, equipamentos, instrumentos e como usar a biblioteca.

Portanto, existia uma inter-relação entre as práticas escolares e a disciplina,<sup>533</sup> o que contribuía para o bom andamento do internato e do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando a manutenção de normas, valores e comportamentos. Alguns dispositivos eram primordiais e precisavam ser obedecidos, como as saídas e entradas, por exemplo. “A aluna deve assinar seu próprio nome na folha designada na portaria, todas às vezes que sair indicando a hora de saída e chegada”<sup>534</sup>. Caso a aluna não obedeça ao regulamento interno, ela será punida.

Quadro 20 -Sansões estabelecidas pelo regimento interno do SEC no ano de 1976

Artigo	Penalidades
103	<p>As alunas, conforme gravidade ou repetição de faltas ou infrações, serão aplicadas as seguintes penalidades:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Admoestações;</li> <li>2. Advertência oral-particular;</li> <li>3. Advertência escrita;</li> <li>4. Exclusão de aula;</li> <li>5. Suspensão temporária de particular em qualquer tipo de atividade escolar prevista neste regimento;</li> <li>6. Suspensão definitiva de participar de toda ou em parte de alguma atividade escolar prevista neste Regimento;</li> <li>7. Cancelamento de matrícula, por ato da reitora e demais profissionais competentes.</li> <li>8. Todas as demais penas previstas neste Regimento;</li> </ol> <p>§1º-Sempre que possível as penalidades serão aplicadas gradativamente e sem ser acumuladas.</p> <p>§ 2º-Em caso de falta grave, as Igrejas e ou pessoa responsável pela aluna serão cientificadas das penalidades aplicadas, através de uma comunicação escrita.</p> <p>§ 3º A de exclusão é privativa da Reitora, ouvida a Coordenação de Assuntos Acadêmicos o Conselho Administrativo e o Corpo Docente, conforme a viabilidade.</p>
104	<p>A competência para a aplicação de sanções, em princípio, pertencerá à Reitora.</p> <p>§Único: Por delegação e responsabilidade da Reitora, a aplicação de sanções se dará pelos professores, componentes do Conselho Administrativo ou órgãos em serviços na perspectiva órbita de competência.</p>

Fonte: Regimento Interno do SEC do ano de 1976. Arquivo do SEC

<sup>533</sup> Regulamentos para manter a boa ordem na organização escolar.

<sup>534</sup> Regimento interno do SEC, década de 1960.

Observando a tabela 103, veem-se as penalidades e as oportunidades oferecidas na perspectiva de conscientizar a aluna. Havendo persistência no erro, o dispositivo usado pela reitora com a aquiescência dos variados segmentos internos da instituição é a exclusão. No artigo 104, percebe-se a descentralização do poder e participação de outras instâncias do SEC que aplicarão a pena.

A vida no internato começava cedo. As alunas levantavam-se às 5h30 da manhã. O silêncio era rompido pelo toque da campainha, avisando que era preciso despertar. Segundo Cruz, “o silêncio ajuda a produzir a ordem e a tranquilidade”<sup>535</sup>. Este dispositivo estava presente no SEC e deveria ser respeitado em variados momentos: no repouso após o almoço, nas horas de estudo na biblioteca, após o toque da campainha e o apagar das luzes (às 22h), anunciando que era hora de recolher-se; que as tarefas daquele dia foram encerradas.

A observância à ordem, ao estatuto e ao regimento interno evitava desconforto e decepções. O cumprimento das normas pré-estabelecidas ajudava a manter o grupo unido. O respeito pela equipe diretiva e o bom tratamento favoreciam uma convivência sadia entre seus pares. Quando a discente chegava à instituição, a equipe diretiva já tinha conhecimento da sua vida, conduta, trabalho, bem como se deu “sua experiência de conversão”.

Não só as repreensões contribuíam para as alunas manterem um bom comportamento. Existia outra estratégia para as portadoras de condutas exemplares. Essas recompensas eram passadas para quem obtivesse as melhores notas, tivessem bom relacionamento com as colegas e professores ou pretendesse exercer missões no Brasil e além fronteiras.

De acordo com os prospectos, havia um esforço por parte da instituição para manter o “ambiente favorável ao desenvolvimento do caráter e da vida espiritual das

---

<sup>535</sup> CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação Feminina: Memória e trajetórias de alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância – Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2011.

alunas. A SECista cooperava nos cultos, nas festas e nos trabalhos domésticos.”<sup>536</sup> Essa prática era significativa para ajudar no seu sustento e na lapidação de caracteres, mudar de comportamento e confirmar sua vocação.

André Chervel, ao trabalhar com o conceito de “disciplina escolar,” reporta-se dizendo que “o termo ‘disciplina’ e a expressão ‘disciplina escolar’ não designam, até o fim do século XIX do que a vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribuía para isso.”<sup>537</sup>

Um ato indisciplinar comprometia a permanência da aluna, podendo, inclusive, ser desligada da instituição. As portadoras de boa conduta e boas notas eram recompensadas com premiação de bolsas de estudos de honra. No entanto, “desde 1954, o distintivo da instituição, o broche, é dado à formanda que alcança a média mais alta durante o curso completo. A partir de 1969, recebê-lo-á uma bacharelada”<sup>538</sup>.

### O currículo

Em 1953, quando Martha Hairston assumiu a direção, apresentou à Junta Administrativa do SEC seus planos. Enfatizou as metas que pretendia alcançar. Entre elas estavam: ampliar o número de alunas matriculadas, aperfeiçoar as alunas egressas, construir o prédio do SEC e da Casa da Amizade, trabalhar com evangelização do povo, implantar novos cursos e incentivar, por meio de uma programação religiosa, a vida espiritual das alunas e funcionários.

No ano de 1969, foi implantado um novo currículo, objetivando atender à legislação vigente<sup>539</sup>, às determinações da missão batista à Junta de Richmond e às novas perspectivas lançadas pelas Igrejas Batistas do Brasil.

<sup>536</sup> Escola de Trabalhadoras Cristãs. Prospectos, 1956.p.16

<sup>537</sup> CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares:** reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação n. 2, 1991, p. 178.

<sup>538</sup> PROSPECTOS, anos, 1972-1973, p. 29.

<sup>539</sup> Provavelmente, a mudança se deu para atender à Reforma do Ensino Superior; decreto-lei nº 5.379/67. ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil:** dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas-SP; Autores Associados; Brasília, DF: Editora Plano, 2004, nº143.



Segundo Sacristán, currículo é:

Um conjunto de conhecimentos ou matérias a serem superadas pelo aluno dentro de um ciclo – nível educativo ou modalidades de ensino e a acepção mais clássica e desenvolvida; o currículo como programa de atividades planejadas, devidamente sequencializadas, ordenadas metodologicamente tal como se mostram, por exemplo, num manual do professor; o currículo também foi entendido, às vezes, como resultados pretendidos de aprendizagem; o currículo como concretização do plano reprodutor para a escola de determinada sociedade, contendo conhecimentos, valores e atitudes; o currículo como experiência recriada dos alunos por meio da qual podem desenvolver-se; o currículo como tarefa e habilidades a serem dominadas-como é o caso da formação profissional; o currículo como programa que proporciona conteúdo e valores para que os alunos melhorem<sup>540</sup>.

Observa-se que o currículo não é aquele dispositivo que compreende apenas a arquitetura curricular. Sua abrangência contempla vários aspectos, incluindo a avaliação, os conteúdos trabalhados, aulas ministradas, conferências proferidas, pesquisas, entre outros, que contribuem para mudanças de valores. O Regimento Interno do SEC revela como era compreendido seu currículo.

Quadro 21-Artigos que tratam do currículo do SEC nos anos de (1969-1970)

Art.47	As atividades escolares constarão de aulas, demonstrações, palestras, conferências, exposições, comemorações, estágios supervisionados, exercícios ou trabalhos individuais e ou em grupos que serão realizados em classe, em casa ou em outros locais adequados, tarefas, trabalhos práticos, monografias, pesquisas e das chamadas atividades extraclasse curriculares ou complementares bem como quaisquer outras que objetivem a formação integral da educanda, além de próprias, individuais e em equipe, exames, testes, seminários e outros.
Art.48	O currículo será organizado, o quanto possível, com conteúdo, objetivos, atividades didáticas, avaliação, conforme especificações constantes dos anexos e sendo preservados os objetivos educacionais do SEC.
Art.49	A elaboração do projeto de currículos será da competência da coordenação de Assuntos Acadêmicos, conforme art. 24 deste Regimento.

Fonte: Regimento Interno do SEC, ano 1976, p. 10  
Arquivo do SEC

---

A dúvida procede no sentido de não encontrar as disciplinas no currículo que justificassem a mudança na grade curricular e que atendesse à reforma vigente.

<sup>540</sup> SÁCRISTAN, Gimeno. **Currículo – uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 14.

Conforme o regimento interno, todas as demais atividades desenvolvidas no interior da instituição fazem parte do currículo. No momento da elaboração de um currículo, o ideal seria estar presente um representante de todos os segmentos da instituição. Os componentes curriculares encontravam-se também no regimento interno. Eles revelavam aspectos de grande significado, dentre os quais se destacavam também as práticas pedagógicas, os novos cursos, disciplinas e os projetos. Elias faz menção ao assunto dizendo que não há neutralidade nos currículos; pelo contrário, existem interesses para alcançar seus propósitos.

[...] a organização curricular não foi elaborada de forma imparcial, a transmissão dos conhecimentos estabelecidos pela estrutura do currículo organizado pela escola tinha uma carga de intencionalidade que implicava na introdução dos valores e interesse ditados pelas normas sociais vigentes. Assim cabia à escola o papel de civilizar<sup>541</sup>.

Hairston empreendeu a reforma do currículo do SEC, ampliou o número de disciplinas e a duração dos cursos; o processo se deu gradativamente, conforme as necessidades apresentadas. Ao examinar o currículo da década de 1960, verificou-se que a instituição ofertava três áreas do conhecimento para atender aos objetivos específicos destinados às linhas de trabalho. Os cursos oferecidos foram: Bacharel em Educação Religiosa (duração de quatro anos), Pedagógico Religioso (quatro anos) e Curso para Leigos (dois anos) composto das disciplinas apresentadas neste quadro:

Quadro 22-Matérias do curso do Bacharel em Educação Religiosa

1º Ano			
1º Semestre	Horas de créditos	2º Semestre	Horas de créditos
Português A	4	Português-B	4
Inglês A	3	Inglês-B	3
Administração Educacional Missionária	4	Administração Organizações Educacionais	2
Administração Organizações Educacionais	2	Princípios de Ensino Religioso – A	2
Teoria Musical A	2	Escola Bíblica de Férias	2
Solfejo-A	2	Teoria Musical-B	2

<sup>541</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.10.

*Datilografia	2	Solfejo B	2
-		Música Aplicada: Piano	1
Total	19		18
2º Ano			
Velho Testamento – A	4	Velho Testamento-B	4
Casa da Amizade: Orientação e Prática A	3	C.A. Orientação e Prática	3
Geografia e Arqueologia Bíblica	3	Adm. Acampamento	2
Evangelismo	3	Enfermagem no Lar	3
Princ. Ensino Ensino B	2	Artes Aplicadas	4
Arte de Contar Histórias		História da Educação Religiosa	2

Princ. Ensino Ensino B	2	Artes Aplicadas	4
Arte de Contar Histórias		História da Educação Religiosa	2
Música Aplicada	1	Música Aplicada	1
Total	18		19
3º Ano			
Novo Testamento A	4	Novo Testamento – B	4
CA Orientação e Prática – C	3	CA Orientação Prática-D	3
Homilética	3	Oratória	4
Administração Eclesiástica	3	Doutrinas Batistas	3
Princ. De Ensino Religioso	2	Regência – B	3
Regência –A	2	Princ. Ensino Religioso – D	2
Arquitetura Eclesiástica	1	-	-
Total	18		19
4º Ano			
Teologia A	4	Teologia -B	2
Ética	4	Sociologia	4
Missões	4	Missões- B	4
Adm. Recreativa	2	Adm. Recreativa B	2
Jornalismo	2	Metodologia Secretarial A	2
Dramatologia	2	História Eclesiástica A	3
-	-	Mordomia e Visitação	2
Total	18		19
5º Ano			
História Eclesiástica –B	3	Filosofia	4
Arte de Aconselhar	3	Psicologia da Religião	4
Metodologia Secretarial	2	Metodologia Secretarial	2
Biblioteconomia	2	Biblioteconomia	2
Arte de Escrever	2	Pesquisa B	3
Educ. Rel. Adm. e Prática	6	Atividades Estudantis	1
-	-	Educação Rel. Prática	2
Total	18		18

Fonte: Prospectos dos anos 1969-1970, p.27

O prospecto de 1969-1970 apresentou as matérias optativas: Música Aplicada, Arquitetura Eclesiástica e Atividades Estudantis. No entanto, “a aluna poderá escolher fazer até 19 horas de aulas semanalmente todos os semestres. A aluna que souber datilografar eficientemente será isenta”<sup>542</sup>. Para o bom funcionamento da instituição, Hairston debruçou-se em escrever projetos que norteassem suas ações e efetivassem das mudanças voltadas para as questões acadêmicas que favorecessem a sua expansão e o crescimento intelectual das alunas.

### **Avaliação**

O processo de avaliação da aprendizagem das alunas se dava através de provas escritas, pesquisas, atividades práticas, observação e apresentação de relatórios, entre outros tipos de avaliação. A avaliação tinha como objetivo determinar o nível de aproveitamento das disciplinas e prepará-las para um bom desempenho no trabalho que exerceriam no futuro na sua área de ação. Desde 1956, a nota para aprovação nas matérias era 60 e para aprovação 70. No entanto, se a aluna faltasse a mais de um terço das aulas numa matéria, por qualquer motivo, não poderia ser aprovada naquela disciplina”<sup>543</sup>. No prospecto de 1946, o instrumento de avaliação era prova.

Recorrendo aos Prospectos observa-se que o processo de avaliação da aprendizagem das SECistas era diferenciado. Os regulamentos acusam que o processo acontecia por meio de verificação e avaliação. Essas práticas se davam por meio de provas oral e escrita, trabalho, relatório e pesquisa.

O regimento revela que existiam duas formas de avaliar. No primeiro momento se dava a prova escrita e no segundo momento se davam outras formas de avaliação como: pesquisa, relatórios, observação nas igrejas, seminário e aulas práticas. As notas eram atribuídas numa escala de 0 a 10. As alunas que alcançavam as melhores notas eram condecoradas com distintivos e bolsas de estudos.

---

<sup>542</sup> PROSPECTO, ano de 1969-1970, p. 25.

<sup>543</sup> Escola de Trabalhadoras Cristãs. Prospecto, ano de 1956, p. 20

No prospecto de 1956 está registrado que “o cômputo de médias” compreendia dois momentos: mensais e semestrais. A mensal é processada da seguinte forma: “A média das notas diárias será multiplicada por seis. A nota da prova mensal é multiplicada por quatro. Serão somados os resultados dessas multiplicações, e a soma obtida será dividida por 10”<sup>544</sup>.

### A Biblioteca do SEC

A biblioteca do SEC foi criada para dar suporte aos estudos das suas alunas. No regulamento encontra-se a definição de biblioteca como “uma agência de integração do programa de estudo na escola”<sup>545</sup>, sendo o “centro de coleção de livros sobre vários assuntos: informativos, inspirativos, de música, entre outros”<sup>546</sup>.



Figura 25- Mary Witt; Miriam Ramalho, bibliotecária, catalogando livros-Acervo-SEC

Nas fontes pesquisadas revela-se que o uso da biblioteca era uma prática entre as alunas e professores. As moças sempre foram orientadas a realizar suas pesquisas na biblioteca, mesmo quando funcionava no antigo prédio. Recorrendo aos Prospectos encontra-se a seguinte informação:

<sup>544</sup> ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. PROSPECTO, 1956, p. 2.

<sup>545</sup> Regulamento para a biblioteca do SEC, 1976.

<sup>546</sup> Regulamento para a biblioteca do SEC, 1976.

A Biblioteca, antigamente situada no prédio do internato, foi transferida para o novo prédio. O número de volumes é limitado, mas cada ano estão sendo comprados alguns dos melhores livros em português, sobre as várias matérias ensinadas. As alunas e o corpo docente têm o uso da biblioteca durante o horário indicado para o dia até 8h30 da noite<sup>547</sup>.

Martha Hairston, no ano de 1954, demonstrou preocupação com o prédio existente, pois a matrícula estava crescendo e o espaço não comportava seu desenvolvimento. Sendo assim, era preciso construir um novo espaço. Segundo Mein, “o prédio usado já não comportava mais a administração, as salas de aulas e a biblioteca. A diretora pleiteou uma verba da Missão do Norte, para construir um prédio de dois andares, contíguo ao existente, ligados os dois por um passeio coberto”<sup>548</sup>.

Martha Hairston considerava inevitável a construção do prédio, inclusive “para facilitar a circulação do conhecimento, dispondo de meios que favorecessem a difusão da cultura escrita”<sup>549</sup>. Hairston tinha a concepção de que as moças precisavam ser bem preparadas, e o SEC investia nessa proposta. Portanto, todos os esforços seriam envidados para a “obtenção dos livros e o incentivo à frequência”<sup>550</sup> à biblioteca. Recorrendo ao livro de tombo, observa-se que Martha proporcionava meios para a ampliação e a manutenção da biblioteca do SEC. No período de 1961 a 1971, ela doou 64 livros<sup>551</sup>, todos em inglês. Há presença de uma grande quantidade de livros em português, inglês e alguns em francês.

A biblioteca do SEC mantinha no seu acervo, além dos livros, outros recursos como a imprensa e os impressos pedagógicos. A finalidade era facilitar o trabalho das SECistas e ampliar seus conhecimentos. Para Chartier, “enquanto a simples posse do livro significou, durante tanto tempo, uma clivagem cultural, a conquista do impresso investiu progressivamente nas posturas de leitura e de objetos tipográficos de uma tal

<sup>547</sup> PROSPECTO, 1955, p.15.

<sup>548</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966, p.85.

<sup>549</sup> SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Revista Literária do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891)**: Subsídios para a história dos impressos em Sergipe. São Cristóvão-SE, 2006, p.31.

<sup>550</sup> ABREU, Márcia (org). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ Associação e Leitura do Brasil. São Paulo: 1990, p.408.

<sup>551</sup> Dados retirados do livro de tombo do SEC em 2008.

função.”<sup>552</sup> Dessa forma, a apropriação da leitura será feita de forma diferente, e cada moça imprimia seu modo de ler.

A função da biblioteca era também educativa; e como centro de estudo, os procedimentos adotados precisavam ser respeitados. Conforme o regulamento, os seguintes pontos devem ser obedecidos: “Pise silenciosamente, não converse – se precisar conversar saia da biblioteca, por favor. Não converse pelas janelas ou atenda chamadas pelas janelas, se precisar ajuda, temos funcionários que lhe ajudarão a qualquer hora.”<sup>553</sup> A biblioteca mantinha no seu acervo gravuras e histórias, recursos usados pelas SECistas para desenvolver suas atividades pedagógicas nas igrejas e Casa da Amizade; no entanto, o regulamento deveria ser observado.<sup>554</sup>

No ano de 1976<sup>555</sup>, foi criado o laboratório de audiovisuais, que “era uma sala reservada para colecionar, cuidar, fazer e promover os recursos audiovisuais<sup>556</sup> do SEC, coordenada pela missionária Clara Lynn Williams. Com a criação desse laboratório alunas e professores contavam com os seguintes equipamentos:

Gravuras bíblicas e gerais, histórias bíblicas e de moral, mapas, diafilmes, slides, transparências, fitas gravadas e não gravadas, projetores, retroprojetores, gravadores, cartazes, álbuns seriados, capas de álbuns seriados, flanelógrafos, atlas, fantoches, figurinos para as representações (peças usadas na aula da matéria dramatologia), entre outros<sup>557</sup>.

---

<sup>552</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitura, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mery Del Priore. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de São Paulo. 1998, p.22.

<sup>553</sup> Regulamento para a Biblioteca do SEC, 1976, p. 2.

<sup>554</sup> “A aluna deve retirar o material obedecendo ao horário e entregar dentro do prazo, bem como conservá-lo. O regulamento reza que: qualquer estrago ou perda do livro será pago pelo leitor assinante. Não poderá retirar livros da biblioteca, quem tiver dívidas não resgatadas num prazo de 30 dias, tais como multas, pagamentos, ou substituições. Multas serão pagas na biblioteca. Multas não pagas até o fim do semestre serão debitadas na conta da aluna na Secretaria. Regulamento para a Biblioteca, 1976, p.2.

<sup>555</sup> Livro de atas da Junta Administrativa do SEC. 18/11/1976.

<sup>556</sup> Participavam da comissão do Laboratório de audiovisual as professoras: Ida Mae Hays, Lídice Feitosa, Berenice Rocha, Miriam Ramalho, Clara L. William. Regulamento para a Biblioteca do SEC, 1976, p. 2.

<sup>557</sup> Regulamento para a Biblioteca do SEC, 1976, p. 2.

Existia um controle rigoroso do material <sup>558</sup>, mesmo sendo usado por professores, funcionários e alunas da Casa Formosa. Conforme o regulamento, só teria acesso aos recursos os inscritos no Laboratório.

Quadro 23 – Controle de materiais

Ano	Regulamentos
1976	Só pode retirar qualquer material quem for inscrito no laboratório. Taxa de inscrição para 1976-1º semestre – Cr\$ 5,00. Para o 2º semestre, a taxa a ser cobrada sofrerá aumento, visando apenas à manutenção dos materiais do laboratório.
	2. Somente o próprio dono do cartão de inscrição poderá retirar materiais.
	3. Gravuras bíblicas e gerais, histórias bíblicas e de moral poderão ser retiradas num prazo de 3 dias.
	4. O retroprojektor só poderá ser usado na instituição.
	5. Ao tomar emprestado um aparelho do Laboratório, a pessoa receberá instruções da responsável para o uso adequado do aparelho.
	6. O movimento de retirada e entrega do material bem como de encomenda de cartazes deverá obedecer ao horário de funcionamento do laboratório, afixada na porta.
	7. Encomendas para cartazes (feitas pelos professores e funcionárias) serão recebidas com o prazo de 8 dias de antecedência, no mínimo. Os cartazes encomendados serão para o uso na instituição.
	8. A aluna bolsista poderá emprestar apenas os seguintes materiais: gravuras bíblicas e gerais, histórias bíblicas e de moral, mapas, álbuns seriados, cartazes e flanelógrafos. Os outros materiais, como: gravadores, fitas, diafilmes, projetores, etc., só poderão ser retirados com a professora responsável direta pelo laboratório.
	9. Qualquer material emprestado que for devolvido fora do prazo marcado, sofrerá uma multa de CR\$ 1,0 0 por dia, contando domingos e feriados.
	10. Qualquer estrago do material será pago pelo assinante que o retirou do laboratório. O valor da multa será avaliada pela equipe de professores responsável pelo laboratório, em torno de 3% sobre o valor total do objeto.

Fonte: Regulamentos do Laboratório de audiovisuais.  
Arquivo do SEC

As alunas do SEC aprovavam a iniciativa da criação do laboratório de audiovisuais. Estes recursos e equipamentos ajudavam na ilustração das aulas para atingir os objetivos e facilitavam a aprendizagem.

<sup>558</sup> Regulamento para a Biblioteca do SEC, 1976, p. 2.



### 3.3 – Práticas Sociais e Acadêmicas

#### As Festas das SECistas

As festas realizadas pelo SEC expressavam um discurso que solidificava o ideário das missionárias norte-americanas. Estas se tornavam vitrines, simbolizando crescimento, e um convite para outras jovens somarem-se às internas. Elas demonstravam também o nível da escola, a qualidade do ensino, das aptidões artísticas, do amor pela obra missionária, que garantiria o levantamento das ofertas para o sustento da instituição e o despertar das vocações, além do bom relacionamento entre o SEC e as Igrejas Batistas de Pernambuco.

Os convites para participação das festividades internas que abrangiam as comemorações oficiais e do calendário eclesiástico dos batistas (páscoa, natal, abertura das campanhas de Missões Estaduais, Nacionais e Mundiais)<sup>559</sup> chegavam às igrejas com muita antecedência.



Figura 26-As ex-alunas do SEC participaram das festividades do ano do Jubileu Ouro-1967. Arquivo do SEC

<sup>559</sup> Uma programação composta por preleções, músicas, testemunhos dos missionários, pregação de conscientização; mostrando a necessidade de evangelizar, exibição de filmes para se conhecer as necessidades dos povos – brasileiros ou estrangeiros.

As festas eram organizadas pela sociedade de moças Jane Soren juntamente com a professora da disciplina de Administração Recreativa ou da matéria Dramatologia e direção. Segundo Mein, “a profª Odete Pires Bezerra orienta as terceiranistas, suas alunas de Administração Recreativa, na realização dessas festas na época da formatura cada ano.”<sup>560</sup>,

Nessas datas, o público apreciava a apresentação de recitais de músicas: tocadas ao piano, órgão eletrônico, conjunto de sinos e ainda o coral do SEC, composto por alunas do curso de Música Sacra. Essas memórias ficaram registradas na mente das ex-alunas que rememoram o SEC reunindo-se na sua associação. Para Camargo, “[...] as festas, as formaturas, os exames finais, a organização da festa, as homenagens aos professores e figuras da sociedade constituem outra dimensão da cultura escolar”<sup>561</sup>.

A “Casa Formosa”, como era evocada sempre, despertou interesse entre os batistas que objetivavam conhecer a vivência das discentes. Durante as comemorações do Jubileu, essa ação tornou-se possível quando a diretora franqueou o prédio aos visitantes, tendo as internas se empenhado em ornamentá-lo com esmero. Nos dormitórios, as colchas das camas sincronizavam com os adornos que as donas possuíam ou tomaram emprestados para a ocasião.

Foram expostas a enfermaria, a saleta de oração [...] a biblioteca [...] com suas pequenas estantes cheias de livros de que serviram as alunas no preparo das aulas; as salas de aulas, a linda sala de visita com o piano de cauda, a cozinha com seu enorme fogão a lenha, fornecendo também aquecedor de água; os guarda-louças embutidos e o bem iluminado refeitório [...]com suas mesas repletas de guloseimas[...].<sup>562</sup>

<sup>560</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966, p.100.

<sup>561</sup> Cf. CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas Velhas:** um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000; MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Universidade Tiradentes – do ginásio ao superior:** 50 anos na educação sergipana (1962-2012). Aracaju: UNIT, 2012, p. 155.

<sup>562</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.64-66.

Ao passar dos anos essa prática se tornou permanente. “Casa Aberta” acontecia no dia 23 de Junho. Nessa data, também era comemorado o “dia de Educação Feminina”. Nesta celebração, os batistas pernambucanos levantavam uma oferta para o sustento da Casa Formosa. As alunas marcavam presença com suas representações teatrais e musicais. Era um momento onde elas revelavam suas aptidões artísticas, fosse cantando ou tocando. As alunas aproveitavam para se divertir sozinhas ou em grupo. No calendário anual constavam as datas de comemorações:

Quadro 24-Calendário das festividades do SEC no ano de 1972

Meses	Eventos
Março 03	Abertura Formal
24	Jantar dos pastores
Abril 02	Culto da Páscoa
Maio 13	Festa Social
Junho 16	Dia de Educação Feminina
23	Casa Aberta
Outubro 13	Piquenique
Novembro 25	Banquete das formandas
27	Culto de Ação de Graças
28	Formatura

Fonte: Prospecto de 1972, p. 7. MEIN. Mildred Cox. Casa Formosa: Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.100.

As festas do SEC eram muito esperadas. A instituição enviava convite para as igrejas, amigos e familiares participarem das festividades, a exemplo de culto da ressurreição de Cristo, dia de Educação Feminina, os recitais de piano, de órgão eletrônico, do conjunto coral, do conjunto de sinos e formatura. Existiam dois tipos de banquetes: dos pastores e das formandas. Mildred Mein confirma que “estes banquetes homenageando as concluintes são obras de arte, variando de ano em ano a caracterização. Apresentam-se circos, jardins japoneses, noites na Espanha, sinfonias e passeios ao mar, cada um mais artístico do que o outro”<sup>563</sup>.

<sup>563</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 64-66.

## Formatura

No final de cada ano, a Igreja Batista da Capunga abria suas portas para o culto de gratidão a Deus e para a comemoração da formatura das SECistas. Perfiladas, as concluintes entravam uma a uma, formando uma vitrine com a presença feminina. O hino oficial do SEC era cantado pelos presentes. Nesta festa os familiares, amigos, membros das diversas igrejas batistas de Recife e do Brasil, além de pessoas influentes da sociedade, celebravam esse dia. Nessa data, o público tomava conhecimento dos campos em que as moças recém-formadas atuariam. O momento era revestido de alegria e tristeza. Ali encerrava-se mais um ciclo da vida, o convívio do internato da Casa Formosa. Para Silva, “as lembranças da vida escolar trazem reminiscências com significados nostálgicos, afetivos e valorização da escola reconstruindo espaços com as vivências dos ex-alunos<sup>564</sup>”.



Figura 27 – Formandas de 1963, diretora Martha Hairston, a deã Ruth Meneses e o patrono Ilgonis Janait, 1963. Acervo do SEC

Essa data ficou registrada nos impressos e imprensa dos batistas (boletim informativo, prospectos, OJB e a revista Visão Missionária). As formandas

<sup>564</sup> MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Universidade Tiradentes do ginásio ao superior: 50 anos na educação sergipana (1962-2012)**. Aracaju: UNIT, 2012, p. 155.

transmitindo alegria ostentavam seus diplomas. O culto de gratidão acontecia na Igreja Batista da Capunga.



Figura 28-Docentes do SEC – formatura realizada na Igreja Batista da Capunga (1953-1979). Arquivo do SEC.

Os professores prestigiavam o culto e a colação de grau das alunas. O SEC não se restringia apenas a transmitir conhecimentos científicos. Mas pressupunha uma formação integral de abrangência que se relacionava aos conhecimentos espiritual, social e físico. O SEC se empenhava em formar moças com bons costumes, cultas e preparadas para atuar como missionárias, professoras e enfermeiras, enquanto outras preferiam casar-se com pastores. Conscientes do seu papel de esposa, empenhavam-se nas lides domésticas e no desvelo dos filhos e marido<sup>565</sup>. Desviando o olhar para outras fontes, observam-se no livro *Casa Formosa* alguns dos objetivos dessa instituição, que são [...] “modelar caracteres, cultivar virtudes cristãs e de incrementar nas suas discípulas o crescimento na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo”<sup>566</sup>.

Na década de 1960, as práticas utilizadas no SEC eram:

565 Cf. ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras:** por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007, p. 90.

566 MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.9.



## Banquete



Figura 29-Banquete de formatura  
Arquivo do SEC

Os banquetes oferecidos pelo SEC (uma vez por ano) simbolizavam momentos de congratulações, reconhecimento e despedidas. Era uma data inesquecível para as SECistas. Todos os preparativos eram feitos com antecedência, as SECistas caracterizadas de acordo com a temática que estava sendo desenvolvida naquele ano. Entre elas estavam: representações circenses, Jardim Japonês, Noite na Espanha, Sinfonias e Passeios ao mar. As equipes se trajavam garbosamente, sob a orientação da professora Odete Pires Bezerra, da cadeira de Administração Recreativa. Os banquetes que o SEC oferecia “aos seus professores e às turmas concludentes proporcionavam momentos de verdadeiro enlevo social” <sup>567</sup>. Era oferecido também um banquete aos pastores.

## A Festa das calouras

Mais um ano letivo se iniciava. As veteranas esperavam ansiosas naquele momento para “impressioná-las com o espírito fraterno que existe entre as

---

<sup>567</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs**. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.100.

estudantes”<sup>568</sup>. Durante a festividade, as moças eram apresentadas aos professores e às colegas do internato. Nessa data apresentavam esquetes, dramatizações, músicas e brincadeiras. O ambiente estava permeado de alegria. As veteranas procuravam apresentar-se rigorosamente caracterizadas. “Os pastores das igrejas onde as SECistas cooperavam durante o ano participavam de um banquete tradicional no refeitório”<sup>569</sup>. Neste, os laços cristãos e o relacionamento entre igreja e SEC eram fortalecidos.

No dia 23 de junho as mulheres batistas celebravam a existência das duas casas de ensino mantidas pela UFMBB. A programação é dinâmica com música, peças teatrais e orações em favor dessas instituições e das suas alunas e ex-alunas. Nesse dia, as mulheres levantam as ofertas para sustentar as duas instituições. A foto a seguir nos mostra um grupo de moças e senhoras caracterizadas representando uma história, lembrando alguns países onde o SEC e o CIEM têm ex-alunas atuando. O culto objetiva também despertar vocações entre as jovens batistas.

### Educação Feminina



Figura 30- Dia da educação feminina  
Acervo do SEC

<sup>568</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs**. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.100.

<sup>569</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs**. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.100.

O SEC e o Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER), desde sua fundação, foram mantidos financeiramente pela Junta de Richmond, mas tiveram também a cooperação das senhoras batistas do sul dos Estados Unidos.

Em 1938, ao comemorar-se o trigésimo aniversário da União Geral de Senhoras, foi tomada a resolução de se dedicar o dia 23 de junho – dia da organização da entidade, à Educação Feminina, com levantamento de ofertas destinadas às escolas de obreiras. A primeira oferta rendeu quatro mil cruzeiros.<sup>570</sup>

Segundo Berry, a Missão continuou mantendo as duas casas de ensino para moças até o ano de 1941, quando a

Convenção Batista Brasileira, reunida no Rio de Janeiro, “fez uma decisão histórica: Confiou à União Geral de Senhoras, hoje a União Feminina Missionária Batista do Brasil, a tarefa de administrar as duas escolas de obreiras no Brasil – a Escola de Trabalhadoras Cristãs, hoje SEC, já existente no Recife, e a escola a ser formada no Rio.”<sup>571</sup>

A partir dessa data a sociedade de senhoras tornou-se responsável pela administração e o sustento financeiro dessas escolas de educação feminina. Em relação às outras ofertas, como os fundos educacionais dedicados à educação feminina cristã, Berry explica como se processavam:

[...] Estes são depositados em sistema de poupança, utilizando-se parte de seus juros e reaplicando-se a outra parte a fim de manter-se valorizado o capital inicial. Tal a popularidade deste método de contribuição que já aumentaram cerca de 90 Fundos Educacionais [...]. Isso mostra claramente o amor e finalidade que os batistas brasileiros dedicam à educação feminina cristã que, graças a Deus continua a crescer.<sup>572</sup>

O SEC e o Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) conquistaram credibilidade perante as igrejas batistas brasileiras. Tornaram-se instituições confiáveis para a formação das moças batistas. A demanda era grande e algumas moças não apresentavam condições para estudar e manter-se.

<sup>570</sup> BERRY, Lois Roberts; BERRY, Edward Grady Berry. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão.** Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p.25.

<sup>571</sup> BERRY, Lois Roberts; BERRY, Edward Grady. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão.** Rio de Janeiro: 1986, p.21.

<sup>572</sup> BERRY, Lois Roberts; BERRY, Edward Grady Berry. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão.** Rio de Janeiro: JUERP, 1986, p.25-26.



### Comemoração das aniversariantes

Mais uma primavera! A Sociedade de Moças Jane Soren preparava uma programação de cunho espiritual e social para as moças aniversariantes. Mein dizia que as “aniversariantes são alvos de manifestação especial para que as saudades do lar paterno sejam mitigadas em parte”<sup>573</sup>. As colegas procuravam proporcionar momentos fraternos e alegres para todas. Além das festas das aniversariantes, as professoras e funcionárias também celebravam, juntamente com a reitora, os festejos natalinos.

### Comemoração natalina



Figura 31 – Comemoração natalina, presentes: diretora, professoras e funcionárias do SEC, no período de (1953-1979). Arquivo do SEC

<sup>573</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs**. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p.100.

No final do ano, a alegria tomava conta do SEC. Nesse período aconteciam as festas de formatura, o banquete das formandas, a volta das alunas para seus lares, as comemorações natalinas e trocas de presentes. Martha Hairston celebrava esse momento juntamente com funcionários e professoras.

### **Bodas de Prata**

Em 1942, o SEC comemorou suas Bodas de Prata, refletindo sobre as vitórias que essa casa de ensino havia alcançado. Lançando o olhar além, relembram as conquistas, visualizam os desafios que surgiram no horizonte e resolveram concretizar esses momentos criando as características representativas do SEC, tais como: cívica espiritual e missionária. Desta forma, o corpo docente criou a “signa escolar, as cores, branco e verde, e a divisa permanente, que se encontra nos Salmos 144:12b: “para que nossas filhas sejam como pedras de esquina lavradas como colunas de um palácio” (Bíblia Sagrada).

Analisando as características citadas, percebe-se que cada uma delas tem sua simbologia. As cores branco e verde significam a pureza e a esperança. Outro dispositivo criado foi o hino oficial da instituição, escrito pela poetisa e dramaturga a professora Stela Câmara Dubois, e a música foi escrita por A. H. Ackley, que tem como título Alegria no Labor.

### **Alegria no labor**

Alegria no labor  
Sente o coração que Deus ouvir,  
Seja no lugar que for  
Há prazer sempre em servir.  
Coro

Educadoras, firmes nesse afã que é luz,  
Sempre fieis no auxílio ao Salvador Jesus  
Eis o penhor supremo – a causa defender  
De quem no céu, na terra, tem todo o poder.

Quantas almas a tombar  
Nos abismos que o pecado faz!  
Vamos todas proclamar  
O valor da eterna paz.

Escudadas no dever  
Venceremos tudo pelo amor  
De quem pode nos valer.  
Glória, glória ao Salvador.

O SEC oferecia o curso de Música. Era comum encontrar sons musicais em toda parte. A melodia se espalhava no ar, e ali se dava o encontro da música, emitida por alguns instrumentos. Ora podia ser o som melodioso do piano, ora do órgão eletrônico, do harmônio, da flauta doce, dos sinos, do acordeão e do violão.

O vento presenteava as alunas, que contemplavam o cair da tarde no jardim ou no seu quarto, com o coro feminino – cantando –, ou uma voz solitária que preparava seu canto para um recital ou uma participação especial. Em outro momento era possível ouvir as serenatas homenageando as colegas pela passagem do seu aniversário, cantado em uníssono, acompanhado pelo piano, que saía do salão nobre, entoado pelas alunas na Hora de Cultura Espiritual.

Mas deixa-se transparecer diante das nossas lentes que todos esses dispositivos são insuficientes para falar do lema dessa instituição. Para além da divisa, das cores, da signa escolar e das músicas cantadas, foi criado no ano de 1942 um hino, oficial, pela poetisa, dramaturga e professora Stela Câmara Dubois e a música por A. Ackley, pontuando algo mais da instituição, passando a revelar o segredo guardado no hino “Alegria no Labor”. Ele é enfático; lembra alguns elementos relevantes que as SECistas nunca podem esquecer. Realizar o trabalho com alegria, divulgando e seguindo as metas acadêmicas e evangelizadoras. Não importa o lugar; pode ser na cidade, no sertão ou no estrangeiro; vai firme, segura, sem medo. São os princípios da pedagogia batista.

Lembre-se de que foi escolhida, foi bem preparada. Portanto, vai, proclama para aqueles que precisam da luz do saber. Seu dever é buscar os que tombaram. Revista-se do amor ao próximo e será vencedora. Este é o hino oficial do SEC, muito cantado pelas SECistas.

### Convívio no internato

O internato funciona em um prédio separado, oferece um ambiente acolhedor, limpo, ventilado, com boas acomodações. Segundo os prospectos, “a diretora do internato procura exercer o papel de mãe, orientadora e amiga, fazendo desse espaço um lar para as alunas<sup>574</sup>.” Para uma convivência mais tranquila, foi escrito no ano de 1957 o regulamento do internato da ETC<sup>575</sup>: O refeitório é administrado por pessoa competente e fornece alimentação adequada e saborosa<sup>576</sup>. Maria Ivonete Lopes relembra o convívio do internato dizendo:

Eram, geralmente, três alunas em um quarto, mas o espaço era suficiente para que se acomodassem. Quando as mesmas se entendiam bem, queriam continuar juntas no ano seguinte, mas a política da casa era o rodízio, para que todas pudessem se conhecer e socializar melhor. Durante a semana era a correria das aulas, o internato inteiro só estava junto no refeitório. Então, era uma festa. Dá para imaginar tantas mulheres reunidas no mesmo lugar em um momento bastante informal. Fora da sala de aula, estávamos estudando na biblioteca ou preparando trabalhos exigidos pelos professores, ou mesmo cuidando das atividades que seriam realizadas nas igrejas com as quais cooperávamos. Havia ainda tempo para cuidar das coisas pessoais (lavar e passar), bem como momentos de lazer, jogando voleibol, indo até o centro da cidade, ou mesmo à praia. Conviver no internato foi uma oportunidade de crescimento! Respeitar o direito e temperamento de outrem era algo necessário. No refeitório a troca dos componentes da mesa dava oportunidade de conhecer melhor as colegas. As festas vividas ali são inesquecíveis. A formatura – quanta responsabilidade!!! Chegou a hora de agir! [...] <sup>577</sup>.

O internato destinava-se às alunas que moravam em Pernambuco ou em outros estados do Brasil. A composição do quarto era feita pela diretora do internato. Esta forma de moradia ajudava a ampliar a socialização das SECistas e as ensinava a conviver com outras pessoas. As alunas se organizavam e mantinham o quarto arrumado e limpo.

---

<sup>574</sup> PROSPECTOS, 1972-173, p. 31

<sup>575</sup> Regulamento Interno da ETC do ano de 1957.

<sup>576</sup> PROSPECTOS, 1960, p.10.

<sup>577</sup> E-mail enviado pela ex-aluna Maria Ivonete Lopes, em agosto de 2012.

Os depoimentos chamam atenção para pontos relevantes como: as exigências do curso, a necessidade de estar com os estudos em dia; a prática do esporte para manter o corpo sadio e com disposição para continuar exercendo bem as diversas atividades; respeitar o direito e o temperamento do outro. As refeições diárias ajudavam as SECistas a aprender novas lições com outras pessoas, com hábitos e costumes diferentes. Os momentos de lazer e a participação nas festas ajudaram a burilar as SECistas, preparando-as para serem multiplicadoras nos seus campos de trabalho.

### **Enxoval**

No ato da matrícula, a aluna recebia uma lista sugerindo o enxoval que deveria trazer para a Casa Formosa:

Roupa de cama, inclusive travesseiro;

Toalhas de banho e de rosto;

Galochas;

Sombrinha;

Capa de chuva;

Ferro elétrico;

Roupa pessoal de acordo com a necessidade e o gosto de cada aluna;

Três guardanapos;

Fardas: 5 blusas brancas (modelo fornecido pelo SEC);

Sapatos pretos,

Saia verde (Esta deve ser comprada no Recife para haver uniformidade na fazenda e na cor).

### **Orientação**

A presença de todas as alunas no início do ano letivo no programa de orientação era de suma importância. Neste encontro as primeiranistas conheciam a história do SEC, o regulamento interno, discutiam as questões acadêmicas e do internato, como aproveitar melhor os equipamentos e recursos oferecidos e, principalmente, como usar a biblioteca. As alunas do primeiro ano participavam da confraternização promovida pela Sociedade de Moças, o que proporcionava um encontro entre as veteranas e as novatas. Nesta

oportunidade elas eram inseridas na vivência do internato e eram lembradas a observar o regimento, seus direitos e deveres.

### Programa do dia

As alunas são ativas na organização dos estudantes batistas, cooperando nas reuniões diárias e nos programas mensais. Aos domingos, a programação era diferenciada. Os horários foram programados para atender às necessidades das alunas. No início de cada ano era distribuída a programação pré-estabelecida do cotidiano do SEC, conforme ficou registrado nos prospectos de 1972 e 1973.

#### Quadro 25-Programa geral do dia do SEC

Dias Úteis	Atividades
5h30	Levantar
6h	Culto e café
7h00- 11h55	Aulas
12h10	Almoço
12h45-13h45	Silêncio
14h00 – 16h25	Aulas
17h45	Jantar
18h30-21h	Silêncio <sup>578</sup>
21h25	Primeira campa <sup>579</sup>
21h30	Apagar as luzes

Fonte: Prospectos do Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: 1972, p. 30-31.

Arquivo: SEC

A Programação dos sábados, domingos e feriados era diferente da programação dos dias úteis.

#### Quadro 26-Programa geral do dia do SEC.

Sábados, domingos e feriados	Atividades
• 6h	• Levantar
• 6h30	• Culto e café
• 8h15	• Saída para as igrejas
• 12h	• Almoço
• 17h45-18h	• Jantar
• 21h50	• Primeira Campa
• 22h	• Apagar as luzes

Fonte: Prospectos do Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: 1972, p. 30-31. Acervo do SEC

<sup>578</sup> Nesse período a aluna mantinha seus estudos em dia. As que trabalhavam reorganizavam seu tempo para desenvolver suas tarefas e compromisso junto ao SEC (trabalho de bolsa).

<sup>579</sup> Primeiro toque da campainha.

<sup>580</sup> Aos domingos o jantar é servido às 17:00h.

### A vida social das SECistas

A vida social ficava sob a responsabilidade de uma comissão do internato composta do representante de cada turma, presidente da Sociedade de Moças e bolsista Ana Bagby. “Esta comissão cooperava com a diretora do internato, organizando o calendário social para cada semestre. Esportes como voleibol, pingue pongue, jogos de mesa, etc. Faziam parte do programa de recreio e sociabilidade.”<sup>581</sup> As saídas já eram estabelecidas na orientação dada no início do ano letivo.

Saídas: Segundas a sextas-feiras à tarde-trabalho na Casa da Amizade.

Quartas-feiras à noite – culto de oração nas igrejas onde as alunas trabalhavam.

Sextas-feiras à tarde – as SECistas recebiam visitas.

Saídas para a cidade ou para fazer visitas – uma vez por semana, ficando a escolha do dia a critério da aluna.

As alunas cujos pais residiam na cidade podiam passar uma noite de sexta-feira por mês com eles, voltando para o internato no sábado seguinte até 17h15 horas.<sup>582</sup> O internato, em determinadas épocas, tornava-se palco de brincadeiras entre as internas. Algumas SECistas lembram os momentos em que davam boas risadas: era mês de junho, dia dos namorados. Sempre se faziam brincadeiras. Um ano, porém, foi surpreendente:

[...], Depois de conseguirmos vários apetrechos, arrumamos um rapaz cujo corpo era feito de roupas masculinas com enchimento de palha de banana. Depois de pronto, foi vestido com calça social, paletó, gravata e chapéu de calouro universitário. Esse boneco foi feito aos poucos, cada noite se fazia uma parte. Isso durou uns 10 dias. Sempre se fazia de portas fechadas, e o boneco era escondido dentro da parte do guarda roupa. Isso se fazia altas horas da noite para ninguém, nem a Tia Zu ver. Na sexta-feira, quando já estávamos maquiando o rosto do rapaz, quem entrou no quarto? A tia Zu! Foi um susto! Que fazer? Depois de alguns minutos de apelo, convencemos que seria muito divertido, ela acabou concordando e ainda sugeriu que fizéssemos uma carta para que o “rapaz” pedisse a mão de uma das alunas em casamento, até a aluna ela disse quem seria. No final o “rapaz” ficou perfeito! Na madrugada do dia 12, colocamos o boneco no corredor

<sup>581</sup> PROSPECTOS, 1972-173, p. 18-19.

<sup>582</sup> PROSPECTOS, 1963, p. 13.

onde obrigatoriamente todas teriam que passar. Pode imaginar quando a primeira aluna desceu... Misericórdia! Que susto! Que grito! Daí foi muito legal! Esse “rapaz,” mesmo depois do dia dos namorados, ficou causando sustos, porque quando algumas meninas chegavam ao quarto, ele estava deitado na cama e às vezes no banheiro. Até alguns visitantes tiraram fotos. Foi muito bom <sup>583</sup>!

As brincadeiras não paravam por aí. Dessa vez inventaram a guerra dos caroços. Veja como acontecia.

Quando nos servia pinha como sobremesa, era uma alegria total, pois depois de comermos entrávamos na guerra dos caroços, sutilmente jogávamos os caroços umas nas outras. Era uma diversão <sup>584</sup>.

A farofa – era acompanhada com charque ou ovo. Isso acontecia depois da última campá.

Certo dia, depois que tocou a última campá, fomos fazer comida no quarto: farinha, ovo e manteiga. Tudo pronto. De repente, lá vem Judite. Foi uma correria, apagar o fogo, guardar tudo dentro do guarda-roupa, apagar as luzes, deitar e dormir. Um sufoco! A auxiliar da diretora do internato abriu a porta, todas dormindo, apagou a luz e foi embora. Depois foi uma gargalhada só, e a farofa foi saboreada <sup>585</sup>.

As recordações do SEC continuam na vida das ex-alunas. Desta vez foi lembrado o dia da formatura.

12 de novembro de 1970. Dia da vitória. Formatura. Templo da Igreja Batista da Capunga cheio, bem ornamentado, muitas luzes, muita festa. Familiares, amigos, irmãos em Cristo, chegaram para compartilhar daquele momento único em suas vidas! No SEC, um lanche delicioso e especial tinha sido preparado para as formandas e seus familiares! Ao romper da madrugada, um som mavioso penetra em seus ouvidos. Eram as colegas que presenteavam com uma serenata. Momentos inesquecíveis, indescritíveis. Aquelas colegas que por cinco anos fizeram parte da família iriam ficar. Elas e o SEC seriam para sempre parte da história de sua vida <sup>586</sup>.

E o dia do piquenique? Era uma festa!

---

<sup>583</sup> E-mail enviado por Cleonice Maria de Macedo, em 10 de fevereiro de 2013.

<sup>584</sup> E-mail enviado por Elizete Fragoso da Silva em 7/02/ 2013.

<sup>585</sup> E-mail enviado em dezembro de 2012. (A aluna não quis se identificar)

<sup>586</sup> CERVINO, Ycléa. **Prosseguindo para o alvo**: Pedras Lapidadas IV. Recife: COMUNIGRAF, 2002, p. 25.



No Piquenique anual todas iam à praia e ali cada turma apresentava paródias sobre o dia a dia. Uma das canções que nossa turma cantou se referia a tudo o que acontecia e terminava assim: “vou pegar meu violão e levar esta canção pra Rosemblit gravar”, devido a que além de todo o programa acadêmico realizávamos gravações pelo Coral do SEC e dos conjuntos, o que levava muitas horas extras<sup>587</sup> Outra canção no tempo da Copa do Mundo: “Noventa coroas em ação pra frente, SECistas! Homens, não e não!”<sup>588</sup>

São muitas as peraltices que permeiam as lembranças das SECistas. Os momentos vividos estão guardados a sete chaves nas memórias. Era é um perigo transgredir o regulamento, mas os momentos de alegria e sorrisos compensavam o medo.

### **Programa de saúde**

O SEC oferecia um programa de saúde às suas alunas visando precaver-se de determinadas doenças. No início do ano letivo todas as alunas são examinadas pelo médico da casa, em seguida são submetidas a exames laboratoriais como: fezes, urina e abreugrafia. Quando havia necessidade, a aluna era encaminhada para fazer seu tratamento com profissionais especializados. As SECistas contam com ajuda da “enfermeira, que dirige a sala de saúde e coopera com o médico, providenciando os tratamentos e cuidados necessários à doente, quanto a remédios, alimentação, etc”<sup>589</sup>.

O médico atendia regularmente durante todo o ano letivo. Para manter o programa de saúde, era cobrada uma taxa médica no ato da matrícula e o restante era pago pela instituição. As despesas com remédio, médicos e especialistas ficavam sob a responsabilidade das alunas<sup>590</sup>.

### **Dormitórios**

A convivência no internato era outra forma de moldar vidas. No dormitório, cerca de quatro a cinco moças dividiam o espaço. O regulamento estabelecido pelo SEC deveria

<sup>587</sup> E-mail enviado por Ana Maria Lemos Monteiro Wanderley em 04/03/2013

<sup>588</sup> Porque naquela época estava terminantemente proibida a presença masculina no Piquenique Anual e as que tinham namorado não gostavam muito desta ordem. E-mail enviado por Ana Maria Lemos Monteiro Wanderley em 04/03/2013.

<sup>589</sup> PROSPECTOS, 1969-1970, p. 18-19.

<sup>590</sup> Cf. PROSPECTOS, 1969-1970, p.19.

ser cumprido rigorosamente. Os quartos deveriam estar limpos e arrumados todos os dias. Existia uma escala entre os membros do quarto e cada moça ficava responsável pela limpeza da semana. Armários, estantes e camas deveriam permanecer limpos e arrumados. Aos sábados, todas as ocupantes ajudavam na limpeza geral. As alunas que tinham prioridade de residir no internato eram aquelas vindas de outros estados.

#### Quadro 27-Regulamento Interno ano -1976

Dormitório	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cada aluna terá a responsabilidade da limpeza do seu quarto uma semana a cada mês.</li> <li>• Nenhuma aluna poderá levar uma visitante ao primeiro andar sem licença.</li> <li>• É proibido gritar os nomes das colegas do sítio ou do andar térreo para chamar a atenção delas. A porteira receberá todos os visitantes</li> <li>• Aos domingos à tarde haverá hora de silêncio (13h -15h).</li> </ul>
Refeitório	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O uso da farda é obrigatório em todas as refeições, exceto no jantar e nos dias feriados.</li> <li>• Somente as presidentes podem se dirigir às copeiras.</li> <li>• É proibido carregar qualquer alimentação do refeitório para fora. No caso de doença, a enfermeira ficará encarregada de fornecê-lo.</li> <li>• É proibido entrada no refeitório ou na cozinha a todas as alunas menos as que têm serviços e nas horas determinadas.</li> <li>• Não serão servidas refeições fora do horário nem serão fornecidos pratos feitos fora do refeitório.</li> <li>• A casa não se responsabiliza pelas retardatárias.</li> <li>• Não é permitida a entrada no refeitório de pessoas usando bobes, shorts e roupa de banho.</li> <li>• A aluna deve praticar as boas maneiras à mesa e no ambiente do refeitório, contribuindo para a ordem durante as refeições.</li> </ul>
Saídas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As alunas [...] podem sair para trabalho nas igrejas à noite uma vez por semana, às sextas-feiras.</li> <li>• É obrigatório assinar a saída no livro respectivo.</li> </ul>

Fonte: Regimento Interno do SEC, 1976, pp. 1-20. Arquivo do SEC

Os regulamentos eram estabelecidos e deveriam ser obedecidos por todas as SECistas.

“É absolutamente proibido descer de pijamas, robes, dechinelos ou pés descalços”<sup>591</sup>.

<sup>591</sup> Regulamento do SEC, Prospecto. p. 3º-33.

### **Vestimentas**

O convívio no internato era agradável. Entretanto, a aluna deveria obedecer às normas e às regras pré-estabelecidas. A recomendação era estar apresentável para receber visitas. Para assistir às aulas, as alunas deveriam estar uniformizadas. O fardamento mudava durante os anos. Maria Berenice Andrade explicou que no ano de 1970 a farda era composta de “saia verde, blusa branca e sapato preto. O uso de calça comprida era permitido apenas para viagens e passeios”<sup>592</sup>.

Em 1974, houve mudança nas cores, no modelo e no comprimento. Quanto a isso, Cleonice Maria Macedo assevera que “o uniforme que as secistas vestiam para assistir às aulas era uma jardineira de cor cinza com blusa rosa e também blusa branca. O comprimento da jardineira compreendia dois dedos abaixo dos joelhos”<sup>593</sup>. O uniforme se constituía em uma norma que deveria ser obedecida por todas as SECistas.

### **Sociedade de Moças Jane Soren**

A Sociedade de Moças Jane Soren estava voltada para as questões religiosas, estudo de missões e questões recreativas. Todas as internas deveriam participar. No quadro a seguir estão em relevo alguns itens do regulamento interno da Instituição.

#### **Quadro 28-Regulamento da Sociedade Jane Soren<sup>594</sup>**

Artigo 105	<p>1. As alunas poderão associar-se para a formação da Sociedade “Jane Soren” de caráter cultural, artístico, cívico, esportivo, assistencial e, sobretudo, religioso e missionário.</p> <p>§1º. Essa associação reger-se-á por regimento próprio aprovado pela Coordenação de Assuntos Comunitários.</p> <p>§2º. As programações da Sociedade “Jane Soren” deverão ser acompanhadas por uma professora competente, funcionando como conselheira.</p>
------------	---

Fonte: Regimento Interno do SEC, 1976, p. 20.  
Arquivo do SEC

<sup>592</sup> E-mail enviado por Maria Berenice Andrade, em 13 de fevereiro de 2013.

<sup>593</sup> E-mail enviado por Cleonice Maria Macedo, em 13 de fevereiro de 2013.

### Cantina

A cantina, localizada no andar térreo do prédio do internato, funcionava sob a orientação da turma de concluintes. Seus lucros eram aplicados às despesas da turma, especialmente às relacionadas com a excursão.



Figura 32- Alunas concluintes administrando a cantina Martha Hairston-1970  
Arquivo do SEC

A cantina do SEC foi inaugurada em 1963. As alunas internas faziam suas refeições na instituição. Mas se alguma delas precisasse fazer um lanche, podia utilizar essa cantina. “Deram-lhe o nome de Martha Hairston, em reconhecimento ao amor e desvelo da sua estimada diretora para com elas”<sup>595</sup>. A turma responsável pela cantina eram as quartanistas, que utilizavam a verba para ajudar na festa e excursão de formatura.

### Cultivo da vida religiosa

A prática do cultivo da vida religiosa constituía uma necessidade. Segundo os prospectos, “o culto doméstico, realizado diariamente no lindo salão nobre da escola, faz parte integrante da vida diária da aluna. Durante o dia a câmara de oração secreta é

<sup>595</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 100.

procurada por pares ou por unidades, que desejam estar em comunhão com o Senhor”<sup>596</sup>.

Durante a semana ficou determinado que na sexta-feira seria realizada a Hora de Cultura Cristã. Conferencistas evangélicos eram convidados para instruir ou exortar as alunas em várias fases do trabalho cristão. Aos domingos iam duas a duas às igrejas<sup>597</sup> da cidade e cooperavam nos diversos departamentos destas. Tinham a responsabilidade de durante o ano desenvolver atividades na Escola Bíblica Dominical (EBD), Sociedade Juvenil ou ocupar cargos nas sociedades de moças e da União das Moças Batistas (UMB), no departamento de música regendo os hinos congregacionais, canto coral ou ser instrumentistas (tocando piano, órgão, violão ou outro instrumento existente na igreja). As alunas eram ativas na organização dos estudantes batistas, cooperando nas reuniões diárias e nos programas mensais.

Aos domingos o SEC apresentava outra programação. Os horários foram programados para atender às necessidades das alunas. No início de cada ano era distribuída a programação pré-estabelecida do cotidiano do SEC, conforme ficou registrado nos prospectos de 1972-1973.

## Refeitório

O espaço que acolhia as SECistas para suas refeições era amplo e arejado. Mensalmente era afixada no quadro de avisos uma lista com os nomes das colegas e suas respectivas mesas. Segundo Fragoso, “a mesa era composta de oito lugares, tendo às cabeceiras uma funcionária e uma formanda como presidente e vice-presidente, respectivamente, que ajudavam as demais componentes com dicas de etiqueta. Só

<sup>596</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 82.

<sup>597</sup> Igrejas onde as SECistas cooperavam: Primeira Igreja de Abreu e Lima, Segunda Igreja de Abreu e Lima, Afogados, Águas Compridas, Água Fria, Alto José do Pinho, Primeira de Areias, Segunda de Areias, Arruda, Atalaia da Fé, Bairro Novo, Primeira de Beberibe, Segunda de Brasília, Bomba do Hemetério, Campo Grande, Capunga, Cavaleiro, Caxangá, Concórdia, Dois Irmãos, Emanuel, Encruzilhada, Escada, Feitosa, Primeira de Ibura, IPSEP, Massaranduba, Monteiro, Primeira de Moreno, Nova do Cordeiro, Olho D'Água, Passarinhos, Piedade, Primavera, Remédios, Rua Imperial, S. Martins, Santo Amaro, São, Sítio Novo, Socorro, Tiúma, Torre, Torrões, Várzea, Zumbi e Salgadinho. BOLETIM INFORMATIVO, 1973. p.6-8.

depois que todas estavam servidas é que era iniciada a refeição. Só depois que todas terminavam eram retirados os pratos e juntas deixavam a mesa.”<sup>598</sup> A aluna bolsista que estava designada para servir não almoçava com o grupo naquele momento. Mas se não estivesse trabalhando almoçava normalmente com as colegas.



Figura 33- Alunas no refeitório no período de 1953 a 1979. Arquivo do SEC

O treinamento foi importante, e o aprendizado se dava em grupo. No término do mês, era organizada a brincadeira de “amiga secreta”, com troca de presentes. Durante aquele período a dinâmica era alimentada com mensagens e cartões enviados para sua amiga. Estas eram oportunidades que as moças tinham para conhecer melhor as colegas do internato e promover surpresas as suas amigas ocultas. As alunas que serviam às mesas eram orientadas antes de exercer essa função. Conforme Berry, eram ensinadas a “estender e como servir às mesas, colocar os pratos, talheres, copos e guardanapos.”<sup>599</sup>

<sup>598</sup> BERRY, Lois Robert; BERRY, Edward Grady. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão**. Rio de Janeiro: Publicação do Instituto Batista de Educação Religiosa. 1986, p.58.

<sup>599</sup> BERRY, Lois Robert; BERRY, Edward Grady. **IBER: Uma porta aberta para o serviço cristão**. Rio de Janeiro: Publicação do Instituto Batista de Educação Religiosa. 1986, p.57.

## Alimentação

A alimentação era pensada pela coordenadora do refeitório. Era oferecida uma alimentação equilibrada e diversificada nas três refeições: algumas ex-alunas testemunham dizendo: “A alimentação do SEC era rica em nutrientes. Era composta de leite, carne, peixe, fígado, galinha, frutas da época, verduras, legumes e as sobremesas [...]”<sup>600</sup>. Miriam Feliciano da Silva se refere à alimentação dizendo: “o SEC oferecia uma alimentação as suas alunas com grande variedade de frutas, verduras, carne, fígado [...], galinha assada, peixe e o delicioso mingau de banana [...]”<sup>601</sup>.

Outras ex-alunas testemunharam sobre as refeições oferecidas pela instituição.

Alimentação do SEC era gostosa e de uma excelente variedade pra nutrir suas alunas. No café da manhã havia mingau de aveia e de banana comprida, pão, cuscuz, leite. O almoço era composto de carne, peixe, frango, legumes, verduras, sobremesas – como gelatina. No jantar era servido macaxeira, sopa, inhame, cuscuz [...] <sup>602</sup>.

O SEC oferecia às alunas excelentes e variada alimentação, estando presentes frutas, verduras, legumes, carne guisada, carne moída, peixe (uma vez por semana), fígado, galinha assada (aos domingos), cozido com bastante carne e legumes, salsicha, jerimum ao forno com canela, sopas, mingau de banana [...] <sup>603</sup>.

O SEC demonstrava preocupação com a saúde e bem-estar das alunas. Na perspectiva de satisfazê-las a cada ano, a instituição promovia mudanças no cardápio. No ano de 1970, foram oferecidos os seguintes alimentos.

---

<sup>600</sup> E-mail enviado por Nadir Ribeiro de Melo (turma de 1969), em 7/02/2013.

<sup>601</sup> E-mail enviado por Miriam Feliciano da Silva (turma de 1972), em 7/02/2013.

<sup>602</sup> “No domingo, as alunas do primeiro ano recebiam logo após o almoço o seu jantar, que era pão, ovo cozido, tomate e laranja, pois era a folga dos funcionários. Toda aluna ao retornar da sua igreja no domingo à noite recebia para lanche uma gostosa fatia de bolo”. E-mail enviado por Severina Ramos da Silva (turma de 1976), em 7/02/2013.

<sup>603</sup> “No domingo as alunas primeiranistas recebiam depois do almoço o seu jantar, visto que os funcionários da casa estavam de folga. Era uma sacola contendo pão, ovo cozido, tomate e laranja. E todas as alunas, ao voltarem de suas igrejas, recebiam o gostoso bolo para lanche”. Convém lembrar que “para quem fazia regime alimentar orientado, a enfermeira administrava os medicamentos de uma forma digna de parabéns. Os remédios ficavam embaixo do prato, os horários certos. E-mail enviado por Elizete Fragoso da Silva (turma de 1977), em 7/02/2013.

Quadro 29-Alimentos <sup>604</sup>que constavam no cardápio do SEC usados nas três refeições.

Ano	Refeição	Alimentos
1970	Café (manhã)	Leite, café, pão, ovo cozido ou mexido, banana comprida cozida, mingau de maizena, mingau de aveia, mingau de banana comprida cozida, cuscuz, tapioca.
	Almoço	Feijão, arroz, macarronada, cozido, fígado, almôndegas, carne guisada, peixe, galinha assada, bife ao molho, lombo assado, galinha cozida, legumes cozidos, legumes com maionese, beterraba e cenouras raladas na salada, salada com tomate, pepino, pimentão, alface e cebola, abóbora ao forno com açúcar e canela, talharim, farofa com ovo.
	Sobremesas	Melancia, laranja, abacaxi, banana, salada de frutas, bolo, gelatina com banana ou maçã ou cenoura, pudim de pão, pudim de leite, doce em conserva de jaca ou pêssego, goiabada em calda; suco de frutas.
	Jantar	Café, leite, pão, inhame, macaxeira, batata doce, macarronada, “Maria Izabel”, arroz cozido com carne seca, sopa de feijão, sopa de carne com legumes, carne moída, salsicha ao molho, sardinha ao molho.
	Sobremesas	Laranja, tangerina, banana comprida frita com açúcar e canela, doce de goiaba.

Fonte: Maria Berenice Andrade. Acervo da ex-aluna.

Nos anos de 1973 e 1974 foram realizadas algumas mudanças no cardápio, conforme o quadro a seguir.

Quadro 30 – Alimentos que constavam no cardápio do SEC usados nas três refeições.

Ano	Refeição	Alimentos
1973-1974	Café (manhã)	Leite, café, pão, papa de sagu, aveia, mingau de banana, banana comprida, batata doce, mungunzá, arroz doce, etc.
	Almoço	Feijão, arroz, macarrão, carne guisada, almôndegas, bife, peixe, galinha assada, galinha cozida, picadinho de carne com legumes, bife empanado, cozido (carne, legumes, pirão).
	Jantar	Sopa, pão, macaxeira, inhame, carne, batata doce, Maria Izabel, bolo, café, leite, suco, etc.

<sup>604</sup> A casa oferecia uma alimentação balanceada. Caso a aluna não gostasse, ela teria que arcar com sua alimentação fora da instituição. Todas tomavam conhecimento do cardápio. Como era bastante diversificado, contemplava alguns gostos; caso contrário, a aluna estava livre para fazer um lanche na cantina por conta própria. No entanto, se houvesse problema de doenças, a alimentação seria oferecida conforme prescrição médica o tempo que fosse necessário. Fragoso lembra que no ano de 1970, uma colega estava vinda da Casa da Amizade (era dia de muita chuva, Recife estava completamente alagada) quando caiu em uma “boca de lobo”, essa jovem ao chegar ao SEC foi para a enfermaria e lá passou mais ou menos um mês, só saiu quando estava completamente fora de “perigo” (saúde). Recebia todos os cuidados com medicamentos, alimentação e apoio espiritual.



	Frutas e Legumes	Laranjas, melancia, banana, abacaxi, melão, goiaba, manga, tangerina etc. Abóbora, chuchu, cenoura, batatinha (inglesa), quiabo, etc.
	Lanche e Sobremesas	Salada de frutas, bolo, gelatina, biscoito, (banana empanada) e frutas em geral.

Fonte: Elizete Fragoso da Silva. Acervo da ex-aluna

### O Cotidiano do SEC

A Pedagogia norte-americana, no início do século XX, estava marcada pela preocupação em mudar os padrões de ensino adotados no Nordeste brasileiro. Acreditava que usando um currículo bem elaborado, trabalhando os aspectos religiosos e materializando sua cultura, conseguiriam lapidar vidas e moldar caracteres. Os missionários norte-americanos mantinham a preocupação em ter escolas de qualidade e admitiam nos seus quadros uma equipe preparada para atender a esse mister. Consideravam que:

O problema mais difícil de resolver na administração de um colégio não é o alcance de grande número de alunos, nem a escolha dos melhores compêndios, nem a aquisição de edifícios adequados, nem tampouco a formação de um curso lógico e atrativo, mas sim, obter e conservar um corpo magistral que se dedique, com amor, ao ensino. [...] Nada valerão as escolas sem bons mestres.<sup>605</sup>

As moças deveriam ter uma boa formação; e se assim acontecesse, se tornariam boas profissionais nas instituições batistas, tais como: hospital evangélico, escolas batistas, orfanatos, internatos, igrejas e Casa da Amizade, além de favorecer a aquisição da disciplina, dedicação ao estudo e o empenho pela evangelização. Para Mignot, “o modelo de mulher vivido pelas protestantes enfatizava o cumprimento dos deveres sociais, traduzidos em atividades ligadas à educação, aos cuidados com enfermos e à assistência social.”<sup>606</sup>

Todas essas representações eram refletidas nas moças que iriam para as “Missões” desempenhar funções como missionárias ou esposas de pastores. Mignot confirma que:

A mulher protestante secundava o marido, responsabilizava-se pela ascensão cultural do casal e da família. As mulheres de pastores, por

<sup>605</sup> MACKENZIE, **Mackenzie 126 anos de ensino**: valores acima do tempo. São Paulo: Prêmio, 1997.

<sup>606</sup> MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de Memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p. 155.

sua vez, davam estas provas reconfortando, dirigindo reuniões, mantendo uma conduta moral irrepreensível, voltadas para atividades socialmente importantes, quebrando limites impostos à educação feminina.<sup>607</sup>

Para além dessas exigências era necessário que a SECista fosse vocacionada para o serviço cristão. Ela deveria cumprir o regimento que versava sobre: vivência no internato, dedicação aos estudos, um bom relacionamento entre as colegas e professoras, respeito ao cumprimento das normas, cultivo da vida espiritual, participação nas festividades da instituição, obediência aos horários, assiduidade e pontualidade nas aulas, entre outros, além da participação e integração em todas as atividades religiosas.

### **Bolsa de Trabalho**

Outro aspecto discutido nos prospectos foi a vivência no internato. A instituição utilizava-se de meios que proporcionavam o desenvolvimento da aluna. Recebia bolsa de trabalho aquela SECista que não dispunha de recursos financeiros para efetuar o pagamento das suas mensalidades. Para ajudar no seu sustento, a aluna executava determinados serviços, que eram ressarcidos com bolsas integrais ou parciais. A aluna que não tinha auxílio financeiro recebia bolsa integral, podendo trabalhar até 14 horas por semana, ou receber bolsa parcial de 7 horas. Neste caso, a bolsa de trabalho recebida servia para completar a mensalidade.

### **Preleções semanais**

No dia 11 de janeiro de 1938, o SEC implantou uma prática que contribuiu muito para o crescimento das alunas. No horário de cultura espiritual, foram estabelecidas, no período matutino, às sextas-feiras, “as preleções semanais.” Ocupavam o púlpito do salão nobre “oradores de mérito, com precisão e lucidez”<sup>608</sup>. Nesse espaço, a discussão versava em torno de assuntos sobre saúde, comportamentos, vocação e crescimento espiritual.

---

<sup>608</sup> MEIN. Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 82.

### Excursão das Formandas

Anualmente a turma de formandas, acompanhada por membro do corpo docente convidado pela turma, fazia excursão a uma ou mais cidades do Norte ou Nordeste do Brasil. A viagem proporcionava momentos recreativos; visava também realizar boa propaganda em prol da instituição e cooperava em trabalhos especiais, como convenções estaduais, campanhas de evangelização ou observação do “Dia de Educação Feminina”<sup>609</sup>.

### Arquitetura

A passagem do século XIX para o XX anunciava um novo estilo para a construção de prédios escolares. Nos Estados Unidos da América, no ano de 1830, a questão da arquitetura já despontava, trazendo no seu bojo certo grau de preocupação. A constatação vem via Cutler quando explica que “a arquitetura britânica foi a referência inicial dos americanos”<sup>610</sup>. A sua organização seguia os moldes do “ensino mútuo”, e as instituições públicas de Nova York e Filadélfia já ofereciam à sociedade a construção de prédio mantendo “salas amplas para comportar cerca de 250 alunos”<sup>611</sup>.

Nos Estados Unidos e em outros países, incluindo a Prússia, já existia outro tipo de organicidade, como “casas escolares” com várias divisórias. Diante deste modelo Horace Mann e Henry Banard, pressionaram os americanos para investir na questão da educação, construindo casas escolares melhores, bem planejadas, onde os profissionais da Educação pudessem participar com suas ideias. A partir daí se estabeleceu o “vínculo entre o edifício-escola e as concepções educacionais”<sup>612</sup>. As escolas passaram a ser construídas com “divisão nas salas de aula, o que permitia maior controle sobre os

---

<sup>609</sup>Cf. Prospeccto 1970-1972, pp 30-33.

<sup>610</sup> CUTLER, W. W. **of Culture: the schoolhouse in american educational thought and prac since 1820.** History of Education, a 1989. v. 22, n.2, p.1-40.

<sup>611</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910).** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.37

<sup>612</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910).** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.38

alunos e uma maior especialização, além da introdução de processos padronizados e burocratizados de avaliação.”<sup>613</sup>



Figura 34 – Prédio Administrativo Martha Hairston  
Arquivo do SEC

Esse tipo de escola não surgiu de repente. Os educadores e a sociedade de um modo geral vivenciaram todo o processo. Primeiro a escola deixou de ser unitária, passando posteriormente para graduada. As mudanças que ocorreram foram lentas, e os países que participaram desse movimento foram: França, Inglaterra, Espanha e Estados Unidos.<sup>614</sup>

No final do século XIX na escola graduada, o ensino primário dispunha de “múltiplas salas de aula, várias classes de alunos e vários professores”<sup>615</sup>. Esse modelo

<sup>613</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.38.

<sup>614</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.p.38.

<sup>615</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.p.38.

foi inaugurado pela primeira vez na cidade de São Paulo, precisamente na década de 1890<sup>616</sup>.

Observa-se que as mudanças ocorridas para favorecer uma melhor escola não foram resultado de um debate exaustivo entre educadores, intelectuais e a sociedade. O processo se deu por necessidade da presença de uma escola de qualidade que desembocou no surgimento do edifício-escola. Os reformadores se empenharam para que essas mudanças acontecessem. A presença do edifício-escola contemplou “as escolas do ensino primário funcionando em um só prédio com vastas salas bem arejadas, pátios arborizados, museus escolares, bibliotecas populares, mobílias”[...].<sup>617</sup> Posteriormente foram implantados os Grupos Escolares<sup>618</sup>, que “reafirmaram o princípio da igualdade da educação entre os sexos ao estabelecer igual número de classes para meninas e meninos. No entanto impediu a coeducação”<sup>619</sup>.

O Brasil vivenciou, no final do século XIX, como foi tratado e como funcionava o processo educacional, até a conquista do edifício escolar. O espaço foi constituído trazendo consigo maior valorização para o professor, que passou a ter o respeito do aluno e dos seus pais. A escola passou a definir “sua ocupação e utilização”<sup>620</sup>.

A ETC foi organizada no início do século XX, inaugurando um novo momento que raiava no Brasil para a Educação Feminina Batista. A arquitetura dessa época trazia no seu bojo um traçado firme e clareza na sua funcionalidade. O espaço deveria ser

<sup>616</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.38,

<sup>617</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.42

<sup>618</sup> Em 1892, foram instituídos os Grupos Escolares, amparados pela Lei nº 88, de 8 de setembro, regulamentada pelo decreto nº 144B, de 30 de Dezembro. No seu discurso, Reis Filho explicou que os “grupos escolares foram criados para reunir em um prédio de quatro a dez escolas, compreendidas no raio da obrigatoriedade escolar (1995, p. 172). Os Grupos Escolares possuíam uma forma organizacional própria a fim de atender às necessidades prementes, tais como: Cada grupo tinha seu próprio diretor, o número de professores dependia do número de escolas que foram agrupadas. O ensino a ser estruturado em séries anuais era também conhecido como escolas graduadas. REIS FILHO, C. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 172.

<sup>619</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.47.

<sup>620</sup> SOUZA, p.123 Cf. SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1880-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.p.47.

destinado apenas para as questões pedagógicas. O edifício construído por Hairston no ano de 1955 obedeceu a esses preceitos. O prédio construído foi pensado, visando tornar as instalações e o ambiente apropriados para o estudo da Educação Religiosa, Música Sacra e o Serviço Social.

Peggy Pemble, ao referir-se à arquitetura do SEC, revela que esse modelo de construção era usado pelos habitantes do sul dos Estados Unidos. E passa a descrevê-la: “colunas grandes e brancas em quase todas as casas”<sup>621</sup>. Ao relatar o motivo pelo qual essa arquitetura foi adotada, pelos missionários acredita-se que serve para lembrar seu país. Pemble explica que

com a Guerra Civil ou a Guerra entre os azuis e os cinzentos; ou a Guerra de Secessão, ou Era de Abraham Lincoln’, os donos das fazendas tinham lares assim (a maioria destas famílias tinham escravos). Tornaram-se um símbolo do Sul. O ódio (que ainda continua) tornou cada vez pior quando os soldados do norte destruíam todas as mansões do sul, queimando tudo. As famílias sulistas quase sempre enterravam as coisas de valor debaixo das casas ‘quando os Yankees estavam avançando.’<sup>622</sup>

Com o término da guerra de Secessão, “o povo do Sul, tentando reconstruir, sempre colunas brancas”<sup>623</sup> em suas casas. No seu imaginário, esse ato “simbolizava o levantar das cinzas”<sup>624</sup>. Acredita-se que os norte-americanos, que aportaram em Recife traziam consigo as lembranças do seu país. Utilizando a arquitetura norte-americana, preservavam suas origens, sua cultura, seus costumes <sup>625</sup>.

Em Recife, é possível encontrar outros edifícios com esse formato, a exemplo “do Colégio Americano Batista e da Igreja Batista da Capunga”<sup>626</sup>. Williams, faz menção ao assunto discorrendo sobre os primeiros construtores do prédio da ETC.

<sup>621</sup> PEMBLE, Peggy. E-mail enviado em 17 de agosto de 2011.

<sup>622</sup> PEMBLE, Peggy. E-mail enviado em 17 de agosto de 2011.

<sup>623</sup> PEMBLE, Peggy. E-mail enviado em 17 de agosto de 2011.

<sup>624</sup> PEMBLE, Peggy. E-mail enviado em 17 de agosto de 2011.

<sup>625</sup> PEMBLE, Peggy. E-mail enviado em 17 de agosto de 2011.

<sup>626</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams, em 18 de agosto de 2011.

Era do Estado de Alabama que fica localizado bem no Sul dos Estados Unidos, e que nessa época, 1935<sup>627</sup>, antes da segunda guerra mundial, na era da colonização, o modelo de arquitetura usado nas grandes fazendas, tinha e tem ainda hoje essas características: grandes colunas, pintadas de branco<sup>628</sup>.

Há indício de que a planta foi desenhada por Arnold Edmond Hayes, no ano de 1935. Para ser concretizada foi discutida e teve a permissão da diretora da ETC, a missionária Mildred Cox, e do diretor do colégio R. Johnson<sup>629</sup>. Quanto aos sentimentos do engenheiro que desenhou a planta, trata-se de algo subjetivo, portanto difícil de analisar, porque o formato da ETC comportava as quatro colunas. Seria para eternizar nas suas memórias os sofrimentos que os sulistas vivenciaram? Ou fez um convite para as SECistas tornarem-se sustentáculos da obra missionária no Brasil e no mundo, mesmo diante das adversidades, tal como expressa a divisa da instituição?

Eis a divisa: “Que nossas filhas sejam como pedra de esquina lavrada, como colunas de um palácio”<sup>630</sup>. No imaginário das diretoras, a ETC se constituía em um ambiente que proporcionava às internas uma diversidade de situações que iam moldando, lapidando caracteres, refinando comportamentos, tornando-as maleáveis, acessíveis, críticas e cumpridoras do exercício religioso; aptas para desenvolver um ministério na sua pátria ou além-mar.

Quando Marta Hairston chegou a Recife, em 1953, encontrou uma cidade em movimento, a qual já possuía uma arquitetura que contava sua história. Nessa época, era possível contemplar o desenho arquitetônico presente nas residências, nos casarões, fortalezas e prédios. Conforme Freyre, “as casas e fortalezas guardam muitas histórias

---

<sup>627</sup> No ano de 1935, na gestão de Mildred Cox, a ETC recebeu uma oferta no valor de “dez mil dólares”, da União Feminina Missionária Batista (UFMB) do Sul dos Estados Unidos para a construção de um novo prédio. Sua inauguração se deu no ano de 1937.

<sup>628</sup> E-mail enviado por Clara Lynn Williams, em 18 de agosto de 2011.

<sup>629</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 55.

<sup>630</sup> Salmos 144:12 (Bíblia Sagrada).

de sinhazinha, de caixeiros, de escravos, senhores, governadores e generais [...].”<sup>631</sup> Foi nesse contexto que outro prédio<sup>632</sup> da ETC foi construído, passando a fazer parte do conjunto arquitetônico da “Veneza Brasileira” com as lentes norte-americanas.

Em 1954, foi construído novo prédio, pois o antigo não oferecia condições para atender à demanda. Para edificar o prédio “tornou-se necessária a demolição da antiga residência da rua Padre Inglês, 107, Conde da Boa Vista”<sup>633</sup>. Os espaços não atendiam à programação da instituição. Ficou inviável ministrar aulas sem salas próprias. Fizeram-se necessários outros ambientes destinados à administração, a biblioteca, o gabinete da diretora. O que motivou Hairston a se empenhar em conseguir verba junto à Missão do Norte, na perspectiva de construir um prédio, foi a manifestação das alunas à procura de vagas para efetuar matrícula na instituição. O número de alunas crescia anualmente.

O SEC é localizado na estreita Rua Padre Inglês, o qual, nos seus primórdios, recebeu o número 135, conforme placa existente dessa época afixada no muro que protege a escola, com uma altura de aproximadamente três metros. O muro que delimita o espaço escolar tem “função reguladora e um tempo diferenciado, com novos

---

<sup>631</sup> FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª edição, São Paulo: Editora Globo. 2007. p. 178.

<sup>632</sup>Lottie Moon nasceu no ano de 1840, na Virgínia. Em 1973 aceitou o desafio de ser missionária na China. Ao chegar ao campo missionário sentiu-se só, e a pressão da vida missionária agravou sua situação. Mesmo doente, desenvolveu um ministério com as mulheres. Seu estado de depressão trouxe complicações psíquicas. Nesse ínterim, envolveu-se com um movimento espiritual. Ela pedia que as mulheres ajudassem o trabalho missionário. Lottie passou a ajudar os necessitados, dando tudo que tinha. Doente e sem querer cuidar da saúde, veio a óbito. Cf. TUCKER Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica**. Tradução Lena Aranha, Neyd Siqueira. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p.347-353.

A ETC foi construída por etapa e à medida que as necessidades iam surgindo. **O primeiro** pavimento foi custeado pela oferta denominada Lottie Moon que foi “angariada sob os auspícios da UFMB do Sul dos Estados Unidos para Missões Estrangeiras, em 1935, designou-se a importância de dez mil dólares para a construção de um novo edifício para a ETC [...]” Cf MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife-PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 25.

<sup>633</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife- PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 85.



usos e valores. Os muros representam a passagem para um mundo onde existem regras fixas”<sup>634</sup>

Para ter acesso ao Seminário existiam três portões: um estreito por onde circulava o contingente de alunas, professores e funcionários, com piso de cimento ladeado por flores que completavam a beleza do jardim bem cuidado com suas grandes árvores, de troncos centenários, que davam um toque especial ao local; outro era privativo, por onde a diretora Martha Hairston tinha acesso ao seu gabinete; o terceiro dava acesso ao estacionamento.

Entre as árvores, foi impossível deixar de registrar a presença das palmeiras imperiais, mangueiras, além de 11 bancos de mármore que davam descanso às alunas, funcionários e visitantes, os quais, admirados com a beleza da arquitetura da década de 1950, e a paz transmitida por aquele ambiente, permaneciam atentos ao canto dos pássaros, e desviando o olhar, podiam observar a lentidão do animal preguiça, que, sem pressa, resolvia passar de um galho para o outro.

O jardim recebia os cuidados do jardineiro, que parecia ter o “dedo verde”, por sua aparência viçosa, que enchia os olhos de todos que por ali passavam. A arquitetura apresentava uma bela visão com um prédio de dois andares, sendo sustentado por quatro colunas e um terraço de onde a diretora do internato tinha a visibilidade de toda a movimentação de quem adentrava pelo portão principal ou para quem usufruía do jardim, o lugar predileto dos namorados – SECistas ou seminaristas – que, ao cair da tarde ou à luz brilhante do luar, discutiam planos para o futuro.

O edifício Cox Taylor, na parte térrea, acomodava salas de aula, a cozinha, o refeitório, o salão nobre e a sala de visita, que eram ocupados pelos noivos, que logo denominaram de “santos dos santos.” No salão nobre aconteciam os cultos matutinos, horas de cultura espiritual e programações especiais com seus 30 bancos, púlpito, três cadeiras de madeira e um piano de cauda da marca Fritz Dobbert. Outros prédios foram

---

<sup>634</sup> SCHMMELPFENG, Regina Maria. Retocando Imagens: Escola Alemã Colégio Progresso (1930-1945) 2005. In: BENCOSTTA, Marcus Albino, (org) **História da Educação, arquitetura e espaço escolas**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 141-170. p. 151.

criados e destinados para outras funções, como biblioteca, sala de recursos audiovisuais, sala de oração, entre outros. Na sala de aula, a presença das carteiras de madeira apontava para o uso específico e individual que servia para a aquisição de novos conhecimentos ou para o descanso do corpo, enquanto aguardava um novo período de aula. Hairston aproveitou a construção e reformou o térreo do internato, atingindo o refeitório e Salão Nobre.<sup>635</sup>Sua inauguração aconteceu no dia 23 de outubro de 1955.<sup>636</sup>

No ano de 1957, foi construído mais um prédio, com salas à prova de som para o curso de piano e música; lavanderia, além de apartamentos para as funcionárias. No mesmo ano, no dia 23 de junho, foi inaugurado o prédio próprio da Casa da Amizade, situado na Rua Professor Othon Paraíso, número 132, no Torreão.

Em 1962, foram construídos os dormitórios e um campo de voleibol, este todo cimentado para a prática de esporte das alunas. Em 1963, obedecendo à necessidade de ampliação, Hairston construiu mais um andar, que foi inaugurado no ano de 1965. O projeto de construção do edifício foi idealizado conforme sua cultura e anunciava um novo momento para a educação feminina. Os projetos de construção dos prédios estavam relacionados ao ideário norte-americano e creditavam à educação feminina vários avanços, inclusive a inserção da mulher na sociedade. A construção idealizada por Hairston foi realizada em várias etapas e contou com a Missão Batista do Norte, a Junta de Richmond e as ofertas de Lottie Moon.<sup>637</sup>

---

<sup>635</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1965). Recife- PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 86.

<sup>636</sup> Mildred Cox relatou que houve um momento de gratidão a Deus, com a leitura do Salmo 100 por Maye Bell Taylor (ex-diretora e idealizadora da construção). Cathryn Smith (representando a UFMB da outra América) passou às mãos de Ruth Meneses (que representava a UFMBB) a chave simbólica. Martha Hairston fez uma síntese histórica da instituição e depois passou a palavra para o orador – Dr. Diniz Prado de Azambuja Neto, engenheiro responsável pela construção, e pastor da Igreja Presbiteriana da Boa Vista, Recife, realizou a preleção, e Lívio Lindoso orou dedicando a Deus o novo prédio, que compreendia o internato, o refeitório e o salão nobre. Cf. Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife-PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 86.

<sup>637</sup> A maior parte das ofertas de Lottie Moon foi usada para três áreas diferentes: 1. Casas e transportes para missionárias; 2. Compra de terrenos visando a construções; 3. Sustento das duas casas para treinar moças do Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) e SEC. E-mail enviado por Peggy Pemble em 11 de junho de 2012.

Nessa segunda etapa, o prédio era composto de “três andares medindo 35,50x 12,25”<sup>638</sup> e interligado com o prédio que servia de residência para as internas. Os dois andares superiores construídos compreendiam: “dormitórios para as alunas e funcionárias, uma cozinha para o uso das funcionárias internas e uma sala devocional para as SECistas e funcionárias”.<sup>639</sup> Em 1964 foram ampliados o internato e o prédio de música.

Em 1967, Hairston sugeriu à Junta Administrativa que nomeasse o primeiro edifício do SEC com os nomes das duas diretoras que a antecederam. As missionárias Mildred Cox e Maye Bell Taylor<sup>640</sup> solicitaram também que a biblioteca recebesse o nome de Josefa Silva Lima, a primeira aluna da Training School. Em 1968, foi feita uma reforma no refeitório e na cozinha. Esses espaços estão presentes na memória das alunas e dos batistas que procuravam conhecer o SEC.

Segundo Augustin Escolano, a escola é “um produto também de cada tempo, suas formas construtivas são além de suportes da memória coletiva cultural, a expressão simbólica dos valores dominantes nas diferentes épocas”<sup>641</sup>.

No térreo foi construído o salão de recreio, onde aconteciam as festas, os dramas – como eram chamados – as encenações. As peças eram trabalhadas na disciplina Dramatologia. O Jornal Batista descreveu o SEC com suas divisórias dizendo: “Os prédios são excelentes, modernos e adequados. O edifício residencial tem três andares. Lá estão o salão nobre, salas de visitas, de jogos, de costura, de trabalhos manuais,

---

<sup>638</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife-PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 108.

<sup>639</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife-PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 109.

<sup>640</sup> O nome deveria ser dado em reconhecimento ao muito que estas duas ex-diretoras realizaram para o crescimento desta instituição. Cf. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA do SEC. 1965.p. 34.

<sup>641</sup> ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço escola e currículo. In: ESCOLANO, Agustín e VIÑAO Frago A. **Currículo espaço e subjetividade. A arquitetura como programa**. 1998, p.98.

refeitório e cozinha. Há também uma enfermaria”.<sup>642</sup> Para além dessas dependências no edifício residencial existem:

Quartos amplos e bem arejados, que acolhem cerca de quatro ou cinco alunas. No prédio de administração está a secretaria, salas de aulas, gabinetes para a diretora e professores e a biblioteca. Em prédio próximo há salas à prova de som para as aulas de música, lavanderia, garagem e residência de empregados. Os três prédios são ligados por uma área coberta.<sup>643</sup>

Nas salas que foram designadas para música são ministradas aulas de piano, órgão, canto e acordeão. A cantina foi construída no edifício Cox-Taylor. O salão Marcolina Magalhães está instalado no edifício Memorial. Possui um espaço amplo onde são realizadas as festividades da instituição, as programações religiosas, a aula inaugural, entre outras. Mas também é usado como sala de aula [...].<sup>644</sup> Diante do que foi posto, percebe-se que a Junta de Richmond e a União de Senhoras foram os maiores colaboradores para a construção do SEC.

Portanto, a nova mentalidade é que o espaço-escola não é um “continente” onde simplesmente se trabalham as questões pedagógicas e os pressupostos teóricos, nem onde atuam os personagens que interferem no processo de ensino-aprendizagem executando as ações planejadas. Frago considera:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos culturais e também ideológicos. Ao mesmo tempo, o espaço educativo refletiu [...] as inovações pedagógicas, tanto em suas concepções gerais como nos aspectos mais técnicos.<sup>645</sup>

<sup>642</sup> Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife-PE. Editora Gráfica LTDA. 1967. p. 5.

<sup>643</sup> “A extensão desse prédio, também com três andares está sendo completada”. O Jornal Batista, “**O primeiro seminário brasileiro para moças**”. Rio de Janeiro: 29.11.1964, p. 5.

<sup>644</sup> BOLETIM AVULSO. Conheça o Seminário de Educadoras Cristãs: Instituição batista dedicada ao preparo de obreiros. Recife: Seminário de Educadoras Cristãs, s.d.

<sup>645</sup> FRAGO; Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo espaço e subjetividade**: A arquitetura como programa. Tradução. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro DPeA. 1998, p. 26.

A arquitetura do prédio não influenciava apenas nas questões disciplinares, na aplicação de valores, normas e cultura, mas também se tornava privilégio para a plêiade de professores e alunas que participavam da comunidade. Consoante Balbás:

Essa dignificação da arquitetura escolar acrescentaria, também, o prestígio do professor e elevaria a estima que os alunos têm para com a educação. O prestígio da escola dependerá, pois, de como essa esteja instalada, de tamanho, limpeza, orientação. Esse modelo influirá, depois, na casa que a criança buscará no futuro, para melhorar as condições de vida de seus pais.<sup>646</sup>

No campo da educação sempre existiu a aspiração dos sujeitos pertencentes à instituição escolar em fazer parte de um estabelecimento educacional que tenha uma arquitetura significativa, bem localizado em um lugar estratégico e seguro. Leva-se em consideração também que a instituição escolar esteja inserida em um ambiente aberto, higiênico, saudável, servindo de inspiração para a geração futura.

Para além desses aspectos, a escola deve ser portadora de um ensino de qualidade e que sirva de estímulo e incentivo para aqueles que nela militam: professores. Que esse ambiente eleve a autoestima e motive a permanecer como educadores. Sendo assim, o programa pedagógico deverá ser referência e contribuirá para que a comunidade acadêmica tenha orgulho em pertencer à instituição. Nesse movimento, a entidade, de um modo geral, deve sentir-se privilegiada e aceitar o convite para ser agente de transformação. O acesso ao conhecimento científico e aos novos saberes deve ser extensivo a todos da comunidade escolar.

A arquitetura escolar não deve definir um modelo, mas é necessário cumprir uma função pedagógica. Os locais-escolas só deverão ser usados para as aulas. As salas devem permanecer fechadas; isto é, para cumprir seus objetivos, o local não pode ser usado para outras funções sociais, como: as de um hospital, um presídio, uma fábrica. A arquitetura escolar pode ser contemplada como suporte de outros símbolos. Conforme Frago e Escolano, “o edifício-escola [...] serviu de estrutura material para colocar o

---

<sup>646</sup> BALBÁS, Torres L. **Los edificios escolares vistos desde La Espana rural**. Oficina Técnica para Construcción de Escuelas. Madrid: Ministerio de Instrucción Pública Y Bellas Artes, 1993. p. 9.

escudo pátrio, a bandeira nacional [...] <sup>647</sup>, o que demonstra toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais <sup>648</sup>.

Era comum a presença da bandeira do Brasil e dos estados membros no SEC na programação da semana de missões nacionais ou estrangeiras, ou em outra atividade cujo teor fosse cívico. A arquitetura escolar aponta para um programa educador.

A arquitetura escolar pode ser vista como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja por si mesma bem explícita ou manifesta. Localização da escola e suas reações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende <sup>649</sup>.

O espaço-escola experimentou algumas mudanças. A princípio deixou de funcionar em residência. Posteriormente se fixou em um espaço especializado e passou a desempenhar funções de instrução, incluindo elementos reservados à higiene, pátios, bibliotecas, entre outros. Finalmente agrupou no mesmo prédio salas de aulas separadas por graus e sexo. O espaço-escola incorporava os preceitos do higienismo e, mais tarde, as exigências do conforto e da tecnologia. Para compreender as transformações da escola deve – se levar em consideração as representações dos profissionais da educação envolvidos nas práticas escolares. Tal como concebe Chartier:

Elas são estratégias de pensar a realidade e construí-la. As percepções do social, afirma o autor, não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outras. Por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas <sup>650</sup>.

<sup>647</sup> FRAGO; Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: arquitetura como programa. Tradução. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro DPeA. 1998, p. 40.

<sup>648</sup> Cf. FRAGO; Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: arquitetura como programa. Tradução. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro DPeA. 1998.

<sup>649</sup> FRAGO; Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo espaço e subjetividade**: arquitetura como programa. Tradução. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro DPeA. 1998, p. 45.

<sup>650</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p.18.

Os questionamentos feitos em relação aos aspectos internos da instituição educativa, a exemplo da distribuição do tempo e do espaço escolar, da organização dos programas e das práticas, indicam uma mudança na forma de praticar e escrever a história da educação. O traço característico desse espaço estava delineado e compreendia várias dependências. No SEC foram construídos com determinados fins como: sala para as aulas de músicas, de datilografia, de recursos audiovisuais, o salão nobre, cantina, refeitório e dependências sanitárias e enfermaria.

No ano de 1954, foram construídas a biblioteca e as dependências administrativas. O prédio está localizado na rua Padre Inglês, 143, no Parque Amorim. Suas instalações têm boas condições de ventilação, iluminação, com salas amplas.

As condições do prédio também se enquadram nas perspectivas de mudanças. A União Feminina Missionária Batista (UFMB) do sul dos Estados Unidos estava atenta às necessidades. Considerava as condições estruturais e higiênicas necessárias para o bom funcionamento da instituição. Mein assevera que “a velha residência de um Barão, constituída de dois andares com um anexo que incluía lavanderia, cozinha e quartos dos empregados, não comportava mais o número crescente de internas, e a luta incessante contra ratos, baratas e gambás não era de pouca monta.”<sup>651</sup>

Era notória a preocupação das missionárias e do engenheiro (que desenhou a planta), Dr. Arnold Edmond Hays, com a higienização do ambiente. Nessa época, a estrutura sanitária em Pernambuco, dizia Mein, “era primitiva, por isso epidemias de febre amarela, varíola, sezões, febre tifóide e catapora assolavam a cidade de tempos em tempos.”<sup>652</sup>

A enfermeira Elizabeth Mein, nas suas aulas de Higiene e Puericultura, orientava as alunas de forma prática a como prevenir as epidemias. Compreendia que a educação higiênica ajudava no combate aos focos epidêmicos, mas tinha clareza de que a higiene

---

<sup>651</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 12.

<sup>652</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967. Recife: Gráfica Editora LTDA. 1966. p. 12.

não era a única via de solucionar o problema. Mesmo assim era incansável em transmitir seus conhecimentos científicos e conscientizar as moças sobre as moléstias.

Neste capítulo foi analisada a cultura escolar presente na ETC/SEC. No próximo, será discutida a presença da imprensa, os impressos pedagógicos e a contribuição dada à efetivação do ideário de Martha Elizabeth Hairston no Seminário de Educadoras Cristãs no período de 1953 a 1979.



## CAPÍTULO IV

### A PRESENÇA DA IMPRENSA, DOS IMPRESSOS E DAS CARTAS NA GESTÃO DE MARTHA ELIZABETH HAIRSTON NA CASA FORMOSA

Este capítulo tem por objetivo analisar a imprensa periódica e os impressos pedagógicos que serviram como fontes para iluminar a trajetória de vida e o projeto educacional apresentado por Martha Hairston à Junta Administrativa da Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC) e à Junta de Richmond.

Os prospectos e o boletim informativo foram veículos de difusão do ideário de Hairston no Nordeste do Brasil, pois tratavam das partes administrativa, acadêmica e religiosa. Para além dessa literatura, Hairston recorreu a outros periódicos como “O Jornal Batista”<sup>653</sup>, a revista *A Pátria para Cristo*<sup>654</sup> e a revista *O Campo é o Mundo*<sup>655</sup>. “A análise desses materiais possibilita apreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural na intersecção das estratégias dos impressos”<sup>656</sup>. Tais publicações nos ajudaram também a mapear as ações de Hairston e dos colaboradores que deram suporte para a permanência desses periódicos.

A imprensa e os impressos pedagógicos enquanto fontes de pesquisa são importantes por permitir uma compreensão do ambiente educacional. No tempo presente que encontraram relevância na academia, por ser considerado fonte de

---

<sup>653</sup> O primeiro número **d'O Jornal Batista** saiu no dia 10 de janeiro de 1901. No seu início histórico, para dar continuidade ao seu projeto, fez parceria com os presbiterianos; em 1904, com os metodistas. Só em julho de 1905, foi instalado seu escritório, numa das dependências da Primeira Igreja Batista, no Rio de Janeiro. Mein assegura que “com o material que o Dr. Entzminger traz dos Estados Unidos é montada, numa casa alugada, a Casa Editora Baptista; e o primeiro número **d'O Jornal Batista** impresso em suas próprias oficinas saiu em 16 de fevereiro de 1906”. MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira (JUERP), 1982, p.184.

<sup>654</sup> Periódico da Junta de Missões Nacionais, com a finalidade de divulgar as ações e os projetos missionários desenvolvidos por aquela Junta.

<sup>655</sup> Periódico publicado pela Junta de Missões Mundiais para disseminação dos projetos e dos campos missionários.

<sup>656</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p.18.

informação que vem enriquecendo novas pesquisas. Trabalhar com a imprensa pedagógica significa conhecer o cotidiano e as ações desenvolvidas no espaço escolar. Nóvoa defende que a “imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo” <sup>657</sup>. Lançando o olhar sobre esses documentos, percebe-se a riqueza neles contida, o que nos permitiu analisar aspectos relacionados ao campo educacional. Nesse contexto, a imprensa batista revela variadas questões nos campos político, social, pedagógico, educacional e religioso, envolvendo as missões que se estabeleceram no Nordeste brasileiro.

Ao estudar as questões acadêmicas, tendo como fonte os impressos pedagógicos e imprensa periódica, deve-se levar em consideração as complexidades apresentadas, selecionando de forma racional as temáticas que serão analisadas. “O Jornal Batista” utilizou suas páginas para dar visibilidade ao projeto de Martha Hairston, bem como às questões educacionais, com teor político, em que os batistas se envolveram, reivindicando ações do Estado para atender aos setores marginalizados da sociedade. Houve um envolvimento dos batistas, propondo debates, organizando campanhas, demonstrando insatisfação diante do descaso apresentado. Tais pontos contribuíram para suscitar dissensões ou imprimir ações político-religiosas para a melhoria e equalização da sociedade.

#### **4.1. A ação da imprensa na Casa Formosa**

Nos primórdios do trabalho batista no Brasil foram várias as dificuldades enfrentadas para se dar a transmissão do evangelho. As disputas entre os grupos dissidentes, o analfabetismo e a carência de material litúrgico dificultaram o avanço do trabalho. No entanto, com o advento da imprensa, a divulgação do evangelho foi favorecida.

A produção do impresso se constitui um avanço para os missionários que desejavam atingir o maior número de pessoas com a mensagem do evangelho. Em 1900, para alcançar esse objetivo, foi preciso investir na fundação de duas tipografias: uma na

---

<sup>657</sup> NÓVOA, Antônio. **A Imprensa de Educação e Ensino**: Repertório Analítico (séculos XIX – XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993, p. 19.

Bahia, tendo como responsável Zacarias Taylor, e outra sediada em Campos (Rio de Janeiro). Conforme Pereira: “A primeira imprimia livros, opúsculos, folhetos e o jornal de Taylor, nesse tempo com o nome de “A Nova Vida.” A de Ginsburg imprimia o jornal “As Boas Novas e folhetos”<sup>658</sup>. A produção de uma literatura religiosa embasada no corpus de doutrinas do protestantismo e comprometida com sua propagação na sociedade brasileira, segundo as concepções batistas, desempenhou papel relevante no desenvolvimento das atividades realizadas pelos evangelistas <sup>659</sup>.

Nos meados de 1900, os missionários William Bagby, Zacarias Taylor, Salomão Ginsburg e J.J.Taylor decidiram juntar os dois jornais dos batistas e fundar apenas um, no Rio de Janeiro, o qual seria distribuído para todo o Brasil. O escolhido para ser o diretor foi W. E. Entzimminger.

---

<sup>658</sup> PEREIRA, José Reis. **História dos Batistas no Brasil. 1882-2001**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 135

<sup>659</sup> ADAMOVICZ, Ana Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural**. O Jornal Batista (1901-1922). São Paulo: USP, 2008. p. 57 ( Tese de Doutorado)



Figura 35- O Jornal Batista, 1980. Arquivo do SEC.

O Jornal Batista colocou em manchete a professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima, por ocasião da sua posse como diretora do SEC.

O Jornal Batista é um órgão da Convenção Batista Brasileira fundado em 10 de janeiro de 1901, no Rio de Janeiro, o qual durante décadas vem desempenhado sua missão de informar, educar e edificar vidas por meio de suas matérias de cunho instrutivo. Zacarias Taylor e Salomão Ginsburg organizaram impressos que suscitaram sólidas discussões e contribuíram para doutrinar e divulgar a existência das instituições educacionais. A redação convidou os interessados para fazer suas considerações, na perspectiva de melhorar a qualidade do periódico. Neste sentido, Bastos Junior expôs sua opinião:

Quanto à orientação do jornal, nada tem a desejar, e seria útil que a redação, num gesto de melhoria e de auxílio a muitos que têm desejo de melhores conhecimentos históricos, eclesiásticos e teológicos, criasse, pelo menos uma secção histórica e uma teológica, sendo esta bem prática, a fim de que aqueles que não puderem cursar o Seminário pudessem ter uma noção exata da matéria. Na secção histórico-eclesiástica, além de história e origem das organizações e seitas comparadas como a única fundada por Jesus Cristo, uma parte sobre a função das igrejas, suas responsabilidades, caráter, princípios e Práticas<sup>660</sup>.

O Jornal Batista era usado por aqueles que não tiveram uma formação teológica, mas pretendiam atuar como pregadores leigos. O periódico institucional ganhou credibilidade, conquistou espaço e alcançou a aprovação do povo batista, que solicitava a publicação de temas variados, que discutissem os pilares da fé batista. Esse jornal e outras publicações deveriam servir para evangelizar os não crentes, instruir os crentes e defender a causa batista<sup>661</sup>. Esse periódico se tornou um grande divulgador do ideário batista e do trabalho missionário no Brasil que estava sendo gestado. Azevedo revela que:

O início das atividades editoriais coincide com a chegada dos primeiros missionários. Esses estrangeiros encontravam em livros, folhetos e jornais, o meio pelo qual, além de evangelizar e doutrinar, podiam se apresentar ao público brasileiro [...]. Neste século e meio de protestantismo brasileiro, o cenário editorial foi pontuado pelo esforço missionário.<sup>662</sup>

Os missionários fundadores encontraram nesse periódico um instrumento de propagação do evangelho, disseminação das suas ideias e estratégias para ampliação do programa de educação religiosa/teológica da denominação. A imprensa batista, nos seus primórdios, demonstrou interesse em divulgar o trabalho que os missionários norte-americanos estavam desenvolvendo no Brasil via evangelização ou implantação de escolas, contribuindo para combater o analfabetismo.

<sup>660</sup> O JORNAL BATISTA. O que deverá ser o **Jornal Batista**. Recife: 04 de janeiro de 1940 p. 51.

<sup>661</sup> CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil**. Até o ano de 1906, Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. V. I. 1962, p. 59.

<sup>662</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **A formação do Pensamento Batista Brasileiro**. Piracicaba: UNIMEP, 1996, p. 154.

O Jornal Batista passou a defender as doutrinas batistas. Nele estavam postas suas convicções políticas, sobretudo as que se referiam à defesa do princípio da separação entre o “Estado e a Igreja”<sup>663</sup>. Tornou-se um impresso muito procurado por quem demonstrava interesse em conhecer o pensamento batista.

O Jornal Batista há mais de um século utiliza a página impressa para discutir temas diversificados. No quadro a seguir são contemplados assuntos concernentes à ETC/SEC.

Quadro 31- Temas discutidos em O Jornal Batista

Ano	Assuntos
1968	Notícias do Brasil batista
1974	Solenidade de Formatura do Seminário de Educadoras Cristãs
1980	Uma significativa festa espiritual- Formatura do SEC

Fonte: O Jornal Batista

Arquivos do Seminário de Educadoras Cristãs.

Nesse número, OJB colocou em relevo a formatura do SEC. A formação dessas moças tornou-se importante por contribuir para o crescimento da igreja, expandir a educação religiosa e fortalecer a educação feminina e suas organizações, não somente nas igrejas locais, mas também nas missões – estaduais, nacionais e estrangeiras –, estendendo-se também os novos desafios dos batistas brasileiros, quando se empenhavam em abrir novas frentes missionárias, como Casas da Amizade e atendimento aos índios.

#### 4.2. Os batistas fazem campanha contra o analfabetismo

Nas décadas de 1940 e 1950 houve várias discussões em torno da questão do ensino primário. Assuntos considerados relevantes entraram na pauta de reivindicação, entre os quais estavam: a ampliação do acesso à escola, sua manutenção, seu funcionamento e qualificação dos docentes. No período de 1946 a 1964, o Brasil vivenciou um processo de redemocratização. Houve debates sobre as questões educacionais envolvendo alguns segmentos da sociedade – a Igreja Católica

<sup>663</sup> ADAMOVICZ, Ana Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural. O Jornal Batista (1901-1922).** São Paulo: USP, 2008. p. 64 (Tese de Doutorado)

Progressista, partidos políticos, intelectuais e estudantes –, culminando com a criação da lei 4.024/61, que propunha uma reforma da educação nacional. Neste ínterim foram discutidos os ensinos público e privado.<sup>664</sup>

Em 1946, o professor Luciano Lopes usou a imprensa para conscientizar os batistas da urgência de se envolver na campanha para minimizar o analfabetismo no Brasil. O seu discurso estava permeado de preocupação quanto ao futuro dos brasileiros. O censo demográfico de 1940 revelava sua inquietação, dizendo: “não devemos alimentar ilusão quanto ao nosso futuro: nenhum povo da terra, com tão elevada porcentagem de analfabetos, pode estar seguro da sua sobrevivência”<sup>665</sup>. Luciano entendia que sem a luz do saber, as pessoas estavam impossibilitadas de exercer sua cidadania, lutar pelos seus direitos e conquistar seus ideais.

Lopes, ao analisar os dados estatísticos, alertou os seus pares para não calar diante da política estabelecida para o Brasil. Expôs seu descontentamento pela falta de empenho do Estado em criar ações voltadas para a educação do povo que se encontrava esquecido. Assim delineou seu pensamento:

Ora no Brasil a educação jamais ocupou o primeiro ou segundo lugar no espírito dos nossos governantes. A prova disso está no fato que, ainda há dias, um deputado proclamou, sem contestação, perante a Assembléia Constituinte, que 67% da população do Brasil é constituída de analfabeto.<sup>666</sup>

Ao vislumbrar os números, esse professor não suportou tal afronta, passou a comparar a educação ministrada no Brasil com a de outros povos. Atônito, fez uma análise conscienciosa dos resultados em relevo. Ao defrontar-se com a realidade, a tristeza o abateu, tentou fugir por não acreditar no que estava posto diante dos seus olhos. Considerou altas as taxas do analfabetismo no Brasil e concluiu que:

---

<sup>664</sup> Cf. SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas do Brasil**. Campinas-São Paulo: Autores Associados, 2008. ASSIS, Áder Alves de. **Educação nos colégios batistas: princípios e fins**. Revista Educador. Rio de Janeiro: JUEP. Ano 1, nº 1 primeiro semestre, 1992.

<sup>665</sup> LOPES, Luciano. **A Grande Campanha de Educação**. O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 1º de agosto de 1946.

<sup>666</sup> LOPES, Luciano. **A Grande Campanha de Educação**. O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 1º de agosto de 1946.

O analfabetismo é inimigo do povo [...], é uma calamidade. É mais danoso do que uma guerra. É pior do que uma epidemia. Combatê-la é medida de salvação pública que o □requên, só, não está em condições de atender. Sim, o governo, devido às dificuldades econômicas, não Está em condições de vencer o analfabetismo. A prova disso é que nada menos de 80% dos estabelecimentos de educação no Brasil é de iniciativa particular<sup>667</sup>.

Os batistas foram convidados a engajar-se na campanha para ajudar na alfabetização dos membros das igrejas que não sabiam ler. Em seguida, Lopes apresentou um plano de ação:

Em primeiro lugar devemos formar um plano para acabar com o analfabetismo dentro das igrejas. Em muitas igrejas do interior, há ainda grande número de crentes que não se acham em condições de prestar qualquer serviço à causa justamente porque não sabem ler. É necessário que os pastores e oficiais, sem perda de tempo, providenciem a organização de classes especiais para a instrução desses nossos irmãos, de tal sorte que dentro de poucos meses todos estejam lendo e escrevendo<sup>668</sup>.

Os pontos levantados têm coerência, principalmente porque nas igrejas existia um contingente representativo de mulheres. O pensamento da época defendia o costume do sexo feminino em permanecer em casa, exercendo seu papel de mãe e esposa. Não foi encontrado nos documentos nenhum relatório sobre a campanha contra o analfabetismo nem sobre os resultados obtidos.

A participação dos batistas nesse movimento foi importante para atender aos seus fiéis e aos filhos dos novos conversos à religião, ensinando-lhes as primeiras letras. As mulheres eram preferidas para o exercício do magistério por serem portadoras de determinadas habilidades.

As estatísticas do analfabetismo no Brasil na década de 1940 acusavam o quantitativo de 11.387.235 entre as mulheres. Na década de 1950, o censo demográfico do Brasil registrava a existência de 26.204.114 mulheres que não sabiam ler nem

---

<sup>667</sup> LOPES, Luciano. **A Grande Campanha de Educação**. O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 1º de agosto de 1946.

<sup>668</sup> Luciano Lopes produziu uma cartilha, no entanto, não foi encontrada nos documentos e arquivos pesquisados.



escrever. Em Pernambuco, o analfabetismo alcançava 52.587<sup>669</sup>. A expectativa de erradicar o analfabetismo era otimista demais. O analfabetismo era um problema político que somente um segmento da sociedade não resolveria.

Em outro momento, Lopes sugeriu dois métodos que poderiam ajudar nessa campanha: a organização de classes que funcionariam dentro da própria igreja, e o segundo método consistia no ensino individual, em que “cada crente, que sabe ler, deve ensinar o vizinho que não sabe”.<sup>670</sup> Foi também produzida uma cartilha que seria usada para “facilitar o aprendizado da leitura e da escrita”<sup>671</sup>.

Para atender às moças que desejavam receber uma formação religiosa, os batistas organizaram duas escolas de educação feminina: o SEC, em Recife, e o IBER, no Rio de Janeiro. Almeida conceitua educação feminina “como uma educação que visava preparar as jovens para o casamento em idade de extrema juventude. A sexualidade era reprimida, e a extrema vigilância da família e da igreja colaborava para a imposição de valores misóginos”[...].<sup>672</sup>

O Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) foi organizado no dia 10 de março de 1922<sup>673</sup>, como departamento feminino do Colégio Batista do Rio de Janeiro. Ele “abrangeia o Curso Primário, a Escola Normal e o Curso Religioso”<sup>674</sup>. Conforme Cox Mein, “em princípios de 1917, funda-se a Escola Normal, com uma matrícula de oito alunas, quatro internas e quatro externas, as quais ficaram sob a direção de d. Graça Taylor”<sup>675</sup>.

<sup>669</sup> Os dados obtidos no IBGE nas décadas de 1940 1950.

<sup>670</sup> LOPES, Luciano. **A Grande Campanha de Educação**. O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 1º de agosto de 1946.

<sup>671</sup> O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 1º de agosto de 1946. Nº 31.

<sup>672</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? Campinas: Autores Associados, 2007, p.90.

<sup>673</sup> Cf. SALLES, Eudora Pitrowsky. **História da Convenção Batista Carioca**. Rio de Janeiro: Ed. JUERP, 2005. p. 168. O Jornal Batista de 20/03/1922, ed. nº 12. e o site do CIEM.

<sup>674</sup> BERRY, Lois Robert; BERRY, Edward Grady. **IBER: uma porta aberta para o serviço cristão**. Rio de Janeiro: Oficinas da Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1986, p. 16.

<sup>675</sup> Sobre o assunto, Mein faz referência dizendo: “é o registro lacônico do apanhado histórico que faz o Pastor Carlos Barbosa, diante da Convenção Batista Brasileira em 1926. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1967, p.19.

A Escola Normal foi organizada como um departamento do CAB, vindo posteriormente a tornar-se ETC/SEC. Essa instituição destinava-se ao preparo das moças batistas para atuar no serviço religioso.

#### **4.3. Salvar, regenerar, higienizar e civilizar: os projetos de Martha Hairston**

A postura de Hairston é relevante no sentido de valorizar a mulher e dar visibilidade ao SEC, que se destinava a formar as moças batistas. O seu projeto foi pensado para preencher as lacunas existentes na educação da mulher. A direção do SEC criava condições para o desenvolvimento das alunas que se dedicavam ao trabalho religioso.

Para Carvalho, o uso dos periódicos pedagógicos contribui “[...] para a reflexão da trajetória da educação [...] considerando não só grandes nomes e decisões, mas também as pequenas iniciativas que foram tomadas no interior do espaço educacional”<sup>676</sup>. Houve mudança na mentalidade científica ao dar relevo aos programas presentes nas instituições escolares, tanto de grande quanto de pequena complexidade. Dessa forma, as novas ideias têm contribuído para a melhoria do nível educacional.

Na administração de Martha Hairston foram implantados os “Boletins Informativos”<sup>677</sup>, que contribuíram para a divulgação dos saberes acadêmicos trabalhados na ETC/SEC. Nos prospectos estava inserida a proposta curricular, envolvendo a disciplina, a moral, os valores, os saberes e fazeres trabalhados na instituição. O boletim informativo tinha uma abrangência maior; compreendia a cultura acadêmica, o trabalho social desenvolvido na Casa da Amizade, a vivência no internato e as notícias das ex-alunas e dos seus campos de trabalho.

---

<sup>676</sup> CARVALHO, Carlos Henrique de. **República e imprensa: as influências do positivismo na concepção de educação do professor Honório Guimarães**; Uberabinha, MG, 1905-1922. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.p. 53.

<sup>677</sup> O Boletim Informativo, periódico que circulava (trimestralmente), era mantido pelo ETC/SEC; contava com a contribuição na escritura das matérias (ou corpo editorial), professores, funcionários e alunas. Com a organização desse impresso, Hairston inaugurava um novo tempo, revelando no “Boletim Informativo” os avanços e recuos, as lutas e as vitórias e o compromisso que aquela instituição tinha com a formação das moças batistas. O prospecto continuou a ser publicado. O mais antigo que está em circulação e era encontrado nos arquivos da instituição referiu-se ao ano de 1946. Esse impresso circulava anualmente mantido pelo ETC/SEC, não tendo sido encontrados os nomes dos colaboradores.

O impresso pedagógico é uma fonte de pesquisa de muita importância, por meio do qual é possível compreender “a história da educação, o cotidiano educacional e escolar [...], o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social” <sup>678</sup>. Partindo das idéias de Carlos Henrique de Carvalho, passamos a analisar aquele corpus documental. Observamos a presença do Anuário e da Revista de senhoras<sup>679</sup>, também empenhados na disseminação do ideário de Martha Hairston. Todo o movimento de reestruturação acadêmica, econômica, administrativa, religiosa, curricular; as insígnias, os corpos docentes e discentes, funcionários e práticas pedagógicas estavam presentes nesses impressos.

Ao realizar o mapeamento dos impressos, percebe-se que os prospectos tratavam dos assuntos acadêmicos, tais como: as ementas dos cursos, o calendário acadêmico, a participação da Junta Administrativa, o quadro de professores e funcionários, os trabalhos de campo, o currículo/disciplina, as práticas avaliativas (atribuições de notas, cômputo de médias, notas de aprovação, segunda chamada), equipamentos, bolsas de trabalho, bolsa de estudo, excursões, cursos e especializações.

O boletim informativo deu visibilidade às orientações vindas do gabinete da reitora – diretora –, ao programa social e religioso, às atividades pedagógicas, ao calendário acadêmico, às ofertas de Educação Feminina, ao trabalho da Casa da Amizade, às festas sociais e recreativas, ao sistema de bolsas de estudos, à matrícula do ano, às atividades da Sociedade de Moças, às homenagens às ex-alunas, ao programa de férias das alunas, às notícias dos campos missionários, aos corpos docente e discente do ano, à Junta Administrativa, ao dia das ex-alunas, aos congressos e às excursões.

Hairston tinha consciência de que os problemas existentes no campo da educação, da saúde e da moradia no Brasil seriam resolvidos pelo poder público. Os governantes

---

<sup>678</sup> CARVALHO, Carlos Henrique de. **República e imprensa**: as influências do positivismo na concepção de educação do professor Guimarães; Uberabinha, MG 1905-1922. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.p.53.

<sup>679</sup> Estas escrituras estiveram sob a responsabilidade da UFMBB, que servia como veículo divulgador do trabalho feminino no Brasil. A revista de senhoras mantinha viva a presença das escolas de formação das moças batistas.

precisavam criar políticas públicas para diminuir as desigualdades. Mesmo assim, Martha Hairston colocou em prática seu ideário, que estava permeado de práticas civilizatórias<sup>680</sup>. Esses dispositivos estão presentes nos prospectos dos anos de 1972 e 1973. Entre eles estava o enaltecimento do patriotismo.

Martha Hairston usava a imprensa periódica e os impressos pedagógicos para conscientizar as igrejas da necessidade de manter a instituição preparando moças para o trabalho no campo da educação religiosa, do serviço social e da música sacra. Para legitimar seu projeto, a UFMBB reconheceu a importância do SEC como locus de difusão da educação feminina dos batistas brasileiros.

Percebe-se também que esses periódicos estavam intrinsecamente ligados ao movimento de evangelização, apoiavam a campanha contra o analfabetismo e confirmavam que o propósito e o programa do SEC destinavam-se exclusivamente à educação feminina dos batistas, tornando-se pilares desse projeto educacional.

#### **4.4. O Jornal Batista e a valorização do corpo docente do SEC**

A imprensa periódica e os impressos pedagógicos alimentavam esse espaço para conscientizar as igrejas da necessidade de manter a instituição preparando moças para o trabalho no campo da educação religiosa, do serviço social e da música sacra. Para legitimar seu projeto, a União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB) reconheceu a importância do SEC como locus de difusão da educação feminina dos batistas brasileiros. Percebe-se também que esses periódicos estavam intrinsecamente ligados ao movimento de evangelização.

O SEC crescia e juntamente com ele, o corpo docente. O seu quadro era preenchido com professores qualificados e comprometidos com a educação feminina batista, dedicando-se ao trabalho acadêmico, atendendo às quatro áreas de especialização nos currículos.

---

<sup>680</sup> Entre as práticas que são consideradas nesta pesquisa como civilizatórias estão os exames de saúde, prevenção de doenças – exames de fezes, radiografia –, o cuidado com o corpo – acordar e dormir na hora certa, o descanso entre as atividades, os costumes, a forma de trajar-se e como se comportar à mesa, no salão nobre e na sala de aula –.

Os professores do SEC cumpriam sua função, que era instruir e educar, antevendo uma educação de qualidade, na perspectiva de ter em seus quadros moças preparadas para ajudarem na organização da igreja e na divulgação do evangelho.

Quadro 32- Demonstrativo dos docentes do SEC por ano de admissão.

Ano	Nacionalidade		Número de professores
	Brasileira	Norte-americanos	
1953	07	08	15
1954	03	01	04
1955	03	04	07
1956	03	03	06
1957	05	02	07
1958	-	02	02
1959	02	01	03
1960	01	-	01
1961	02	02	04
1962	04	02	06
1963	04	01	05
1964	08	03	11
1965	05	01	06
1966	01	03	04
1967	02	-	02
1968	02	01	03
1969	01	-	01
1970	02	-	02
1971	02	-	02
1972	01	01	02
1973	06	-	06
1974	07	-	07
1975	02	02	04
1976	02	-	02
1977	01	01	02
1978	03	-	03
1979	01	-	01
Total	80	38	118

MEIN, Mildred Cox. Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1967,p.p.149-152.; Ata da Congregação dos Professores do SEC no período de (1953-1979); do Livro de Presença do Corpo Docente do ano de 1976. Acervo do SEC.

Quando Martha Hairston assumiu a direção da instituição contou com a presença de 15 docentes. À medida que aumentava a demanda, contratavam-se novos professores. Desta forma, uma equipe foi sendo formada. A Congregação dos

professores – como chamavam – era composta por pastores, missionárias e missionários, professores e ex-alunas com graduação, especialização, mestrado e doutorados. Enfim, durante os 27 anos de trabalho, em que Martha Hairston foi diretora, esta pôde contar com 118 profissionais nas diversas áreas do conhecimento.

O SEC mantinha em seus quadros uma equipe de professores capacitados. Havia substituição quando existia transferência de estado ou de país, doença, estudo ou quando não atendia ao regimento interno. Neste caso, a vaga era ocupada por outro profissional. Ábia Figueiredo, coordenadora pedagógica, feliz com o que estava posto aos seus olhos, “agradece a cooperação dos professores na assiduidade, nas salas de aula, na pontualidade e observância do horário das provas”<sup>681</sup>, ou seja, no cumprimento dos seus deveres. A seriedade da equipe cooperava para o desenvolvimento da instituição. Martha Hairston investiu na formação da sua equipe. No folder do Jubileu de Brilhante constava a formação dos professores que compunham o quadro da ETC/SEC.

Para a realização de uma obra de dimensão tão grandiosa contamos com a participação efetiva e responsável de um corpo docente qualificado. O SEC possui no seu quadro, doutores em Educação Religiosa, Música Sacra, Teologia e Ministério Social Cristão, alguns Mestres nas diversas áreas, e os demais além da habilitação ministerial, são graduados em Psicologia.<sup>682</sup>

A presença desses professores, portadores de formação e qualificação, ajudava a manter a credibilidade do SEC e sua expansão. Martha Hairston visava expandir e consolidar a instituição, na perspectiva de manter bons resultados e uma escola especializada em educação feminina.

O SEC é uma instituição protestante do ramo batista, divulgadora do evangelho. Os profissionais inseridos nesse projeto dedicavam sua vida ao trabalho, preparando moças para disseminar a Bíblia, as quais eram motivadas por algo subjetivo que apontava Deus como mentor. Desta forma, há indícios de que os professores

---

<sup>681</sup> ATA DO CORPO DOCENTE, 1974. p. 77.

<sup>682</sup> Folder do JUBILEU DE BRILHANTE: uma página da nossa história, ano 1967.

consideravam trabalhar no SEC algo grandioso e transcendente, mas sem esquecer sua materialidade e necessidade de crescer e manter seus compromissos e sustento.

Portador dessa concepção, o corpo docente era estimulado a continuar investindo na sua formação. O resultado foi positivo. Um número significativo de ex-alunas conquistou outra graduação; e após conclusão do curso, algumas ex-alunas foram promovidas, ministravam aulas ou assumiam funções correspondentes à sua graduação.

O Jornal Batista fez referência às estratégias de evangelização que deram visibilidade à instituição, referendando alguns aspectos da sua administração e seu envolvimento nas questões sociais e pedagógicas<sup>683</sup> em Pernambuco. Esse impresso documentou alguns momentos históricos da vida do SEC.

Quadro 33-O Jornal Batista divulga parte do programa do SEC (1953; 1964-1968)

Ano	Temáticas publicadas
1953	Martha Hairston – Discurso Inaugural
1964	Editorial, notícias da Escola de Trabalhadoras Cristãs, curso facultativo, formatura Texto sobre o primeiro Seminário para moça,
1965	Notícias da Escola de Trabalhadoras Cristãs, curso facultativo, festa de formatura
1966	Martha Hairston apresenta o programa do SEC Bolsa –Valdice de Queiroz – estimula novas missionárias, homenagem às ex-alunas
1968	Notícias do Brasil Batista – Miss. Onis Vineyard – vice; diretora do SEC, Peggy Pemble e Ida de Freitas – membros da Junta Administrativa

Fonte: O Jornal Batista

Arquivo: Seminário de Educadoras Cristãs.

#### 4.5. Os impressos e a atuação de Martha Elizabeth Hairston na Casa Formosa

Por ocasião da administração de Martha Hairston foi implantado o “boletim informativo”, e as publicações dos prospectos<sup>684</sup> foram mantidas. Esses impressos se constituíram em um espaço de circulação dos saberes acadêmicos. Os prospectos

<sup>683</sup> O JORNAL BATISTA, Seminário de Educadoras Cristãs, 1974.

<sup>684</sup> O periódico circulava trimestralmente. Faziam parte da redação (ou do seu corpo editorial) professores, funcionários e alunas. Com a organização desse impresso, Hairston inaugurava um novo tempo, revelando no “Boletim Informativo” os avanços e recuos, as lutas e as vitórias e o compromisso que aquela instituição tinha com a formação das moças batistas.

objetivavam subsidiar professores, alunos e funcionários residentes no SEC, oferecendo-lhes diversos elementos da cultura acadêmica.

Os prospectos e o Boletim Informativo tinham uma circulação interna e externa. O boletim informativo era caracterizado pelas notícias mais voltadas para o social, a vivência no internato e práticas pedagógicas, sem, no entanto, desvalorizar as questões acadêmicas.

O boletim informativo publicado anualmente abordava assuntos de cunhos pedagógico, social, espiritual, moral, cívico e financeiro. As festas do SEC eram anunciadas e visualizadas pela exposição de fotos e pela descrição feita pela redação ou por colaboradoras.<sup>685</sup> Esse impresso contribuiu para divulgar as iniciativas implantadas por Martha Hairston, abrangendo campos diferenciados.

---

<sup>685</sup>A partir do ano de 1965, passou a fazer parte do impresso o grupo responsável pela publicação do boletim. Os principais colaboradores foram: Martha Hairston, Ruth Meneses, José Almeida Guimarães e Luzinete Cunha.



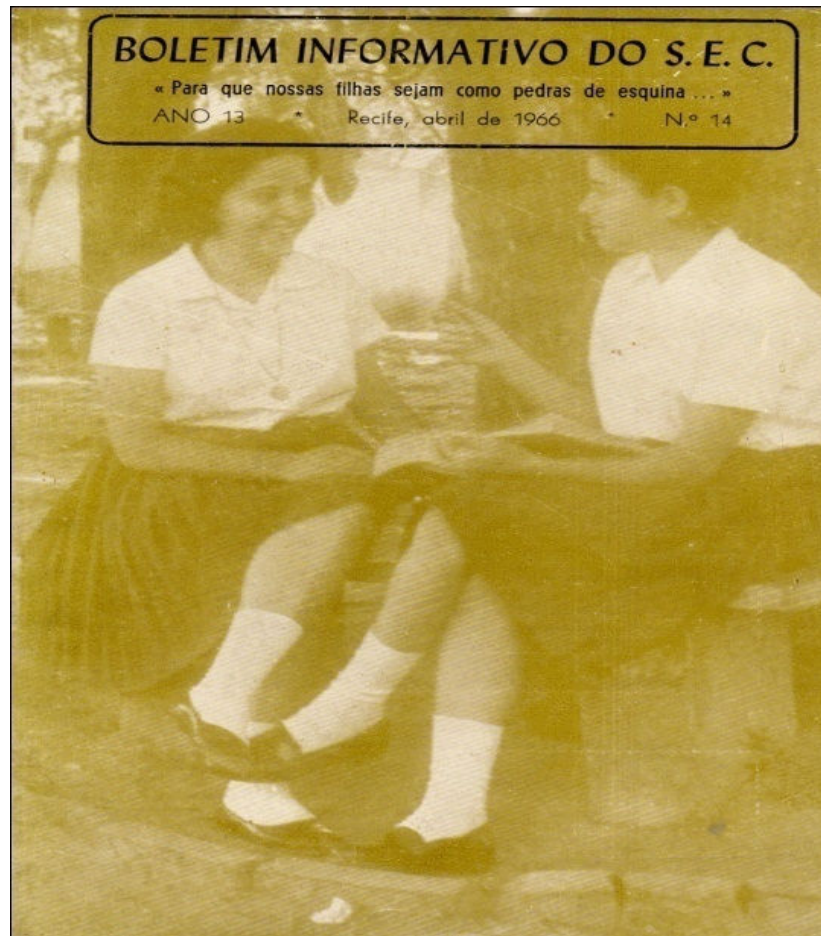


Figura 36- Boletim Informativo do SEC –1966  
Arquivo do SEC

O primeiro prospecto<sup>686</sup> da era Hairston encontrado nos arquivos do SEC reportava-se ao ano de 1956. Esse prospecto permitiu-me inferir que seu objetivo era orientar a comunidade acadêmica e legitimar o discurso religioso, além de incentivar as alunas a permanecerem firmes nos propósitos de fazer missões e evangelismo. Pensando assim, Martha Hairston contribuiu para a inserção desses conhecimentos na educação feminina dos batistas.

---

<sup>686</sup> No entanto, em 1946 (este foi o número mais antigo encontrado na documentação pesquisada do SEC) já circulava o primeiro prospecto da Casa Formosa, números 72-73.

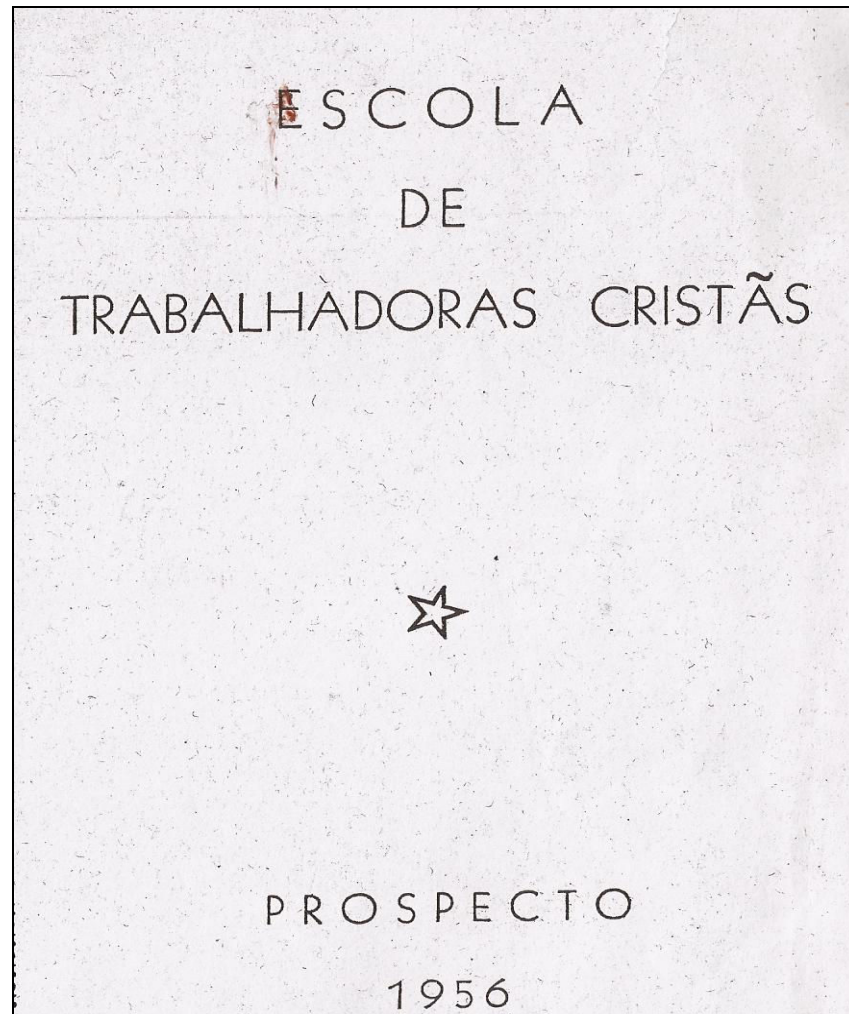


Figura 37– Prospecto, 1956  
Arquivo do SEC

Nas páginas dos prospectos ficou registrada a relevância da conscientização das SECistas sobre seus deveres e da necessidade de um crescimento espiritual. O impresso fez referência à disciplina revelando que:

A direção do SEC se esforça para oferecer um ambiente disciplinar favorável ao desenvolvimento do caráter de suas alunas. Tratando-se de uma instituição para môças que desejam preparar-se para servir à Causa, e que vêm de ambientes tão diversos e com princípios de educação tão diferentes, certos regulamentos são importantes e necessários para o cumprimento da finalidade a que se destina a Instituição. No início de cada ano escolar, o regulamento interno é

reavaliado pela direção e comissão do internato, antes de ser apresentado ao corpo discente para a devida consideração<sup>687</sup>.

O regulamento interno deveria ser respeitado pela aluna (que era observada diariamente), e seu descumprimento comprometia sua permanência. No artigo 101 do Regimento Interno constam os deveres da aluna:

1. Ser assídua e pontual no cumprimento dos trabalhos escolares e no comparecimento às aulas;
2. Acatar a autoridade dos professores, dos funcionários, técnicos e administrativos e da Reitora, dentro ou fora da sala de aula;
3. Tratar com urbanidade as colegas e todos que constituem a comunidade escolar;
4. Ter adequado comportamento social tanto na sala de aula como em qualquer dependência do SEC;
5. Respeitar a orientação do SEC abstendo-se de hábitos ou manifestações que firam essa orientação;
6. Participar responsavelmente dos trabalhos de uma ou mais igrejas evangélicas.

A preocupação de Hairston com o regulamento estava presente nas atas e nos impressos. Para cumprimento do seu ideário esses dispositivos eram de grande importância. Quando a aluna chegava à instituição a coordenadora de assuntos acadêmicos debatia todos os itens com a turma. A pontualidade, e o respeito, a responsabilidade deveriam ser observados. Faziam parte da cultura escolar implantada por Hairston. Sabe-se que no interior da instituição nem sempre o que está no regimento é obedecido como está prescrito.

Wenceslau Gonçalves Neto, ao analisar a legislação escolar, retoma o debate de Julia – “que se interessa pelas normas e pelas finalidades que regem a escola”<sup>688</sup> –, e chama atenção para alguns aspectos:

---

<sup>687</sup> Seminário de Educadoras Cristãs. Prospecto, anos de 1969-1970, p. 18

<sup>688</sup> JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, nº 1, jan/jun 2001, p.10.

Primeiro, que a legislação reflete, antes de mais nada, não a cultura da escola, mas a cultura da sociedade que a contém, mais especificamente, as representações dos grupos que detêm o poder na localidade e não uma proposta surgida no interior da escola, pela participação de seus agentes. No entanto, essa mesma lei representa também as expectativas, as representações que os legisladores têm sobre a escola e a tentativa, às vezes legítima, de colocá-las em prática pela via da regulamentação. Em segundo lugar, reafirmar que essas prescrições, apesar do poder de lei, não determinam necessariamente a forma do acontecer da educação no interior da escola, onde sofrem um conjunto de influências e enfrentamentos que transformam constantemente. Em terceiro lugar, lembrar que os setores submetidos também expressam e reivindicam a escola, embora seja mais difícil identificá-los na legislação ou nos debates<sup>689</sup>.

As leis tratadas no regulamento do SEC não deixam de ser uma exigência da sociedade. Compreende-se que para viver em grupo específico como essa instituição – com seu sistema de internato –, as normas são estabelecidas, inclusive para contemplar outros elementos da cultura escolar e os objetivos propostos por essa instituição.

No início do ano letivo, na data pré-estabelecida, as alunas chegavam ao SEC. Eram recebidas pelas colegas veteranas e pela a direção do internato. Nesse ínterim vivenciavam o cotidiano da instituição. A direção do SEC procurava proporcionar momentos de confraternização. Entre os pontos relevantes destacavam-se o convívio no internato e a observância às normas.

Nos prospectos estão registrados assuntos norteadores do periódico. O prospecto tinha uma periodicidade anual e era composto de 23 páginas encadernadas, com divisórias compreendidas por secções: Administrativa, Acadêmica, Finanças e Atividades Religiosas. Não trazia no seu bojo imagens nem publicidade, mas possuía conteúdo significativo para o SEC. Lançando um olhar panorâmico sobre essa publicação, observam-se os tópicos principais, itens e subitens, que estão dispostos no quadro a seguir:

---

<sup>689</sup> GONÇALVES NETO, Wenceslau. Cultura Escolar e Legislação em Minas Gerais: o município de Uberabinha no início da República. YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Cultura e história da educação:** intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 71.

Quadro 34 – Programa do SEC

Assuntos
Histórico do SEC
Calendário para o ano escolar
Insígnias: divisa, cores, hino
Junta Administrativa
Administração <sup>690</sup>
Corpo docente
Informações gerais: finalidade
Finanças: bolsas de estudos
Atividades religiosas, dias missionários, trabalhos práticos (as igrejas, na Casa da Amizade, itinerância, biblioteca, programa de saúde, disciplina, programa geral do dia)
Base para aceitação de alunas, currículo

Fonte: Prospectos do ano de 1956. Arquivo: Seminário de Educadoras Cristãs

Ao analisar o prospecto do ano de 1960, percebe-se que novas temáticas foram inseridas sem comprometer a organização inicial. As imagens do prédio – temática principal da propaganda – facilitavam o entendimento dos espaços existentes, do programa curricular implantado, dos tipos de atividades trabalhadas e como eram atendidas as SECistas nas questões de saúde.

<sup>690</sup> Pertenciam ao quadro administrativo: Martha Elizabeth Hairston, diretora (1953); Ruth Menezes, diretora interina (1956), diretora das atividades religiosas, Onis Vineyard, vice-diretora; Edith Vaughn, diretora da Casa da Amizade; Edehy Nogueira, bibliotecária e auxiliar no Internato; Áurea Paz, secretária; Amorim Garcia, médico; Olga Lustosa, auxiliar no Internato. PROSPECTO. ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS PROSPECTO, Recife: Gráfica Editora Santa Cruz, 1956, p.10.



Figura 38: Fachada do SEC-Arquivo do SEC

Em 1963, o trabalho da Casa da Amizade <sup>691</sup>, as excursões das formandas, a vida social, as saídas das alunas, o programa de orientação (oferecido no início do ano letivo) e designação das premiações passaram a ser conhecidos pela comunidade acadêmica.

---

<sup>691</sup> No dia 23 de junho de 1956 foi inaugurada a Casa da Amizade, localizada na Rua Prof. Othon Paraiso, 132. O início do trabalho foi anunciado no boletim informativo. Conforme Ycléa Cervino, “a propaganda foi feita através de três Escolas Populares no mês de fevereiro, em diferentes locais e com a assistência de mais de 300 crianças [...]. Temos hoje, princípio de abril, em funcionamento: 6 classes de principiantes, 7 de primários, 10 de juniores, 3 de moças, 5 de rapazes, 4 de mães e uma de alfabetização para senhoras”. CERVINO, Ycléa em **Boletim Informativo da ETC**, maio de 1957, p. 3.





Figura 39- Edith Vaughn, 2012.  
Acervo de Peggy Pemble

Edith Vaughn foi a primeira diretora da Casa da Amizade. Esta instituição serviu de campo de estágio para as SECistas. Para ajudar nas atividades, a instituição contou com a presença das estudantes da ETC<sup>692</sup> e do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (STBNB). Os jovens dedicavam-se à ministração das aulas nas classes, nas visitas evangelísticas e nos cultos. Estes fatores favoreceram – através dos anos – o crescimento da Casa da Amizade. Cervino relata que a “matrícula alcançou 567 em 1957, com excelente frequência de 400 semanalmente”<sup>693</sup>.

Em 1965, Martha Elizabeth Hairston criou uma seção no boletim informativo intitulado “Do Gabinete da Diretora<sup>694</sup>”. Os assuntos abordados contribuíram para o

<sup>692</sup> Participaram dessas atividades “24 etcistas e 5 seminaristas, entre outras pessoas”. CERVINO Ycléa em **Boletim Informativo** da ETCistas de 1957, p.3.

<sup>693</sup> CERVINO, Ycléa em **Boletim Informativo da ETC**, maio de 1957, p. 3.

<sup>694</sup> Nesta seção são discutidos o cuidado de Deus para com as moças, o ensino que o SEC oferece e a formatura. Orienta sobre a nova vida que terão no campo (missionário) de trabalho, orienta para ser vigilante, avaliar sempre seu trabalho, acompanhar o progresso do trabalho batista, alerta a aluna para

crescimento das SECistas. Entusiasmada com o desenvolvimento do SEC, passou a mencionar seus avanços nos boletins e nos prospectos.

Em 1966, são descritos os edifícios construídos por Martha Hairston e anunciada a sua funcionalidade.

O SEC funciona em prédios modernos e adequados. O edifício residencial, de três andares, é provido de quartos amplos e arejados. □req estão localizados o salão nobre, salas de visitas, de jogos, de costura, de trabalhos manuais, refeitórios e cozinha. Há uma enfermaria equipada para ocorrer as alunas em caso de doença e apartamentos para funcionários. Acaba de ser construída uma extensão do internato, sendo este novo prédio de três andares, ligado ao já existente. Nesta nova construção, além dos dois andares que servem de dormitórios para alunas e funcionários, há duas salas de aulas no andar térreo, cuja parede é removível, e que são adaptadas para o salão de festas. No edifício de administração estão: secretarias, salas de aulas, bibliotecas, gabinetes da diretora, deã e professores. Noutro prédio ao lado há salas à prova de som para o estudo de música, lavanderia e apartamentos para funcionárias. O prédio da Casa da Amizade é próprio, localizado no bairro da Encruzilhada que fornece ampla oportunidade para treinamento das moças no serviço à comunidade.<sup>695</sup>

Os prospectos passaram a ser lócus de propaganda do SEC, revelando sua localidade, fazendo menção à estrutura e ao ensino prático. A finalidade era alcançar as moças batistas que se sentia vocacionadas para o trabalho religioso. Os prospectos acoplados a essa publicidade faziam referência à biblioteca, que na época possuía um acervo de quatro mil livros.

As matérias escritas por Hairston abordavam as seguintes temáticas: nomeação das alunas para as missões mundiais e nacionais; os cursos oferecidos pelo SEC, compartilhamento das experiências adquiridas nos campos de trabalho das ex-alunas; lições de vida; o propósito dos seminários teológicos; cursos que serão implantados, cursos de especialização, serviço de orientação; campanhas de evangelização; homenagem às ex-alunas; chegada de novos docentes; centenário dos batistas; cartas

---

manter-se atualizada, manter-se atenta aos cursos que o SEC oferecia, incentiva a aluna a permanecer firme na sua decisão

<sup>695</sup> PROSPECTOS, Seminário de Educadoras Cristãs de 1966-1967. p.12



para Hairston; a participação dos alunos no trabalho evangelístico e as férias das SECistas. Os textos escritos por Hairston todos os meses compunham os prospectos, jornais e boletim informativo. No entanto, é como diz Chartier, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”<sup>696</sup>. Caso contrário, tornam-se letras mortas.

Para as SECistas, as férias se constituíam num período de aprendizagem e aquisição de novas experiências. Os ensinamentos adquiridos eram praticados quando as atividades acadêmicas entravam em recesso. O trabalho de férias se concretizava após a oficialização de um convite. O programa vai se descortinando, a partir do momento em que a secista testemunhava sobre o trabalho realizado.

Durante as férias, no fim de cada ano, as alunas têm o privilégio de fazer o trabalho de itinerância nos vários campos do norte, sob a direção da União Geral de Sociedades de Senhoras e Moças ou do Departamento de Escolas Dominicais e União de Treinamento da Convenção Batista Brasileira.<sup>697</sup>

Nas férias, as alunas viajavam para desenvolver trabalhos religiosos em outros Estados ou na igreja à qual pertenciam. Era a Escola Bíblica de Férias (EBF) onde as crianças se reuniam em classe, durante três a cinco dias, para ouvir histórias da Bíblia, realizavam trabalhos manuais, cantavam e brincavam. Os prospectos dão transparência aos planos de Hairston. O currículo é um dispositivo abrangente, pois incluía toda a parte acadêmica, social, religiosa e, enfim, as práticas cotidianas do SEC. Citam-se os relatos das experiências:

Sob o tema “Viagem à Antiga Palestina”, 16 secistas também viajaram, levando às igrejas espalhadas na capital e interior pernambucano a mensagem e o ensino da Bíblia. Mais uma vez as bênçãos foram multiplicadas na experiência de cada uma. O resultado em números dá uma idéia: Em 23 cidades percorridas, realizaram 16 Escolas Bíblicas de Férias e 23 estudos, relacionados com o curso de Estudos e Bibliotecas da JUERP. E 69 crianças decidiram entregar suas vidas a Jesus. Assim somos gratos a Deus e ao Departamento de Educação Religiosa da Junta Evangelizadora de Pernambuco que nos

<sup>696</sup> Cf. CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1999, p. 16.

<sup>697</sup> PROSPECTOS, Seminário de Educadoras Cristãs, 1955. p.15.

deu essa oportunidade de aplicarmos nas férias aquilo que recebemos durante o período escolar no SEC<sup>698</sup>. (Ana Maria Monteiro).

Tivemos um grupo de 750 crianças em nossas EBFs e um bom número de pessoas assistiu aos estudos feitos às noites. Houve um jovem que, apesar de morar perto de uma igreja evangélica, nunca havia entrado em um templo evangélico e também nunca havia lido a Bíblia. Ofertamos-lhe uma Bíblia, e temos orado por ele. Esse jovem, agora vai sempre à igreja e lê a Bíblia com muita espontaneidade<sup>699</sup>. (Ana Maria Monteiro)

A EBF realizada pelas alunas reforçava os conteúdos estudados e dava visibilidade à instituição. O boletim informativo registrou nas suas páginas convívio no internato do SEC. Durante a semana, a vida acadêmica era intensa, com muito estudo e pouco lazer, uma vez que os horários pré-estabelecidos deveriam ser cumpridos. Mas com a chegada do final de semana, principalmente o sábado, a aluna aproveitava e exercitava seu corpo com jogos e passeios, conversava com os amigos e descansava. Entre as práticas estavam:

#### Quadro 35-Atividades desenvolvidas no SEC

Acadêmica	Religiosa	Social
Colação de grau	Secistas nas igrejas	Passeio à praia
Homenagem à ex-aluna	Trabalho na C.da Amizade	Voleibol
Recital de Piano	Dia de Educação Feminina	Jantar com os pastores
Premiação-Distintivo do SEC Broche	Noite de Gratidão	Banquete de formatura
Premiação-Bôlsa de estudo	Abertura Formal do SEC	Acampamento do SEC
Requerimento de Honra (maior nota)	Noite de arte (coral do SEC)	Banquete das primas (SEC X IBER)
Curso intensivo de férias	Reunião da Sociedade de Moças	-
Trabalho de Férias	Culto de Ação de Graças	-
Audição do conjunto de sinos	Lecções	-
Recital Instrumental	Conferências individuais	-
Recital dos professores de Música	Culto Matutino	-
	Culto nos Quartéis	-
	Culto da Páscoa	-

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO (1958 -1977). Arquivo do SEC

<sup>698</sup> Boletim Informativo Seminário de Educadoras Cristãs, 1971, p.22.

<sup>699</sup> Boletim Informativo Seminário de Educadoras Cristãs, 1971, p.22.

#### 4.6. Projetos de Martha Hairston foram difundidos na imprensa

Os prospectos e o boletim informativo davam visibilidade aos planos de Hairston. A educação oferecida ajudava a aluna no desempenho das tarefas nas Escolas Batistas, nas Casas da Amizade, como missionárias, enfermeiras, nos hospitais, nos ministérios de música e na igreja. As notícias chegavam de todas as regiões do Brasil comunicando a Hairston as experiências adquiridas pelas SECistas. Léa Marques Paiva testemunhou os benefícios do SEC na sua vida e para o seu trabalho:

É normal na vida de cada ex-aluna, obreira em serviço, sentir de perto o valor do ensino recebido no SEC. As responsabilidades assumidas nos diversos campos de ação fazem-nos pôr em prática o que aprendemos. Trabalho no Centro da Amizade, em Aracaju. Através das atividades que aqui desempenho, sinto-me feliz, pois a contribuição que o SEC me ofereceu é marcante em minha vida!<sup>700</sup>

Para evolução da instituição, Martha Hairston, como diretora do SEC, elaborava várias estratégias e projetos, intencionando ajudar no crescimento das alunas, das igrejas e da própria instituição.

Quadro 36-Projetos elaborados por Martha Hairston

Idealizou o Livro Casa Formosa, escrito por Mildred Cox Mein
Homenagem às ex-alunas do ano (que se dedicaram à Causa do Evangelho)Dourtor,Olúsiva
Série de biografias-Pedras Lapidadas, autora, Ida de Freitas
Implantou cursos superiores e especialização
Revalidação do curso
Acesso à Universidade de Filosofia de Recife sem vestibular (portadora de diploma)
Fundou a Casa da Amizade
Criou a sala de recursos audiovisuais
Mudança de nome: Escola de Trabalhadoras Cristãs para Seminário de Educadoras Cristãs
Criou o boletim Informativo
Gravou dois discos de vinil
Ampliou a biblioteca
Ampliou o quadro de professores

<sup>700</sup> BOLETIM INFORMATIVO, SEC. Recife: 1974, p.14.

Programa de Saúde
Projeto Casa Aberta (continuidade)
Jantar dos pastores
Clube de Inglês
Excursão
Culto nos quartéis
Organizou os conjuntos de sinos: SECtons, SECsom
Almoço Campal
Projeto aerograma

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO, SEC. Recife: 1974, p.14.

Martha Hairston utilizou o prospecto para tornar públicas as verbas enviadas pelas igrejas para o sustento do SEC, uma vez que esta instituição era mantida pelas ofertas orçamentárias advindas de alguns estados do Brasil e UFMBB. Ao mapear os prospectos, foi possível perceber os assuntos abordados e as preocupações reveladas por esses periódicos. Vejamos os dados do quadro a seguir:

Quadro 37-Temas discutidos nos prospectos da ETC/SEC

Ano	Acadêmicos	Administrativos	Trabalhos Práticos:	Financeiros
1956 1960	Calendário Divisa, Cores, Hino Histórico, Biblioteca, Descrição das Matérias Notas de Aprovação e Cômputo de Médias Matrícula	Junta Administrativa Administração Corpo docente Aceitação de alunas Disciplina Programa do Dia Programa de Saúde Internato Finalidade da Escola Vida Social	Igrejas  Casa da Amizade  Itinerância  Biblioteca	Mensalidades Bolsas de Estudos   Equipamento
1963	Atribuição de Notas: Cômputo de Médias Notas de aprovação Segunda Chamada, Segunda época Excursão das Formandas Homenagem Prêmios	Enxoval sugerido Bolsa de Estudo	-	
1966- 1967	-	-	Bolsa de Trabalho Hora de Crédito	-
1969-	-	às aulas	-	-

1970				
1972-1973	Orientação Aulas de Patriotismo Estudo de Problemas Brasileiros e a Herança Cultural	-	-	-

Fonte: Prospectos 1956-1973. Arquivos do Seminário de Educadoras Cristãs

O prospecto serviu como guia para as SECistas. Constituíam-se em instrumento de incentivo aos estudos, à disciplina e à determinação. Diante do seu discurso estavam presentes a valorização e a aquisição de boas notas.

O boletim informativo divulgava notícias, atividades e agradecimentos às instituições pelas ofertas voluntárias enviadas e relatório.

Quadro 38- Ofertas enviadas para o SEC – dezembro de 1958 a novembro de 1959

Campos	Ofertas Orçamentárias	Educação Feminina	Totais
Alagoano	8.699,90	10.328,00	19.027,90
Amazonense	7.916,00	9.196,00	17.112,00
Baiano	3.146,00	46.664,00	49.810,60
Cearense	4.200,00	3.400,00	7.600,00
Maranhense	-	1.900,00	1.900,00
Norte Riograndense	-	2.260,00	2.260,00
Paraense/Amapaense	-	1.830,00	1.830,00
Paraibano	2.443,20	10.923,00	13.366,20
Pernambucano	89.348,70	48.843,70	138.192,40
Piauiense	3.250,00	13.620,00	16.870,00
000Sergipano	3.185,20	7.500,00	10.685,20
Sertanejo	6.020,00	3.229,00	9.249,00
Total das Ofertas	Cr\$ 128.209,60	Cr\$159.693,70	Cr\$287.903,30

Fonte: SEMINÁRIO DE EDUCADORAS CRISTÃS. Boletim Informativo. Ano 7, Recife: maio de 1960, nº 9.

O plano orçamentário do SEC abrange as seguintes modalidades: “O que as alunas pagam para pensão, mais as ofertas das igrejas têm que ser igual à despesa que a instituição tem com pensão. É determinada a anuidade cobrada das SECistas”<sup>701</sup>. A quantia paga por cada aluna interna é insuficiente para suprir as despesas do SEC, tornando-se necessário recorrer às ofertas do Dia de Educação Feminina e a outras ofertas anteriormente citadas.

<sup>701</sup> Seminário de Educadoras Cristãs. BOLETIM INFORMATIVO, 1960. p. 7

Quadro 39 -Listagem dos assuntos inseridos nos Boletins Informativos da Casa Formosa por setor

Temáticas abordadas			
Acadêmico	Administrativo/ Financeiro	Trabalho Prático	Internato Festas
Abertura formal	Do gabinete da diretora Excursão da turma	O setor de Assistência Social	Jantar dos pastores
Ex-alunas aprovadas no vestibular	O setor Educação	Ecos do trabalho de férias.	Excursão da turma
Formatura	O setor de Religiosa informa	Alunas que foram nomeadas para os campos	Sociedade de Moças Jane Soren
Cursos de aperfeiçoamentos	O Setor de Música Sacra informa	Casa da Amizade	-
Matrícula 1943-1960	O Setor de Música Sacra informa	Estágios das secistas	-
Calendário acadêmico	O Setor de Assistência Social Religiosa informa	Igrejas nas quais as secistas cooperavam	-
-	Notícias das ex-alunas: noivados, casamentos, nascimentos, falecimento	-	-
-	Viagens da diretora ou Férias	Recital de Música Clássica e Sacra	
-	Ofertas Educação Feminina	Salas de estudo de piano	-
-	Alvo para 1960	-	-
-	Bolsas que abençoam	-	-
-	Homenagem póstuma às ex-diretoras	-	-
-	Bolsas que abençoam Ofertas orçamentárias	-	-
-	Homenagem à ex-aluna Ruth Meneses	-	-
	Nota social	-	-
-	A diretora responde Junta Administrativa	-	-

Boletim Informativo – 1958-1972. Acervo- SEC

Alguns desses dispositivos acompanhados de gráficos, imagens e figuras ilustrativas. Os assuntos tratados nesse impresso foram: Casa da Amizade, lista das ex-alunas que contribuíram para a bolsa Valdice de Queiroz; notícias dos professores e alunas do SEC; Casa Formosa (homenagem de uma formanda, Junta Administrativa, culto de páscoa, integrando para melhorar (pastores e esposas no SEC), departamento de música – houve audição do coral –, um ano na Casa Formosa – depoimento –, SECistas em férias; visita missionária – entrevista –, uma reforma para o futuro.

Após conclusão do curso, a SECista seguia para o seu campo de trabalho. A ex-aluna podia servir em “Educação Religiosa, Música Sacra, Ministério Social Cristão da Igreja,

Quadro 40 – Relação das ex-alunas que foram missionárias da Junta de Missões Nacionais.

Missões Nacionais	
Altamira de Alencar Pimentel	Inácia Coleta
Angelina Pereira Leitão	Isá Alves Oliveira
Claudete Pereira Lima	Gizelda Brandão de Araújo
Débora Teixeira Pinto	Jocenita Tenório
Dora Dutra Brito	Ligia Santos Nascimento
Demilda Nunes	Maria Barbosa dos Santos
Décia Barbosa Machado	Maria do Carmo Cunha Marques
Diana Maria Bonfim Minho	Maria Lima Lopes
Eliane Silveira Barreto	Marta Maria Batista Silva
Eunila Frutuoso	Maria Berenice Andrade
Enice Jacobina de Araújo	Neide de Oliveira
Enilce Azeredo	Noemia Fidelis de Moura
Eliete Alves de Moraes	Penina Ferreira Lima
Rute Moura	Raimunda Pereira Lima
Rute Martins	Ruth Gomes Pessoa
Salomé Correia de Melo Costa	-
Missões Mundiais <sup>702</sup>	
Ana Maria Lemos Monteiro Wanderley	Maria Ivonete da Costa Lopes
Albertina Ramos da Silva	Maria de Lourdes Fernandes da Silva
Décia Barbosa Machado	Noemia Tavares
Jailce Silveira Santos	Olinda Silva Abreu

<sup>702</sup> Cf. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs** (1917-1967). Recife: 1967, pp.149-152. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira; OLIVEIRA, Edelweiss Falcão de. **Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Convicção, 2008.

Milzede de Moura Barros	Valnice Milhomens Coelho
-------------------------	--------------------------

Fonte: Lista de missionárias enviada por Léa Marques Paiva, Maria Berenice Andrade e Cleonice Maria Macedo em 16.05.2013. Arquivo das ex-alunas.

As SECistas que conquistavam bons resultados e melhores notas eram estimuladas a permanecerem nesse nível. Os prêmios oferecidos pelo reconhecimento obedeciam a escalas de valores: bolsa de estudo e distintivos (símbolos do SEC), além de manter seu nome em destaque nos impressos.

Martha Hairston desenvolvia seu trabalho não apenas na área acadêmica, como também se envolvia na evangelização do povo. Vislumbrava um preparo integral, através do qual a aluna, ao concluir sua formação, estaria preparada para fazer parte do quadro de obreiras. Com essa mentalidade e firmeza de propósito perseguiu seus objetivos. Aproveitou as oportunidades. Defendia a concreticidade do ensino e apontava para uma aprendizagem contínua que favorecesse um aperfeiçoamento nas diversas áreas. Lídice Feitosa anunciou como aconteceu esse movimento: prática versus teoria. Os ganhos adquiridos contribuíram para maior compreensão de como se dava a aprendizagem, a sua apropriação e aplicação no seu trabalho. Dessa forma, relatou:

Em colaboração direta com a Junta Executiva da Convenção Batista Pernambucana, o SEC participou da realização dos cultos cívico-religiosos nos quartéis por ocasião das comemorações à semana da Pátria. Pela 5ª vez consecutiva foi responsabilidade do SEC colaborar com o programa e coordenar o trabalho. As alunas integrantes dos corais SECtons e SECsom participaram do programa, formando as equipes musicais que iam aos quartéis e por seus cânticos harmoniosos, pela mensagem falada e distribuição das Escrituras Sagradas, o Salvador foi apresentado aos que defendiam a nossa pátria.<sup>703</sup>

As ações realizadas por Hairston favoreceram seu projeto. Martha tornou-se responsável pelas atividades desenvolvidas no mês de setembro – semana da pátria –, em Recife, tornando-se uma prática entre os batistas pernambucanos. A programação era de cunho evangelístico, e sua organização se dava com antecedência. Nas datas

<sup>703</sup> Anuário da União Feminina Missionária. Rio de Janeiro: 1975, p. 8-9.



cívicas, os militares permitiam a entrada das alunas do SEC nos quartéis. A aluna Miriam Feliciano relatou como aconteciam os cultos nos quartéis:

Perdendo aulas, comendo às pressas, suando com a alta temperatura de setembro, porém vibrando, felizes com os resultados e ante a informação – ‘este ano teremos muito mais Unidades do que nos outros’ participamos da programação nos quartéis, em 1972. Nunca havia sido feita uma experiência dessa natureza, até que o SEC se dispôs a colaborar em tudo e com tudo o que podia, e o êxito tem sido cada vez maior. Ao contrário do que se imagina de militares: homens severos, secos, mecânicos, encontramos em cada Unidade Militar, comandantes cordiais, delicados, amigos e, mais ainda, fomos tratadas como visitantes de honra. A receptividade em quase todos os quartéis nos surpreendeu, provando mais uma vez que “as Portas Abertas” nos apontam um desafio. E os Batistas do Recife, representados pelo SEC e alguns pastores e diáconos, aceitaram o desafio, e a cada ano aumenta o número de Unidades a serem atingidas. Os cultos são realizados durante o dia, e, naturalmente, perdemos algumas aulas, mas recebemos tantas outras ministradas pelo nosso Grande Mestre, abrindo-nos os olhos para uma obra sobremaneira excelente – a evangelização dos militares [...]. Nos quartéis, os soldados se emocionavam com as mensagens musicais ou pregação da Palavra, e nós, integradas no SECtons (sinos), Madrigal ou outro conjunto vocal, muito mais, com a grande oportunidade providenciada por Deus e oferecida pelas autoridades militares. Mais de trinta Unidades Militares do Grande Recife foram visitadas e milhares de soldados e oficiais ouviram de Jesus e renovaram o convite para outros anos seguintes. O SEC está pronto para mais uma etapa e, com certeza, lançaremos a semente e colheremos frutos das sementes dos anos anteriores. É nossa oração que o mesmo Deus que tornou possível esta programação já por três anos, guie mais uma vez os grupos que integrarão a EQUIPE BATISTA DO RECIFE (é assim que somos apresentadas pelos oficiais aos soldados) nas comemorações pátrias de agosto a setembro, no ano de 1973.

Nesse depoimento percebe-se que o trabalho de evangelização realizado pelo SEC tinha boa receptividade – em quase todos os quartéis de Recife. Pelo dito, o projeto criado por Martha Hairston tinha a finalidade de disseminar não somente o evangelho, mas também a valorização do civismo. Com essa atividade, evocava-se a paz entre os homens e a valorização do ser humano. As SECistas adquiriram experiência e colocavam em prática os saberes aprendidos. Dois aspectos nos chamaram atenção neste movimento: 1. As portas se abriram para os batistas deixando transparecer uma ação desafiadora e um rompimento com a igreja católica. 2. Um espaço e poder junto aos

militares, colocando em prática seu projeto em mais de 30 unidades da Polícia Militar de Recife por anos a fio.

A Professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima apresentou aos seus pares o projeto que foi denominado de Centro Superior de Civismo<sup>704</sup> e que teve “a responsabilidade do hasteamento do pavilhão nacional às segundas-feiras, às oito horas da manhã”<sup>705</sup>. Esse Centro tinha a finalidade de despertar na aluna o amor à pátria e o respeito aos símbolos pátrios. O SEC compreendia que essa prática deveria ser discutida durante todo o ano letivo.

No ano de 1975, entre os projetos implantados na Casa da Amizade, estava o da Organização Visão Mundial<sup>706</sup>. A proposta consistia em ajudar mil crianças nas áreas consideradas críticas<sup>707</sup>. A proposta de adesão foi apreciada pela Junta Administrativa, que, depois de discutir, aceitou o assunto, com a seguinte ressalva: “concordamos nos termos deste acordo, enquanto o programa corresponder aos princípios da Casa da Amizade”<sup>708</sup>.

No ano de 1977, a Junta de Richmond propôs outro projeto para a Casa da Amizade, contemplando cinco itens globalizantes, na perspectiva de atender às necessidades existentes. Os pontos estão assim relacionados:

---

<sup>704</sup> “Por solicitação da reitora, a Profª Lídice Feitosa anuncia a organização do Centro Superior de Civismo que tem como presidente a aluna Berenice Rocha. Livro de Atas do Corpo Docente do SEC, 9 de março de 1973.”

<sup>705</sup> Livro de Ata da Junta Administrativa do SEC. 1977. p.63.

<sup>706</sup> Organização Mundial de Saúde e a Organização Internacional do Trabalho. É a primeira ONG de apadrinhamento humanitário de crianças no mundo, com quinze milhões de crianças apadrinhadas. A World Vision prefere transmitir e ensinar competências em vez de bens materiais, a fim de permitir às pessoas beneficiadas tornarem-se autônomas. Na ajuda ao desenvolvimento de longa duração, a World Vision tem experiência em quatro domínios principais: acesso à água potável, alimentação, educação e saúde. A ONG vem igualmente no domínio da urgência humanitária, como distribuidor do Programa Alimentar Mundial da ONU.” Disponível em [http://www.wvi.org/wvi/about\\_us/who\\_we\\_are.htm](http://www.wvi.org/wvi/about_us/who_we_are.htm)

<sup>707</sup> Edith Vaughn relata “o problema existente entre as crianças da Casa Amizade é quanto aspecto físico das mesmas”. Ata da Junta Administrativa do SEC. 1975, p.70.

<sup>708</sup> Martha Elizabeth Hairston e Ariete Martins Rodrigues Baptista (diretora e presidente da Junta Administrativa respectivamente). Ata da Junta Administrativa do SEC. 1975, p.70.

<sup>708</sup> Ata da Junta Administrativa do SEC. 1975, p.70.

O Projeto tem a duração de 5 anos, para crianças na idade escolar, que estão matriculadas na Casa da Amizade, a fim de obter material escolar. A verba será destinada para mil crianças, recebendo Cr\$ 300,00 cada mãe, para adquirir o material escolar, e caso a mãe não seja capaz de providenciar, a própria Casa da Amizade fará. Projeto nº 1, também atingirá 300 pessoas, com Cr\$ 500,00. 2º Projeto – para alimentação-adquirir produtos alimentícios por 1 ano, Cr\$ 75,00 por família, sendo 600 famílias beneficiadas num total de Cr\$540.000,00. 3º Projeto-pedido de mil dólares, para documentação de pessoas que estão necessitando para emprego. O projeto será de um ano. 4º projeto- pedido de 5 mil dólares para conserto de casas pobres, com a finalidade de melhorar a habitação. 5º projeto-é o pedido de roupas usadas para serem distribuídas às pessoas necessitadas: 200 para bebês 300 para crianças de 4 e 5 anos, 400 para crianças de 6, 7 e 8 anos, 400 para adolescentes meninas e meninos, 500 para mães, 300 para homens.<sup>709</sup>

Essa alternativa pensada pela Junta de Richmond beneficiou a um grupo de pessoas pobres que inevitavelmente precisavam ter acesso aos bens de consumo. Para além desse aspecto, a localidade onde a instituição estava inserida demandava cuidados materiais e espirituais. Essa estratégia usada aproximou as pessoas da Casa da Amizade, dando-lhes oportunidade de conhecer a mensagem do evangelho. O órgão mantenedor da Casa da Amizade foi a Junta de Richmond.

Os prospectos faziam menção aos assuntos voltados para a vida acadêmica, a Casa da Amizade e as festas. Neste espaço era apresentado o programa da Casa da Amizade, os relatórios constando as estratégias usadas para a evangelizar a comunidade como: os cultos, visitas e estudos bíblicos nos lares, evangelismo pessoal, ensino nas classes bíblicas, palestras e conferências.

---

<sup>709</sup> Ata da Junta Administrativa do SEC. 1975, p.70.

Quadro 41 – Assuntos discutidos nos Prospectos

Ano	Assunto
1956 <sup>710</sup>	Calendário, insígnias (divisa, cores, hino), Histórico, Junta Administrativa, corpo docente. Trabalhos práticos (nas igrejas, na Casa da Amizade, itinerância, biblioteca, programa de saúde, disciplina, programa geral do dia. Informações gerais (finalidade da escola, finanças, bolsa de estudos, atividades religiosas, dias missionários). Base de aceitação de alunas-curso de Bacharel em Educação Religiosa, preparatório e facultativo. Currículos, aprovação, cômputo de médias, matrícula.
1960	Calendário, as insígnias, Junta Administrativa Administração, corpo docente, informações gerais, cursos e descrições das matérias.
1963	Cursos de Bacharel em Educação Religiosa, Música Sacra, Serviço Social Religioso, <sup>711</sup> curso Pedagógico e Religioso, curso para Leigas, equipamento, excursão das formandas, finanças, homenagem, internato (disciplina, enxoval sugerido, programa do Dia, saídas, trabalho doméstico, vida social), orientação, prêmios, programa de saúde, propósito, sede, vida religiosa.
1964	Do Gabinete da diretora, abertura formal, Educação Feminina, Sociedade de Moças, As Secistas e o trabalho nas igrejas, Sociais (banquete), Recital de Música, homenagens.
1966 - 1967	Edifícios, exames e atribuições de notas, finanças, despesas de alunas. Programação do Jubileu de Ouro.
1968	Edifícios, exames e atribuições de notas, finanças, despesas de alunas. Programação do Jubileu de Ouro
1969- 1970	Edifícios, exames e atribuições de notas, finanças, despesas de alunas. Programação do Jubileu de Ouro
1971	Edifícios, exames e atribuições de notas, finanças, despesas de alunas. Programação do Jubileu de Ouro
1972- 1973	Edifícios, exames e atribuições de notas, finanças, despesas de alunas. Programação do Jubileu de Ouro

Fonte: Prospectos (1956 a 1973). Arquivo do Seminário de Educadoras Cristãs

Ao analisar os prospectos (1956 a 1973), percebeu-se a ausência de alguns volumes. No boletim informativo (1959 a 1974) observou-se a falta de dois volumes<sup>712</sup> nos arquivos da instituição. Os prospectos que divulgaram o trabalho acadêmico

<sup>710</sup> Nos prospectos seguintes foram acrescentados apenas os itens que não constavam no ano de 1956. Nos anos de 1968 a 1973 não foram acrescentados novos assuntos.

<sup>711</sup> O Jornal Batista (1953-1974). Seminário de Educadoras Cristãs, 1974.

<sup>712</sup> Estes são os números dos prospectos que não foram encontrados: 1957-1959; 1961; 1962; 1965; 1971.

desenvolvido no SEC e sua proposta lançaram seu olhar sobre as questões sociais enfrentadas pela Casa da Amizade. Pontuaram, discutiram o currículo, chamaram a atenção para as festividades da instituição.

Quadro 42 – Assuntos abordados no boletim informativo no período de (1956 a 1979)

Ano	Assunto
1959	Formatura, recital de Música clássica e sacra, homenagem à ex-aluna. Nota social, a diretora responde, calendário para 1960. Ofertas orçamentárias, ofertas do Dia de Educação Feminina Casa da Amizade, ofertas para o SEC Alvo para 1960, O volley-ball no SEC, agora sou SECista, Sociedade de Moças, Homenagem à ex-aluna e excursões.
1961	Minhas impressões sobre o SEC, jantar dos pastores, cooperação de igrejas (trabalho prático nas igrejas), bolsa de estudos, sociedade de moças, novos professores, noite de arte, noite de enlevo espiritual, culto de ação de graças do SEC, expressemos nossa gratidão, colação de grau do SEC, discurso proferido por dona Joelina Nascimento, no dia 24 de novembro, por ocasião do culto de encerramento do ano letivo de 1960, colação de grau do SEC.
1962	Calendário, matrícula Record de 94, nomeada para a Bolívia, ex-aluna nomeada missionária, o SEC e os campos, plano financeiro, O SEC e o plano cooperativo da Convenção Batista Brasileira, esportes, Junta Administrativa do SEC, recital de piano, homenagem à ex-aluna, Heliane Apolinário recebe distintivo do Seminário de Educadoras Cristãs. Casa da Amizade
1963 <sup>713</sup>	-
1965	Do Gabinete da diretora, abertura formal, Junta Administrativa, corpo docente, novas alunas e de onde elas vêm, atividades da Sociedade de Moças, Dia de educação feminina, igrejas onde as SECistas cooperam, página das ex-alunas, banquete, nomeadas ex-alunas pela Junta de Missões Nacionais, dia de Educação Feminina, formandas de 1964, homenagens, bolsistas de honra de 1965, férias, estágio e curso no exterior, homenagens, Casa da Amizade, apresentado nossas novas colaboradoras, SEC e a grande campanha, preparando obreiras, calendário para 1965.
1966	Abertura formal, minhas impressões, primeiranistas de 1966, matrícula para 1966, campos representados pelas secistas, diretoria da sociedade de moças, façamos o melhor, educação feminina, alvos sugeridos pela Junta Administrativa do SEC, menção honrosa, Casa da Amizade, página das ex-alunas (vestibular, casamento, nascimento ex-alunas em missões nacionais), ex-aluna homenageada, lições para todos nós, bolsistas de 1966, Notícias diversas (paraninfo, férias, novas salas), jantar dos pastores, festa “Uma noite em Espanha”, bolsa Valdice de Queiroz, antevendo o cinquentenário, servindo

<sup>713</sup> Não foi encontrado este volume nos arquivos do SEC.

	eficientemente a Cristo, calendário 1966.
1968	A SECista e o trabalho de férias, do gabinete da reitora, abertura formal, corpo docente, minhas impressões sobre o SEC, Sociedade de Moças Jane Soren, notícias diversas, focalizando as ex-alunas, calendário para 1968.
1969	Do gabinete da diretora, homenagem à ex-aluna, corpo docente, Junta Administrativa, novas alunas, como vejo o SEC, setor de Educação Religiosa, jantar dos pastores, o setor de Música Sacra informa Conjunto de sinos musicais, Setor de Assistência social informa, tocam sinos de natal, conjunto de sinos no canal 11, notícias – ex-alunas –, oferta de Educação Feminina, sociedade de moças Jane Soren, Um final de curso no SEC, as secistas e as férias, notícias diversas, calendário 1969.
1970	Do Gabinete da diretora, apresentando as novas integrantes dos corpos docente e administrativo do SEC, abertura formal, primeiranistas de 1970 e suas igrejas de origem, como eu vejo o SEC, Junta Administrativa do SEC, ecos dos trabalhos de férias
1971	Estratégia de Evangelização
1980	Festas de Formatura

Fonte: Boletim Informativo (1956-1980)

Arquivo do Seminário de Educadoras Cristãs.

O Boletim Informativo tratava dos assuntos ligados ao interior da instituição. Discutia o valor das festas para as SECistas, a formatura e os campos em que as formandas atuariam após o término do curso.

Quadro 43-Colaboradores que escreveram as matérias no boletim informativo nos anos de 1965 a 1968; 1971 a 1974.

Ano	Colaboradores
1965	Onely Mabel Campêlo da Paz (redatora) Martha Hairston Ruth Meneses Ycléa Cervino Zuleide Guerra Antunes Débora Rodrigues Lídice Gramacho Feitosa de Lima
1966	Onely Mabel Campêlo da Paz (redatora) Benisce Martins Heliane Apolinário Jenny Pereira de Souza Luzinete Cunha Martha Hairston Ruth Meneses Diana Maria Bonfim Minho Risédna Alves de Oliveira
1968	Risédna Oliveira (redatora) Edith Vaughn

	Heliane Apolinário Jenny Pereira Luzinete Cunha Milzede Barros Martha Hairston Ruth Meneses Aliete Carneiro Ana Maria Monteiro Eunila Frutuoso Valnice Milhomens
1969	Risédna Oliveira (redatora) Cleide Dorta Benjamim Edith Vaughn Martha Hairston Ruth Meneses Ana Maria Saraiva Ana Maria Monteiro Ana Maria Saraiva Cláudia Galgoul Diana Minho Eliete Moraes Francinete C.Lopes Marlene Ribeiro Valnice Milhomens
1970	Diana Minho (redatora) Lídice Gramacho Luzinete Cunha Martha Hairston Ruth Meneses Albertina Ramos Ana Maria Lemos Monteiro Cláudia Galgoul Dulce Santos Eliane Barreto Eliete Moraes Geiza Sotero Icléa Quadros Maria Berenice Andrade Nilda Santana Valnice Milhomes Orádia Souza
1971	Almira de Oliveira (redatora) Lucile Ruth de Meneses Martha Hairston Ruth Meneses Edna Barbalho Ana Maria Monteiro Ana Maria Saraiva Eunice Damasceno

	Léa Marques Paiva Maria Saffnauer Berenice Rocha Maria Ivonete da Costa Lopes Décia Melo	
1972	Pr. José Almeida Guimarães (redator) Lenira Luna Martha Hairston Luzinete Cunha Ycléa Cervino Gleide Santana Berenice Rocha Rosa Lúcia de Oliveira Icléia Quadros Rebouças Oluziram Santana Maria das Graças A. Lima Selma Leitão	
1973	Ruth Meneses (redatora) Edith Vaughn Doris Penkert Lídice Gramacho Feitosa Almira Cunha Almira Cunha Gleide Santana Noêmia Tavares dos Santos	Berenice Rocha Benisce Maria Martins Marta Maria B, da Silva Miriam Feliciano da Silva Lenira Luna
1974	José Almeida Guimarães (redator) Martha Hairston Doris Penkert Áurea Paz Lídice Gramacho Feitosa Ábia Saldanha Luzinete Cunha Cleide Dorta Benjamim NanciDaniel Lenira Luna Mariélia Rolemberg Maria BernadeteSilva Cláudia Melo Maria Bernadete Silva	

Fonte: Boletim Informativo<sup>714</sup> dos anos de 1965 a 1968; 1971 a 1974. Arquivo do SEC

Os periódicos eram usados pelos corpos docente, discente e administrativo. Compunham um planejamento que norteava os rumos da instituição. Circulavam amplamente entre os convencionais no período da Assembleia da Convenção Batista Brasileira (CBB) e na UFMBB.

<sup>714</sup> Estes foram os volumes encontrados que faziam menção aos seus colaboradores.



A discussão realizada na imprensa e nos impressos apontava a SECista como alvo principal de ensinamentos, que se davam sob a forma de agir e da participação nos programas da Sociedade de Moças Jane Soren, na programação da instituição, nas disciplinas estudadas, na Hora de Cultura Espiritual e nas leituras feitas. Este arcabouço doutrinário contribuiu para moldar vidas. Também demonstrava o desejo de ver esses valores multiplicados em outras vidas. No ideário de Hairston estava presente a preocupação com as questões da moral, do civismo e do patriotismo. Esses valores marcaram a vida das SECistas.

Hairston elaborou suas propostas de forma abrangente na perspectiva de fortalecer esses valores continuamente. O objetivo era atingir as alunas. Sendo assim, escolheu movimentos que davam visibilidade aos aspectos que gostaria de trabalhar. No seu imaginário acreditava que as horas de cultura espiritual – conferências, encontros –, o culto nos quartéis, a defesa da causa feminina, as festas e as reformas no currículo ajudariam na conquista de uma regeneração dos costumes e dos valores. Hairston demonstrava preocupação em higienizar o corpo e a mente, civilizar – os costumes, comportamento – e salvar alma através da mensagem do evangelho.

Ela compreendia que os ensinamentos adquiridos pelas alunas na ETC/SEC seriam multiplicados, contemplando centenas de vidas alcançadas pelo trabalho desenvolvido pelas SECistas no Brasil e no estrangeiro através da evangelização.

A questão da moral é tratada nos impressos do SEC desde seus primórdios. Está disseminada em toda a programação da instituição, quando se refere à obediência às normas, aos horários e aos compromissos junto à igreja e à Casa da Amizade. As orientações quanto à forma de se vestir e comportar-se estavam estabelecidas no regimento interno do SEC e deveriam ser respeitados.

A SECista deveria adaptar-se a essa realidade; caso contrário, não estava apta para permanecer na instituição e muito menos ser recomendada para atuar como obreira enviada pelos batistas brasileiros às igrejas, às Juntas de missões ou a outras quaisquer instituições conveniadas com a denominação batista.

#### **4.7. O trabalho desenvolvido na Casa da Amizade (CA) – o departamento social do SEC**

A missionária Minnie Landrum, que atuava como secretária executiva da União Geral de Senhoras Batistas do Brasil, comunicou à Junta de Missões Estrangeiras dos Batistas do Sul dos Estados Unidos a necessidade de organizar uma Casa da Amizade objetivando atender aos pobres. No ano de 1953, ao assumir a direção da Escola de Trabalhadoras Cristãs (ETC), Martha Hairston apresentou um projeto à Junta Cooperativa, expressando seu desejo de convidar Edith Vaughn para fundar a Casa da Amizade.

Essa iniciativa fazia parte dos seus planos de concretizar um programa de cunhos social, evangelístico e pedagógico. A Junta Cooperativa era composta de cinco membros: Lidia Ramalho, Julia Vilar Rodrigues, Olívia Oliveira, Amazonila Munguba e Celina Azevedo. A Casa da Amizade foi beneficiada com a cooperação de “voluntários das igrejas batistas mais próximas, e 19 secistas e seminaristas lideraram os grupos”<sup>715</sup>.

A Casa da Amizade foi organizada como Departamento do SEC com “um duplo objetivo de treinar as alunas no Serviço Social Religioso e apresentar Cristo ao povo da vizinhança através de suas atividades”<sup>716</sup>. Para além dessas finalidades, a Casa da Amizade foi organizada para atender à comunidade onde estava inserida, oferecendo um trabalho de assistência social. Esta estratégia propiciou à SECista a compreensão de como se dava a educação integral.

O programa de estudo de Assistência Social Religiosa focaliza o trabalho das Casas da Amizade – Matriz e Filial. Por meio deste serviço social cristão, as SECistas aprendem a aplicar o amor cristão às variadas necessidades do próximo. Além da aprendizagem de liderar seus grupos em estudos bíblicos e atividades musicais, as SECistas são supervisionadas no trabalho de visitas aos lares, evangelismo pessoal e atividades recreativas para grupos de várias idades. A clínica funciona com uma enfermeira dando tempo integral e uma médica dando um expediente por semana. Pessoas necessitando

<sup>715</sup> CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife: COMUNIGRAF, 2003.p. 61.

<sup>716</sup> O JORNAL BATISTA, Rio de Janeiro: 29 de novembro de 1964. p.5.

de cuidados médicos em hospitais ou clínicas, ou dos serviços sociais de outras agências especializadas são encaminhadas aos mesmos. Um dos serviços mais procurados pelo povo da vizinhança é o de conselhos para os constantes e variados problemas que enfrentam em suas vidas cotidianas.<sup>717</sup>

No dia 23 de junho de 1957 foi inaugurada a primeira Casa da Amizade do Brasil<sup>718</sup>. Cumprindo seus fins, a Casa da Amizade tornou-se um campo de estágio para as alunas da ETC/SEC. Segundo Edith Vaughn, “todas as SECistas trabalham uma tarde por semana, durante dois anos; e aquelas que escolhem Serviço Social como área de especialização, trabalham o mínimo de uma tarde semanalmente durante três anos antes de receberem os seus diplomas.”<sup>719</sup> No entanto, todas teriam que ministrar aulas na instituição. Para compreender como se dava seu funcionamento, é importante conhecer suas características, tais como: conceito, gestores, atividades desenvolvidas, grupos atendidos, custos e resultados. Ycléa Cervino define Casa da Amizade<sup>720</sup>.

como uma agência religiosa social, recreativa e educacional atingindo pessoas de todas as faixas etárias, condições sociais, raças e religiões. É uma entidade sem fins lucrativos [...]. Coopera com o Estado, a família, a Igreja, a escola, hospitais, postos de saúde, e demais agências para o desenvolvimento da comunidade<sup>721</sup>.

Conforme Cervino, a proposta era tornar aquele espaço um local de atendimento a todos que necessitassem de ajuda. No entanto, temos clareza de que a principal razão de ser desse estabelecimento era a evangelização, uma vez que a Casa da Amizade era também mantida pela Junta de Richmond.

As alunas eram estimuladas a trabalhar nos centros sociais ou na organização da Casa da Amizade. Na instituição, no período em que estavam estagiando, durante três anos, aprendiam como trabalhar com o povo. Ao concluir o curso as formandas

<sup>717</sup> PROSPECTOS, Seminário de Educadoras Cristãs. 1963, p. 14.

<sup>718</sup> PROSPECTOS. Seminário de Educadoras Cristãs. 1969-1970, p. 22. Os prospectos revelam o envolvimento da aluna no serviço social, nas atividades desenvolvidas pela Casa da Amizade.

<sup>719</sup> Cf. CERVINO, Ycléa. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro: 29 de novembro de 1964.

<sup>720</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1967, p.108.

<sup>721</sup> A primeira foi instalada na Rua Othon Paraíso, 132, Torreão-Recife- PE. CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife: COMUNIGRAF, 2003. p. 62

<sup>722</sup> CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife: COMUNIGRAF, 2003. p.62

iniciariam trabalho semelhante em cooperação com as Igrejas. A prática incluía um programa de evangelização com clubes bíblicos, recreação e alimentação, grupos produtivos de artesanato para senhoras, trabalho de profissionalização de adolescentes em convênio com a Foreign Mission Board, Visão Mundial e outros<sup>722</sup>.

As igrejas de Pernambuco, diante da iniciativa da aluna, realizavam convênios. O objetivo principal era a evangelização, mas as estratégias utilizadas mantinham um programa que profissionalizava os alunos. As necessidades eram diversificadas, e a procura por essa instituição era grande. No ano de 1964 foi organizada outra frente de trabalho social como uma extensão da Casa da Amizade. Desta vez foi instalada uma filial da Casa da Amizade “no bairro de Santo Amaro-Recife, pelas alunas Lídice Gramacho e Terezinha Brito, o que resultou na organização da Igreja Batista da Casa da Amizade em 1976”<sup>723</sup>.

A quem assumiu a direção da Casa da Amizade por 27 anos foi a missionária norte-americana Edith Vaughn (1953-1979)<sup>724</sup>. Para atender à demanda, no ano de 1965, a direção da Instituição considerou pertinente abrir outra Casa da Amizade, desta vez no bairro Santo Amaro, tendo como diretora interina a missionária Doris Penkert.

O programa apresentado pela instituição à denominação era de cunhos social, religioso, educacional e de saúde. Conforme pode ser visto no quadro que segue:

Quadro 44-Atividades desenvolvidas na Casa da Amizade:

<b>Religioso</b>	<b>Saúde</b>	<b>Educação</b>	<b>Sociais</b>
Cultos	Clínica médica	Grupos de estudo	Recreação regular orientada com os grupos. Distribuição de alimentação nas horas de crise ou calamidade
Aconselhamento	Enfermagem, curativos e injeções	Incentivo à instrução	Festas especiais A Casa da Amizade Cooperava com a Secretaria de Saúde nas campanhas de vacinação

<sup>722</sup> CERVINO, Ycléa, Folder, Histórico Cronológico do SEC. 2002.

<sup>723</sup> CERVINO, Ycléa, Folder, Histórico Cronológico do SEC. 2002.

<sup>724</sup> Segundo Peggy Pemble, quem substituiu Edith Vaughn foi Ycléa Cervino, e que atuou como diretora por 17 anos.

Estudos Bíblicos em grupo	Venda de medicamento pelo preço de custo	Convênio com colégios da comunidade para obter vagas para todas as crianças em idade escolar	Casamentos civis e religiosos Na descoberta de focos de doenças infecto-contagiosas.
Distribuição de literatura evangélica	Distribuição e amostras grátis	Distribuição de material escolar e farda	Cerimônias de enterros e conforto às famílias enlutadas, Orientação higiênica e alimentar
Testemunho pessoal dos funcionários	Palestras de higiene e saúde	Banca escolar (Reforço)	Cooperação e entrosamento com outras agências de serviço à comunidade
Encaminhamento às igrejas da comunidade	Campanhas de uso de filtros	Alfabetização de adultos	Passeios ocasionais.
-	Exames de laboratórios	-	Escola comunitária e reforço escolar
-	Orientação alimentar	Cursos profissionalizantes periódicos	-

CERVINO, Ycléa. História do ministério social cristão. Recife: Ed. do Autor. 2005.p.63<sup>725</sup>

A Casa da Amizade apresentou uma proposta que atendia à necessidade do homem, que, sem perspectiva, se envolvia facilmente com toda a problemática em que a sociedade estava submersa. Entre elas estavam prostituição, vícios, droga e crime. Esse projeto, através do seu programa, orientava a comunidade a experimentar mudanças que favoreciam a melhoria de vida e permanência na sociedade. Partindo desse princípio, ofereceu várias atividades, principalmente a evangelização, que desde sua implantação, constituiu-se uma meta a ser alcançada. No seu programa estava presente o despertar da consciência, apontando para o cumprimento dos direitos e compreensão dos deveres enquanto cidadãos.

Após 10 anos da sua implantação a Casa da Amizade contabilizou seus frutos e vislumbrou sua consolidação. Edith Vaughn revelou os resultados dizendo: “Enquanto em 1954 terminávamos o ano com 346 matriculados”, em 1964, foram matriculadas 3.417 pessoas. Em 1959, as atividades eram desenvolvidas nos clubes, demonstrando o crescimento da instituição. Os clubes desenvolveram atividades com os grupos relacionados a seguir:

<sup>725</sup>Cf. CERVINO, Ycléa. **Milagres na Casa da Amizade**. Recife: COMUNIGRAF.2003.V.II.

Quadro 45 - Demonstrativo dos grupos existentes na Casa da Amizade em 1959

Nº de Clubes Bíblicos	Grupos	Matrícula
05	Infantil	41
11	Principiante	99
14	Primário	225
11	Meninas	142
08	Meninos	154
09	Moças	90
04	Rapazes	75
04	Senhoras	87
02	Inglês	2
01	Coro	25
02	Novos crentes	44

Boletim Informativo, Recife: Ano 6, outubro 1959, nº 8.

Nos grupos, eram realizadas aulas bíblicas e trabalhos manuais. Além destes atendimentos, outras atividades foram desenvolvidas na Casa da Amizade. Conforme Julia, a instituição escolar não serve apenas para transmitir conhecimentos ou para obtenção de titulação, mas se constitui também um lugar de “inculcação de comportamento e habitus”.<sup>726</sup> Fazendo uma retrospectiva desta instituição, observa-se que houve um crescimento, e a cidade de Recife foi beneficiada com seus serviços, conforme o quadro seguinte:

Quadro 46- Programação desenvolvida na Casa da Amizade no período de 1954 a 1979

	Atividades
1954	No dia 11 de maio iniciaram-se as atividades em grupo na Casa da Amizade do SEC. Foi esta a primeira Casa da Amizade fundada pelos batistas brasileiros. Cinco membros da Junta Cooperativa colaboraram com D. Edith, iniciando o trabalho: as senhoras Lídia Ramalho, Júlia Vilar Rodrigues, Olívia Oliveira, Amazonila Munguba e Celina Azevedo. Voluntárias das igrejas batistas mais próximas e dezenove ETCistas e seminaristas lideraram os grupos. Houve 346 matriculados.
1955	Equipe de obreiros: a diretora Edith Vaughn, a secretária Zaire Oliveira, 17 ETCistas, 23 seminaristas e voluntárias das Igrejas do Feitosa, Encruzilhadas e Capunga. Um terreno foi comprado para futura construção da casa própria. Início de serviços do ambulatório, aos cuidados dos voluntários Dr. Paulino de Souza e Dra. Zery, da Igreja Batista do Feitosa.

<sup>726</sup> JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História e Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 1, janeiro/junho. p. 9-43. 2001, p. 14.

1956	Equipe fortalecida por mais duas funcionárias: a missionária Merna Jean Hocum, vice-diretora; a Profª Ycléa Cervino, auxiliar.
1958	Matrícula de 780 em atividades mais diversificadas.
1959	Início da classe para novos crentes cada quinta-feira à noite. Matrícula – 1.650.
1960	Início dos cultos evangelísticos cada quinta-feira à noite. Início da Congregação em Tamanduá.
1961	Matrícula – 1.420
1962	Missionária Dóris Penkert, nova obreira da Casa da Amizade e diretora interina durante as férias de D. Edith. D.Merna Jean Hocum sai para abrir uma Casa da Amizade em Natal. Houve 8.440 atendimentos no ambulatório.
1963	Garagem transformada em berçário.
1964	Início da Classe Ruth para anciãos. Vinte e cinco membros da Igreja Batista do Feitosa, frutos da Casa da Amizade. Neste período houve uma matrícula de 3.417. SECistas abriram, em casa alugada, uma pequena Casa da Amizade perto do Canal em Santo Amaro.
1965	Uma nova Casa da Amizade foi organizada, funcionando em Santo Amaro.
1967	Ampliado trabalho que visava à recuperação de “marginais”
1968	Novo plano administrativo implantado pelo SEC para área de Ministério Social Cristão: Coordenadora Profª. Edith Vaughn, diretora e vice-diretora da Casa da Amizade, Profª Dóris Penkert e Profª Ycléa Cervino, respectivamente; Diretora da Casa da Amizade Filial Profª. Terezinha de Jesus Brito.
1970	Os grupos funcionando na Casa da Amizade organizada em departamentos assim coordenados: Principiantes-Profª. Ycléa Cervino; Primários- Profª Helena Romano Pina; Juniores-Profª. Benisce Martins; Jovens – Profª. Lídice Gramacho; Adultos- Profª Ycléa Cervino.
1974	Comemoração do 20º Aniversário da Casa da Amizade; 2.575 pessoas diferentes matriculadas até esta data, 221 decisões públicas de aceitação de Cristo como Salvador durante o ano; 204 homens ajudados com documentos. Construção do templo para a congregação em Tamanduá.[...].
1975	Pr. Donnal Turner tornou-se Capelão da Casa da Amizade. Convênio com Visão Mundial, auxiliando materialmente crianças mais necessitadas. Grande enchente em julho; 400 pessoas ajudadas diretamente na Casa da Amizade.
1976	Igreja da Amizade organizada na sede da Casa da Amizade Filial, em Santo Amaro.
1977	Início do projeto especial de 5 anos de duração, de auxílio proveniente da Junta de Richmond: Material escolar, alimentos, consertos de casas e documentos para adultos e crianças
1979	Dia 11 de maio: Comemoração do Jubileu de Prata da Casa da Amizade. Oradora: Dona Helga Kapler Fanini. Matrícula: Casa da Amizade Torreão- 3.392; Casa da Amizade de Santo Amaro – 303, total: 3.695.

Fonte: CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife: Ed. do Autor. 2005.p.63<sup>727</sup>

A Casa da Amizade implantou um programa educacional voltado para o aprendizado da leitura e da escrita, favorecendo a leitura da Bíblia e se envolvia com os

<sup>727</sup> CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife: Ed. Do Autor. 2005.p.63 .

problemas de ação social contribuindo conforme Leonard, “também, pela espécie de elevação moral e social que resulta da própria ação do Evangelho”<sup>728</sup>. Hilsdorf fez uma reflexão em torno das instituições educacionais protestantes e concluiu que elas [...] “tinham evidentes fins de proselitismo, funcionando como agências catequéticas [...]”<sup>729</sup>.

O trabalho social da Casa da Amizade em Recife tomou grandes proporções no período de 1954 a 1979, contribuindo para amenizar a dor física e disseminar a mensagem do evangelho. Crianças, adolescentes e jovens que estavam em condição de risco, famintas ou mesmo sendo conduzidas para o submundo das drogas e do crime, foram alcançadas pelos serviços prestados pela Instituição. Sendo assim, é possível dizer que os objetivos de Martha Hairston de “salvar”, “regenerar,” “higienizar e civilizar” atingiu parte da sociedade recifense.

Fazendo uma análise das estratégias utilizadas por Hairston, constatou-se que foi dada continuidade ao trabalho desenvolvido nas igrejas de Pernambuco, uma iniciativa das suas antecessoras que contribuiu para inter-relacionar teoria e prática. Preocupou-se com as reformas de ensino, implantou cursos e estava atenta aos avanços que aconteciam na educação secular e religiosa. O incentivo pela busca do saber tornou-se ponto alto nessa proposta. Para Cervino, dessa forma a instituição foi concretizando seu “ideal de servir e treinar [...], servindo à comunidade nas suas necessidades básicas de alimentação, saúde, educação, religião e treinamento”<sup>730</sup>.

A Casa da Amizade oferecia capacitação para a liderança que participava do trabalho social desenvolvido na instituição ou em outra organização. É uma entidade filantrópica, ou seja, sem fins lucrativos, e procurava identificar-se com as camadas mais pobres que residiam em seu entorno. Segundo Cervino, também “coopera com o

<sup>728</sup> LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: JUERP/ ASTE, 1981. p. 10.

<sup>729</sup> BARBANTI, Maria Lúcia Hilsdorf. **Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens**. São Paulo: USP, 1977. p. 15. (Dissertação de Mestrado

<sup>730</sup> Cf. CERVINO, Ycléa. **Milagres na Casa da Amizade**. Recife: COMUNIGRAF. 2003. V.II. p. 144.



Estado, a família, a igreja, a escola, hospitais, postos de saúde e demais agências para o desenvolvimento da comunidade”<sup>731</sup>.

A Casa da Amizade ofereceu à comunidade uma programação abrangente. Desenvolveu atividades voltadas para as questões religiosas, tais como: cultos, estudos bíblicos em grupo, distribuição de literatura evangélica e aconselhamento, testemunho pessoal dos funcionários, e as pessoas que se converteram à nova fé são encaminhadas para as Igrejas Batistas da comunidade.

Recorrendo às atas em busca das atividades desenvolvidas no ano de 1956, na Casa da Amizade consta apenas que Edith Vaughn apresentou um “interessante relatório das atividades que bem satisfaz a comunidade Junta pelo progresso que alcançou no seu primeiro ano de trabalho, sendo lançado em ata um voto de louvor e profundo reconhecimento da Junta”<sup>732</sup>.

A Casa da Amizade prestava à sociedade serviços de origem educacional, social, programas de saúde e estágio remunerado nas igrejas, objetivando a aquisição de experiências, além de unir a teoria à prática. A diretora da Casa da Amizade, Edith Vaughn, discutiu a possibilidade de contar com a organização Visão Mundial, que atendeu a mil crianças. O SEC preparava suas alunas para atuar também na área da saúde. A SECista, de acordo com sua formação, era liberada para atuar em clínicas e hospitais.

Em 1953, houve um movimento de reestruturação do SEC, através do qual foram criados cargos. Houve também a reformulação do currículo, contratação de novos professores e apresentação de planos para a construção do prédio. A perspectiva era de atender às necessidades que estavam postas.

Em 1954, o SEC foi contemplado com mais um periódico, o boletim informativo, de 14 páginas, organizado pela professora Edehy Guerra. Foi distribuído entre as ex-alunas e os líderes da denominação em 1954. Mein asseverou que: “Até o

---

<sup>731</sup> CERVINO, Ycléa. **História do Ministério social cristão**. Recife. Ed. Do Autor, 2005. p.61-62.

<sup>732</sup> ATA DA JUNTA DA ESCOLA DE TRABALHADORAS CRISTÃS. 1954. p. 23.

presente este boletim não teve solução de continuidade e tem sido uma fonte de farta publicidade anualmente preparado com ótimas fotografias”<sup>733</sup>.

Em sua reunião anual, a Associação das Ex-Alunas, após discussão, decidiu que “o distintivo da Escola fosse um broche com uma pedra verde de acordo com as cores da ETC. A partir deste mesmo ano, o broche foi presenteado na ocasião da formatura à formanda que obteve a média global mais alta durante todo o curso”<sup>734</sup>.

Nesse mesmo período, a instituição passou a homenagear a ex-aluna do ano. A escolha se deu pelo corpo docente. Segundo o boletim informativo, “anualmente é escolhida uma ex-aluna que bem estiver servindo ao Senhor, prestando valiosa contribuição à Causa de Cristo e sendo uma viva inspiração para outras jovens aceitarem a vontade divina para suas vidas”<sup>735</sup>.

A missionária Martha Hairston estava atenta ao que acontecia no seu entorno. Missões eram seu alvo. Procurava conduzir suas alunas, de forma que estas não se desviassem dos propósitos para os quais a escola foi criada. Compreendeu que a história de vida dessas ex-alunas serviria de inspiração para outras vidas jovens, que se preparavam no SEC, para exercer um ministério, dedicando-se à educação e à evangelização. Conforme Ida de Freitas, esses estudos biográficos “servem de estímulo e desafio para todos nós, servos do Cristo de Deus.”<sup>736</sup> Homenagear a ex-aluna significa muito aos olhos da Junta Administrativa e da gestora Hairston,

Dar honra a quem honra é merecida, anualmente homenageando uma das suas ex-alunas que muito esteja fazendo no seu setor na seara do Mestre. Em homenagear qualquer ex-aluna, o SEC reconhece que ela representa muitas colegas que com coragem e abnegação estão sendo fiéis ao ‘segue-me’ do Senhor.<sup>737</sup>

<sup>733</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1967, p.83.

<sup>734</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1967, p.85.

<sup>735</sup> BOLETIM INFORMATIVO DO SEC. Ano 16, Recife, abril de 1969, nº 16. p. 1.

<sup>736</sup> FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas**: E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP. 1978, s.d.

<sup>737</sup> BOLETIM INFORMATIVO do Seminário de Educadoras Cristãs. Ano 6, Recife, Outubro de 1959, nº 8. p. 6.

Esse foi o pensamento que norteou a organização da série denominados “Pedras Lapidadas,” contendo a biografia de 20 ex-alunas, homenageadas “por sua fidelidade à vocação cristã”.<sup>738</sup> Essas ex-alunas serviram como missionárias, professoras e enfermeiras, dedicando-se à evangelização do Brasil e no estrangeiro. No quadro a seguir estão relacionadas as ex-SECistas que dedicaram suas vidas ao serviço religioso.

Quadro 47-Ex-alunas do Ano homenageadas pelo SEC<sup>739</sup>

Ano	Nome	Turma	Profissão	Cidade-Estado País
1957	Marcolina F.Magalhães	1931	Missionária	PortoFranco – Goiás
1958	Zulmira Andrade	1937	Missionária	Ibotirama – Bahia
1959	Ruth A. de Meneses	1930	Professora- Deã do SEC	Recife – PE
1960	Onésima P. de Barros	1939	Professora	Belém – Pará
1961	Amazonila Munguba	1920	Educadora Religiosa	Manaus–Amazonas
1962	Honorina Ribeiro	1947	Missionária, Professora	Macéio - Alagoas
1963	Jabes Souza	1941	Professora- Itinerante <sup>740</sup>	Jaguaquara – Bahia
1964	Valdice Queiroz (Póstuma)	1949	Professora	Carolina-Maranhão
1965	Odete Pires Bezerra	1940	Professora Educadora Religiosa	João Pessoa- Paraíba
1966	Nair de Freitas Ramos	1944	Professora, Secretária Executivada CB Baiana	Salvador- Bahia
1967	Anísia Duclerc Misi	1920	Professora	Jaguaquara - Bahia
1968	Honorina Lemos Monteiro	1948	Professora	Cajazeiras – Paraíba

<sup>738</sup> Foi o nome dado a uma coleção de três livros biográficos das ex-alunas homenageadas pelo SEC. São eles: FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas:** Acima do encontro das águas. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs. Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), série. I, 1976.; FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas:** E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP, série II, 1978, p.36. FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas:** submissas à chamada do Senhor: esboço biográfico. de cinco ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs. Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP), vol III, 1992. CERVINO, Ycléa. **Prosseguindo para o alvo.** Pedras Lapidadas. Recife: COMUNIGRAF Editora, 2002.

<sup>739</sup> FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas:** E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP. Vol, I, II, III, 1978, p.36.

MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa:** Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife:1967, p.85.

CERVINO, Ycléa. **Prosseguindo para o alvo.** Pedras Lapidadas. Recife: COMUNIGRAF Editora. 2002.

<sup>740</sup> É aquela missionária que desenvolvia suas atividades em vários locais: Igrejas, Escolas, União Geral de Senhoras Batistas. Trabalhava na evangelização de crianças, moças e senhoras. Viajava de cidade em cidade, promovendo estudos, pregando e realizando Escola Bíblica de Férias (EBF).

1969	Damaris Dias da Silva	1947	Enfermeira	Santarém-Pará
1970	Janira Almeida Mignac	1920	Professora	Jequié-Bahia
1971	Débora Serejo dos Santos	1940	Missionária Professora	Manaus-Amazonas
1972	Décia Barbosa Machado	1961	Missionária Professora	Bolívia
1973	Áurea Rodrigues Pinto	1926	Professora	Recife-Pernambuco
1974	Isabel Fonseca Paranaguá	1920	Enfermeira, Assistente Social e evangelista	Corrente – Piauí
1975	Edna Moraes dos Santos	1962	Professora- Escritora	Rio de Janeiro – RJ
1976	Sarah Cavalcanti	1922	Enfermeira	Carolina - MA

Fontes: **Casa Formosa:** Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1967, p.93. FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas**.<sup>741</sup> E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP. 1978, pp. 9-127. v. I; FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas**. E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP. 1978, pp. 13- 158. v.II;

Segundo a imprensa batista, as ex-alunas homenageadas do ano pelo SEC compõem quatro categorias:

1. Alunas que cursaram a Escola Normal ou fizeram uma licenciatura em Universidades do Brasil ou nos Estados Unidos e têm a formação em uma das três áreas oferecidas pelo SEC, a saber: Educação Religiosa, Serviço Social e Música Sacra. Após formatura, atuavam nas igrejas como educadoras religiosas, professoras, diretoras nas escolas, Seminários batistas, secretárias executivas, UFMB, Junta Administrativas do SEC, em colégios seculares, nas convenções estaduais, Juntas de Missões Estaduais, Nacionais e Mundiais (Estrangeiras).

<sup>741</sup> FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas:** Acima do encontro das águas. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs- JUERP. 1977, pp. 9-127.v.I; FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas**. E não se cansarão; esboço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP. 1978, pp. 13- 158. v.II; FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas**. Submissas à chamada do Senhor; esboço biográfico de cinco ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs. Recife: Seminário de Educadoras Cristãs/AVELLAR. 1992, pp.17-116.v. III. CERVINO, Ycléa. **Prosseguindo para o alvo**. Pedras Lapidadas. Recife: COMUNIGRAF Editora. 2002, pp.11-90. IV. ; CERVINO, Ycléa. **Prosseguindo para o alvo**. Pedras Lapidadas. Recife: COMUNIGRAF Editora. 2002.

2. Moças que estudaram no SEC nomeadas pelas Juntas como missionárias podem exercer as funções de itinerante, evangelista e professora.
3. Alunas portadoras de diploma do curso de enfermagem que trabalhavam nos hospitais, secretarias de saúde, Casa da Amizade e ambulatórios nas igrejas.
4. Discentes que cursaram Serviço Social, trabalhavam nas Casas da Amizade como assistente social, nos orfanatos e escolas batistas. A escolha da ex-aluna que seria homenageada passou a fazer parte do calendário acadêmico do SEC a partir do ano de 1957. A seleção acontecia no mês de agosto, e a comemoração, no mês de novembro.<sup>742</sup>

Nos seus primórdios, a ETC contou com a presença da Junta Cooperativa, que trabalhava juntamente com a diretora. No ano de 1958, quando foram elaborados os estatutos do SEC, ficou estabelecido que a instituição passaria a ser “administrada pela União Geral de Senhoras Batistas do Brasil, através de uma Junta Administrativa que se denominará Junta Administrativa do Seminário de Educadoras Cristãs”.<sup>743</sup> A Junta era composta de doze mulheres, eleitas pela Assembleia Anual da União Geral de Senhoras Batistas do Brasil. Em 1958, foi eleita a seguinte Junta:

Quadro 48- Relação da Junta Administrativa do Seminário de Educadoras Cristãs, ano 1958.

Junta Administrativa do SEC Ano – 1958
Celina Santos Azevedo
Amazonila de Aguiar Munguba
Hulda Fernandes Riker
Mattie Lou Bible
Julia Vilar Rodrigues
Regina de Melo Barbosa
Lydia Costa Duclerc Ramalho
Eurídice Ferreira de Hollanda <sup>744</sup>
Frances Bumpus
Peggy Pemble
Sue Vernon
Nair Freitas <sup>745</sup>

Fonte: ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 1958. p.4.

<sup>742</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 1970. p.15.

<sup>743</sup> LIVRO DE ATAS DA JUNTA ADMINISTRATIVA do Seminário de Educadoras Cristãs. 1958. p.2.

<sup>744</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 1958. p.1-2.

<sup>745</sup> ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 1958. p.4.

A Junta Administrativa trabalhava juntamente com a diretora.

Quadro 49-Funções da Junta Administrativa do SEC/ Ano-1958

Eleger uma diretoria
Fixar os vencimentos dos funcionários do SEC
Eleger o corpo docente idôneo
Aprovar e adotar os cursos oferecidos
Prestar à União Geral de Senhoras Batistas do Brasil, em sua assembleia geral, relatório criterioso do movimento espiritual, educativo e financeiro do SEC
Aprovar anualmente uma previsão orçamentária e deliberar sobre toda transação de vulto envolvendo as finanças do Seminário.
Autorizar os planos financeiros para a conservação e ampliação das instalações, do patrimônio, e para o sustento do pessoal e o custeio da manutenção do Seminário. <sup>746</sup>

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO, 1957, p. 15 Acervo- SEC

O trabalho dessa junta acontecia em consonância com a diretora. Em 1958, houve mudança na parte administrativa quando foi extinta “a Junta da ETC como pessoa jurídica, e nova organização surgiu com outro registro jurídico, novos estatutos e regimento interno. O número de membros da Junta foi aumentando de nove para doze”.<sup>747</sup> Ficou acordado que a partir do ano de 1958, só poderia ingressar no curso de Bacharel a aluna que tivesse concluído o segundo ciclo, ou seja, o segundo grau, preferencialmente o curso Normal<sup>748</sup>.

Nesse período, novas decisões foram tomadas pela Junta Administrativa. Houve alterações nos cursos Pedagógico e Religioso e de Bacharel, ampliando sua duração para quatro anos.<sup>749</sup> Segundo Mein: “As áreas de especialização no curso de Bacharel eram Educação Religiosa, Música Sacra e Serviço Social e Religioso. O curso Pedagógico visava ao preparo de professoras para as escolas batistas, especialmente

<sup>746</sup> Cf. ATA DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO SEC, 1958. p. 3-4.

<sup>747</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967). Recife: 1966, p.92

<sup>748</sup> Cf. BOLETIM INFORMATIVO, 1957, P. 15

<sup>749</sup> PROSPECTOS DO SEC. 1966-1967. p. 11.

professoras missionárias”.<sup>750</sup> Com a inserção de novos cursos, a matrícula foi acrescida, e a instituição passou a ter em seus quadros um número significativo de alunas.

A diretora do SEC enfrentou dificuldades para expandir a instituição, porém os resultados apresentados foram positivos. A equipe administrativa continuava desenvolvendo os projetos, pensados conjuntamente com Martha Hairston, na perspectiva de em longo prazo consolidar a instituição. Houve melhoria no ensino, e a matrícula era ampliada ano após ano, conforme quadro a seguir:

Quadro 50- Número de alunas matriculadas no SEC no período de 1953 a 1979

Ano	Matrícula:					
	Secistas	Etecistas pré-etecistas e leigas			Secistas Etecistas e	Formandas
1953	-	20	e	27	47	-
1954	-	27	-	22	49	-
1955	-	27	-	22	49	11
1956	-	32	-	19	51	05
1957	-	36	-	14	50	10
1958 <sup>751</sup>	-	50	-	39 <sup>752</sup>	89	05
1959	50	-			50	06
1960	80	20 <sup>753</sup>			100	22
1961	78	-			78	15
1962	94	-			94	14
1963	20	15 <sup>754</sup>			35	24
1964	103	-			103	20
1965	102	31 <sup>755</sup>			133	31
1966	99	27			126	20

<sup>750</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1966, p.93.

<sup>751</sup> No ano de 1958 “havia 13 para se formar, mas quase todas retornaram ao SEC para revalidar os diplomas”. Mein não informou se houve formatura nesse ano. Fonte: MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1967, p.94

<sup>752</sup> Nesse ano 39 alunas se matricularam no Curso Facultativo. Fonte: MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1967, p.93.

<sup>753</sup> No ano de 1958, o SEC recebeu um novo nome: Seminário de Educadoras Cristãs – uma sugestão do Pr.Alberto Araújo – MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1967, p.92.

<sup>754</sup> Foram matriculadas 15 alunas no Curso para Leigas e 20 primeiranistas foram aceitas para os cursos de Bacharel e Pedagógico-Religioso. Não foi encontrado nas fontes o número de matrícula das veteranas. Livro de Atas da Congregação dos professores, 1963. p. 100.; BOLETIM INFORMATIVO, 1963, p. 17-18.

<sup>755</sup> Trinta e uma alunas se matricularam no Curso de Leigas. BOLETIM INFORMATIVO. Seminário de Educadoras Cristãs. 1965, p. 05.

1967	-	-	-	27
1968	94	51	145	22
1969	85	53	138	08
1970	147	-	147	10
1971	107	-	107	15
1972	100	-	100	16
1973	107	-	107	11
1974	146	-	146	-
1975	151		151	-
1976	101	-	101	14
1977	-	-	-	-
1978	194	-	194	-
1979	236	-	236	-
Total geral	2.094	526	2.626	306

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO de 1958-1974; 1977. PROSPECTOS dos anos 1956; 1963 a 1967; 1969- 1973. Folders, Livro de Ata da Congregação dos Professores, dos anos de 1950 a 1967, Livro do Corpo Docente de 1968- 1976; Livro de Ata da Junta Administrativa de 1958 a 1980; Ata da Junta Administrativa datada de 12 de dezembro de 1979. MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967).** Recife: 1967 Arquivo do SEC.<sup>756</sup>

Os números apresentados nas fontes evidenciam que houve um crescimento na matrícula do SEC. No ano de 1953 o boletim informativo acusava a chegada de 20 alunas. No entanto, no ano de 1966, a matrícula baixou. Três anos depois, no ano de 1969, houve outra queda na matrícula. O que motivou o decréscimo na matrícula não foi encontrado na documentação. No final da gestão de Martha Hairston percebe-se que o quadro discente foi ampliado, alcançando 236 alunas. Diante do crescimento da instituição, Martha Hairston deixou registrado o seu contentamento. Segundo ela, “tem chegado uma nova época na vida desta Escola de obreiras e na sua contribuição ao trabalho batista no Norte deste grande país. Que Deus sempre seja o orientador daqueles responsáveis pela direção e desenvolvimento deste educandário.”<sup>757</sup> Em 1960, as alunas voltaram ao SEC para revalidar seus cursos. Maria de Lourdes Ramos da Silva assim se expressou:

Deixando os campos de trabalho e ao mesmo tempo privando-se do convívio dos nossos lares, retornamos a esta Casa para revalidar o nosso curso feito em anos passados. Os dias que atravessamos

<sup>756</sup> BOLETIM INFORMATIVO de 1958-1974; 1977, p.14.

<sup>757</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Seminário de Educadoras Cristãs. 1958, p. 15.



requerem mais e mais conhecimento e um preparo sólido eficiente. Na qualidade de obreiros do Mestre Divino, incumbidas de uma nobre missão, faremos tudo no sentido de realizarmos sempre o melhor.<sup>758</sup>

Conforme os impressos, o jornal e as cartas, Hairston compreendia que esse era o caminho que deveria seguir. O Seminário estava se desenvolvendo a contento. Alunas chegavam de quase todas as regiões do Brasil. Neste sentido, Marta se expressou:

As SECistas de 1979 vieram de quase todo o território nacional (18 estados e o DF) e mais 5 países- Bolívia, República Dominicana, Paraguai, Moçambique e dos Estados Unidos. Ex-alunas do SEC servem a Cristo no Brasil inteiro e como missionárias em mais de 5 países-Paraguai, Portugal, Argentina, Moçambique e Bolívia.<sup>759</sup>

Essas moças buscavam o SEC para conquistar uma formação religiosa, outras voltavam para especializar-se, de modo que a denominação batista estava formando quadros de obreiras preparadas para exercer diferentes funções no campo religioso. Os batistas compreendiam que a atual organização crescia quantitativa e qualitativamente em face de uma multiplicidade de serviços que a instituição passou a oferecer.

O trabalho realizado com as SECistas estava voltado para o ensino, a instrução, a evangelização e a civilização. Houve um desenvolvimento significativo no período em que Martha Hairston esteve à frente do SEC. Simultaneamente ao crescimento da matrícula foram construídos prédios, adquiridos terrenos para a construção da Casa da Amizade e ampliada a duração dos cursos.

Cabe informar que as mudanças ocorridas na história da mulher tiveram seu início na primeira metade do século XX com o movimento feminista ocorrido na França. A priori, foi caracterizado como movimento de cunho social e político, que foi ganhando força e visibilidade ao revelar sua pauta de reivindicações a favor da mulher.

<sup>758</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Seminário de Educadoras Cristãs. 1958, p. 14.

<sup>759</sup> Martha Hairston, Folder, Seminário de Educadoras Cristãs, 1979. As moças que procuravam o SEC para adquirir uma formação religiosa eram oriundas da Bahia, Alagoas, Sergipe, Ceará, Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte, Amazonas, Pará, Pernambuco, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Estados Unidos, Bolívia, Moçambique, Paraguai e República Dominicana. Cf. Relatório Anual do SEC, 1979.

A mulher vislumbrava dias melhores; almejava “obter conhecimentos, preparo para a vida no lar e também para ter uma profissão que lhe permitisse sobreviver com seu próprio rendimento” [...] <sup>760</sup>. A ideia esboçada pela mulher de manter-se com seu trabalho foi bem aceita pelo sexo masculino. Sua determinação viabilizou a inserção feminina no mundo do trabalho. Viu materializada uma das suas conquistas quando “o poder público regulamentou as horas de trabalho em meio turno diurno para que a professora também pudesse cuidar da casa”. <sup>761</sup>

As mulheres não se intimidaram diante da extensão da pauta reivindicatória. Incluíram temas que até então eram privilégio do homem: questões como acesso à escola, dependência econômica, escolha de uma profissão (nesse caso ter liberdade de trabalhar com outras profissões, e não necessariamente enfermagem e pedagogia), escolher seu cônjuge e a forma de ter filhos. Neste contexto, a Escola Normal se voltou para a educação da mulher, pois pretendia prepará-la para assumir papéis diferenciados: casar, ser boa esposa, cuidar do esposo e filhos, educá-los para servir bem a pátria e moldar a criança, inculcando ensinamentos morais, éticos e cívicos. <sup>762</sup>

A mulher foi vitoriosa em alguns aspectos: teve acesso ao ensino superior, passou a exercer algumas profissões, tais como: professoras, enfermeiras e parteiras. No entanto, “o trabalho só poderia ser lícito se significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação e servir com submissão, qualidades inerentes às mulheres.” <sup>763</sup>

No final do século XX, a mulher testemunhou a democratização do ensino público, e a escola abriu suas portas para a classe majoritária. Com as transformações que aconteceram no panorama social, a sociedade se encontrou diante de desafios e

---

<sup>760</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.p.77.

<sup>761</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.p.80-81.

<sup>762</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

<sup>763</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.p.75.

reconheceu que precisava preparar mão de obra qualificada para a demanda, que surgiu com o avanço das novas tecnologias e com a ampliação da comunicação crescente no mundo.<sup>764</sup> O trabalho desenvolvido por Hairston nos anos de 1974 a 1979 não foi encontrado nos impressos pedagógicos. Mas os livros de atas testemunharam suas ações e outros documentos contaram sua história.

Hairston, no ano de 1979, resolveu passar a direção para as mãos brasileiras. Durante 27 anos em que Martha Hairston esteve à frente do SEC constatou-se um período de realizações. Constatou-se que Hairston manteve um bom relacionamento com diferentes segmentos da sociedade. Conquistou espaço nos campos, político, econômico, social e acadêmico. Os dispositivos que realçaram seu trabalho foram: sua visão de mundo, os serviços prestados no SEC e sua forma de administrar e sua determinação mesmo diante das incompreensões. Estes possibilitaram sua inserção nesses campos. Caso contrário, Hairston não teria adesões aos seus projetos, pois sua permanência no cargo de diretora seria passageira e não teria solidificado seus programas.

Hairston deixou a Casa Formosa no momento em que entendeu ter completado sua obra, havia preparado uma ex-aluna para ocupar seu lugar ou, na sua concepção, havia alcançado seus alvos. Ficaram registrados na imprensa, nos impressos e nas atas estes dois momentos vividos pelo SEC: o dia da aula inaugural e o da formatura. Eram importantes e sempre se constituíram em tripla responsabilidade: receber as moças vocacionadas, prepará-las e devolvê-las para o exercício de uma profissão na denominação. Um outro momento era quando as moças concluíam seus estudos, e iam para os campos executar as lições apreendidas. Era uma [...] “festa espiritual”<sup>765</sup> na Casa Formosa. Em 1980, O Jornal Batista noticiou a Formatura do SEC<sup>766</sup>. Ábia Saldanha Figueiredo, ao se reportar às festividades desse dia, assim se expressou:

---

<sup>764</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.p.75.

<sup>765</sup> O JORNAL BATISTA. Figueiredo, Ábia Saldanha. Uma significativa Festa Espiritual. 17 de 1980, p.6.

<sup>766</sup> Sobre formatura conferir O JORNAL BATISTA de 24/02/1980.

A formatura do nosso Seminário tem um significado todo especial. Outras instituições de ensino como, faculdades e colégios formam turmas cada ano, e solenidades são realizadas, mas nenhuma dessas tem um significado tão profundo e sublime quanto às festividades das nossas casas de ensino. É que estas estão preparando jovens para servir a Deus. É uma colação de grau tendo como objetivo precípua apresentar a Deus uma turma de moças para Ele dispor dela em qualquer lugar do mundo, é festa espiritual.<sup>767</sup>

O SEC, no final de cada ano letivo, apresentava à denominação batista moças preparadas para medrar o trabalho da igreja e de suas organizações. A celebração feita não se configurava apenas como vitrine para ser admirada. No imaginário da instituição, as ex-alunas casadas ou solteiras deveriam, ao completar o curso, dedicar-se ao trabalho religioso. A formatura simbolizava conclusão de uma etapa e início de um novo tempo, de um novo ministério.

O SEC<sup>768</sup> não festejava apenas a formatura. Valorizava também as pequenas e grandes coisas que aconteciam na vida da aluna. A observância do regimento, obediência às normas, o temor ao Senhor e a vida de serviço confirmavam que valeu a pena investir nessas vidas.

Martha Hairston recebeu homenagem do Colégio Americano Batista de Recife na pessoa do seu diretor, Efraim Pinto Benjamim, e sua coordenadora, Daisy Santos Correia de Oliveira. Ressaltaram o modo de trabalhar, dessa gestora, enalteceram seu modo de agir e apresentaram suas virtudes:

Durante 27 anos a missionária Martha Hairston tem dirigido o Seminário de Educadoras Cristãs, de uma maneira tão sábia e eficiente que o transformou em Casa Formosa. É que ela tem dado um toque de beleza material aos edifícios e um exemplo de formosura espiritua aos que com ela trabalham e convivem.

---

<sup>767</sup> O JORNAL BATISTA. Figueiredo, Ábia Saldanha. Uma significativa Festa Espiritual. 17 de 1980, p.6.

<sup>768</sup> A valorização da aluna se dava por variados segmentos e pessoas envolvidas da instituição: a Junta Administrativa, a UFMBB, UFMBP, a denominação, professores, igrejas e familiares.

Sim, a solenidade de formatura foi prestada uma justa homenagem [...]. Dentre as suas qualidades comentadas, estas foram repetidas: dedicação, firmeza e humildade.<sup>769</sup> Pelos discursos percebe-se que na gestão de Martha Hairston, o SEC ganhou outra feição. Houve mudança nos campos espiritual, material e acadêmico. Com seu jeito de ser e de agir, conquistou os corpos docente e discente e amigos de outras instituições que estavam presentes e se “pronunciaram na ocasião”<sup>770</sup>.

A União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB) também prestou homenagem à Missionária Martha Elizabeth Hairston, que durante 27 anos, foi reitora do Seminário de Educadoras Cristãs, no Recife. Transferiu o bastão à professora Lídice Gramacho Feitosa de Lima, ex-aluna do SEC, que será auxiliada pela missionária Mary Witt. A UFMBB deu à D. Martha uma medalha de ouro no formato do mapa do Brasil, com quatro pedras semipreciosas incrustadas.<sup>771</sup>

O povo batista agradeceu à missionária Martha Elizabeth Hairston seus 27 anos dedicados à educação das moças batistas. Os impressos testemunharam a missão de Hairston na Casa Formosa. Tornaram-se veículos de divulgação do seu projeto suas dificuldades, seus avanços e recuos. A materialização do seu ideário tornou-se visível através do tempo.

#### **4.8. As cartas de Hairston no SEC**

Os estudos da biografia e registros vêm crescendo como “fenômeno editorial” graças à nova tendência historiográfica que surgiu na década de 1980, permitindo a valorização de objetos outrora esquecidos. Na atualidade, o tratamento da carta como fonte de pesquisa tem-se ampliado. No entanto, o processo de troca de informação, como a carta, ou outra maneira de manter diálogo, como o telegrama ou até mesmo um cartão – postal, não se constituíram em novidade. Práticas dessa natureza remontam aos séculos passados.

---

<sup>769</sup> O JORNAL BATISTA. Figueiredo, Ábia Saldanha. Uma significativa Festa Espiritual. 17 de 1980, p.6.

<sup>770</sup> O JORNAL BATISTA. Figueiredo, Ábia Saldanha. Uma significativa Festa Espiritual. 17 de 1980, p.6.

<sup>771</sup> O JORNAL BATISTA. Figueiredo, Ábia Saldanha. Uma significativa Festa Espiritual. 17 de 1980, p.6.

No século XVIII, era comum a troca de correspondência, tornando-se um hábito entre as pessoas. As cartas ganharam espaço e relevância; revelavam alegrias, tristezas e outros sentimentos. Com ampliação da alfabetização, Malatian constatou o “aumento do hábito de leitura e das práticas arquivísticas. A escrita de cartas difundiu-se e deixou de ser preferencialmente masculina para tornar-se cultivada na maior extensão pelas mulheres<sup>772</sup>.” As mulheres inseriram-se nesse novo espaço, inauguraram um novo tempo e conquistaram o hábito de escrever e trocar missivas.<sup>773</sup>

O objetivo deste tópico é analisar algumas cartas enviadas e recebidas por Hairston, as quais contribuíram para a concretização do seu ideário. Para cumprir o objetivo, utilizam-se como fontes as cartas enviadas para seus familiares e amigos nos Estados Unidos e no Brasil. Em carta endereçada à igreja em Belo Jardim-PE, ela mencionou o desejo de trabalhar com os jovens e ajudá-los a conhecer o evangelho.

Em outra carta explicou à família a felicidade de estar organizando uma igreja em Poção e Raiz<sup>774</sup>, no estado de Pernambuco. No ano de 1963 enviou uma carta para o deputado federal Antunes de Oliveira, comunicando que inscreveu a biblioteca do SEC no Instituto Nacional do Livro. Em outra carta agradeceu a Oliveira o empenho em relação ao processo de Utilidade Pública a que o SEC estava submetido. Marcolina Magalhães escreveu uma missiva pedindo uma vaga e bolsa de estudo para uma moça estudar no SEC.

Essas fontes são analisadas a partir dos conceitos da materialidade, apropriação e representação de Roger Chartier. Ao realizar este estudo, busca-se compreender as preocupações, as dificuldades e os desafios enfrentados por Martha Hairston para concretizar seus ideais e dar visibilidade à instituição. Pretende-se também analisar as práticas educativas relatadas nas cartas e a contribuição do impresso na prática escolar de Martha Hairston.

---

<sup>772</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.196.

<sup>773</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.196.

<sup>774</sup> Hairston trabalhou nas cidades de Poção, Raiz e Belo Jardim em Pernambuco.

As cartas são testemunhas das preocupações que Hairston teve para inserir o SEC nos programas acadêmicos e sociais, em níveis estadual e nacional, na perspectiva de torná-lo conhecido. Hairston percorreu um longo caminho enfrentando a burocracia e interesse ou desinteresse de alguns agentes para deliberar seu projeto de inscrever o SEC no Programa Nacional de Bibliotecas e torná-lo oficialmente uma instituição de utilidade pública. Subsidiaram a análise documental as cartas enviadas e recebidas de Antunes de Oliveira, deputado federal; da missionária da Junta de Missões Nacionais, Marcolina Magalhães, e dos amigos norte-americanos.

As cartas trocadas com Marcolina Magalhães abordavam assuntos relacionados ao ensino e à evangelização. Outras enviadas pelas ex-alunas que atuavam nas Missões estrangeiras compartilhavam o cotidiano do campo missionário. As cartas testemunhavam as alegrias ou as dificuldades de adaptação com a cultura, o número de pessoas que se convertiam à nova fé e o número de alunos matriculados nas escolas batistas. A carta, na sua materialidade, apresenta indícios de uma cultura e vestígios de uma época; traz no seu bojo suas especificidades; pode ser impressa ou manuscrita.

Carta. Objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no apalpar, nas formas, nas letras e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas quando impressas num livro; cartas que são textos porque são produções escritas; cartas que são discursos, porque nelas se buscam significações históricas.<sup>775</sup>

As cartas enviadas por Hairston apresentavam-se datilografadas em papel ofício e com motivos natalinos. Outras não portavam marcas nem desenhos. Nelas discutiam-se temas diferenciados, ora voltados para a política educacional, ora voltados para questões religiosas e sociais. Os motivos apontavam para o mesmo alvo: o desenvolvimento do SEC. Por meio das cartas percebe-se a apropriação e representação que o indivíduo tinha para com a instituição e revelava sua relação com o impresso enviado. As epístolas que chegavam alegravam o coração de Hairston; eram relatos das

---

<sup>775</sup> CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos (organizadoras). CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Refúgios do eu:** educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 203-237.

ex-alunas que atuavam nos campos missionários. Martha registrava sua preocupação, de acordo com as cartas recebidas, e suas palavras refletiam temas que ajudavam a aluna a permanecer firme no campo missionário.

A troca de cartas tornou-se intensa após a formatura. As alunas continuavam mantendo bom relacionamento com a instituição, com a associação de ex-alunas e com a diretora Hairston. As ex-alunas enviavam suas missivas abordando assuntos sobre o trabalho que desenvolviam. Seguem trechos das cartas enviadas para Hairston e impressas no boletim informativo do SEC dos anos de 1969 e 1970.

Angelina Pereira Leitão (1963) relembra: “[...] Houve uma série de conferências em nossa Igreja e tivemos 32 decisões; 5 são pais de alunos aqui da Escola e 6 são alunas”<sup>776</sup>

Os cargos exercidos, a questão da confiança e as vitórias alcançadas são compartilhados. Jocenita Tenório compartilhou dizendo: “A Escola está com 80 alunos, sendo a maioria vinda de lares descrentes. Quatro alunas fizeram sua decisão a Cristo”<sup>777</sup>.

As atividades eram intensas na vida das ex-SECistas. Estas eram reconhecidas pela denominação como moças bem preparadas, motivo pelo qual eram requisitadas. Ligia participava a Hairston suas novas atividades. “Este ano tenho mais uma matéria e tantas outras responsabilidades na Igreja e no Campo. Este ano fui eleita Secretária Executiva da União Feminina Missionária (UFM) do Campo Sertanejo”<sup>778</sup>.

Heliana comunicou que acumulou o trabalho da igreja e tornou-se “diretora de Educação e Cultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE.”<sup>779</sup> Os trechos das cartas enviadas para Hairston deixavam transparecer alegria e prestação de relatório do trabalho desenvolvido nos campos. Fica bem clara a questão da

---

<sup>776</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Angelina Pereira Leitão - Pôrto Nacional de Colégio, 1970.

<sup>777</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Jocenita Tenório, Caravelas-Bahia, 1970.

<sup>778</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Heliane Apolinário. Recife-PE, 1970

<sup>779</sup> BOLETIM INFORMATIVO. Heliane Apolinário. Recife-PE, 1970



fidelidade e gratidão à instituição. Demonstrava fidelidade à vocação, mesmo quando trabalhava secularmente.

No ano de 1959, a missionária Marcolina Magalhães escreveu uma carta para Martha Hairston. Inicialmente saudou os amigos, agradeceu a Hairston por avisá-la da morte da ex-aluna. Abriu seu coração e falou da tristeza de não ter visitado a amiga na hora da dor e as saudades que sentiu no momento da separação. Em seguida, expôs um problema e um pedido:

D. Martha, eu tenho uma moça que se converteu este ano, é filha de pais crentes. Esta moça é muito inteligente, cuidadosa e disse que seu ideal é estudar para servir a Cristo. Está estudando a 3ª série no ginásio dos Padres eles não querem mais ela como aluna, e mesmo que aceite eu queria que ela estudasse aí. Gostaria que a senhora me mandasse dizer se é possível arranjar um lugarzinho para ela. Será que ela pode ir só com o 3º ano do ginásio, se é possível arranjar um empregozinho pra ela que é pobre e orfã de pai e nossa igreja também não pode fazer nada. Conforme o que a senhora disser então eu falarei para ela. Bem, minha boa d. Martha, se Deus permitir ainda nos veremos. Até logo, com saudades de todas. Da amiga, Marcolina.<sup>780</sup>

Acredita-se que Marcolina Magalhães estava um tanto preocupada com a situação de uma moça que decidiu preparar-se no SEC. Sinalizou que após sua decisão, o padre não permitiu sua permanência no colégio. Em 25 de agosto de 1959, Hairston respondeu à missiva de Magalhães e comunicou-lhe a 10ª Campanha Simultânea de Evangelização, que ocorreu nesse mesmo ano. Passou então a discutir o assunto, que foi mencionado pela missionária Marcolina Magalhães:

Quanto à moça da qual a senhora falou, temos nos entendido com o Pastor Florêncio Rodrigues a respeito da possibilidade de ela estudar no Colégio Americano Batista (CAB). Não aceitamos mais moças aqui no SEC sem que tenham o curso ginásial completo. O Pastor Rodrigues disse-nos que se essa moça é pré-secista, êle fará todo o possível para facilitar os meios para ela estudar no CAB. O abatimento que ele pode fazer para as pré-secistas e pré-seminaristas é bem melhor do que as possibilidades para outros alunos.<sup>781</sup>

<sup>780</sup> Trecho da carta enviada por Marcolina Magalhães para Martha Hairston em 29 de junho de 1959.

<sup>781</sup> Trecho da carta enviada por Marcolina Magalhães para Martha Hairston em 25 de agosto de 1959.

Martha demonstrou interesse em resolver o problema da moça que pretendia estudar no SEC. O diretor do CAB se comprometeu a buscar alternativas para a concretização dos seus planos. Hairston a aconselhou a entrar em contato com Pr. Florêncio Rodrigues, diretor do CAB, para efetivar a matrícula da aluna, dando-lhe oportunidade de, após conclusão do segundo grau, matricular-se no SEC.

Em 1963, Martha Hairston enviou uma carta para seus amigos. No seu relato mencionou o feriado do dia do professor. Para aproveitar a data, alunas, professores e funcionários foram comemorar o dia de descanso na praia. Para Hairston, “o piquenique torna-se uma grande operação, mas este foi um enorme sucesso”<sup>782</sup>. No entanto, à noite, Hairston sofreu com queimaduras no corpo proveniente da exposição ao sol. Hairston pontuou algumas atividades que realizou na instituição enfocando as questões patrimoniais e pedagógicas. Comentou que nesse semestre ministrava aulas da disciplina Aconselhamento/Entrevistas.

No diálogo com os amigos falou da sua felicidade em ver sua classe da EBD crescendo. Ela se expressou: “estamos apertados como sardinha com 20 ou mais presentes neste domingo [...], e treze novos convertidos foram batizados”<sup>783</sup>. E continua: “este ano já participei de cinco casamentos, por isso estou ficando com uma coleção de vestidos, que são usados nas bodas de casamentos, inclusive dos meus alunos”<sup>784</sup>. Na escrita da sua carta lembrou “da sua coleção de peixes tropicais que já estava tornando-se uma multidão”<sup>785</sup>.

Segundo Bezerra e Silva, “a carta, portanto – que é, em primeira instância, um objeto que busca a aproximação de sujeitos distanciados – surge, aqui, mais uma vez, como minizadora de distâncias, possibilitando o diálogo entre autor e o “leitor” afastados por circunstâncias diversas”<sup>786</sup>

<sup>782</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos na outra no ano de 1963.

<sup>783</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos na outra no ano de 1963.

<sup>784</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos na outra no ano de 1963.

<sup>785</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos na outra no ano de 1963.

<sup>786</sup> BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. Patrimônio e Memória. UNESP- FCLAs-CEDAP, v.5, n.2, p. 142-167, dez. 2009. ISSN – 1808 -1967.

No ano de 1965, Hairston começou sua conversa com os amigos, rememorando a festa que aconteceu no SEC. Em 1976, Hairston escreveu uma carta para o Pr. Antunes de Oliveira, deputado federal. Anexo a essa missiva enviou um projeto cuja finalidade era tornar o SEC uma instituição de utilidade pública. O projeto 2.707/76 foi aprovado por uma comissão; no entanto, existiu uma morosidade para ser concluído o processo. Por carta, Betty Antunes<sup>787</sup> comunicou:

Temos conhecimento de que, por ocasião de consideração pelo plenário, todos os projetos que favorecem as Entidades para torná-las de Utilidade pública, são derrubados por parte do Governo. Tem havido muita reclamação quanto ao fato de o presidente da República ter chamado para si o direito de tornar as instituições de utilidade pública. Temos uma pequena esperança de que esse projeto do SEC consiga.

O projeto foi aceito por uma comissão – não identificada – e posteriormente seria analisado. Antunes fala das dificuldades para o projeto ser aceito, mas lembra que existia uma possibilidade de ser deferido pelo presidente Ernesto Geisel. Em 19 de fevereiro de 1977, Hairston recebeu um comunicado, acusando seu indeferimento. Betty Antunes enviou o parecer:

Este Conselho não registra entidades de natureza precipuamente religiosa, de acordo com a Resolução 13/70, o Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS). O requerente poderá, se tiver interesse, criar uma entidade nova, juridicamente autônoma, administrativamente desvinculada das obras sociais efetivamente realizadas<sup>788</sup>.

A luta de Hairston não foi em vão. Anos mais tarde, em outra gestão, o SEC tornou-se entidade de utilidade pública pelo decreto de 21 de maio de 1997. As cartas de Hairston revelavam também seu interesse em divulgar a biblioteca da instituição e permitir que outras instâncias tivessem acesso ao seu acervo.

Em 25 de fevereiro de 1977, Martha escreveu para Betty Antunes, agradeceu-lhe as informações e lhe enviou um sumário da vida do SEC, dizendo: “Talvez o relato seja

---

<sup>787</sup> Betty Antunes de Oliveira, esposa e secretária parlamentar do deputado federal Antunes de Oliveira.

<sup>788</sup> Parecer nº 260.085/76 do CNSS de 19 de fevereiro de 1977.

maior do que pode ser usado para publicação nos Anais do Congresso. A irmã e o Dr. Antunes cortarão o que acharem necessário.”<sup>789</sup> O texto deixa transparecer que Hairston tinha dúvida quanto aos procedimentos de como deveria inscrever a biblioteca do SEC no Instituto Nacional do Livro. E assim ressaltou:

[...] agora que a biblioteca está reabrindo com o início do ano letivo, estamos publicando no Diário Oficial, o horário no qual ela serve ao público. O regimento interno da biblioteca (atualizada para 1977) deverá ser mimeografado na semana que vem. A bibliotecária está preparando a relação dos livros que a biblioteca possui.<sup>790</sup>

Martha empenhou-se na divulgação da biblioteca do SEC. Tornou público seu acervo e considerou-a equipada para atender às SECistas e a outras entidades educacionais. Confiou tanto nesse projeto, que enviou sua proposta para o deputado federal Antunes de Oliveira. Martha defendia a permanência do SEC – esse projeto daria visibilidade à instituição mostrando a denominação – e a comissão que desejava unir as duas escolas teológicas –, sua relevância e contribuição não só para suas alunas, mas também para a sociedade de um modo geral. Em seguida reafirmou dizendo: “logo que tenhamos estes em mão, os enviaremos, pois temos muito interesse nessa inscrição no Instituto Nacional do Livro”<sup>791</sup>.

Hairston informou a Antunes que a funcionária Berenice Rocha, estudante do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, estava encarregada de buscar informações sobre as editoras nacionais – que fazem doações de livros para as instituições –, ao mesmo tempo em que revelou interesse em conseguir o endereço da editora da revista *A saúde do Mundo*, pois pretendia adquiri-la por considerar “de muita utilidade para nossa biblioteca.”<sup>792</sup>

Martha Hairston procurou adquirir para a biblioteca, não só os livros indicados pelos professores da instituição, mas também aqueles que despertassem o interesse

---

<sup>789</sup> Hairston envia sumário do SEC a ser publicado nos Anais do Congresso (Carta de 25 de fevereiro de 1977).

<sup>790</sup> Carta enviada para Antunes de Oliveira em 25 de fevereiro de 1977.

<sup>791</sup> Carta enviada para Antunes em 25 de fevereiro de 1977.

<sup>792</sup> Carta enviada para Antunes em 25 de fevereiro de 1977.

das alunas e dos professores. Os títulos existentes na biblioteca eram variados, atuais, mantendo no seu acervo livros de diferentes áreas: religiosa, pedagógica e científica. Pelo visto, Hairston acreditava que bons livros favoreciam o trabalho pedagógico dos corpos docente e discente do SEC e uma aquisição de novos conhecimentos.

Em 1978, a professora Lenira Fernandes de Luna, secretária de Hairston, respondendo à carta de Betty Antunes, comunicou que a missionária tinha viajado para os Estados Unidos no início de maio do corrente ano e voltaria até o dia 16 de junho. Em seguida, compartilhou que “d. Martha foi contemplada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Ouachita onde estudou.”<sup>793</sup>

Em 28 de julho de 1978, Martha Hairston respondeu à carta recebida e agradeceu a cópia da comunicação da “Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, informando a aprovação do Projeto 2.707/76, que havia sido encaminhado pelo deputado Antunes de Oliveira. Aproveitou o momento para responder à pergunta de Betty Antunes sobre a universidade que lhe concedeu o mencionado título:

Ouachita Baptista University é localizada em Arkadelphia, Arkansas, não muito distante da cidade de Nashville. Reconheço o nome de seu trisavô, Rev. Isaac Cooper Perkins como pioneiro no trabalho batista naquela região. Estarei de olho aberto para qualquer referência a ele que sair nas publicações que recebo, enviando o material para a irmã, se encontrar algo.

Hairston aproveitou o momento para tornar-se mais conhecida. Estreitou laços e facilitou, assim, a comunicação entre o parlamentar e o SEC. Não perdeu a oportunidade e anunciou a audição que foi realizada nessa mesma data (28 de julho de 1978), pelos corais do SEC e do IBER, ocasião em que foi “lançada a recém-publicada cantata ‘Exaltação’, de composição da professora Cleide Dorta Benjamim, coordenadora do Departamento de Música Sacra do SEC”<sup>794</sup>. Martha utilizou-se de gentileza e gratidão para Antunes, pelo empenho da resolução desse processo. O SEC,

---

<sup>793</sup> Carta enviada para Betty Antunes em 05 de maio de 1978.

<sup>794</sup> Trecho da carta enviada por Hairston para Antunes, em 28 de julho de 1978.

por meio do decreto nº 50.517, de 2 de maio de 1961, foi declarado de utilidade pública.<sup>795</sup> Na época Martha Hairston não respondia mais como diretora do SEC.

As cartas contribuíram para maior compreensão do pensamento de Martha Hairston. Sabe-se que as missivas, sozinhas, não são suficientes para discutir prática social e cultural da instituição. Outras fontes foram usadas para obtenção dos objetivos propostos. Segundo Teresa Malatian, “nenhum documento pode iluminar por si só um tema”<sup>796</sup>.

Em 1980, Hairston começou sua carta, anunciando aos amigos que completou seu período como diretora do SEC, passando a direção para mãos brasileiras. Martha aproveitou a oportunidade para ajudar a missionária Clara Lynn Williams, na realização do projeto evangelístico intitulado Transtamanduá. Esta atividade aconteceu no interior pernambucano. “Naquele ano a igreja estava comemorando 20 anos de trabalho batista nessa região rural isolada.”<sup>797</sup>

Programas de cunhos evangelístico e social foram desenvolvidos naquela cidade sob a responsabilidade da missionária Clara Lynn Williams, que assim se expressou: “A Igreja cresceu e contabilizaram-se 100 pessoas batizadas. Foram construídos templos bem localizados, e Williams continuou supervisionando a construção de cisternas e instalações sanitárias.”<sup>798</sup>

Em dezembro de 1986, Martha enviou uma carta para familiares e amigos na qual dizia que esse seria seu último natal no Brasil, e que depois de 36 anos de trabalho missionário com a Junta de Missões Estrangeiras, estava voltando para os Estados Unidos para usufruir da sua aposentadoria. “É como se Deus tivesse me dado duas

---

<sup>795</sup> Cf. Diário Oficial de Pernambuco, seção I, nº 96, de 22 de maio de 1997.

<sup>796</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: BASSANEZI, Pinsky; LUCA, Tânia Regina de. (Orgs). **O Historiador e suas fontes**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 205.

<sup>797</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos nos Estados Unidos da América no ano de 1980.

<sup>798</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos nos Estados Unidos da América no ano de 1986.

carreiras missionárias, um longo período na educação teológica no Recife e nos seis anos na plantação de igrejas em circunstâncias pioneiras no interior<sup>799</sup>.”

No final de 1985, Hairston definiu algumas metas que foram alcançadas em 1986:

- Trabalhar juntamente com os pastores nas congregações da Amizade em Belo Jardim e em Poção para organizá-las em igrejas;
- Construir um edifício adequado para a Congregação em Raiz;
- Construir um batistério para a Congregação da Amizade;
- Casas e carros para os dois pastores residentes;
- Criar e supervisionar projetos de combate à fome.

Os objetivos propostos por Martha foram alcançados, mas ela estava insatisfeita diante do que aconteceu na igreja em Raiz.

Este ano foi decepcionante para a Missão Raiz em Poção. Mesmo tendo sido batizados 47 nos últimos 2 anos, e tendo uma residência agradável e disponível, não havia pastor. Alguns membros foram para os grupos pentecostais agora bastante ativos em Poção. Alguns se afastaram por falta de um líder (pastor) para orientá-los.

Martha investiu na evangelização das cidades interioranas em Pernambuco. Fazia-se necessária a presença de pastores e líderes batistas brasileiros para dar assistência aos que se converteram ao evangelho. Em sua carta endereçada aos amigos, ela relatou:

Tanto a formação profissional e a maternidade infantil, bem como os projetos de combate à fome, estão chegando a sua fase final. O sr. Paulo, cuja esposa e o bebê estavam entre os primeiros no Projeto Maternidade infantil – no momento em que ele estava sem trabalho –, é agora o pedreiro que está terminando novo edifício da Missão Raiz. Foi através do Projeto que sua esposa e um filho se converteram à nova fé e são membros fiéis da Igreja da Amizade.<sup>800</sup>

Martha compartilhou as atividades que desenvolveu no seu novo campo de trabalho. Demonstrou tristeza, ponderou e apresentou resultados obtidos em suas últimas ações como missionária em terras brasileiras. Sua aposentadoria aconteceu em

<sup>799</sup> Trecho da carta de Martha Hairston enviada para seus amigos nos Estados Unidos no ano de 1986.

<sup>800</sup> Trechos da carta enviada para a família e amigos nos Estados Unidos da América no ano de 1988, p.1.

1º de junho de 1988.<sup>801</sup> A análise das fontes documentais permite concluir que Martha Hairston dedicou-se à obra e criou possibilidades para que o SEC fosse transmissor de credibilidade perante a sociedade, preparando moças para atuarem nos campos missionários. Ao analisar as cartas de Hairston, foi possível perceber a presença das seguintes categorias.

Quadro 51-Categorias contidas nas correspondências de Hairston e analisadas nesse estudo.

<b>Práticas Educativas</b>	<b>Política Social e Pedagógica</b>	<b>Práticas Religiosas</b>
Passeios (Piquenique)	Matrícula (vaga), bolsa de estudo, emprego	Série de Conferências
Matrícula	Entidade de Utilidade Pública	Batismos dos alunos da classe da EBD
Audição dos corais do SEC	Inscrição no Instituto Nacional do Livro	Casamento – dos seus alunos –.
-	Construção de casas, Igrejas	Plantação de Igreja
-	Maternidade Infantil	Construção de templo
-	Combate à fome	Construção de Batistério
-	Compra de carro	-

Fonte: As cartas de Hairston<sup>802</sup>. Arquivo: SEC Junta de Richmond

Os assuntos abordados nas epístolas de Martha Hairston tratavam de questões religiosas, políticas, sociais e pedagógicas. A análise das cartas permite concluir que Martha Hairston dedicou-se à educação e à evangelização, criando possibilidades para que o SEC fosse transmissor de credibilidade perante a sociedade e a denominação batista, que ajudaram na consolidação do seu projeto.

Neste capítulo tratou-se dos usos dos impressos da imprensa e das cartas de Hairston. O diálogo mantido com as fontes e com os teóricos nos fez refletir sobre a necessidade que os pioneiros tiveram para materializar seus ideais. Hairston, através dos impressos e das cartas deu luz aos seus projetos, revelando a urgência em salvar e regenerar vidas por meio da evangelização. As cartas de Hairston e os contatos mantidos com familiares, amigos e Junta de Richmond fizeram-se na perspectiva de consolidar o SEC.

<sup>801</sup> Martha Hairston. Emeritus Southern Baptist Missionary (Appointed abril 1951, retired June 1988).

<sup>802</sup> As cartas foram encontradas nos arquivos do SEC, e da Junta de Richmond pelas ex-missionárias Merilois Kirksey, Edie Jeter e Peggy Pemble..



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações destinadas ao estudo de uma biografia parecem infundáveis. Na perspectiva de reconstruir toda a trajetória do indivíduo, propõem-se objetivos, faz-se recorte temporal, buscam-se fontes, aplicam-se questionários, mas mesmo assim percebe-se que muitas questões ficam sem respostas. Compreende-se também que para escrever a história de vida de Martha Elizabeth Hairston fez-se necessário compreender sua relevância para o estudo da História da Educação no Brasil. Foi com essa concepção que a trajetória de Martha Hairston foi escrita. Para configurar seu trabalho no Brasil, sua vida não foi estudada isoladamente, mas foram traçados fios de ação implantada no SEC, dando vida ao seu projeto consolidado no Brasil, mantido pela Junta de Richmond e pela UFMBB. A preocupação nesta caminhada foi selecionar os aportes teóricos que nos permitissem manter um diálogo – com os mesmos –, contemplando a riqueza das fontes, as temáticas desenvolvidas e a construção das análises.

Para escrever sobre a trajetória da missionária Hairston tornou-se necessário tomar conhecimento do contexto vivenciado no Nordeste brasileiro, as ideias pedagógicas que circulavam no campo da educação feminina e as propostas que estavam sendo implantadas para beneficiar essa categoria. A história de vida vislumbrada neste estudo contemplará parte de um caminho percorrido por Hairston. Fez-se necessário conhecer outras histórias da sua vida em família, formação acadêmica, profissional, religiosa e o que conquistou antes da sua chegada ao Brasil, além das ações desenvolvidas no interior pernambucano após sua saída do SEC. Todas estas informações são indispensáveis para a escrita de sua biografia. Desta forma, a pesquisa teve como objetivo analisar a contribuição de Martha Hairston para difusão do seu ideário no Seminário de Educadoras Cristãs no período de 1953 a 1979.

Nesse ínterim procurou-se identificar quem era Hairston, seus anseios, seu projeto, quais as áreas que pretendia alcançar e as estratégias usadas para implantar sua cultura. O percurso teórico-metodológico escolhido para análise contribuiu para a compreensão do campo acadêmico e das lutas enfrentadas, bem como manter a ETC/SEC como uma instituição voltada para a educação feminina das moças batistas.

No ano de 1953, Martha assumiu a direção do SEC, organizou uma equipe de trabalho e fundou a Casa da Amizade – como um departamento do SEC –, que teve como diretora a missionária Edith Vaughn. A Casa da Amizade tornou-se um campo de estágio para as SECistas, que colocavam em prática os conhecimentos adquiridos.

A Casa da Amizade prestava à sociedade serviços de origem educacional, social, programas de saúde e estágio remunerado nas igrejas, objetivando a aquisição de experiências, além de unir a teoria à prática. A diretora da Casa da Amizade, Edith Vaughn, contou com a organização Visão Mundial, que atendeu a mil crianças. Na parte educacional, a Casa da Amizade desenvolvia ações para amenizar a questão do analfabetismo de crianças e adultos, e aos jovens ofereceram cursos profissionalizantes objetivando inserí-los no mercado de trabalho. O SEC preparava suas alunas para atuar também na área da saúde. A SECista, de acordo com sua formação, era liberada para atuar em clínicas e hospitais.

Além do programa social desenvolvido na Casa da Amizade, Hairston também desenvolveu um projeto de evangelização junto aos quartéis de Recife.

Em 1954, foi organizado o primeiro boletim informativo, portando quatorze páginas, e tendo como redatora a professora Edehy Guerra. Martha imprimiu sua forma de trabalhar. Não concordou com o que estava estabelecido. Apresentou à Junta de Richmond, seu projeto de trabalho e as mudanças necessárias para desenvolvê-lo. Nele, constava a contratação de novas funcionárias, e comunicou que não fixaria moradia no internato do SEC – residir no SEC era uma prática de todas as diretoras –. Martha sofreu pressão, mas argumentou que precisava de tempo para pensar a educação que iria implantar na instituição.

No ano de 1956, surgiu um movimento que propunha a união da ETC com o STBN e do IBER com o STBS. O assunto era polêmico, sendo assim precisava de tempo para ser analisado. Por isso, a Convenção nomeou uma Comissão de Educação Teológica para apresentar um relatório sobre a questão da “viabilidade e inviabilidade da união das escolas teológicas. A Junta Administrativa da ETC, depois de debater o assunto e apresentar vários argumentos, considerou inviável a junção das instituições. Dessa

forma, Martha Hairston resistiu à proposta dos colegas de unir essas instituições teológicas.

A ideia de juntar as instituições demonstrava o marchismo que empregnava alguns elementos da comissão. Ao mesmo tempo descredenciava a mulher e o trabalho desenvolvido. Os argumentos usados pela comissão que pretendia a união das instituições não convenceram a UFMBB, as mulheres batistas dos Estados Unidos nem a própria JR(as principais mantenedoras), muito menos as igrejas, que serviam como campo de trabalho para as SECistas.

Hairston demonstrou preocupação com o sustento das moças criando bolsas de estudo e de trabalho. O resultado da sua eficácia tem seus retornos nos convites feitos pelas igrejas de Pernambuco e o número de alunas admitidas nas Juntas de Missões Nacionais, Estaduais e Mundiais.

Os conflitos não atrapalharam o projeto de Hairston, o qual tinha como prioridade a reformulação dos cursos e a construção de um novo prédio. Sobre o projeto, Peggy Pemble explicou:

Naquela época não existia a exigência de elaborar um projeto, colocar no papel, reconhecer autoria no cartório. A Junta de Richmond não trabalhava dessa forma. A obra precisava ser feita, o missionário tinha a liberdade de desenvolvê-la sem precisar apresentar uma proposta por escrito. À medida que a necessidade surgia, as ideias eram postas em prática.<sup>803</sup>

Seu projeto estava cimentado em dois pilares: evangelização e educação. As estratégias empregadas visavam atender à formação acadêmica das moças batistas, preparando-as para tornarem-se missionárias no Brasil e no mundo, atender às carências nas áreas de educação religiosa, do serviço social e da música nas igrejas, bem como trabalhar nas escolas batistas. O procedimento adotado para pôr em prática seus planos foi pedir ajuda aos seus mantenedores, que se uniram para sustentar essa casa de ensino.

---

<sup>803</sup> Informação transmitida por telefone em outubro de 2012.

A missionária Martha Hairston demonstrava preocupação com questões variadas, incluindo a educação integral e a higiene dos corpos. Para implementar seus projetos, Hairston precisava da cooperação dos corpos docente e discente e dos colaboradores. O SEC tornou-se um espaço de divulgação das suas ações educacionais, sociais e religiosas.

O SEC era uma instituição especializada em educação feminina. No entanto, Martha não demonstrava preocupação em preparar a moça para ser esposa de pastor. Isto era um sonho do pioneiro Williams Carey Taylor. Os ensinamentos repassados serviam para todas. No entanto, Hairston valorizava a função da mulher. Orientava como desenvolver seu papel de mãe e esposa, mas sem deixar sua vocação. Estimulava a continuar estudando (revalidou cursos para que as alunas pudessem fazer o cursar filosofia), valorizava uma boa leitura e implantou o mestrado.

Nos anos de 1953 a 1979, o SEC apresentou um crescimento no campo acadêmico, incluindo o programa de atualização para as SECistas, implantação de novos cursos, tais como: Religioso e Pedagógico, Técnico em Enfermagem, Elementar de Educação Religiosa e atualização para as ex-alunas. O SEC ampliou seus serviços e conquistou novos espaços para que as alunas exercessem a prática pedagógica nas Igrejas do Recife.

Em 1958, o SEC oferecia às moças batistas os cursos de Bacharel em Educação Religiosa, Bacharel em Música Sacra e Educação Religiosa, Bacharel em Assistência Social e Educação Religiosa. Com a ampliação das áreas de especialização a instituição passou a comportar no seu quadro uma plêiade de docentes “dando tempo parcial à instituição, de acordo com as suas especializações”.<sup>804</sup>

O currículo tem o papel de definir um conjunto de saberes que legitimaram o conhecimento escolar. O currículo e os conteúdos postos em prática no cotidiano escolar norteavam as SECistas nas atividades que exerceriam posteriormente nos seus campos de atuação profissional.

---

<sup>804</sup> MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa**: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristã 1917-1967. Recife: Gráfica Editora Santa Cruz LTDA. 1967, p. 68.

Nas iniciativas implantadas por Hairston no SEC pode-se perceber a presença de elementos da cultura escolar<sup>805</sup> perpassando pelo cotidiano do SEC, o trabalho da Casa da Amizade, as reformas dos cursos e as disciplinas estudadas. Foi possível identificar a presença da imprensa periódica, dos impressos pedagógicos e das cartas enviadas ou recebidas. A arquitetura também foi analisada. Na concepção de Hairston, a construção do novo prédio fazia parte do programa civilizatório que desenvolveu.

Nos relatórios enviados à Junta de Richmond ou apresentados à União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB), os anúncios em O Jornal Batista, os artigos publicados na Revista Visão Missionária e os relatórios prestados às assembleias das mulheres batistas apresentavam aspectos relevantes, dentre os quais podiam ser destacados: a moral, os costumes e o rigor disciplinar. Sob esses dispositivos o SEC baseava suas práticas escolares. Nos prospectos e boletim informativo Hairston publicava suas orientações marcadas pelos ideais pedagógicos e espirituais, por acreditar na capacidade civilizadora do diálogo e da religião.

Sua formação de assistente social impulsionou a implantação da Casa da Amizade bem como a evangelização do povo pobre, difundindo os preceitos da higiene. Conforme Ycléa Cervino, “Martha tinha muito cuidado com a limpeza do corpo e do espaço físico. No início do ano as alunas ouviam palestras sobre higiene e saúde e eram cobradas durante o ano todo”<sup>806</sup>. O Jornal Batista, a revista Visão Missionária, o boletim informativo, os prospectos e as cartas foram veículos fundamentais para institucionalização dos eventos ocorridos na instituição.

Neste estudo tratou-se também dos usos dos impressos, da imprensa e das suas cartas. Hairston, através dos impressos e das correspondências, deu luz aos seus projetos, revelando a urgência em salvar e regenerar vidas por meio da evangelização e

---

<sup>805</sup> Nas últimas décadas, os pesquisadores têm travado importantes debates em torno da cultura escolar. As reflexões em torno da cultura escolar perpassam por temáticas diferentes. Hébrand argumenta sobre os saberes elementares: Chevel defendeu as disciplinas escolares; Claude Forcan, os saberes escolares, a didática e dinâmicas sociais. Dominique Julia trabalhou com o conceito de cultura escolar. Cf. SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs). **A cultura escolar em debate:** questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

<sup>806</sup> E-mail enviado por Ycléa Cervino em 19/2/2008.

educação. As cartas de Hairston e os contatos mantidos com familiares, amigos e Junta de Richmond tratavam da expansão e consolidação do SEC.

Após sua gestão, Martha implantou igrejas, construiu prédios, casas pastorais, criou projetos de saúde e campanhas contra a fome no interior pernambucano. As fontes nos ajudaram nas análises sobre o ideário de Hairston. As fotografias contribuíram para compreensão dos seus atos em Recife e no interior pernambucano.

Martha valorizou o papel da mulher como mãe na perspectiva de formar um lar equilibrado, onde seus filhos aprendessem a amar a Deus e o próximo. Nas lições incentivava as moças a permanecerem fiéis a sua chamada (vocação), independentemente de ser ou não esposa de pastor. O equilíbrio era um aspecto para a formação do lar e da família. Criava ações para que a aluna e ex-aluna compreendessem a necessidade de uma educação continuada.

No período que esteve na direção do SEC, Martha Hairston sofreu, quebrou resistência, e para permanecer no cargo como diretora por 27 anos foi necessário impor sua vontade. As pressões surgiram interna e externamente. Hairston enfrentou reações, e a forma encontrada para resolver os conflitos entre seus pares foi o diálogo. Em outro momento “as fontes despertaram e desenharam emoções e lembranças, mostraram e esconderam verdades”<sup>807</sup>.

Certamente o assunto discutido não foi esgotado. Poderá ser completado com outras correlações (estudo comparativo entre SEC e IBER) e interpretações. Outros temas podem ser abordados como: a prática docente, a imprensa utilizada por Hairston e a biblioteca e seu acervo. Sendo assim, lança-se o convite para que outros pesquisadores também possam provocar novas reflexões e debates sobre a história da educação feminina batista em Recife.

---

<sup>807</sup> BARROS, Josemir Almeida. **Organização do ensino rural em Minas Gerais**: suas muitas faces em fins do XIX o do XX (1899 – 1911). Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2013.p. 397.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMOVICZ, Ana Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural.** O Jornal Batista (1901-1922). São Paulo: USP, 2008. (Tese de Doutorado)

ABREU, Geysa Alcoforado de. **Escola Americana de Curitiba (1892-1934):** um estudo do americanismo na cultura escolar. São Paulo: PUC, 2003 (Dissertação de Mestrado).

ABREU, Sandra Elaine Aires de. **A criação da faculdade de Filosofia Bernardo Sayão e o protestantismo em Anápolis.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.

ABREU, Márcia (org). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas: Mercado de Letras/Associação e Leitura do Brasil. São Paulo: 1990.

ALLEN, Catherine B. **A nueva historia de Lottie Moon.** Traducido y adaptado por Aida Morales. Birmingham-Alabama: Unión Femenil Misionera- CBS, 1992.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval. [et.al]. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares, et.al. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras:** porque educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Stela Borges de. **Negativo em vidro:** Coleção de Imagens do Colégio Antônio Vieira, 1920-1930. Salvador: EDUFBA, 2002.

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação.** São Paulo: Sinodal, 1994.

ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão.** São Paulo: Ática, 1979.

ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A presença missionária norte-americana no Educandário Americano Batista.** São Cristóvão: UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

ARRUDA, J. J. **Nova história moderna e contemporânea.** São Paulo: EDUSC-Bandeirantes. 2004.

ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (orgs). **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A Celebração do indivíduo**: A formação do pensamento batista brasileiro Piracicaba: Editora UNIMEP, São Paulo: Exodus, 1996.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: Descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 12 ed. São Paulo, SP: Editora Hagnos, 2001.

AZEVEDO, Fernando. **História de minha vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

BALBÁS, Torres L. **Los edificios escolares vistos desde La Espana rural**. Oficina Técnica para Construcción de Escuelas. Madrid: Ministerio de Instrucción Pública Y Bellas Artes, 1993.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **Ide por todo o mundo**: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892. Campinas: UNICAMP, 1996.

BARBANTI, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo**: Um estudo de suas origens. São Paulo: USP, 1977 (Dissertação de Mestrado).

BARROS, Armando Martins. Os Álbuns fotográficos com motivos escolares; Veredas ao olhar. GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org). **História da Educação em Perspectiva**: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.p.119.

BARROS, Josemir Almeida. **Organização do ensino rural em Minas Gerais**: suas muitas faces em fins do XIX o do XX (1899 – 1911). Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2013.

BASTOS, A. Tavares. **Cartas dos solitários**. São Paulo: Companhia Nacional, 1938.

BAKER, C. A. **A importância da Escola Anexa**, em O Jornal Baptista, 22.09. 1921, p. 5.

BERGER, Miguel André; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas – Bôas Carvalho do(orgs). **Imprensa, impressos e práticas**: estudos em história da educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

BERRY, Lois Robert ; BERRY, Edward Grady. **IBER**: uma porta aberta para o serviço Cristão Rio de Janeiro: Oficinas da Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1986.



BEZERRA, Carlos Eduardo; SILVA, Telma Maciel da. **Patrimônio e Memória**. UNESP- FCLAs- CEDAP, v.5, n.2, p. 142-167, dez. 2009. ISSN – 1808 -1967.

BOURDIEU, Pierre. Reprodução Cultural e Reprodução Social. In **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999. p. 306. Coleção Estudos.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1999.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil** Contribuição à sua História. Livraria Kosmos Editora. 1961.

BRITO, Itamar Sousa. **História dos batistas no Piauí – 1904 -2004** – Um século de lutas e vitórias. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

DUBY, Georges; PERROT, Michele (orgs). **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento, 1990.

CALVINO, João. **As Institutas ou tratados da religião cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989a. v.III.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Lorencini. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1999.

CAMARGO, César. **Visão de Estado o pensamento da Reforma Protestante**. Revista Grifos: dossiê religião, Chapecó-SC, n. 17, Nov. 2004.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **Coisas Velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas de adolescentes: Uma leitura e modos de ser. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos (organizadoras). CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000, pp. 203-237.

CARVALHO, Carlos Henrique de; e GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado, igreja e educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX**. (Orgs). Campinas: SP: Editora Alínea, 2010.

CARVALHO, Carlos Henrique de. **República e imprensa: as influências do positivismo na concepção de educação do professor Guimarães; Uberabinha, MG 1905-1922**. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

CARVALHO, Marta M. C. de. **Molde Nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998. p. 72.

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p.25

CAMPELO, Marília. **Informativo**. Ano I, Edição Especial. Maio de 2008.

CASTRO, Antônio. Primeira Igreja do Recife. **Correio Doutrinal**. 16.11.1923.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CERVINO, Ycléa. **História do ministério social cristão**. Recife. Ed. Do Autor, 2005.

CRABTREE, A.R. **Baptists in Brasil**. Rio de Janeiro: The Baptist: Publishing House of Brasil.1953.

CHARTIER Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel. 1990.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, v. 5, nº 11, p.173-191 jan/abril.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 60.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitura, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV E XVIII**. Trad. Mery Del Priore. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de São Paulo. 1998, p.22.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria e Educação n. 2, 1991.

COETZÉE, J.Chr. Calvino y el estudio. In: HOOGSTRA, Jacob T. Juan Calvino: **profeta contemporâneo**. Barcelona. Tarrasa, 1973. p. 199-229 . (Tradução de Paulo Henrique Vieira).

COOPER, John W. The outlines of political theology in the Protastant Reformation. **Teaching Political Science**, Beverly Hills, v. 10, n.1, p.43-51, 1982.

CUNHA, Luís Antônio C. R. “**A Expansão do Ensino Superior: causas e consequências**”. In: Debate e Crítica. Nº 5, março. São Paulo: HUCITEC, 1975.

CUNHA, Luís Antônio C. R. **A Universidade crítica: o ensino superior na república populista**. Rio de Janeiro:Francisco Alves. 1989. p.144.

CUNHA, Marcus Vinícius (org). **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. São Paulo: Editora Autores Associados. 2000. p. 3-27. p.4 década de 20.

CUNHA, Marcus Vinicius. Ciência e educação na década de 1950: uma reflexão com a metáfora percurso. São Paulo: **Revista brasileira de Educação**, Jan/Fev/ Mar/Abr. 2004. Nº 25 (artigo).

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. 4ª ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados.

CUTLER, W. W. **of Culture: the schoolhouse in american educational thought and prac** since 1820. History of Education, a 1989 . v. 22, n.2, p.1-40.

CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação Feminina: Memória e trajetória de alunas no Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância-Sergipe (1950-1970)**. São Cristóvão. Editora UFS, 2011.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p.XIII.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador I: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ENTZMINGER, W. E. “Os baptistas no Brasil”. **O Jornal Batista**. 27 de outubro de 1927.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos Pardieiros aos palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906-1918)** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: 1996.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p.195.

FRAGO; Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: arquitetura como programa**. Tradução. Alfred Veiga Neto. Rio de Janeiro DPeA. 1998, p.98.

FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

.FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FIGUEIREDO, Eneida Ramos. **As Escolas Paroquiais no final do século XX**. Araraquara-São Paulo: 2001.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª edição, São Paulo: 2007.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, Trabalho e Ação Política: Sergipanas no início do século XX**. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 35. (Tese de Doutorado).

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério. (1920-1950)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da educação/ NPGED, 2003. (Coleção Educação é História, 3).

FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas: Acima do encontro das águas**. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP, Vol.1.1977.

FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas: E não se cansarão; escorço biográfico de seis ex-alunas homenageadas pelo Seminário de Educadoras Cristãs**. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP, 1978. Vol. 2

FREITAS, Ida de. **Pedras Lapidadas: Submissas à chamada do Senhor**. Rio de Janeiro: Seminário de Educadoras Cristãs/JUERP, 1992. VOL, 3.

FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cyntia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003,

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Fronteira, 1999.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Memórias inacabadas de um pastor, educador, escritor, jornalista, líder: jubileu de diamante/Ebenézer Soares Ferreira**. Rio de Janeiro: Ed. do autor. 2012

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (org). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Cultura Escolar e Legislação em Minas Gerais: o município de Uberabinha no início da República**. YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 71.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Histórias das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico – metodológicos. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (org). **A Cultura Escolar em debate:** questões conceituais metodológicos e desafios para a pesquisa. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 2005. p.43.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 1990. p.25.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências humanas e filosofia.** São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967. p. 48.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Religião, Educação e Progresso:** a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. p.200.

GONZÁLEZ, Justos L. **História ilustrada do cristianismo:** a era dos reformadores até a era inconclusa. Tradutores: Itamir Neves de Souza, Carmella Malkomes, Adiel Almeida de Oliveira e Valéria Fontana. 2ª ed. ver. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GREGGERSEN, Gabriel. **Perspectivas para a educação cristã em João Calvino.** Fides Reformata. São Paulo. 2002.

GINSBURG, Salomão Louis. **Perecution in Brazil.** FMJ, Richmond,VA January, 1903.

HAWKINS, Dorine Cobb. **The development and Influence of the woman's missionary Training Schools in Brazil.** Southwestern Baptist Seminary, 1957. (Tese de doutoramento).

HILSDORF Maria Lúcia Spedo Barbanti. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo:** Um estudo de suas origens. São Paulo: USP, 1977 (Dissertação de Mestrado).

HACK, Osvaldo H. **Protestantismo e educação brasileira:** presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora presbiteriana, 1985.

HACK, Osvaldo Henrique. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro:** uma proposta de universidade. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

HARRISON, Helen Bagby. **The Bagbys of Brasil:** Broadman Press. Nashville. Tennessee, 1954.

HAIRSTON, Martha Elizabeth. **Discurso proferido na Câmara dos Vereadores ao receber o título de Cidadã do Recife.** 01/06/1976.

HAMPTON, Roberta E. **Alumnae Flock o Recife Homecoming**. Foreign Mission Board, Southern Baptist Convention. 14 de jul. de 1967.

JARDILINO, José Rubens Lima. **Lutero e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JONES, Judith M. **Soldado descansa**: uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil. São Paulo: Editora Jarde, 1967.

JULIA Dominique. Cultura Escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, n. 1, Janeiro/Junho, 2001.p.9-43.

KEY, Jerry Stanley. Educação Teológica. In: MEIN, David (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira. 1982.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

LAGUNA, Shirley Puccia. **Uma leitura dos livros de leitura da escola Americana de São Paulo (1889-1933)**. São Paulo: PUC. 2003.

LAIN, Vanderlei (org). **Mosaico Religioso**: faces do sagrado. Recife: FASA, Washington: AMAZON,2012.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (orgs). **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LE GOFF, Jacques. **“Documento – monumento.”** In e LE GOFF, J. (org.). Enciclopédia Einaudi, vol.I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 23. LE GOLF, Jacques. As mentalidades: Uma história ambígua. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre (orgs). **História**: novos objetos. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LE GOFF, Jacques. **“Documento – monumento.”** In e LE GOFF, J. (org.). Enciclopédia Einaudi, vol.I. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 23.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro** - estudo de eclesiologia e de história social. São Paulo: ASTE, 1963.

LITTLEJOHN, Carrie U. **History of Carver School of Missions and social work**. Nashville, TENNESSE, 1958.

LOPES, Luciano. **A Grande Campanha de Educação.** O Jornal Batista. Ano XLVI. Rio de Janeiro: 01 de agosto de 1946.

LOPES Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (orgs). **História dos jovens.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

LOPES, Eliana Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 40. Religião. 1987. p.82 (Dissertação de Mestrado).

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstron. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** São Paulo: Melhoramentos, 1930.

MCCULLOUGH, Louise B. Missionary Album. Foreign Mission Board southern Baptist Convention. Richmond- Virgínia: Published by Departamento of Missionary Education Foreign Mission Board, SBC. 1975.

MACHADO, José Nemésio. **A Contribuição Batista para a Educação Brasileira.** Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MACHADO, José Nemésio. **Educação batista no Brasil: uma análise complexa.** São Paulo: Cortez, 1999.

MAGALHÃES, Justino Pereira. **Tecendo Nexos: Há das instituições educativas.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MACKENZIE. **Mackenzie 126 anos de ensino: valores acima do tempo.** São Paulo: Prêmio, 1997.

MATOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema.** São Paulo: Hucitec. 2004.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.196.

MANACORDA, Mário A. A Educação nos Quinhentos e Seiscentos. In: **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Cortez, 1989.

MATHEUS, Ruth Ferreira. **Ana Bagby: a pioneira.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: União Feminina Missionária do Brasil, 1996.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Histórias das idéias dos radicais no Brasil: entre os batistas.** Recife. Acácia Publicações, 1974.

MEIN, Mildred Cox. **Casa Formosa: Jubileu de Ouro do Seminário de Educadoras Cristãs (1917-1967)**. Recife: 1967.

MEIN, John. **A Causa batista em Alagoas (1885-1926)** Recife: Tipografia do CAB, 1929.

MEIN, David. (org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.p. 15-16.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1995.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Universidade Tiradentes do ginásio ao superior: 50 anos na educação sergipana (1962-2012)**. Aracaju: UNIT, 2012.

MENDONÇA, Antônio G. e VELASQUEZ FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos Batistas do Brasil de 1907 até 1935**. Vol. II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1984.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso**. Tradução Celso Rodrigues Filho. Juiz de Fora: EDUFJF: São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MIGNOT, Ana Chrystin Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto**. B Paulista: EDUSF, 2002.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na República**. São Paulo, E.U.P./EDUSP, 1974, p. 207.

NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupos de estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2004.

NÓVOA, Antônio. **A Imprensa de Educação e Ensino: Repertório Analítico (séculos XIX – XX)** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

RAMALHO, Jeter Pereira. **Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REIS FILHO, C. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 172.



MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1996.

MUIRHEAD, H. H. Princípios do trabalho Batista no Brasil. **O Jornal Batista**, 11 de fevereiro de 1932.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Liberdade e exclusivismo**. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. ANDRÉ, Ramos. **Panorama Batista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: JUERP, s.d.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. Origem dos batistas 1. **Informativo Batista**: Canal de convergência dos batistas brasileiros. Site: [http:// informativo batista. Zoomblog.com/archivo/](http://informativo.batista.zoomblog.com/archivo/) 2007.

OLIVEIRA Bethy Antunes. **Centelha em restolho seco**: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil. Rio de Janeiro: edição da autora, 1985.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **A palavra cresce poderosamente**: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco. 1ª ed. Recife: Kairós Editora, 2010.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira; OLIVEIRA, Edelweiss Falcão de. **Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira**. Rio de Janeiro: Convicção, 2008.

PAZ, Áurea Ferreira. **Martha Hairston despede-se do Brasil**. Recife: SEC, 1980. p. 01. (Texto digitado).

PARKER, Edith Vaughn. **Abundant Living With Jesus**. Radford, VA. Commonwealth Press, Inc. 20021. ISBN.

PENNO, Sandra Mara Kindlein. **A trajetória da instituição educativa evangélica mais antiga no Estado do Piauí**: Instituto Batista Correntino. Teresina: UFPI, 2005. (Dissertação de Mestrado).

PEDAVOLI, Celestino di. **Combate ao protestantismo**. Discurso não publicado. Recife: Congresso Diocesano, 1902.

PEREIRA, José Reis; PEREIRA, Clovis M. **História dos Batistas no Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PERRUCCI, G.(coordenadora); Comissão do Centenário. **História do CAB de Recife**: “Eternamente nosso bem” – Uma linda história de amor com muitas histórias. Recife: Convenção Batista de Pernambuco, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

PINTO, Diana Couto; LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília de Araújo Lima. O discurso pedagógico da modernidade. In: *Revistas Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 77. n.185.p.113-115. jan./abril. 1996.

PINTO JÚNIOR, João José. **Memória sobre os factos mais importantes da vida da Sociedade Propagadora da Instrução Pública em Pernambuco**. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1892.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

PRADO, Alice da Silva. **Um modelo pedagógica para a República: práticas educacionais da Escola Americana em São Paulo (1870-1915)**. São Paulo: PUC, 1999.

RODRIGUES, Celmi Lêdo. **Uma grande mulher**. Recife, SEC, 1975. ( Monografia).

RAMALHO, Jeter Pereira. **Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ROSADO, Rita de Cássia S. de Carvalho. **Memória Histórica: Colégio 2 de Julho (1927-1997)**. Salvador: Colégio 2 de Julho, 1997.

REILY, Ducan Alexandre. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

REIS FILHO, C. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez, 1995.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira: aspectos da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Viviane. **Da ética protestante à fidelidade do trabalho: os presbiterianos no contexto educacional do Alto Paranaíba-MG (1946-1966)**. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2005. (Dissertação de Mestrado).

RICHARDSON, W.L.C. Educação. In: MEIN, David (Org). **O que Deus tem feito**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p.81-114.

ROSSI, Michele Pereira da Silva. **Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras-UFLA (Lavras, 1892-1938)**. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Teses de Doutorado).

SANTOS, Marcelo. **O Marco Inicial Batista:** História e Religião na América Latina à partir de Michel de Certeau. 1ª edição, São Paulo: Coleção Igreja Sem Fronteiras. 2003. p. 124.

SÁCRISTAN, Gimeno. **Currículo – uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil.** Campinas - São Paulo: Autores Associados. 2008.

SHALY, Harold. **Teses Pastorais:** movimento anabatista radical do século XVI. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

SELLARO, Rejane Accioly. **Educação Religião:** Colégio protestante em Pernambuco na década de 20. Recife: UFPE, 1987. (Dissertação de Mestrado).

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs). **A Cultura Escolar em debate:** questões conceituais metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 2005.

SCHMMELPFENG, Regina Maria. Retocando Imagens: Escola Alemã Colégio Progresso (1930-1945) 2005. In: BENCOSTA, Marcus Albino, (org) **História da Educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Cleni. **Educação Batista:** análise histórica de sua implantação no Brasil e de seus desafios no contexto atual. Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

SILVA, Carmem S.B. **Curso de Pedagogia no Brasil:** História e Identidade. São Paulo: Autores Associados. 1999.

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel:** impressos protestantes educando mulheres. Recife: UFPE, 2009. (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Revista Literária do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891):** Subsídios para a história dos impressos em Sergipe. São Cristóvão-SE, 2006, p.31.

SMITH, David G. **Liberalismo.** Em: Enciclopédia Internacional de la Ciencias Sociales. Bilbao: Aquilar, 1975, v.6, p. 579-584.

SCHMIDT Mario Furley. **Nova História crítica: moderna e contemporânea.** São Paulo: Ed. Nova Geração, 1996. p.53.

SCHMMELPFENG, REGINA Maria. Retocando Imagens: Escola Alemã/ Colégio Progresso (1930-1945) 2005. In: BENCOSTTA, Marcus Albino, (org) **História da Educação, arquitetura e espaço escolar.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 141-170.

SCHULZ, Almiro. **Educação superior protestante no Brasil.** São Paulo: UNASPRESSA -Imprensa Universitária Adventista, 2003.

SÁCRISTAN, Gímeno. **Currículo – uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SKINNER, Quentin. **As Fundações do pensamento político moderno.** São Paulo: Companhia das trás, 1996.

TAYLOR, William Carey. **Que significa ser batista.** S.n.t., 1939.

TAYLOR, Zachary Clay. **The Rise and Progress of Baptist Missions in Brazil.** Manuscrito não publicado, cap. 54. s.d.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981).** São Paulo: PUC/S. Paulo, 2001. (Tese de Doutorado).

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América.** Sentimentos e opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925, um estudo de história Social.** Salvador: UFBA, 1975.

TEIXEIRA, Anísio. **Democracia e educação: o processo democrático da educação. Educação e o mundo moderno.** São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressiva ou a transformação da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TORBET, Roberto G. **Súmula do Livro- A History of the Baptists.** Leiria-Portugal: Edições Vida Nova, 1959. p. 33.

TUCKER, Ruth A. **Missões até os confins da terra: uma história biográfica.** Tradução Lena Aranha, Neyd Siqueira. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

TUPPER, Henry Allen. **The Foreign Missions of the Southern Baptist Convention,** Philadelphia e Richmond, 1880.

VALDEMORIN, Vera Teresa (orgs). **A Cultura Escolar em debate:** questões conceituais metodológicos e desafios para a pesquisa. Campinas, São Paulo: Autores Associados. 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. **A fonte oral e a pesquisa em História da Educação:** algumas considerações. In: Educação em Revista. Belo Horizonte, nº 27, jul/1998. p.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2007.

VILELA, Marize Carvalho. **Deixar Falar a “Educação”:** escuta de um discurso pedagógico. São Paulo: PUC/SP, 1997. (Dissertação de mestrado)

VIEIRA, Paulo Henrique. **Calvino e a Educação:** a configuração da pedagogia reformada no século XVI.

WARDE, Mirian (Org.) **“A formação do magistério e outras questões”.** In: Mello, G. N. de e outros. Educação e transição democrática. São Paulo: Autores Associados/Cortez: 1986.

WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1983.

WRIGHT, Antônia Fernanda P. **Desafio americano à preponderância britânica no Brasil (1808-1850).** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1978.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, Educação e currículo no Brasil:** dos Jesuítas aos anos de 1980. Campinas, SP: Autores Associados; Brasília, DF: Editora Plano, 2004.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras  
Publicado pela União Geral de Senhoras (UGS), 1951.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras 1953.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras 1954.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras 1955.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras 1956.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras 1957.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1958.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1959.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1960.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1961.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1962.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1963.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1964.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1965.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1971.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1973.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1974.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1975.

Anuário Informativo da União Geral de Senhoras, 1977.

## **REVISTAS DA UFMBB, MISSÕES NACIONAIS E MISSÕES MUNDIAIS**

Revista de senhoras e moças batistas – Ano XXVI- julho, agosto, setembro de 1956.

Revista de senhoras e moças batistas – Ano XXVI- julho, agosto, setembro de 1956.

Revista de senhoras e moças batistas – julho, agosto, setembro de 1956, nº 3

Revista de senhoras e moças batistas – Janeiro a março de 1957, nº1

Revista de senhoras e moças batistas – abril a junho de 1958.

Revista de senhoras e moças batistas – julho a setembro de 1958.

Revista de senhoras e moças batistas – outubro a dezembro de 1958.

Revista de senhoras e moças batistas - janeiro a março de 1959.

Revista de senhoras e moças batistas - outubro a dezembro de 1959.

Revista de senhoras e moças batistas - janeiro a março de 1960.

Revista de senhoras e moças batistas – outubro a dezembro de 1960.

Revista de senhoras e moças batistas – janeiro a março de 1961.

Ano 39 nº1

Revista de senhoras e moças batistas – abril a junho de 1961.

Ano 39 nº2

Revista de senhoras e moças batistas – julho a setembro de 1961.

Ano 39 nº3, Casa Publicadora Batista (CPB), Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas - outubro a dezembro de 1961.

Ano 39 nº4, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas- janeiro a março de 1962.

Ano 40 nº1, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas- abril, maio, junho de 1962.

Ano 40 nº2, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas - julho, agosto, setembro de 1962.

Ano 40 nº3, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas - outubro, novembro, dezembro de 1962.

Ano 40 nº4, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas - janeiro a março de 1963.

Ano 41 nº5, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas – abril, maio, junho de 1963.

Ano 41 nº5, CBP, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas- julho, agosto, setembro de 1963.  
Ano 41 n°5, CBP, Rio de Janeiro

Revista de senhoras e moças batistas – outubro, novembro, dezembro de 1963  
Ano 41 n°5, CBP, Rio de Janeiro

Revista de senhoras e moças batistas – 1º trimestre de 1966.  
CBP/UFMBB, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas – 2º trimestre de 1966.  
CBP /UFMB, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas – 3º trimestre de 1966.  
CBP /UFMBB, Rio de Janeiro.

Revista de senhoras e moças batistas – 4º trimestre de 1966.  
CBP/UFMBB, Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 1º trimestre de 1967.  
CBP, /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 2º trimestre de 1967.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 3º trimestre de 1967.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 4º trimestre de 1967.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 4º trimestre de 1967.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária –1º trimestre de 1968.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 2º trimestre de 1968.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 3º trimestre de 1968.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária – 4º trimestre de 1968.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.



Revista Visão Missionária –1º trimestre de 1969.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária –1º trimestre de 1969.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária –1º trimestre de 1969.  
CBP /UFMBB Rio de Janeiro.

Revista Visão Missionária –1º trimestre de 1969.  
CBP, /UFMBB Rio de Janeiro.

### **REVISTA A PÁTRIA PARA CRISTO**

A Pátria para Cristo – ano XV, fevereiro de 1960, nº 1  
A Pátria para Cristo – ano XV, março a abril de 1960, número 2  
A Pátria para Cristo – ano XV, maio a junho de 1960, nº 3.  
A Pátria para Cristo – ano XV, julho a agosto, 1960 nº 4  
A Pátria para Cristo –ano XV, setembro a outubro de 1960, número 5.  
A Pátria para Cristo – ano XV, novembro a dezembro de 1960, número 6.

A Pátria para Cristo – ano XVII, maio a junho de 1961, nº 3  
A Pátria para Cristo – ano XVII, outubro a dezembro de 1961, nº 5 e 6  
A Pátria para Cristo – ano XVIII, janeiro a fevereiro de 1962, nº 1  
A Pátria para Cristo – ano XVIII, julho a agosto de 1962, nº 4  
A Pátria para Cristo – ano XVIII, setembro a outubro de 1962, nº 5  
A Pátria para Cristo – ano XVIII, novembro a dezembro de 1962, nº 6

A Pátria para Cristo – ano XIX, março a abril de 1963, nº 2  
A Pátria para Cristo – ano XIX, maio a junho de 1963, nº 3  
A Pátria para Cristo – ano XIX, julho a agosto de 1963, nº 4

A Pátria para Cristo – ano XX, maio a junho de 1964, número 3  
A Pátria para Cristo – ano XX, julho a agosto de 1964, número 4  
A Pátria para Cristo – ano XX, setembro e outubro de 1964, nº 5

A Pátria para Cristo – ano XX, março a abril de 1965, nº 2  
A Pátria para Cristo – ano XX, maio a junho de 1965, nº 3  
A Pátria para Cristo – ano XX, julho a agosto de 1965, nº 4.  
A Pátria para Cristo – ano XX, setembro a dezembro de 1965, nº 5 e 6

A Pátria para Cristo – ano XXII, janeiro e fevereiro de 1966, nº 1  
A Pátria para Cristo – ano XXII, maio e junho de 1966, nº 3  
A Pátria para Cristo – ano XXII, julho a agosto de 1966, nº 4  
A Pátria para Cristo – ano XXII, setembro a outubro de 1966, nº 5

A Pátria para Cristo – ano XXIII, janeiro a fevereiro de 1967, nº 1  
 A Pátria para Cristo – ano XXIII, março a abril de 1967, nº 2  
 A Pátria para Cristo – ano XXIII, maio a junho de 1967, nº 3  
 A Pátria para Cristo – ano XXIII, julho a agosto de 1967, nº 4  
 A Pátria para Cristo – ano XXIII, setembro a outubro de 1967, nº 5

A Pátria para Cristo – ano XXIV, janeiro a fevereiro de 1968, nº 1  
 A Pátria para Cristo – ano XXIV, março a abril de 1968, nº 2  
 A Pátria para Cristo – ano XXIV, maio a junho de 1968, nº 3  
 A Pátria para Cristo – ano XXIV, julho a agosto de 1968, nº 4  
 A Pátria para Cristo – ano XXIV, setembro a outubro de 1968, nº 5

A Pátria para Cristo – ano XXV, março a abril de 1970, nº 2  
 A Pátria para Cristo – ano XXV, maio a junho de 1970, nº 3  
 A Pátria para Cristo – ano XXV, julho a agosto de 1970, nº 4  
 A Pátria para Cristo – ano XXV, setembro a outubro de 1970, nº 5  
 A Pátria para Cristo – ano XXV, novembro a dezembro de 1970, nº 6

A Pátria para Cristo – ano XXVI, janeiro a fevereiro de 1971, nº 1.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVI, novembro e dezembro de 1971, nº 6.

A Pátria para Cristo – ano XXVII, janeiro e fevereiro de 1972, nº 1.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVII, março a abril de 1972, nº 2.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVII, maio a junho de 1972, nº 3.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVII, setembro e outubro de 1972, nº 5.

A Pátria para Cristo – ano XXVII, novembro e dezembro 1972, nº 6.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIII, janeiro a fevereiro de 1973, nº 1.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIII, março a abril de 1973, nº 2 .  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIII, julho a agosto de 1973, nº 4.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIII, novembro a dezembro de 1973, nº 6.

A Pátria para Cristo – ano XXVIX, janeiro a fevereiro de 1974, nº1 .  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIX, março a abril de 1974, nº 2.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIX, maio a junho de 1974, nº3.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIX, julho a agosto de 1974, nº4 .  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIX, setembro a outubro de 1974, nº 5.  
 A Pátria para Cristo – ano XXVIX, novembro a dezembro de 1974, nº 6 .

A Pátria para Cristo – ano XXXI janeiro a fevereiro de 1975, nº1 .  
 A Pátria para Cristo – ano XXXI, março a abril de 1975, nº 2.  
 A Pátria para Cristo – ano XXXI, maio a junho de 1975, nº3.  
 A Pátria para Cristo – ano XXXI julho a agosto de 1975, nº4 .  
 A Pátria para Cristo – ano XXXI, setembro a outubro de 1975, nº 5.

A Pátria para Cristo –ano XXXI, novembro a dezembro de 1975, nº 6 .

A Pátria para Cristo - ano XXXII, janeiro a abril de 1976, nº1 e 2.

A Pátria para Cristo – ano XXXII, maio a junho de 1976, nº 3.

A Pátria para Cristo – ano XXXII julho a setembro de 1976, nº4.

A Pátria para Cristo – ano XXXII, outubro a dezembro de 1976, nº5 .

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, janeiro a março de 1977, nº1.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, abril a junho de 1977, nº 2.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, julho a setembro de 1977, nº3.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, outubro a dezembro de 1977, nº4 .

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, janeiro a março de 1977, nº1.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, abril a junho de 1977, nº 2.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, julho a setembro de 1977, nº3.

A Pátria para Cristo – ano XXXIV, outubro a dezembro de 1977, nº4 .

A Pátria para Cristo – ano XXXV, janeiro a março de 1978, nº1.

A Pátria para Cristo – ano XXXV, abril a junho de 1978, nº 2.

A Pátria para Cristo – ano XXXV, julho a setembro de 1978, nº3.

A Pátria para Cristo – ano XXXV, outubro a dezembro de 1978, nº4 .

O Campo é o Mundo- Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista Brasileira

O Campo é o Mundo 1966 nº 3

O Campo é o Mundo 1967 nº 4

O Campo é o Mundo 1967 nº 5

O Campo é o Mundo 1967 nº 6

O Campo é o Mundo 1967 nº 7

O Campo é o Mundo 1967 nº 8

O Campo é o Mundo 1967 nº 9

O Campo é o Mundo 1968 nº 10

O Campo é o Mundo 1968 nº 11

O Campo é o Mundo 1968 nº 12

O Campo é o Mundo 1969 – janeiro a março.

O Campo é o Mundo 1969 - abril a junho

O Campo é o Mundo 1969 - julho a setembro

O Campo é o Mundo 1970 - janeiro a março

O Campo é o Mundo 1970 - abril a junho

O Campo é o Mundo 1970 - julho a setembro

O Campo é o Mundo 1970 - outubro a dezembro

O Campo é o Mundo 1971 – janeiro a março

O Campo é o Mundo 1971 - abril a junho

O Campo é o Mundo 1971 - julho a setembro

O Campo é o Mundo 1963- janeiro a março  
 O Campo é o Mundo 1973 - julho, agosto e setembro  
 O Campo é o Mundo 1973 outubro, novembro e dezembro  
 O Campo é o Mundo 1974 - janeiro a março  
 O Campo é o Mundo 1974 - abril a junho  
 O Campo é o Mundo 1974 - julho a setembro

### **Correspondências**

RECIFE. Marcolina Magalhães. Correspondências 25 de agosto de 1959

RECIFE. Marcolina Magalhães. Correspondências 11 de maio de 1964

RECIFE. Antunes de Oliveira Correspondências 07 de maio de 1976

RECIFE. Antunes de Oliveira. Correspondências 06 de dezembro de 1978

RECIFE. Betty Antunes de Oliveira, Correspondências 25 de fevereiro de 1977

RECIFE. Betty Antunes de Oliveira, Correspondências 28 de julho de 1978

RECIFE. Missões Estrangeiras. Correspondências 03 de outubro de 1972.

RECIFE. Caros amigos. Correspondências. novembro de 1966..

RECIFE. Caros amigos Correspondências 15 de outubro de 1963

RECIFE. Betty Antunes de Oliveira, Correspondências 28 de julho de 1978

Warren, Arkansas. Dear friends. Correspondências 28 de julho de 1978

Belo Jardim- PE. Caros Amigos. Correspondências. 30 de outubro de 1985.

### **Fontes diversas**

Regulamento para a biblioteca do SEC, 1976.

Livros de Atas, cartas, relatórios, Leis, decretos, folders, e-mails, parecer, Estatuto, Regimento, Anais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

Retirado **Obituaries**, de 15 de maio de 2003. Arquivo particular da missionária Peggy Pemble enviado em 07 do 06 de 2011.

Discurso proferido na Câmara de Vereadores quando foi contemplada com o título de Cidadã do Recife em. 1º de junho de 1976.p.

Prospecto – 1956-1979

Boletim Informativo 1954-1979

### **Jornais**

O Jornal Batista 20 de março de 1966 .

O Jornal Batista 24 de março de 1965

O Jornal Batista 24 de março de 1968 .

O Jornal Batista 22 de abril de 1969 .

O Jornal Batista 24 de abril de 1969 .

O Jornal Batista 05 de maio de 1970 .

O Jornal Batista 18 de janeiro de 1970

O Jornal Batista 02 de fevereiro de 1980

O Jornal Batista 24 de fevereiro de 1980

Jornal Diário de Pernambuco – 1953 a 1975

## **ANEXOS**

## ANEXO I

### QUESTIONÁRIO PARA AS ALUNAS

1. Dados de identificação (nome completo e período em que estudou no SEC)?
2. Ano em que conheceu Martha Elizabeth Hairston?
3. Como a sociedade via os batistas?
4. Como se davam as práticas acadêmicas e como eram transmitidos os valores (morais, cívicos...)
5. Existia bom relacionamento entre professor, diretora e outros funcionários?
6. Como se resolviam os conflitos?
7. Guarda alguma lembrança dela enquanto aluna ou membro da Junta Administrativa?
8. Fale sobre a convivência no internato, as festas e a formatura.
10. Arquitetura do SEC era moderna para a época? Acha que o arquiteto se preocupou com o papel da educação, e da higienização?

**ANEXO-2****QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES**

1. Dados de identificação (nome completo e período em que estudou no SEC)?
2. Ano em que conheceu Martha Elizabeth Hairston?
3. Como a sociedade via os batistas?
4. Como eram as práticas acadêmicas e como eram transmitidos os valores (morais, cívicos...)
5. Existia bom relacionamento entre professor, diretora e outros funcionários?
6. Como se resolviam os conflitos?



**ANEXO 3****QUESTIONÁRIO-ENVIADO PARA PEGGY PEMBLE**

1. O que é Casa de Saúde (ALF).
2. Descrever o perfil de Martha Hairston
3. Fale sobre a disciplina do SEC.
4. Como era o temperamento de Hairston?
5. Quais foram as diretoras da Casa da Amizade?
6. Como se dava o relacionamento dela com os professores, funcionários e as alunas.
7. Quais os critérios para se tornar membros da Junta Executiva?
8. Qual o nível social das alunas?
9. Quais os critérios para se tornar membro da Junta Executiva?
10. Qual o nível social das alunas?

**ANEXO – 4 SERVIÇOS OFERECIDOS PELO SEC ÀS BOLSISTAS**

1. Auxiliar da diretora do internato
2. Lavar e passar os panos da cozinha
3. Limpar a biblioteca
4. Corredor- 1º andar e escada- prédio de administração
5. Janelas, portas, quadros e apagadores das salas de aulas
6. Os livros da biblioteca
7. Enfermaria e o banheiro
8. Salão nobre
9. Secretaria e gabinete da diretora incluindo banheiro e pias
10. Varrer o refeitório após as refeições
11. Verduras
12. Portaria
13. Expediente na secretaria
14. Biblioteca
15. Limpeza dos gabinetes
16. Sala de engomar ou passar ferro
17. Salas de música, alpendre
18. Abrir e fechar as salas
19. O corredor do 2º andar do internato
20. Sala de visita
21. Estafeta da secretaria e datilografia da Casa da Amizade
22. Feira
23. Banheiros do prédio de Administração
24. Salas do prédio de administração
25. Sala de costura e cuidado com a máquina
26. Servir as mesas, no café, almoço e jantar
27. Expediente na Casa da Amizade
28. Responsável pela coca-colas e prestar conta na secretaria semanalmente
29. Sala de trabalhos manuais
30. Ajudar no refeitório
31. Sala de jogos - cuidar e limpar os jogos

## ANEXO-5

Quadro 52- Corpo docente do SEC no período de 1953 a 1979

Ano	Professor	Matérias Ministradas
1955-1956	Ana Kolb	Órgão, Canto
1942	Áurea Rodrigues Pinto	Hinologia, Métodos Vocais, Canto, Pedagogia, Didática
1948	Antônio Marques Dorta	Português, Literatura, Missões, Administração Eclesiástica.
1965	Audrey Swicegood	Mordomia e Visitação.
1975	Aldamira O. Beltrão de Castro	-
1974	Ábia Saldanha	-
1954	Anila Oliveira	Dactilografia
1956	Áurea Ferreira a Paz	Dactilografia, Metodologia Secretarial
1958-1960	Alice Tumblin	Inglês
1964- 1965	Aluizio Monteiro	Biologia Educacional
1964	Alvinéa Silva	Piano, Ministério da Música, História da Música
1966	Antônio Joaquim dos Santos	Biologia Educacional
1966	Bárbara Howard Brock	Missões Contemporâneas
1957-1958	Betty Tennison	Arte de Palestrar
1953	Blanche Bice	Educação Missionária
1959-1961	Bennie May Oliver	Côro, Regência, Hinologia, Coros Graduados, Métodos Vocais, Música e Louvor
1957-1960	Benilton Carlos Bezerra	História Eclesiástica
1963	Berenice Berry	Mordomia e Visitação
1964	Barry Michell	Evangelismo
1974	Bill Broock	Evangelismo
1966	Bárbara Brock	Missões Contemporâneas
1977	Berenice Rocha de Souza e Silva	-
1942-1961	Carmem Janson	Piano, Órgão
1954	Carmem Brito	Pedagogia

1950-1959	Cathryn Smith	Educação Religiosa
1957	Cleide Dorta Benjamim	Piano, Teoria Musical, Harmônia, Côro
1955	Catarina Cozzens	-
1969	Claudete Lima	-
	Clara Lynn Williams	Laboratório de Audiovisuais
	Carney C. Araújo	-
1953	David Mein	Missões, História Eclesiástica
1962	Dóris Penkert	Serviço Social
1968	Denise Munguba	-
1957	Donald Richards	Educação Religiosa
1960	Damara Silva	Higiene, Enfermagem no lar, Puericultura
1975	Donald Edwin Turner	Ministérios na Comunidade no SEC.
1975	Dora Harbin	-
1978	Dalvanira Lopes da Conceição	Canto
1954	Edith Vaughn	Evangelismo, Serviço Social, Arte de Contar Histórias, Inglês.
1953-1956	Ester Blowers	Evangelismo
1957-1958	Elze Falcão	Canto
1962	Elizabeth Oates	Organizações Missionárias, Dramatologia, Princípios do Ensino Religioso.
1954	Edehy Guerra	-
1978	Elide Falcão Machado	Órgão Eletrônico
1931	José Munguba Sobrinho	Homilética, Oratória, Retórica, História Eclesiástica
1961	José Almeida Guimarães	Português, Teologia, Filosofia
1968	Jenny Souza Silveira	-
1968	J.E. Lingerfelt	-
1970	Jocenita Alves	1970
1970	Inaldo Lima	-
1973	Ida Maye Hays	-
1956	Frances Smyth	Órgão
1963	Francisca Cassiano	Regência
1964	Heliane Apolinário	Regência, Coros Graduados, Hinoologia, Escola Bíblica de Férias.
1979	Hulda Moura	-
1950-1955	Katherine Cozzens	Pedagogia
1943	Livio Cavalcante Lindoso	Novo Testamento, Homilética
1963	Leny Amorim Monteiro	História da Educação, Administração Escolar, Arte de Contar Histórias.
1969	Luzinete Cunha	-
1964	Laura Ethell Mitchell	Inglês, piano, órgão
1964-1965	Lucile Menezes	Acordeão
1972	Lenira Luna	-
1978	Lindiomar S. Santos	Piano

1953	Martha Elizabeth Hairston	Ética Cristã, Doutrinas, Teologia, Artes de Aconselhar.
1965	Mary M. Witt	Biblioteconomia, Organizações Educacionais
1956	Maria Iluminata de Carvalho	Enfermagem no Lar
1964	Mattie Lou Bible	Atividades Estudantis
1962-	Miriam Santos	Introdução à Biblioteconomia
1971	Miriam Moreira Ramalho	-
1955-1961	Merval de Souza Rosa	História Eclesiástica, Missões, Português, Literatura
1958	Merna Jean Jocum	-
1974	Mariam Feliciano	-
1970	Nanci Daniel	-
1970	Nilta Lopes	-
1975	Nabor Nunes Filhos	-
1955	Odete Pires Bezerra	Psicologia Educacional, Pedagogia, Administração Recreativa.
1953	Onis Vineyard	Piano, Órgão, Culto e Louvor
1966	Onely Mabel Paz	Programa Missionário da Convenção Batista Brasileira
1969	Olívia Daniel	-
1974	Orádia Souza	Dramatologia
1962	Paulo Wailler da Silva	Sociologia, Filosofia, Ética Cristã
1962	Paulo Moura Batista	Órgão
1977	Patrícia Vestal	-
1953	Ruth Meneses	Educação Missionária, Inglês, Higiene, Educação Religiosa, Enfermagem no Lar, Puericultura
1956	Raymond Kolb	Doutrinas
1966	Ray Fleet	Métodos Vocais, Liderança e Supervisão
1961	Shari Richards	Inglês
1952	Silas Alves Falcão	Velho Testamento, Psicologia Geral, Psicologia Educacional
1961	Travis Berry	Missões
1959	Vasthy Ferreira da Silva	Português
1963	Ycléa Cervino	História e Teoria, Casa da Amizade, Escola Bíblica de Férias
1962-1964	Zélia Feitosa	Conjunto Coral
1955	Zenate Feitosa	Dactilografia
1960	Zulmira Gonzales	Desenho, Artes Aplicadas
1971	Zaqueu Oliveira	-
1974	Walter Batista	-

Fonte: Livro de Ata da Congregação dos professores; Livro Casa Formosa e o Livro de Presença do Corpo Docente do ano de 1976. Acervo do SEC.

O quadro docente do SEC é composto por brasileiros e norte-americanos. Nele observam-se algumas lacunas referentes à disciplina que o professor trabalhava. Nos documentos pesquisados não constavam estas informações.

Quadro 53 – Demonstrativo dos docentes do SEC por ano de admissão.

Ano	Número de professores	Nacionalidade	
		Brasileira	Norte-americana
1953	14	06	08
1954	03	02	01
1955	05	03	02
1956	06	03	03
1957	08	05	03
1958	04	01	03
1959	02	01	01
1960	03	03	-
1961	03	01	02
1962	06	04	02
1963	04	03	01
1964	07	03	03
1965	03	01	02
1966	06	02	02
1967	07	03	01
1968	03	01	02
1969	02	02	-
1970	04	04	-
1971	02	02	-
1972	01	01	-
1973	01	-	01
1974	05	04	01
1975	04	02	02
1976	03	03	-
1977	05	04	01
1978	03	03	-
1979	01	01	-
Total	115	69	41

Fonte: Livro de Ata da Congregação dos professores e o Livro Casa Formosa; do Livro de Presença do Corpo Docente do ano de 1976. Acervo do SEC.

Quando Martha Hairston assumiu a direção da instituição encontrou a presença de 14 professores. Com o passar do tempo e aumento da matrícula, outros foram convidados. Desta forma, uma equipe foi sendo formada. A Congregação dos professores – como chamavam – era composta por professores, pastores, missionárias, missionários e ex-alunas com graduação, especialização, mestrado e doutorado. Enfim, nos 27 anos de trabalho em que Martha Hairston foi diretora, pôde contar com 115 profissionais nas diversas áreas do conhecimento.

**ANEXO - 6**

No ato da matrícula as alunas deveriam responder às seguintes perguntas:

**QUESTIONÁRIO Nº 1**

1. Nome-
2. Filiação: Pai - Mãe -
3. Endereço dos pais
4. Data de nascimento: dia, mês, ano
5. Lugar onde nasceu
6. Tem compromisso de noivado? Qual a vocação do noivo?
7. Em que se tem ocupado secularmente?
8. Qual trabalho pretende fazer depois de terminar o curso do SEC?  
     Diretora de Educação Religiosa ( ) Música Sacra ( ) Itinerante ( ) Missões  
     Nacionais ( ) Missões Estrangeiras ( ) professora ( ) Serviço Social-  
     Religioso ( ) outro ( ).
9. São crentes os seus pais? Desde quando?
10. Profissão dos pais: Pai, mãe.
11. Data da conversão da candidata.
12. A que Igreja pertence?
13. Como se converteu?
14. Quais as atividades que tem exercido na Igreja?
15. Há quanto tempo sente-se chamada para o trabalho religioso?
16. Como sentiu sua chamada?
17. Que tem feito para atender a esta chamada?
18. Quem foi o instrumento humano da sua chamada?
19. Quando decidiu estudar para o trabalho religioso?
20. Você já levou qualquer pessoa a conhecer a Cristo?
21. Que curso possui? Secundário: 1º ciclo, 2º ciclo, profissional, superior.
22. Em que Educandário estudou? Primeiro ciclo, 2º ciclo, profissional, superior.
23. O curso é reconhecido?
24. Em que curso do SEC deseja matricular-se?
25. Como pretende manter-se financeiramente no SEC?



- 26. Já sofreu alguma doença contagiosa ou prolongada? Qual?
- 27. Se for aceita pelo SEC poderá cooperar com os regulamentos a que estão sujeitas as alunas deste estabelecimento?
- 28. Pretende ser interna ou externa?
- 29. Local onde está, data, mês e ano.

Assinatura

Endereço

Observação:

O presente questionário deve ser acompanhado de:

- 1. Um atestado médico constando que não sofre de doença contagiosa nem tem defeito físico que a impossibilite de fazer o trabalho ao qual se quer dedicar.
- 2. Um atestado de vacina.
- 3. Um certificado ou diploma do Educandário em que estudou.
- 4. Duas fotos 3/4.
- 5. Um breve histórico (autobiográfico) incluindo as suas experiências de conversão e chamada.
- 6. Nomes e endereços de três pessoas de responsabilidade (não membros da família) das quais possamos tomar informações a seu respeito.

**QUESTIONÁRIO N° 2**

1. Nome da Igreja
2. Nome da candidata
3. Data da sua entrada na Igreja
4. Goza da confiança dos membros da Igreja?
5. A sua vida indica que foi chamada para o serviço do Mestre?
6. Quais os cargos que exerce na Igreja?
7. Pode a Igreja afirmar conscienciosamente que ela é uma moça honesta consagrada, aplicada com capacidade de se controlar?
8. Qual o plano financeiro dessa moça para custear as despesas escolares?
9. Qual a responsabilidade financeira que a Igreja assumirá (se for necessário) por essa aluna enquanto ela estiver no SEC?

Data, mês e ano.

Pastor:

Secretário:

Nota: Esta recomendação é para ser deliberada pela Igreja em sessão.

Recife, data ano.

**ANEXO- 7****FORMULÁRIO INFORMATIVO**

Seminário de Educadoras Cristãs

Recife – Pernambuco

Nome legível da aluna, ao matricular-se no Seminário de Educadoras Cristãs, Tomou conhecimento do seu regulamento e declara, para os devidos fins, que está ciente e aceita os seguintes fatos:

1. Os cursos do SEC destinam-se:

1.1. A treinar vocacionados por Deus para o exercício do ministério da Educação Religiosa em suas diversas áreas e especialidades;

1.2. A treinar crentes desejosos de melhorar seus conhecimentos, atitudes, aptidões, preparando-os para servir melhor a Cristo.

2. O SEC esforçar-se-á no máximo, na parte que lhe compete, para oferecer às alunas o que se propõe, estabelecendo, porém, que o progresso de cada uma depende também da própria aluna.

3. O reconhecimento do crente e da obreira cristã compete:

3.1. A Deus, a quem devem “se apresentar aprovadas como obreiras que não têm de que se envergonhar, que manejam bem a palavra de verdade.

3.2. À sua igreja e denominação, em face de sua autonomia.

4. Nenhuma entidade destinada ao preparo teológico no país (Seminário ou Faculdade de qualquer confissão religiosa) está vinculada ao Ministério da Educação e Cultura para fins de inspeção e registro; por isso seus diplomas ou certificados não são registrados pelos órgãos estatais. Entretanto, o Decreto – Lei nº 1051, de 21 de outubro de 1969, dá aos alunos do Seminário ou de Faculdade Teológica de qualquer confissão religiosa que tenham iniciado seus estudos teológicos após a conclusão do 2º grau ou equivalente (Parecer nº 1064/75 CLN de 09/04/75) a autorização para requerer e prestar exames em faculdades de Filosofia, Ciências e Letras das disciplinas filosóficas já estudadas que façam parte do currículo e Licenciatura em Filosofia.

Recife, data e ano

Assinatura

**ANEXO - 8**

CONFIDENCIAL

Prezada irmã

Saudações no Senhor

A irmã: \_\_\_\_\_ membro da Igreja Batista \_\_\_\_\_

Deseja ingressar no Seminário de Educadoras Cristãs para fazer o curso: \_\_\_\_\_.

Como é de suma importância termos como requerente, as informações necessárias antes da sua aceitação como aluna desta instituição, pedimos o favor de responder criteriosamente ao questionário abaixo, desenvolvendo-nos esta folha, com a urgência possível.

Com os nossos agradecimentos,

Pelo Seminário de Educadoras Cristãs,

1. Por quanto tempo conhece a requerente?
2. Como a conhece? Intimamente \_\_\_\_\_ Bem \_\_\_\_\_ Casualmente
3. Tem ela testemunho de crente genuína?
4. A sua vida testifica a sua chamada como obreira?
5. Concorda que ela mereça como futura obreira o que a denominação batista irá gastar no seu preparo?
6. A sua conduta com o sexo oposto é sem reprovação?
7. Vive harmoniosamente com outros?
8. É fiel no cumprimento de seus compromissos financeiros?
9. Avalie a requerente quanto às características mencionadas abaixo, assinalando-as com um X:

Inteligência	Boa	Média	Fraca
Disposição de trabalhar:	Boa	Moderada	Preguiçosa
Estabilidade emocional:	Equilibrada	Excitável	Irresponsiva
Humor	Bom	Sofrível	Mau
Perseverança	Forte	Média	Fraca
Capacidade para liderar:	Inspiradora	Bem sucedida	Boa seguidora

Disposição de cooperar	Boa	Sofrível	Fraca
Iniciativa	Própria	Dependente	Indiferente
Lealdade	Forte	Média	Fraca
Tolerância	Forte	Média	Fraca
Cidade, data e ano	Assinatura		

## **ANEXO – 9 Discurso de Martha Elizabeth Hairston**

No seu discurso, Hairston destacou pontos considerados relevantes, entre os quais estavam: família, sua pátria, Junta de Richmond, confiança e segurança em Deus, os desafios, a educação das jovens cristãs, a Junta de Missões Mundiais, os países onde as ex-alunas atuam como missionária e a evangelização nos quartéis. Ela, de início, proferiu discurso chamando-os de meus amigos:

Os senhores vão perdoar-me a falta de formalidade e aceitar a sinceridade de meus agradecimentos pela honraria desta hora. Sinto-me humilde perante a palavra tão generosa do Sr. vereador Edmar Lyra Cavalcanti. Estou sensibilizada pela presença de tão grande número de amigos.

Embora soubesse que só de corações muito generosos poderia surgir este gesto de acolhimento e amizade, sinto-me demais feliz em ser tão gentilmente adotada pela cidade que eu mesma adotei há mais de 23 anos.

Em deixar minha terra natal, não estava fugindo da minha família, profissão ou pátria. Sou de família extremamente unida, embora separada por oceanos. A profissão que exercia como assistente social e professora de Serviço Social era para mim um constante desafio. E a pátria, na qual fui privilegiada de nascer, proporcionou-me o melhor que uma jovem poderia desejar.

Surgiu, no entanto, em minha vida a convicção de que havia sido tão ricamente abençoada, não simplesmente para minha própria felicidade. Aquilo que recebia iria investir nas vidas de outras jovens. Era esta a minha vocação.

Soube que aqui na ETC, em Recife, a Escola de Trabalhadoras Cristãs – hoje o SEC – precisava de uma professora com experiência administrativa. Apresentei-me.

Fui pela Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. No dia 21 de setembro de 1951 desembarquei em Santos, São Paulo, firme na convicção de que Deus dirigia o meu caminho. Mesmo com saudades da minha família, amigos e Pátria, senti-me segura.

Não sabia falar nenhuma palavra do português, mas um contrabandeiro estaria à minha espera no porto para ajudar-me na alfândega e na viagem até Campinas, onde estudaria a língua.

Naquele dia, houve um demorado desvio na estrada de Campinas-Santos. Ninguém me esperava no porto! Hora de passar pela imigração e alfândega, não entendi nada! Comecei a compreender a bondade do coração brasileiro, mesmo quando se tratava de um fiscal de alfândega!

Parece que o desencontro na chegada foi minha sorte. Em novembro de 1952, chegou o muito esperado dia quando conheceria o Recife, pela primeira vez. Os colegas estariam no aeroporto, aguardando a minha chegada aqui. Vinha confiante de que gostaria e que ficaria. Mas aqui, meus colegas foram informados de que não havia vôo no momento que avisei.

Era meia noite naquele antigo aeroporto, pequeno e pouco movimento. Uns cinco homens e eu desembarcamos. Ninguém me esperava! Dois dos senhores gentilmente ofereceram-se para levar-me ao táxi que eles tomariam, explicando que não era aconselhável uma moça sair só, procurando um endereço. A numa hora daquelas.

Eles iam primeiro reservar seus apartamentos no Grande Hotel e depois levar-me para o endereço que eu tinha na Rua Padre Inglês, para então voltarem ao seu hotel. Não houve vaga no Grande Hotel.

Era o Recife de 500.000 habitantes e pouco turismo. O Recife da bem estreita Avenida Conde da Boa Vista e do Parque Amorim sem canal nem avenida. O Recife de poucos automóveis, mas com os bondes ainda servindo à população que falava em mil réis.

Neste Recife de 1952, parece que o GH era o hotel de primeira classe. O motorista do táxi lembrou-se de um pequeno hotel acima das lojas, na Praça Maciel Pinheiro, perto do atual Hotel

São Domingos. Lá os senhores reservaram quartos, no caminho para a Rua Padre Inglês.

Chegamos ao meu endereço, tudo escuro e o portão embutido num muro muito alto, completamente blindado por uma enorme folha de metal. Meus benfeitores bateram e chamaram, mas ninguém do internato acordou. Era uma hora da madrugada, agora.

Voltamos ao pequeno hotel, mas não havia mais vagas! Os dois senhores pediram ao recepcionista que me desse o mais confortável dos quartos, e eles até aquela noite desconhecidos ficaram juntos no outro quarto.

Com uma toalha em cima do lençol protegendo a face contra as palhas que furavam o colchão, e com a cômoda encostada na porta que não trancava eu dormir. De novo havia experimentado a bondade humana na minha terra adotiva.

Passaram-se 23 anos e 6 meses, desde aquela madrugada – anos intensamente vividos. Tive a oportunidade de acompanhar o crescimento da cidade. Integrei-me na vida recifense. Gozei os laços fraternais de minha igreja – Igreja Batista da Capunga. Identifiquei-me com o Seminário de Educadoras Cristãs, no qual encontrei meu campo de serviço como mulher cristã.

Reconheço que hoje, na minha pessoa, os senhores vereadores, de fato, homenageiam a mulher cristã e a sua participação na edificação da pátria – uma pátria firmada nos alicerces da moralidade e fé – uma sociedade onde o amor de Deus encontra inteligente expressão no amor ao próximo. Uma pátria feliz.



Nas Sagradas Escrituras, o Rei Davi apresenta seu ideal para uma nação abençoada e feliz: “Sejam os nossos filhos, na sua mocidade como plantas bem desenvolvidas, e as nossas filhas como pedras angulares, como as de uma coluna de um palácio (Salmos 144:12).

Nunca constou do plano divino que suas filhas fossem simples adornos na sociedade ou no Reino de Deus. O desejo do Salmista para as jovens é que sejam como pedras angulares! Entendo que a pedra angular é a pedra fundamental, aquela que faz ângulo de um edifício. É o sustentáculo que não se importa em ser visto ou não. Mesmo escondido e despercebido continua sustentando o peso ano após ano. Por ser forte, não implica ser rude.

O Rei Davi via as filhas como pedras de fino acabamento, lavradas, como se fossem destinadas às majestosas colunas de um palácio. A mulher cristã é, por privilégio e dever, um sustentáculo na sociedade. Pode ser vista ou não. Se na expressão de seu amor a Deus e ao próximo, ela contribuir para a sociedade seja firmada em bases seguras de moralidade e fé, sente-se adequadamente recompensada.

Ao longo desses anos, tem sido meu privilégio orientar jovens vocacionadas e dispostas a dedicarem-se como sustentáculos no Reino de Deus e na sociedade. Assessorada pela excelente equipe que tive a felicidade de formar, dedico-me ao dever da lapidação destas pedras destinadas a serem sustentáculos de fino acabamento.

Estas jovens representam a nata da juventude brasileira Qual o país neste turbulento mundo, onde se encontra hoje uma mocidade mais promissora e sadia que no Brasil?

Encontrei-me, então, perante o feliz mister de desafiar jovens, neste país predominantemente jovem, a valorizarem sua privilegiada posição usando-a condignamente.

A jovem cristã brasileira, dotada de inteligência e talentos e a plena oportunidade de cultivá-los, encontram-se seguramente entre aqueles a quem Cristo referiu-se: “Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá” (Lucas.12:4b).

Iniciativa e coragem são inatos no jovem. Valorizando o muito que recebem neste país de liberdade, a jovem cristã sente surgir em sua alma a convicção de que está tão ricamente abençoada a fim de ser uma bênção. Reconhece ser a sua vocação investir nas vidas de outras o muito que ela mesma recebeu.

Assim é com as jovens que recebemos no Seminário de Educadoras Cristãs. Possuídas de coragem e iniciativas, são vocacionadas para servir.

Os cursos oferecidos visam a habilitar a jovem estudante à inteligente aplicação do amor de Deus em todo o seu relacionamento com o próximo. O de influência da jovem brasileira não se limita ao país. Ela tem o que compartilhar com outros, cujos países têm no Brasil um desejo e desafio e ao mesmo tempo, um exemplo para o futuro. No mês passado, li a entrevista do jornalista Luís R. Leitão com o senhor presidente do Senegal falando das nações africanas – especialmente aquelas onde o português é falado – sr. Leopold Sendar Senhor declarou: “O Brasil é um modelo para nós, ao mesmo tempo em

que é uma locomotiva a nos tirar do subdesenvolvimento, ele carrega consigo as esperanças de numerosas nações- singularmente das nações africanas.” Hoje em duas nações africanas – Moçambique e Rodésia – jovens preparadas no SEC aqui no Recife são verdadeiras embaixadoras de bom relacionamento da Nação Brasileira, ao mesmo tempo em que são mensageiras do Evangelho de Jesus Cristo. São jovens cultas, sustentáculos de integridade e fé. Em mais três países da América do Sul – Bolívia, Paraguai, Uruguai – colegas destas levam a mensagem da Verdade e paz, construindo pontes de comunicação e amizade, sobre as quais o que temos de melhor é compartilhado com os povos vizinhos que no Brasil têm um exemplo para o futuro esperançoso.

O precioso produto que a nação brasileira compartilha com as outras nações são seus filhos e suas filhas, dedicados a Deus e ao bem do próximo, seja dentro ou além das fronteiras da pátria amada. Jovens que procuram exemplificar em suas próprias vidas, obediência aos dois mais importantes mandamentos: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças, amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:30-31).

Não temos crise de vocações. Ao contrário, em número crescente e em nível cultural cada vez mais elevado, as jovens se apresentam. No atual corpo discente do SEC representados por 16 estados, como também um país africano. Vim ao Brasil, especificamente para Recife convicta da liderança divina. Permaneci pela mesma convicção, e ao longo dessa jornada de quase uma quarta parte de século, meu coração vem se transformando em recifense.

Certo dia, voltávamos de um programa cívico-religioso em um dos quartéis do grande Recife, quando um oficial do 4º Exército, em cujo carro eu viajava, perguntou-me por minha família. Respondi que logo que terminasse o ano letivo, pretendia passar um mês com minha mãe cuja saúde estava bastante precária. Em menos de três semanas, recebi o telefonema que os que moram longe da família receiam.

Era uma manhã de sábado. As repartições estavam fechadas. Todas as tentativas de conseguir o visto no passaporte falharam. Esperar até segunda-feira seria tarde demais para chegar antes dos funerais. Com a passagem reservada e menos de três horas até a partida do vôo, ainda procurávamos solução, quando o telefone tocou. O militar que havia perguntado por minha família soube do problema que enfrentávamos e quis saber se ainda eu poderia me aprontar em tempo se conseguisse o visto. Logo mais, ele, acompanhado por outro senhor, chegou a minha casa para buscar meus documentos, observando que talvez ainda desse tempo.

Seguindo sua orientação, fui ao aeroporto onde o agente de segurança logo avisou-me que devia despachar a bagagem e aguardar a chegada do passaporte, pois tudo estaria em ordem. Os passageiros foram para o avião, e eu ainda esperava, quando vi o amigo militar chegar. Disse-me que ele teria que falar com alguém, mas que eu permanecesse onde estava aguardando o passaporte. Os quinze minutos que os outros passageiros esperavam na aeronave e eu ainda dentro do aeroporto pareciam-me horas. Quando vi o oficial, lá estava ele ao lado do avião. Desejando-me uma confortável viagem, acrescentou que havia achado melhor esperar ali para evitar qualquer

possibilidade de engano quanto ao embarque. Deu um sinal ao funcionário do aeroporto e se afastou. Dois anos mais tarde, eu estava na Delegacia de Estrangeiros da Polícia Federal, quando um oficial, ouvindo meu nome, disse-me: “Oh! foi à senhora que arrombamos a porta a fim de carimbar seu passaporte!”

Entendi, então como havia conseguido viajar naquele triste sábado de 1972. Compreendi também que de fato eu era parte desta grande comunidade que é o Recife.

Esse passaporte<sup>808</sup> é similar ao de Martha Elizabeth Hairston usado no ano de 1952.



Figura 40- Passaporte enviado por Peggy Pemble em julho de 2011.  
Acervo particular da missionária Peggy Pemble.

---

<sup>808</sup> Esse passaporte pertence à missionária Peggy Pemble, que trabalhou no Brasil 35 anos.

**ICONOGRAFIA**

Figura 41 – Marilois kirksei 2013  
Acervo da missionária- Marilois Kirksei<sup>809</sup>

Quadro- 52. ALUNAS FORMADAS NO SEC NA DE  
MARTHA HAIRSTON NO PERÍODO DE 1950 E 1960

---

<sup>809</sup> Marilois Kirksey por trabalhar na Junta de Richmond e ter acesso aos documentos foi possível enviar dados originais para a pesquisa.

Quadro- 54-Alunas formadas no SEC na gestão de Martha Hairston no período de 1950 e 1960

Nome da aluna	Curso	Filiação /Profissão				Sustento no SEC	Duração do curso
		Pai		Mãe			
Beatriz Soares	Ed.Religiosa	João Maria de Sousa	-	-	-	-	1953-1955
Celina Rosendo de Azevedo	Bel.em Ed.Religiosa	João Rosendo de Azevedo		Ana Rosendo de Azevedo	-	-	1953-1955
Glaucília Perruci	Bel. em Educação Religiosa	Antonio Perruci	-	Doralice Perruci	-	Externa	1953-1955
Maria José da Silva	Bacharel em Ed.Religiosa	Pedro Sucupira da Silva	-	Ana Maria da Silva	-	-	1953-1955
Edith Pereira de	Bacharel em	Elias Arecin	-	Maria Araújo			1953-1955

Araújo	Ed.Religiosa						
Ildenê do Amaral Nogueira	-	Leônidas Nogueira		Antonia Luiza Nogueira	-	-	1953-1955
Zenete de Moraes Feitosa	Bacharel em Ed.Religiosa	Messias A. Feitosa	-	Zelinda Feitosa	-	-	1953-1955
Eunice Ferreira de Macêdo	-	Dório Lopes de Macêdo	-	Minervina Ferreira Macêdo	-		1956-1958
Yvone Serejo	Bel. em Ed.Religiosa	Lauro Antonio de Carvalho	Comerciant e	Nuré Serejo de Carvalho	Professora	Família	1956-1958
Altamira de Alencar Pimentel	-	Altino de Alencar Pimentel	-	Maria da Neves Pimentel	Funcionária Estadual	-	1956-1958



Elvira <sup>810</sup> Lopes	-	-	-	-	-	-	1957
Maria Elvira Sobral Lima	-	-	-	-	-	-	1957
Maria Barbosa dos Santos	-	-	-	-	-	-	1957
Neide Roberta de Amorim	-	-	-	-	-	-	1957
Nayde Guerra Nogueira	-	-	-	-	-	-	1957

---

<sup>810</sup> Dados retirados do livro de atas das reuniões da congregação dos professores, da ETC do ano de 1950 a 1967. Neste livro só consta o nome da aluna e ano da formatura.

Nivalda Cassiano Silva	-	-	-	-	-	-	1957
Ezilva Alves	-	-	-	-	-	-	1957
Sara de Cássia Lima	-	-	-	-	-	-	1957
Silvane Calliste	-	-	-	-	-	-	1957
Valdice B. de Lima	-	-	-	-	-	-	1957
Carmem Machado Vieira	Pedagógico Religioso	José Vieira de Sousa	Militar	Rosilda Machado Vieira	Doméstica	Bolsa de trabalho e família	1959-1962
Cleonice Luiza de França	-	Severino Luiz de França		Helena P. de França	Doméstica	Bolsa de trabalho	1960- 1963

Elyne Nogueira Rocha	Pedagógico Religioso	Antonio Ferreira Rocha	Lavrador	M <sup>a</sup> Meluca Nogueira	-	Bolsa de trabalho	1962-1965
Iracene do Amaral Nogueira	Pedagógico Religioso	Leônidas A. Nogueira	Lavrador	Antônia Luiza do A. Nogueira	Doméstica	Bolsa de trabalho, a família	1962-1965
Isabel Nogueira	Pedagógico Religioso	Pedagógico Religioso	-	Ady Nogueira	Doméstica	Bolsa de trabalho	1962-1965
Débora Teixeira Pinto	Bel. em Educação Religiosa	Geminiano Teixeira Pinto		Antonia Teixeira Pinto		Bolsa de trabalho e I. B.Cacimbinhas-Al.	1962-1965
Elóide Pinto da Silva	Bel, em Educação Religiosa	Alfredo Pereira da Silva	Agricultor	Idalina Pinto da Silva	-	Bolsa de trabalho	1962-1964

Jenny Pereira de Souza	Pedagógico Religioso	Aprício Nicácio de Souza	Agricultor	Maria Pereira de Souza		Bolsa de Sara Davis, Odília Costa e Ana Bagby	1962-1965
Maria Alice dos Santos	Bel. em Ed. Religioso	Quintino Caetano dos Santos	-	Sebastiana Carlos dos Santos	-	Família e a própria	1962-1966
Irenice M <sup>a</sup> Guede da Silva	Pedagógico Religioso	Benedito Guedes da Silva	Pedreiro	Iraci Ferreira da Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho Bolsa A. Lucena	1962-1965
Nair Francisca de Melo	Pedagógico Religioso	José de Melo	-	Petrolina Francisca de Melo	-	Bolsa integral, bolsa pastoral	1962-1965
Claudete Pereira Lima	Ed. Religiosa com M. Sacra	Pedro Francisco de Lima	Funcionário Federal	Rosita P. de Lima	Doméstica	Família	1962-1965
Débora Teixeira Pinto	Bel. em Educação Religiosa	Geminiano Teixeira Pinto	-	Antonia Teixeira Pinto	-	Bolsa de trabalho e Igreja- B. Cacimbinhas-Al.	1962-1965

Creuza Silva de Abreu	Bel.Educação Religiosa	Aurino Ferreira de Abreu	Funcionário Federal	Benta Obedina Silva de Abreu	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1962-1965
Elma Silva de Moura	Bel, em Educação Religiosa	Antônio Ovídio de Moura	Motorista	Noêmia Silva de Moura	Doméstica	Bolsa de trabalho e bolsa dr. Mitchell	1962-1966
Lóide Pinto da Silva	Bel, em Educação Religiosa	Alfredo Pereira da Silva	Agricultor	Idalina Pinto da Silva	-	Bolsa de trabalho	1962-1964
Irenice Maria Guedes da Silva	Pedagógico Religioso	Benedito Guedes da Silva	Pedreiro	Iraci Ferreira da Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral e Arruda Lucena	1962-1965
Dora Dutra Brito	Pedagógico e Religioso	José Ferreira Brito	Auxiliar de Pedreiro	Antonia Dutra Brito	-	Bolsa de T.Bolsa V. de Queiroz	1962-1965
Maria de S. Montanheiro	Pedagógico Religiosa	João Fernandes de Souza	-	Amélia Montanheiro de Souza	-	Bolsa de trabalho	1962-1965

Natália Melo	Pedagógico - Religioso	David Melo	Funcionário Federal	Raimunda Monteiro Melo	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1963-1966
Áurea de Moraes	Pedagógico Religioso	José Raimundo de Moraes	-	Júlia A. de Moraes	Doméstica	Bolsa integral e V.de Queiroz	1963-1966
Dulce Barbosa dos Santos	Pedagógico Religioso	Antonio José dos Santos	-	Joana Barbosa dos Santos	-	Bolsa de trabalho integral	1963-1966
Áurea de Moraes	Pedagógico Religioso	José Raimundo de Moraes	-	Júlia A. de Moraes	Doméstica	Bolsa integral e bolsa Valdice de Queiroz	1963-1966
Marlene Felipe Barbosa	Pedagógico e Religioso	Joaquim Felipe Barbosa	-	Rosália Felipe Barbosa	-	Igreja batista de Natal e família	1963-1966
Marluce Maria da Silva	Pedagógico e Religioso	Osmar Alves da Silva	-	Antonieta Ferreira da Silva	-	Igreja Batista Feitosa e bolsa Doroth Shally	1964-1967

						Linhares	
Zelina Mangabeira de Sousa	Pedagógico Religioso	Manoel Mangabeira de Sousa	Lavrador	Maria Mangabeira de Sousa	Doméstica	Bolsa de trabalho	1964-1967
Maria José da Silva	Pedagógico Religioso	José Heleno da Silva	-	Laura Maria da Silva	-	Bolsa de Trabalho Integral	1964-1967
Milzede de Moura Barros	Bel.em Música Sacra e Ed.Religiosa	José Maximiniano de Barros	-	Elizabeth de Moura Barros	-	Família ,Bolsa Edna Taylor entre outras	1964-1967
Emília Maria da Costa	Pedagógico Religioso	Manuel Alves Costa	Tipógrafo	Francisca da Chagas Costa -	Doméstica	Bolsa de Trabalho Integral	1964 <sup>811</sup>
Raquel	-	-	-	-	-	-	1964

<sup>811</sup> Dados retirados do livro de atas das reuniões da congregação dos professores da ETC ,do ano de 1950 a 1967. Neste livro só consta o nome da aluna e ano da formatura.

Loureiro							
Raimunda Pereira Lima	-	-	-	-	-	-	1964
Thalita Oliveira Rodrigues	-	-	-	-	-	-	1964
Claudete de Castro Neves	-	-	-	-	-	-	1964
Enedina Mendes Guimarães	-	-	-	-	-	-	1964
Ercília Marques da Silva	-	-	-	-	-	-	1964
Gilvanete							



Maria Correia	-	-	-	-	-	-	1964
Ivalcene da Silva Carneiro	-	-	-	-	-	-	1964
Ivanilde de Andrade da Silva	-	-	-	-	-	-	1964
Laura Rodrigues Costa							1964
Maria Elza Madeira	-	-	-	-	-	-	1964
Querubina Ferreira da Costa	-	-	-	-	-	-	1964
Semírames Guerra Antunes	-	-	-	-	-	-	1964

Zuleide Guerra Antunes	-	-	-	-	-	-	1964
Nivalda Cassiano Silva	-	-	-	-	-	-	1964
Débora Teixeira Pinto	Bel. em Educação Religiosa	Geminiano Teixeira Pinto	-	Antonia Teixeira Pinto	-	Bolsa de trabalho e Igreja Batista Cacimbinhas-Al.	1962-1965
Eliasí Maria Gomes	Pedagógico - Religioso	Manoel Serafim Gomes	Funcionário Federal	Maria Correia Gomes	Doméstica	Bolsa de trabalho Integral e os	1965-1968
Aliete Ramos Carneiro	Bel. em Educação Religiosa	José Ramos Sobrinho	Pastor	Eulália Ramos Carneiro	Doméstica	Bolsa Eline Munguba	1965- 1968
Ercília de Souza Lima	Pedagógico e Religioso	Joaquim F.Lima	Pedreiro	Eurides A.de Souza	Costureira	Bolsa de trabalho	1965-1968

Maria Luiza Ribeiro da Silva	Pedagógico Religioso	João Ribeiro da Silva	-	Júlia Ribeiro da Silva	-	Bolsa de trabalho	1965-1968
Marlene Maria de Lima	Ed.Religiosa e Pedagógica	Pedro Honório de Lima	-	Julia Maria de Lima	-	Bolsa de trabalho e família	1965-1968
Eloide Johnson	Bel.Educação Religiosa	Normar Johnson	Telefonista	Elvira Berenice Johnson	Doméstica	Família	1965-1968
Nelcy Fernandes dos Santos	Bel. em A.Social e Ed.Religiosa	Milton Rosas dos Santos	Negociante	Raimunda Fernandes dos Santos	Negociante	Os pais	1965-1968
Zenaide Gomes Cavalcante	Pedagógico Religioso	José Gomes de Sá	Funcionário público	Maria Alice Cavalcante	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1965-1968
Orádia Cândido de	Bel. Em Educação	Laurentino Cândido de Souza	Comerciante	Maria da Conceição de Cândido	Professora		1966-1970

Souza	Religiosa			de Souza			
Maria José Lopes	Bel.em Educação Religiosa com Música Sacra	Manuel Francisco Lopes	-	Maria da Cruz Lopes	-	Bolsa de Trabalho	1966-1969
Valquíria Alves de Almeida	Religioso Pedagógico	André Alves de Almeida	-	Angelina Matias Almeida	-	Bolsa de trabalho integral	1966-1970
Diana Maria Bonfim Minho	Bel. em Educação Religiosa	Manoel Demétrio Minho Filho	-	M <sup>a</sup> Dinorah Bomfim	-	Bolsa de trabalho	1966-1970
Ercília Marques da Silva	Bel.em Educação Religiosa	João Hosando Marques		Emília Marques	-	-	1966-1967

Nadir Ribeiro Melo	Bel em Assistência Social e Educação Religiosa	Severino Ribeiro Melo	Agricultor	Maria Anúzia de Melo	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1966-1969
Irandi Silva Carneiro	Pedagógico Religioso	Joel Justino Carneiro	Negociante	Izaura Silva Carneiro	Doméstica	Bolsa de trabalho	1966-1971
Eunila Frutuoso	Religioso e Pedagógico	Manoel Frutuoso	-	Carmen Frutuoso	-	Bolsa de trabalho int. V. de Queiroz	1966-1970
Eunice Rodrigues de Rêgo	Pedagógico e Religioso	Zacarias Batista de Rêgo	Funcionário Público	Edith Rodrigues de Rêgo	Doméstica	Família e bolsa integral	1966-1970

Marlene Santana Ribeiro	Bel.em Ed.Religiosa	Isaias Alves Ribeiro	-	Tertuliana Santana Ribeiro	-	-	1966-1969
Vera Lúcia Brito de Gomes	Bel.em Música Sacra e Ed. Religiosa	João Ricardo Gomes	-	Maria do Cardo Gomes	-	Família	1966-1969
Vilma Paiva Cardôso	Bel.em Ed. Religiosa	Sinézio Paiva Alves	-	Josefa Cardôso Paiva	-	Bolsa de trabalho	1966-1969
Léa Marques Paiva	Bel.Assistênci a Social com Ed.Religiosa	Elpídio Teodoro de Paiva	Freios da RFF Nordeste	Josefa Marques Paiva	Doméstica	Bolsa de Trabalho e Ana Bagby	1966-1972
Eunice Rodrigues Rêgo	Pedagógico – Religioso	Zacarias Batista de Rêgo	Funcionário Público	Edite Rodrigues de Rêgo	Doméstica	Bolsa Integral Família	1966-1970

Francisca Lopes de Souza e Silva	Bel.em Ed.Religiosa	Rufino Cassimiro da Silva	Operário	Maria Lopes de Souza e Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1967-1971
Francinete da Costa Lopes	Bel.em Assistência Social e Ed.Religiosa	Manuel José P. Lopes Filho	Funcionário Federal	Marieta Bezerra Costa	Funcionária Estadual	Bolsa de trabalho	1967-1973
Eunice Vieira Damasceno	Bel.em Música Sacra e Ed.Religiosa	Edgar Esteves Damasceno	Contador	Maria Vieira Damasceno	Doméstica	-	1967-1971
LêdaPedrosa da Silva	-	José Pedrosa da Silva	Marítimo	Carmelita Lima	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1967-1971
Maria Nazareth Silva	Bel. em Educação Religiosa	Braz José Moreira	-	Augusta Maria da Silva	-	Bolsa de trabalho e Campo piauiense	1967-1973

Darci Silva e Costa	Bel. em Música Sacra e Ed.Religiosa	Gerson da Silva Costa	-	Adalzira de Araújo Silva e Costa	-	Junta Executiva e Campo Amazonense	1967-1971
Maria Albertina de Oliveira	Religioso Pedagógico	Inácio Conrado	Agricultor	Josefa de Lima Oliveira	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1967-1971
Maria Edite da Costa	-	José Lopes da Costa	Militar	Francisca Pereira da Costa	Doméstica	Bolsa de trabalho	1967-1971
Maria Nazareth Silva	Bel.em Ed. Religiosa	Braz José Moreira	-	Augusta Maria da Silva	-	C. Piauiense e bolsa de trabalho	1967-1973
Edna Maria Rodrigues de Souza	Religioso e Pedagógico	Aurélio de Souza	Carpinteiro	Maria Antonia de Souza	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1968-1972
Olinda Silva de Abreu	Bel.em Assistência Social e	Aurino Ferreira de Abreu	Lavrador	Benta O. Silva de Abreu	Doméstica	Bolsa de trabalho	1968-1973



	Ed.Religiosa						
Ana Maria Lemos Monteiro	Bel. em Assistência Social e Educação Religiosa	Pedro Domingos Monteiro	Pastor	Honorina Lemos Monteiro	Professora	Bolsa Maye Bell Taylor e família Munguba	1968-1972
Ycléa Cervino	Bel.em Ed.Religisa	Rafael Cervino	Industriário	Emília Perruci Cervino	Doméstica	Família,Edna Taylor,Ana Bagby,Odelia Cavalcante	1968-1971
Maria Amara Garnier	Religioso Pedagógico	José Geraldo Garnier	-	Severina Francisca Garnier	-	Bolsa integral	1968-1972
Lídia Ávila Parra	Educação Religiosa e Pedagógico	Anastácio Ávila	Motorista	Ana Sá Ávila	Doméstica	Bolsa de trabalho	1968-1972
Inez Cardoso Ribeiro	-	Joaquim Maurício Cardoso	Funcionário dos Correios	Gelcília Ribeiro	Doméstica	Bolsa de trabalho	1968-1971

Valnice Milhomens Coelho	Bel.em A.Social e Ed.Religiosa	Osvaldo Filgueiras Coelho	-	Aurenice Filgueira Coelho	-	Bolsa Ana Bagby	1969-1970
MªIvonete da Costa Lopes	Bel.em Educação Religiosa	Manuel José P. Lopes Filho	Funcionário Federal	Marieta Bezerra Costa	Funcionária Estadual	Bolsa de trabalho e bolsa especial	1969-1973
Neyde Oliveira	-	-	-	-	-	-	1969
Albertina Ramos	-	-	-	-	-	-	1969
Mª Áurea Andrade	-	-	-	-	-	-	1969
Eliene Araújo	-	-	-	-	-	-	1969
Creusa Alves de Oliveira	-	-	-	-	-	-	1969

Marlene Santana Ribeiro	-	-	-	-	-	-	1969
Solange Costa Lima	-	-	-	-	-	-	1969
Vilma Paiva Cardoso	-	-	-	-	-	-	1969
Nadir Ribeiro de Melo	-	-	-	-	-	-	1969
Dulce Barbosa dos Santos	-	-	-	-	-	-	1969
Genilda Barros Linhares	-	-	-	-	-	-	1969
Maria José Lopes	-	-	-	-	-	-	1969

Lídia Pedrosa	Bel.em Assistência Social e Ed.Raligiosa	José Pedrosa da Silva	Marítimo	Carmelita Lima	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1969-1973	
	Lídia Pedrosa da Silva	Bel.em Assistência Social e Ed.Raligiosa	José Pedrosa da Silva	Marítimo	Carmelita Lima	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1969-19
Lídia Pedrosa da Silva	Bel.em Assistência Social e Ed.Raligiosa	José Pedrosa da Silva	Marítimo	Carmelita Lima	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1969-1973	

**ALUNAS FORMADAS NO SEC NA GESTÃO DE MARTHA HAIRSTON NA DÉCADA DE 1970**

Nome das alunas	Curso	Filiação /Profissão				Sustento no SEC	Duração do curso
		Pai		Mãe			
Cleonice Maria da Silva	Bel.em Educação Religiosa	-	-	Elza Pereira da Silva	-	Bolsa de Trabalho Integral	1970-1974
Idélia de Jesus Santana	-	Basílio Pereira de Santana	Lavrador	Celina Jesus de Santana	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1970-1974
Edmê Ribeiro Costa	Pedagógico Religioso	Cosme Costa e Silva	Padeiro	Celina Ribeiro de Souza e Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1970-1974
Cleonice César de	Bel.em Educação	Joaquim Pedro	-	Amara da César da	-	-	1970-1974

Costa	Religiosa	da Silva		Silva			
Icléa Quadros Rebouças	Bel.em Assistência Social e Bel.em Ed.Religiosa	Claudionor Quadros Rebouças	Comerciante	Valdeliz Quadros Rebouças	Doméstica	Família	1970-1974
Dinaí Souza e Silva	Religioso e Pedagógico	Satírio de Pereira de Souza	-	Maria do Rosário Sousa e Silva	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1970-1976
Dinaí Souza e Silva	Religioso e Pedagógico	Satírio de Pereira de Souza	-	Maria do Rosário Sousa e Silva	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1970-1976
Maria das Graças Mendes daCunha	Pedagógico Religioso	Pedro Mendes da Cunha	Mascate	Gildete Cunha	Doméstica	Trabalho de bolsa integral	1971-1974

Izilda Ferreira dos Santos	Religioso Pedagógico	Aristides Antonio dos Santos	Comerciante	Luzia Ferreira dos Santos	Comerciante	Bolsa de Trabalho e Família	1971-1975
Laudicéia Andrade de Oliveira	Bel.em Ed.Religiosa com Hab.Religiosa	Zacaria Sales de Oliveira	-	Carmelita Andrade de Oliveira	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1971-1977
Rute Martins	Bel.em Ed. Religiosa com M. Social Cristão	Francisco Lima Martins	Lavrador	Maria Amália Martins	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1971-1976
Ednalva Neri dos Santos	Religioso e Pedagógico	Lourenço Neri dos Santos	Lavrador	Maria Nina dos Santos	-	Bolsa de Trabalho entre outras	1971-1975
Rute Moura	Bel.em A. Social com hab.em Ed.Religiosa	-	-	Beatriz Moura	-	-	1972-1974

Maria do Carmo Souza Marinho	Bel.em Educação Religiosa	Benedito Ferreira Marinho	Agricultor	Helena de Souza Marinho	Doméstica	Externa	1973-1977
Berenice Rocha Sousa Silva	Bel. em Educação Religiosa	Antônio Rocha da Silva	Comerciante	Dalziza Carlos de S. e Silva	Costureira	Bolsa de trabalho e bolsa Essie .Fuller	1972-1974
Claudinete do B.Pereira	Bel. Ed.Religiosa c/ hab. em Ed.Rel.	José de Albuquerque	Motorista	Maria José Albuquerque	Doméstica	Bolsa de trabalho	1972-1976
Jael Santos Trabuco de Oliveira	Bel.em Ministério Social com Ed.Religiosa	José Francisco dos Santos	Lavrador	Tamira Vila Flor Santos	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1972-1974
Marta Maria Batista Silva	Bel.em Educação com Ed.Religiosa	João Batista Silva	Militar	Maria José Batista	Doméstica	Bolsa integral	1972-1974
Mary Suely Brito	Bel.Ed.Religiosa com Hab.em Música Sacra	Zeferino Santos Brito	Alfaiate	Edna Maria Brita	Professora	Externa	1972-1977



Marcelina Santana	Bel.em Ed.com hab em Ed.Religiosa	Argomiro B. Santana	-	Maria Marcelina Santana	Doméstica	Bolsa de trabalho	1972-1976
Maria José Fernandes de Melo	Bel.em Ed. Religiosa com hab. Ministério Social Cristão	Oscar de Souza Melo	Lavrador	Francisca Fernandes de Melo	Costureira	Bolsa de trabalho integral	1972-1976
Railce Alves Campos	Bel.em Ed. Com hab.em Música Sacra	Tertuliano Alves Campos	Funcionário Público	Clotilde dos Reis Campos	Doméstica	Bolsa de trabalho	1972-1976
Maria dos Anjos da Silva	Bel.em Assistente Social Religioso e Ed.Religiosa	Antonio Otacílio da Silva	-	Maria Damiana	-	-	1972-1975
Ana Lúcia de Barros Araújo	Bel. em Educação Religiosa	José Dias de Araújo	Comerciante	Josefa de Barros Araújo	Doméstica	Bolsa de trabalho	1972 -1975

Rute Moura	Bel.em A. Social com hab.em Ed.Religiosa		-	Beatriz Moura	-	-	1972-1974
Maria de Jesus Fonseca	Religioso Pedagógico	Miguel Fonseca de Amorim	Lavrador	Joaquina Cunha de Amorim	Doméstica	Bolsa integral	1972-1976
Vilma Glória Dias	Ed.Religiosa com Hab. em A.Social Cristão	Oswaldo Dias	-	Antonia Dias	Doméstica	Trabalho e igreja	1973-1977
Maria de Lourdes Fernandes da Silva	Bel.em Assistência Social com hab.em Música Sacra	João Fernandes da Silva	Agricultor	Sebastiana Maria da Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1973-1975
Hilda José dos Santos	Bel. em Educação Religiosa	Severino José dos Santos	-	Antonia Maria Neri dos Santos	-	-	1973-1979

Maria das Graça Menezes	Bel.em Ed. Rel. com hab.em M. Social Cristão	João de Oliveira Menezes	Pedreiro	Francisca Correia Oliveira	Doméstica	Bolsa de Trabalho	1974-1977
Julianete Teixeira Cerqueira	Bel.em Ed.Religiosa	Júlio Cerqueira	Carpinteiro	Magnonete T. de Jesus	Modista	-	1974-1977

Maria do Carmo Souza Marinho	Bel.em Educação Religiosa	Benedito Ferreira Marinho	Agricultor	Helena de Souza Marinho	Doméstica	Externa	1973-1977
Juliana Ott Lima	Bel.em Ed. R. com hab.em Música  Sacra	Max Ott	-	Decla Ott Barbosa	-	Decla Ott Barbosa	1974-1979
Maria José Pontes	Bel.em Ed.Religiosa	José Rodrigues Pontes	Sapateiro	Maria Antonia da Conceição	Lavadeira	Bolsa integral	1974-1977
Lizete Barbosa de Souza	Bel. em Ed. R. com hab. em Ministério Social Cristão	Manoel José de Souza	Barraqueiro	Lidia Barbosa de Souza	Doméstica	Bolsa de trabalho e família	1975-1978
Vasti de Siqueira Barbosa	Ed. Religiosa com Hab.em Ministério	José Siqueira Góis	Comerciante	Alice Barbosa Siqueira	Doméstica	Família	1975-1977

	Social Cristão						
Ednalva da Conceição Medeiros	Bel.em Ed.Rel. com hab.em Música Sacra	Vicente de Paulo de Menezes	Professor	Judite da Conceição Medeiros	Doméstica	-	1975-1979
Roseli Antunes Barreira	Bel em Ed. Religiosa com hab. M.Social Cristão	Benedito Barreira de Moraes	Advogado	Segifredina Antunes de Moraes	Funcionária Pública	Família	1975-1977
Luzia Peixoto Fonseca	Educação Religiosa com M.Social. Cristão	Hermenegildo Fonseca	Comerciante	Eunice Peixoto Fonseca	-	Bolsa de trabalho	1975-1978
Lizete Barbosa de	Bel. em Ed. Religiosa com hab. em	Manoel José de Souza	Barraqueiro	Lidia Barbosa de Souza	Doméstica	Bolsa de trabalho e família	1975-1978

Souza	Ministério Social Cristão						
Eneida Dantas Carvalho	Bel.em Ed.R. com hab.Ministério Social Cristão	Osvaldo Alves de Carvalho	Comerciário	Sulamita Dantas Carvalho	Zeladora da igreja	Bolsa de estudo	1975-1978
Irene Rosendo Silva	Bel.em Ed.Religiosa	José Rosendo Silva	-	Dalvina Fernanda Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1975-1978
Corina Felismino de Melo	Bel. em Educação R. com hab.M. Social Cristão	Rosendo Felismino de Melo	-	Sebastiana das Dores Melo	-	Trabalho de Bolsa	1975-1979
Irene Rosendo Silva	Bel.em Ed.Religiosa	José Rosendo Silva	-	Dalvina Fernanda Silva	Doméstica	Bolsa de trabalho integral	1975-1978

Nilzenira Braga de Sena	-	-	-	-	-	-	1975
Evaldina Santos Pinheiro	-	-	-	-	-	-	1975
Edinalva Neri dos Santos	-	-	-	-	-	-	1975
Izilda Ferreira dos Santos	-	-	-	-	-	-	1975
Ana Lúcia Araújo	-	-	-	-	-	-	1975
Angelita Carvalho Lindoso	-	-	-	-	-	-	1975

Enilce de Azeredo	-	-	-	-	-	-	1975
Elizete Fragoso da Silva	-	-	-	-	-	-	1975
Maria do Carmo Marinho	-	-	-	-	-	-	1975
Lucimar Bonelis Cândido	Bel em Educação Religiosa	Luciliano Porfírio	Ferroviário	Natalina Bonelis Cândido	-	Bolsa de trabalho	1976-1979
Lindóia Moura da Silva	Bel.em Ed. Religiosa com hab.em M. Sacra	Deodoro Franco da Silva	Motorista	Amália Moura da Silva	Doméstica	Trabalho de bolsa e Ana Bagby	1976-1979
Esmeraldina Gonçalves de Oliveira	Bel.Ed.Religiosa com hab.em Música Sacra	Antonio Alexandre de Oliveira	-	Terezinha Gonçalves de Oliveira	-	-	1976-1979



Maria Lúcia da Silva	Bel.em Ed.Religiosa com hab.em M.Social Cristão	Francisco Pedro da Silva	-	Francisca Maria da Silva	-	-	1976-1979
Mirian de Almeida Lira Ferreira	Bel. em Educ. Religiosa com habilitação M. Social	Joentino Sousa Lira	Construtor	Ester de Almeida Lira	Doméstico	Bolsa de trabalho	1976-1979
Diana Valéria Fonseca de Almeida	Bel. em Educ. Religiosa com hab. M. Social Cristão	Bolívar de Almeida	Bancário	Ilda Fonseca de Almeida	Doméstica	-	1976-1979

Mirian de Almeida Lira Ferreira	Bel. em Educ. Religiosa com habilitação M. Social Cristão	Joentino Sousa Lira	Construtor	Ester de Almeida Lira	Doméstico	Bolsa de trabalho	1976-1979
Isaelce Santos Silva	Bel.Ed.Religiosa com Especialização em Ed.Religiosa	Cesarino A. Silva	Escriturário		Doméstica	Bolsa de Trabalho	1976-1979
Josefa Gomes da Silva	Bel. em Educação Religiosa	Pedro Gomes da Silva	-	Maria Gomes da Silva	-	Família	1976-1979
Ilma Luiza Moreira	Bel. em Educação Religiosa com Ministério Social Cristão	Ademar Moreira	Industriário	Anísia Duarte Moreira	Doméstica	Trabalho de bolsa	1976-1979

